

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
PATRICIA FRANGELLI BUGALLO LOPES

GESTÃO DE UM EPICENTRO CATÓLICO NO BRASIL: o Circuito Turístico
Religioso do Vale do Paraíba Paulista/SP

RIO DE JANEIRO

2015

Patricia Frangelli Bugallo Lopes

GESTÃO DE UM EPICENTRO CATÓLICO NO
BRASIL: o Circuito Turístico Religioso do Vale do
Paraíba Paulista/SP

Tese de doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à
obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Scott William Hoefle

Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)

2015

CIP - Catalogação na Publicação

F827g Frangelli, Patricia Bugallo Lopes
GESTÃO DE UM EPICENTRO CATÓLICO NO BRASIL: o
Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba
Paulista/SP / Patricia Bugallo Lopes Frangelli. -
Rio de Janeiro, 2015.
239 f.

Orientador: Scott William Hoefle.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Instituto de Geociências,
Departamento de Geografia, Programa de Pós
Graduação em Geografia, 2015.

1. Circuito Turístico Religioso do Vale do
Paraíba Paulista. 2. Imaginário Religioso Católico.
3. Fixos Simbólicos Espaciais. 4. Geografia
Cultural. 5. Geografia da Religião. I. Hoefle,
Scott William, orient. II. Título.

Ficha de Aprovação

À memória de Margarida Arnaldo Frangelli (minha avó).

AGRADECIMENTOS

Após uma longa caminhada de estudos, eu – a *eremita* – me aproximo de mais um fim de jornada. Em meio ao cansaço, ao esforço e as intempéries, é chegado o momento de agradecer àqueles que tornaram esse caminhar mais ameno, mais humanizado, menos solitário.

Começo agradecendo a Deus em suas diversas formas (Iemanjá, Maria, Shiva, Anjo da guarda, Santos). Aos meus familiares, especialmente: minha avó Margarida Arnaldo Frangelli (*in memoriam*), minha mãe Sandra Regina Frangelli (apoio incondicional) e meu irmão Rafael Frangelli Bugallo Lopes (melhor companheiro), sem os quais qualquer jornada seria sem sentido. Agradeço à minha dinda Selma Miriam Holing pelos momentos proporcionados no final da elaboração da tese, gerando o ânimo necessário para finalizá-la com prazer. Aos meus gatos Arthax e principalmente, Nini – escudeira de todas as horas. Ao meu pai Robinson Jorge Bugallo Lopes Pereira e meus irmãos Júlia e Renan Everton Bugallo Lopes.

Aos amigos: Thiago Ferraresi da Silva, Jefferson Rodriguez de Oliveira, Jaime Rodrigues de Oliveira, Ana Carolina Lobo Terra, Luiz Sérgio Rodrigues e Diogo da Silva Cardoso, por toda a compreensão nas ausências e companheirismo.

Agradeço aos vários professores que auxiliaram na minha formação, mas em especial àqueles que perpassaram senão todas, algumas etapas decisivas na minha trajetória acadêmica, aceitando e tornando honroso o processo de Defesa da Tese, são eles:

- O professor Dr. Scott William Hoefle, agradeço pela orientação, os debates criativos, a compreensão nos meus momentos-*eremita*, os diversos livros indicados, mas, sobretudo, por ter permitido me lançar sobre o objeto de estudo com grande liberdade. Agradeço muitíssimo;
- A professora Dra. Zeny Rosendahl, como sempre afirmo, minha *coach* e mestra, responsável pelo pulsar da Geografia em mim nestes mais de 10 anos de convívio, que geraram uma amizade profunda, um respeito único e uma admiração inigualável;

- A professora Dra. Aureanice de Mello Corrêa pelo acompanhar de minha trajetória, tornando os debates geográficos sempre originais, ricos e prolíferos, muito aprendo a cada novo encontro contigo, nos seus artigos e em suas iniciativas nos movimentos sociais religiosos;
- Ao professor Dr. Rafael Winter Ribeiro, por ter aceitado participar de mais uma etapa crítica desta pesquisa, primeiro no exame de qualificação oral e agora na defesa da tese. Agradeço suas críticas e linhas argumentativas, com destaque à presteza com a qual se posiciona revelando um raciocínio preciso, direto;
- A professora Dra. Mariana Araújo Lamego a quem admiro desde a graduação em Geografia, agradeço por ter aceitado participar desta banca, certa de que sua habilidade filosófica, sua análise afiada contribuirá significativamente para o enriquecimento dessa pesquisa.

Agradeço também as pessoas que me deram o suporte, necessário e indireto que tornaram o coloquial o mais tranquilo possível: as funcionárias e ex-funcionárias da secretaria do PPGG, Ana Beatriz, Ildione e Clara, pela atenção e resoluções de problemas ao longo destes anos do doutoramento; aos funcionários da xerox/CCMN, a Ana Cecília Carrasco e demais amigos/ familiares.

Ao fim, dedico um profundo agradecimento aos diversos entrevistados durante os trabalhos de campo, sejam eles leigos católicos, membros do clero, peregrinos ou funcionários de pousadas, que ao longo do doutoramento auxiliaram através de falas, comportamentos silenciosos ou simplesmente prestando toda sorte de ajuda. Destaco e represento todas essas pessoas na figura do taxista Fabrício Lúcio de Cachoeira Paulista. Através do convívio, vocês modificaram meu modo de interpretar as coisas e expressaram na prática muitas ideias acadêmicas que apenas havia visto nos artigos científicos.

“Ah, Menina! *Tá veno* tudo isso *aí*? [gesticula com as mãos, apontando em todas as direções, focando no horizonte, englobando a área toda à vista dos olhos] Tudo está a serviço da Mãezinha.” (X, entrevistado em Aparecida, maio de 2014)

RESUMO

FRANGELLI, Patricia. **Gestão de um epicentro católico no Brasil:** o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista/SP. Tese (Doutorado em Geografia), Orientador: Scott William Hoefle, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO/CCMN/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2015

No contexto da geografia brasileira, as pesquisas que visam estudar o fenômeno religioso vêm apresentando, desde o final do século passado, espaços significativos na produção do conhecimento geográfico no país. Partindo dessa premissa, a proposta desta tese é compreender a gestão do chamado *Circuito Turístico Religioso do Vale* (denominação criada pelo SEBRAE/SP e lançada em 2008) composto pelos municípios de Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas e Cachoeira Paulista (sentido oeste-leste do Vale do Paraíba Paulista), cidades marcadas fortemente pela presença religiosa católica, sob a ótica da abordagem cultural renovada em Geografia com foco na geografia da religião. A investigação visa compreender o processo de elaboração e estabelecimento de um 'projeto regional' contemporâneo, fundamentada na gestão do imaginário religioso católico reforçado pelos fixos simbólicos espaciais localizados nestes cinco municípios que reivindicam para si uma identidade regional particularizada. Esses fixos simbólicos espaciais foram criados ao longo de séculos pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, considerando aquilo a que Lily Kong (2010) chama a atenção, para o modo como a religião vem sendo experimentada e negociada, tornando-se multifacetada e multiescalar.

Palavras-chave: Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista; Imaginário Religioso Católico; Fixos Simbólicos Espaciais; Geografia Cultural; Geografia da Religião.

ABSTRACT

FRANGELLI, Patricia. **Gestão de um epicentro católico no Brasil: o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista/SP**. Tese (Doutorado em Geografia), Orientador: Scott William Hoefle, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO/CCMN/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2015

In the context of Brazilian geography research, the study of the religious phenomenon have shown, since the end of last century, significant spaces in the production of geographical knowledge in the country. From this premise, the purpose of this thesis is to understand the management of the Circuit Tourist Religious of the Paraíba Paulista Valley (name created by SEBRAE/SP and launched in 2008) composed of the cities: Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas and Cachoeira Paulista (the direction west-to-east of Paulista Paraíba Valley). These cities are marked strongly by the Catholic religious presence, and the purpose of the thesis is adopted the perspective of cultural approach renewed in Geography with a focus on the geography of religion. There searchaims to understand the process of elaboration and establishment of a 'regional project' contemporary, based on Catholic religious imagery management reinforced by symbolic fixed space located in these five cities that claim for themselves a particularized regional identity. These spatial symbolic fixed were created over the centuries by the Roman Catholic Church in Brazil, considering what Lily Kong(2010) draws attention: the way of religion has been tried and negotiated, becoming multifaceted and multi-scale.

Keywords: Circuit Tourist Religious of the Paraíba Paulista Valley; Catholic Religious imagery; Fixed Symbolic Space; Cultural Geography; Geography of Religion.

RÉSUMÉ

FRANGELLI, Patricia. **Gestão de um epicentro católico no Brasil: o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista/SP**. Tese (Doutorado em Geografia), Orientador: Scott William Hoefle, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO/CCMN/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2015

En ce qui concerne la géographie brésilienne, les recherches qui ont pour but d'étudier le phénomène religieux ont présenté depuis la fin de l'année dernière des espaces significatifs dans la production de la connaissance géographique dans le pays. En ayant cette idée, la proposition de cette thèse de doctorat est celle de comprendre la gestion de ce qu'on appelle *Circuit Touristique Religieux du Val do Paraíba Paulista* (dénomination créée par SEBRAE/SP et lancée en 2008) qui est composé des villes d' Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas et Cachoeira Paulista (dans le sens ouest-est du Val do Paraíba Paulista), fortement marquées par la présence religieuse catholique, dans l'optique de l'approche culturelle renouvelée en Géographie en ayant comme foyer la géographie de la région. L'investigation a pour but de comprendre le processus d'élaboration et d'établissement d'un 'projet régional' contemporain, fondée dans la gestion de l'imaginaire religieux catholique renforcé par les fixes symboliques spatiaux localisés dans ces cinq villes qui revendiquent pour elles-mêmes une identité régionale particularisée. Ces fixes symboliques spatiaux ont été créés le long des siècles par l'église Catholique Apostolique et Romaine au Brésil, étant considéré ce à quoi Lily Kong (2010) attire l'attention, la manière comme la religion est expérimentée et négociée, en devenant une religion multifacettée et à plusieurs échelles.

Mots-clés: Circuit Touristique Religieux du Val do Paraíba Paulista ; Imaginaire Religieux Catholique ; Fixes Simboliques Spaciaux ; Géographie Culturelle ; Géographie de la Religion.

RESUMEN

FRANGELLI, Patricia. **Gestão de um epicentro católico no Brasil: o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista/SP**. Tese (Doutorado em Geografia), Orientador: Scott William Hoefle, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO/CCMN/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2015

Em el contexto de la geografía brasileña, las investigaciones que tienen como objetivo estudiar el fenómeno religioso, han mostrado desde finales del siglo pasado, espacios significativos en la producción del conocimiento geográfico en el país. A partir de esta premissa, el objetivo de esta tesis es comprender la gestión de lo llamado Circuito Turístico Religioso del Valle (denominación creada por el SEBRAE/ SP y lanzada em 2008), integrada por los municípios de Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas y Cachoeira Paulista (dirección oeste-este del Valle do Paraíba Paulista), ciudades fuertemente marcadas por la presencia de la religión católica, bajo la óptica del planteamiento cultural renovado em Geografía com um enfoque em la geografía de la religión. La investigación tiene como objetivo comprender el processo de elaboración y el establecimiento de um “proyecto regional” contemporâneo, basado em la gestión del imaginário religioso católico, reforzado por espacios fijos simbólicos ubicados em estos cinco municípios que reclaman para sí una identidad regional particularizada. Estos espacios fijos simbólicos fueron creados a través de los siglos por la Iglesia Católica Apostólica Romana em Brasil, considerando lo que Lily Kong (2010) llama la atención sobre la forma em que la religión há sido tratada y negociada, convirtiéndose em polifacética y multiescalar.

Palabras clave: Circuito Turístico Religioso del Valle do Paraíba Paulista; Imaginario Religioso Católico; Espacios Fijos Simbólicos; Geografía Cultural; Geografáa de la Religión.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	Instituto Geográfico e Cartográfico – Regiões Administrativas e Metropolitanas do estado de São Paulo – 2002.....	21
Mapa 2 -	SIG IBGE – Hierarquia das Cidades e suas regiões de influência com destaque para o eixo Dutra – Megalópole São Paulo-Rio de Janeiro – dados de 2011.....	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Interpretação das Formas Simbólicas de Panofsky.....	60
Quadro 2 -	Níveis de Significação de Panofsky.....	60
Quadro 3 -	Paisagens Culturais de Cosgrove.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Estimativa de movimentação no Santuário Nacional para os meses finais de 2014.....	82
Tabela 2 -	Censo Demográfico 2010 - Resultados da Amostra Religião para o município de Canas.....	167

LISTA DE GRÁFICOS E ESQUEMAS

Gráfico 1 -	Estatísticas do Século XX – Brasil e suas religiões.....	107
Gráfico 2 -	Resultados para o quesito religião - Censo 2010/IBGE – Infográfico do O Globo.....	109
Esquema 1 -	Estrutura das Noções e dos Conceitos Geográficos da Tese	44
Esquema 2 -	Emancipações políticas e padroeiros da Diocese de Lorena, destacando a área do ‘projeto’.....	149
Esquema 3 -	Emancipações municipais e padroeiros do “projeto turístico regional”.....	198

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Figura 1: Seção do estado de São Paulo – Região Metropolitana do vale do Paraíba e Litoral Norte e Região de Governo - Instituto Geográfico e Cartográfico – 2002.....	22
Figura 2 -	Localização do eixo Rodovia Presidente Dutra (BR 116) – 2014.....	25
Figura 3 -	Os cinco municípios formadores do Circuito Turístico do Vale com suas referências religiosas segundo a empresa AGCTUR – 2014...	26
Figura 4 -	PIB de Guaratinguetá – 2011	41
Figura 5 -	A hierarquia territorial da Igreja.....	76
Figura 6 -	Regiões Episcopais do Brasil.....	78
Figura 7 -	A Província Eclesiástica de Aparecida e suas divisões.....	79
Figura 8 -	Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida – 2013	88
Figura 9 -	Símbolos da JMJ – 2013.....	90
Figura 10 -	Vista da Praia de Copacabana durante a JMJ – 25/07/2013.....	91
Figura 11 -	Cardeal Arcebispo de Aparecida dom Raymundo Damasceno e Papa Francisco na celebração em Aparecida – 24/07/2013.....	91
Figura 12 -	A divisão funcional na hierarquia básica da Igreja.....	93
Figura 13 -	Presente português - Nossa Senhora de Fátima – 2014.....	98
Figura 14 -	Folder do Hallel Aparecida e Romaria da Juventude com Show da Banda Rosa de Saron.....	99
Figura 15 -	Portal de acesso à cidade de Aparecida pela via Dutra.....	105
Figura 16 -	Censo 2000 e 2010 – Religião católica no território nacional e detalhamento em São Paulo, destacando a RM do Vale do Paraíba e Litoral Norte.....	108
Figura 17 -	A participação tradicional no mistério – O lugar que une vivos e mortos à luz de Cristo* – Capela das Velas, Basílica Nacional/ Aparecida/SP.....	111
Figura 18 -	Estruturas modernas da evangelização tradicional em Aparecida – 2014.....	112
Figura 19 -	Modernidade em Aparecida – 2014.....	113
Figura 20 -	Dimensão da JMJ – Infográfico do G1/ Portal O Globo – 2013.....	119
Figura 21 -	Permanência no modelo de peregrinação nas ruas de Aparecida – 2014.....	120
Figura 22 -	Portal de A12, Facebook, canal no YouTube – o Santuário nas redes sociais – 2014.....	121
Figura 23 -	As pílulas de Frei Galvão e sua inscrição em bronze.....	126

Figura 24 -	Os milagrados e a canonização de Frei Galvão.....	129
Figura 25 -	A descendente-historiadora Thereza, seu marido Tom Maia e o Cardeal Dom Raymundo Damasceno de Assis.....	130
Figura 26 -	Pontos religiosos de Guaratinguetá associados ao santo brasileiro	132
Figura 27 -	O Memorial de Frei Galvão e internamente a este, a Fonte de Frei Galvão.....	134
Figura 28 -	Pinturas da Casa Frei Galvão - cenas da vida e homenagens prestadas a Frei Galvão.....	137
Figura 29 -	As semelhanças entre os frades menores franciscanos.....	140
Figura 30 -	O santo brasileiro nas redes sociais oficiais e familiares – 2014....	145
Figura 31 -	Os extremos do “projeto turístico regional” em 2014.....	147
Figura 32 -	As publicações da Editora Expedições.....	152
Figura 33 -	Basílica de São Benedito, Catedral Nossa Senhora da Piedade (Igreja Matriz) e a Comunidade Bethânia de Lorena.....	155
Figura 34 -	Comunidade Bethânia – Casa Lázaro.....	157
Figura 35 -	Os fixos espaciais que demarcam o futuro da RCCBrasil em Canas	165
Figura 36 -	A construção da Sede Nacional – vinculações no site da RCCBrasil - 2015.....	166
Figura 37 -	Algumas Formas Simbólicas espaciais Religiosas da Chácara de Santa Cruz – 2014.....	176
Figura 38 -	Fixos espaciais pertencentes à Canção nova no entorno da Chácara de Santa Cruz: a Rede de Desenvolvimento Social Canção Nova – foco educação.....	178
Figura 39 -	O carisma Canção Nova e o cinquentenário de monsenhor Jonas Abib.....	178
Figura 40 -	Os bens simbólicos, programa de TV e as mensagens para a juventude.....	179
Figura 41 -	Espaço Sagrado e Espaço Profano esquematizado por Jefferson Oliveira (2012).....	180
Figura 42 -	A Canção Nova na internet.....	183
Figura 43 -	Capa do catálogo em foco e destaques icônicos.....	187
Figura 44 -	A “região” do projeto – Catálogo-Guia CTRV com destaque para o conceito empregado.....	188
Figura 45 -	A configuração do CTRV (2008-2014).....	191
Figura 46 -	Placa em azulejo abençoada pelo Papa Bento XVI representativa do CTRV com seus símbolos.....	202

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGCTUR	Agência de Turismo do Circuito Turístico Religioso
CTRV	Circuito Turístico Religioso do Vale
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGC	Instituto Geográfico e Cartográfico
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
RA	Região Administrativa
RCC	Renovação Carismática Católica
RCCBRASIL	Renovação Carismática Católica do Brasil
RM	Região Metropolitana
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SP	São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	MOSAICO DE POSSIBILIDADES PARA O ENTENDIMENTO DE UM “PROJETO TURÍSTICO REGIONAL” COMPLEXO	43
2.1	SEÇÃO: TURISMO RELIGIOSO E PEREGRINAÇÃO	44
2.2	SEÇÃO: MUSEUS - UMA INTERPRETAÇÃO APLICÁVEL ÀS MEMÓRIAS SACRAS	50
2.2.1	O lieu de mémoire: uma proposta para os museus sacros	52
2.3	SEÇÃO: AS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS - UMA INTERPRETAÇÃO PARA OS FIXOS ESPACIAIS	57
2.3.1	As formas simbólicas espaciais conformando paisagens culturais	61
2.3.2	As formas simbólicas espaciais conformando monumentos	71
3	EM BUSCA DO TRAÇADO DE UM “PROJETO TURÍSTICO REGIONAL”	74
3.1	COMPREENDENDO O “PROJETO TURÍSTICO REGIONAL” DO PONTO DE VISTA DA ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL CATÓLICA	75
3.2	A HIERÓPOLIS DO CIRCUITO: APARECIDA	84
3.2.1	A centralidade de Aparecida como divulgadora do revigoremento católico	100
3.2.2	O papel da mídia no revigoremento católico e a permanência da peregrinação tradicional: modelo de inovação de Aparecida	114
4	GUARATINGUETÁ: DE MUNICÍPIO-MATRIZ À PRIMEIRA ESTÂNCIA RELIGIOSA DO ESTADO DE SÃO PAULO	122
4.1	FREI GALVÃO: O MENINO ANTÔNIO SE TORNA SANTO	123
4.2	UM MUSEU PARA FREI GALVÃO	131
4.3	O LIEU DE MÉMOIRE DO PRIMEIRO SANTO BRASILEIRO NO “PROJETO REGIONAL”	138

5	DE LORENA À CACHOEIRA PAULISTA – A CONTINUAÇÃO DA BUSCA POR UM “PROJETO TURÍSTICO REGIONAL”	146
5.1	A SEDE DA DIOCESE DE LORENA: UMA MEMÓRIA TERRITORIAL PRESERVADA	148
5.2	AS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS RELIGIOSAS: UMA INTERPRETAÇÃO DOS PRINCIPAIS FIXOS CATÓLICOS DO MUNICÍPIO DE LORENA	151
5.3	PANO DE FUNDO DOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS EM CANAS E CACHOEIRA PAULISTA: A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E O CONFLITO ORGANIZACIONAL NO INTERIOR DA IGREJA	157
5.4	O PROTÓTIPO CANAS, SEUS FIXOS ESPACIAIS RELIGIOSOS HISTÓRICOS E A SEDE NACIONAL DA RCCBRASIL: A QUESTÃO DA MONUMENTALIDADE	161
5.5	A CANÇÃO NOVA E SEU CAMINHO DE LIGAÇÃO À CACHOEIRA PAULISTA: BREVE FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEIGOS, EVANGELIZAÇÃO MUDIÁTICA E RCC	169
5.5.1	5.5.1 A hegemonia cultural religiosa da Canção Nova no município de Cachoeira Paulista	173
6	AS DENSIDADES SIMBÓLICAS INVOCADAS NA CONSTITUIÇÃO DO PROJETO REGIONAL “CIRCUITO TURÍSTICO RELIGIOSO DO VALE”	184
6.1	O CATÁLOGO-GUIA DO CIRCUITO TURÍSTICO RELIGIOSO DO VALE (2008): O LANÇAMENTO DA PROPAGANDA DO “PROJETO REGIONAL”	185
6.2	O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RECEPTIVO (PDTR): METODOLOGIA EMPREGADA PELO SEBRAE/ SP/ GUARATINGUETÁ	194
6.2.1	De “sertões de Taubaté” até o Vale do Paraíba – longos séculos de um processo de regionalização	197
6.2.2	Da presença religiosa colonial à vocação religiosa: parcerias que reforçam o simbolismo religioso católico	200
6.2.2.1	A questão do ordenamento simbólico	205
6.3	O CTRV: UMA MICRORREGIÃO	208
7	CONCLUSÃO	213
	REFERÊNCIAS	219
	ANEXOS	233

1 INTRODUÇÃO

Carregando velas, terços, santinhos, caminhando em peregrinações curtas ou longas, recitando trechos da Bíblia, buscando curas, milagres ou pagando promessas, devotos de santos e de santas, tementes a Deus a partir de certas vivências religiosas familiares ou em lugares ditos especiais, tanto em tempos comuns quanto em tempos de festa, de celebração, cristãos católicos apostólicos romanos ou simplesmente os fiéis católicos, surgem caricaturados, ou diriam alguns pesquisadores, surgem corporalmente representados. Esses homens e essas mulheres, corpo da chamada Igreja Católica Apostólica Romana, surgem neste trabalho de pesquisa, a partir de uma leitura cultural, como agentes ativos e público-alvo para um “projeto regional” ambicioso intitulado Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista/ SP – pivô do estudo em tela.

- Tema, Objetivo e Área de Estudo

Segundo Rosendahl (2012) desde o início da ocupação territorial portuguesa no Brasil, a fé católica foi introduzida como elemento fundamental de integração e manutenção do povoamento, concomitante a missão expansionista evangelizadora que norteavam as normas e a conduta moral da colonização portuguesa, gerando um caráter sacral e uma aglutinação no tripé: conquista, posse e ocupação do novo território¹. O senso de unidade de colônia existia sobre a ótica cultural religiosa e sobre a necessidade de controlar as terras exploradas.

As práticas religiosas, incentivadas desde o início da colonização, tanto favoreceram o controle religioso sobre os fiéis como celebraram as normas e condutas da gestão religiosa católica dentro do território brasileiro. (Ibid., p. 57).

A longevidade da Instituição Católica Apostólica Romana no país pode induzir a reflexões tanto sobre a antiguidade, quanto a cristalização de tradições não sujeitas às mudanças ao longo do tempo. Todavia, os estudos de Rosendahl (2012)

¹ Cabe lembrar que, território, resumidamente, deve ser entendido como um conceito que se remete ao poder, a partir do qual uma fonte dominante delimita uma determinada área, estabelecendo-o através da regulação e controle das práticas ali existentes, reafirmando a identidade da fonte dominante e o pertencimento dos autorizados a ali estar (SOUSA, 1995).

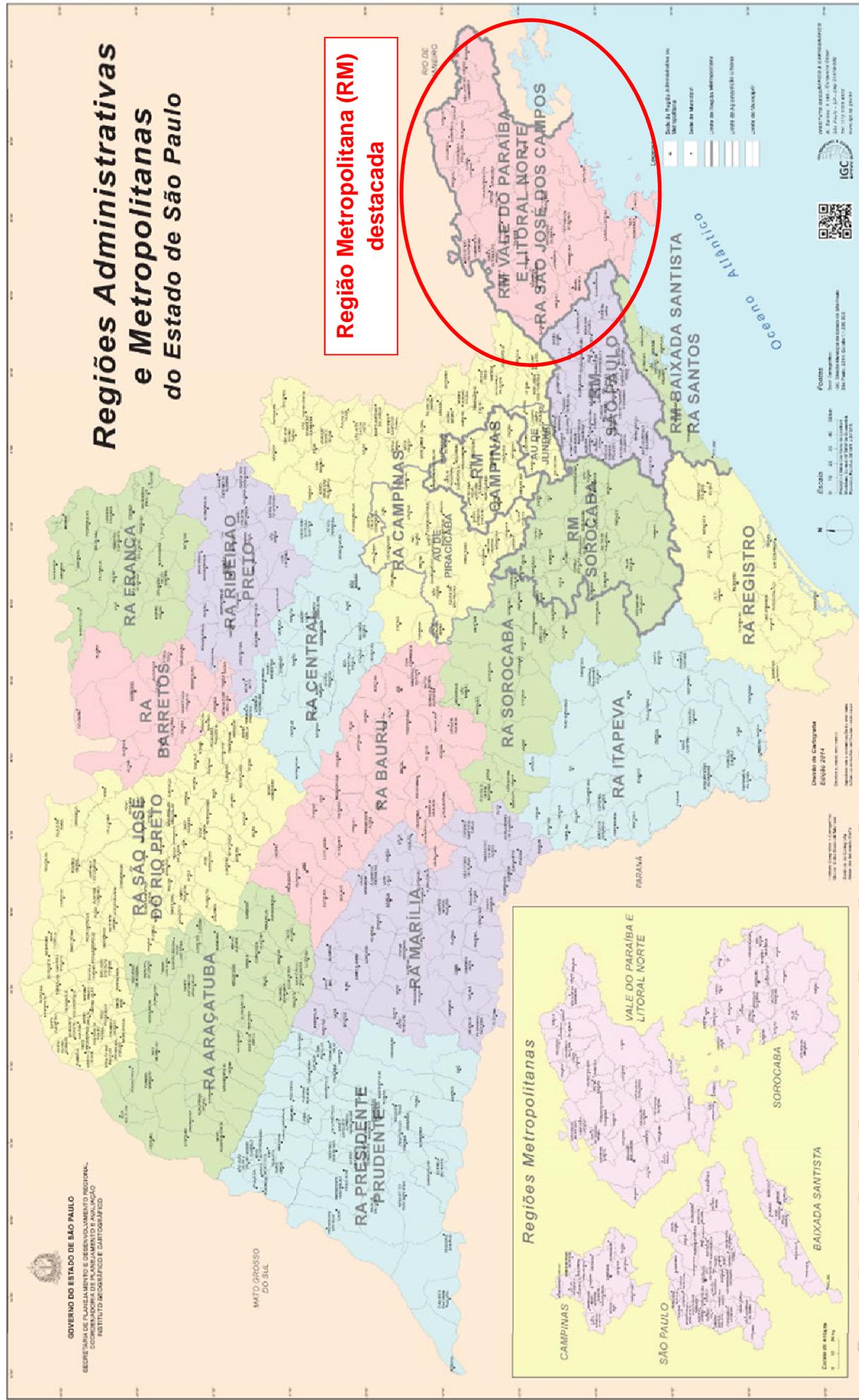
vêm comprovando que a Instituição citada apresenta-se enraizada nas tradições, mas também aberta as conquistas tecnológicas do século XXI. Esse par aparentemente de contrários – antigo X moderno, tradicional X tecnológico - supostamente pode ser observado no epicentro católico brasileiro, localizado no estado de São Paulo, na região metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, na região administrativa de São José dos campos ou, em outra divisão política, na chamada região de governo de Guaratinguetá. Composto por três municípios centrais, Aparecida, Cachoeira Paulista e Guaratinguetá, o epicentro religioso se estende às suas hinterlândias – Lorena e Canas (Mapa 1 e Figura 1).

O tradicional, o moderno, as práticas religiosas e os planos estratégicos que possibilitam esse epicentro, inicialmente surgido como uma junção de três municípios paulistas (Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista) tem por base a presença católica marcada na paisagem e em lugares específicos, com destaque para as formas simbólicas espaciais que esta religião construiu e aparentam compor uma região – como as pesquisas de campo revelaram nas entrevistas realizadas no final destes quase cinco anos de investigações que compuseram o doutorado.

Entretanto, o uso da palavra “epicentro” está induzindo à ideia de união e de centralidade, escamoteando uma série de elementos e pressupostos políticos, culturais, sociais e religiosos que ao longo do tempo e do espaço foram construídos, destruídos e transformados a fim de que essa noção de centralidade pudesse ser erguida.

Sendo assim, o **objetivo deste trabalho** é compreender o processo de elaboração e estabelecimento de um ‘projeto regional’ contemporâneo, um epicentro católico, fundamentada na gestão simbólica do imaginário religioso construído ao longo de séculos pela Igreja Católica Apostólica Romana, por leigos católicos e laicos, no Vale do Paraíba Paulista composto por cinco municípios (Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas e Cachoeira Paulista) integrados em tempos diferentes a um “Circuito Turístico Religioso”.

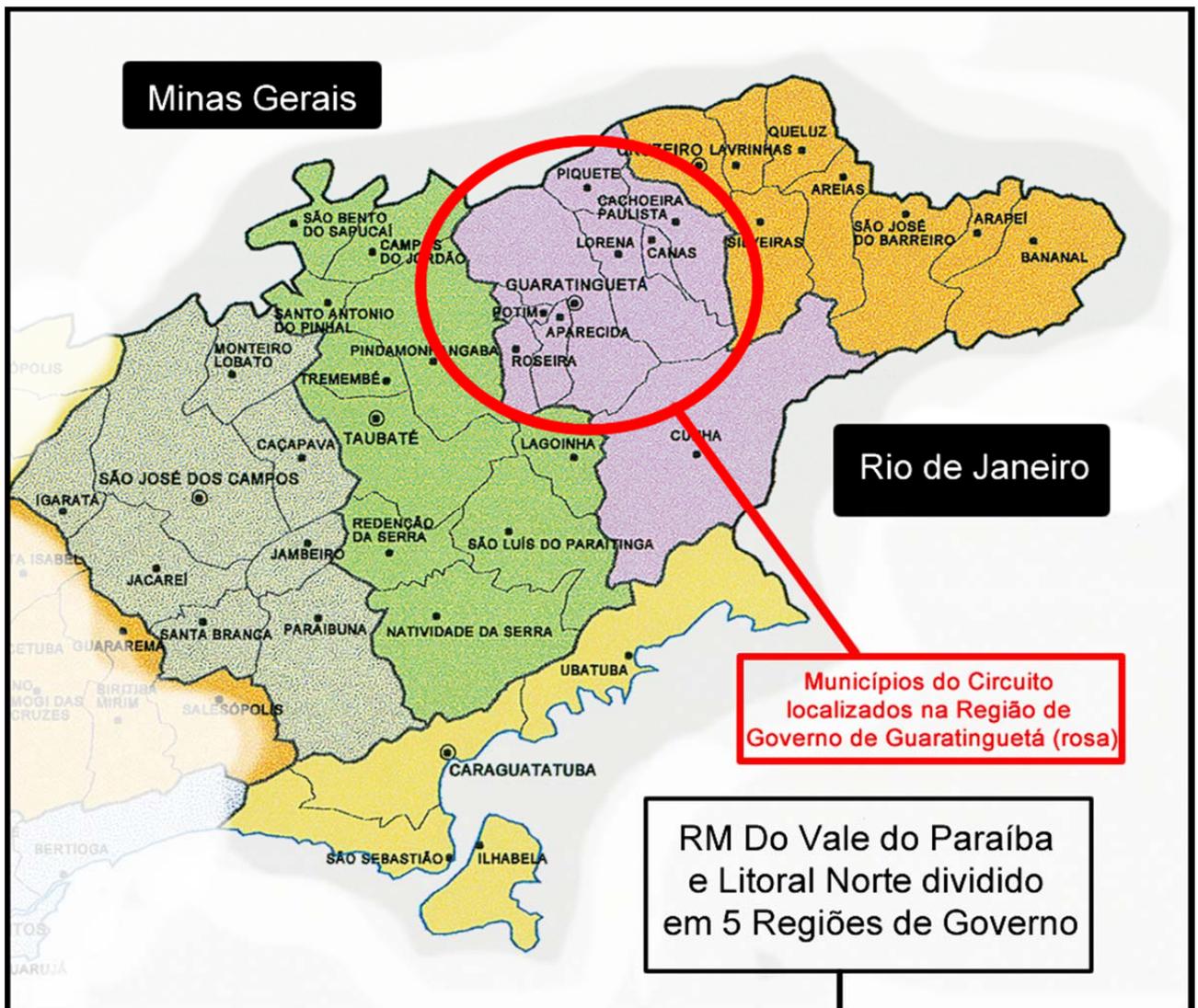
A expressão ‘epicentro católico’ é utilizada, normalmente, para se referir ao Vaticano (país administrado pelo Papa, figura política central da fé católica) e sua hinterlândia, Roma (capital da Itália e cidade vizinha ao Vaticano que possui diversas referências culturais religiosas católicas).



Mapa 1: Instituto Geográfico e Cartográfico – Regiões Administrativas e Metropolitanas do estado de São Paulo - 2002

Fonte: IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo, disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico <www.igc.sp.gov.br>. Elaboração própria

Figura 1: Seção do estado de São Paulo – Região Metropolitana do vale do Paraíba e Litoral Norte e Região de Governo - Instituto Geográfico e Cartográfico – 2002



Fonte: IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo, disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico <www.igc.sp.gov.br>. Elaboração própria.

Comparativamente, o epicentro oficial e o epicentro brasileiro são semelhantes do ponto de vista da centralidade exercida pela Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, considerada “*um monumento nacional (...) foco de imensas peregrinações durante o ano e referencial para o povo cristão católico do Brasil*” conforme publicação de Cláudio Pasto (2013, p.9) através da Editora Santuário – uma das editoras que pertence a rede institucional da Igreja e, também, a editora oficial do Santuário Nacional.

Em outro viés, pode-se interrogar se esses cinco municípios tornaram-se epicentro católico devido a uma série de fatores econômicos e políticos, em que o

aspecto religioso não deve ser pensado de maneira dissociada. Destaco aqueles fatores como:

(a) estão localizados ao longo da Rodovia Presidente Dutra (BR 116), um eixo rodoviário responsável por conurbar às duas metrópoles globais brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, originando a primeira megalópole brasileira (Figura 2);

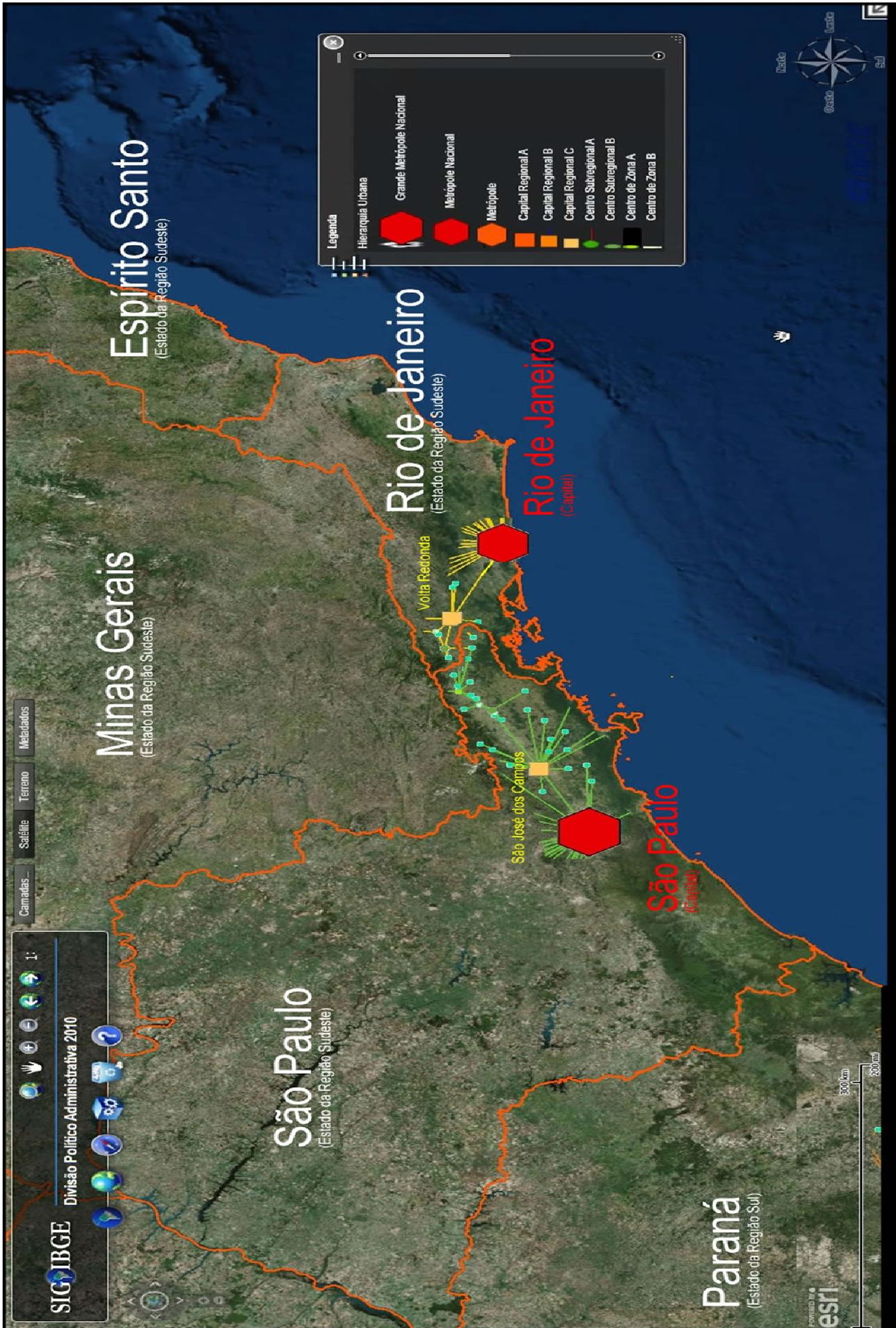
(b) encontram-se no principal eixo populacional, econômico, político e midiático brasileiro, o que possibilita a esses cinco municípios participar ativamente destas dinâmicas, criando, ressonando, recebendo e se beneficiando do processo de desenvolvimento da megalópole (Mapa 2).

A complexidade do epicentro recai na própria geografia: as divisões acima citadas devem ser compreendidas em um contexto político-administrativo governamental, todavia a Igreja² possui uma demarcação territorial própria cuja lógica se baseia na área de influência das dioceses (unidades territoriais administradas por bispos), tornando a mesma área de estudo objeto de duas sobreprojeções administrativas – a projeção governamental brasileira e da instituição religiosa em questão.

Esse epicentro passaria a ter uma sustentação mais efetiva ao ser estudada pelo SEBRAE/SP desde 2001, em parceria com diversas instituições, dentre elas a Igreja, a fim de propagar um plano estratégico que associa fé como viés cultural de atração, com o artesanato e o turismo como um viés econômico de sustentação, que possibilitaria a participação e envolvimento da comunidade destas localidades em projetos de desenvolvimento, capacitação profissional, estruturação e recepção da atividade turística.

O projeto que nasceu de maneira municipal, primeiramente em Guaratinguetá, expandiu-se para um projeto regional – segundo publicações do SEBRAE/SP, com destaque para o guia *“Circuito Turístico Religioso – Aparecida, Cacheira Paulista, Guaratinguetá”* (SEBRAE/ SP, 2008) que objetivava divulgar e promover roteiros estruturados e dirigidos aos guias de turismo, hotéis, pousadas e promotores de turismo (Figura 3).

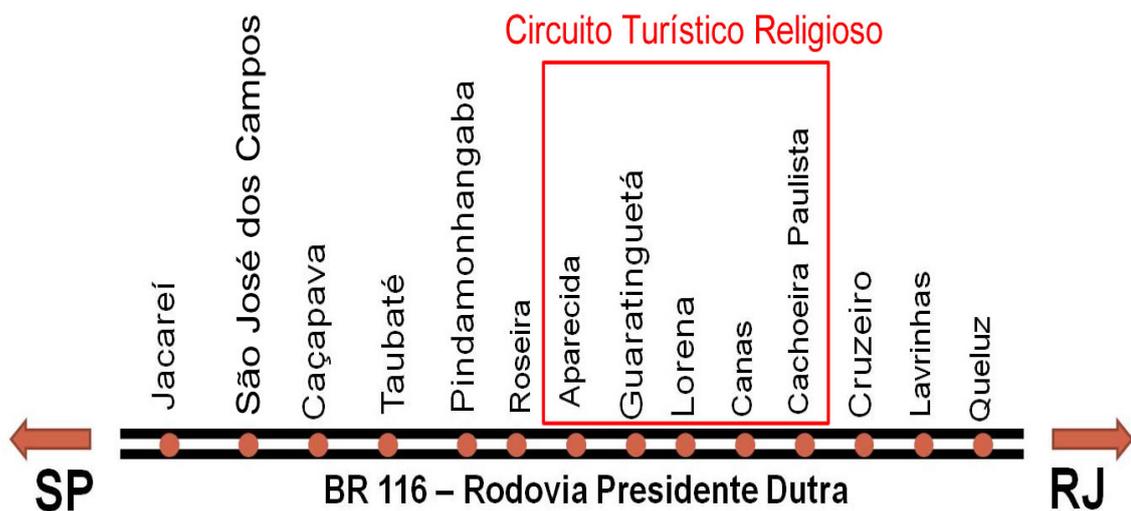
² A partir deste ponto usarei o termo Igreja como referência à Instituição Católica Apostólica Romana.



Mapa 2: SIG IBGE – Hierarquia das Cidades e suas regiões de influência com destaque para o eixo Dutra – Megalópole São Paulo-Rio de Janeiro – dados de 2011

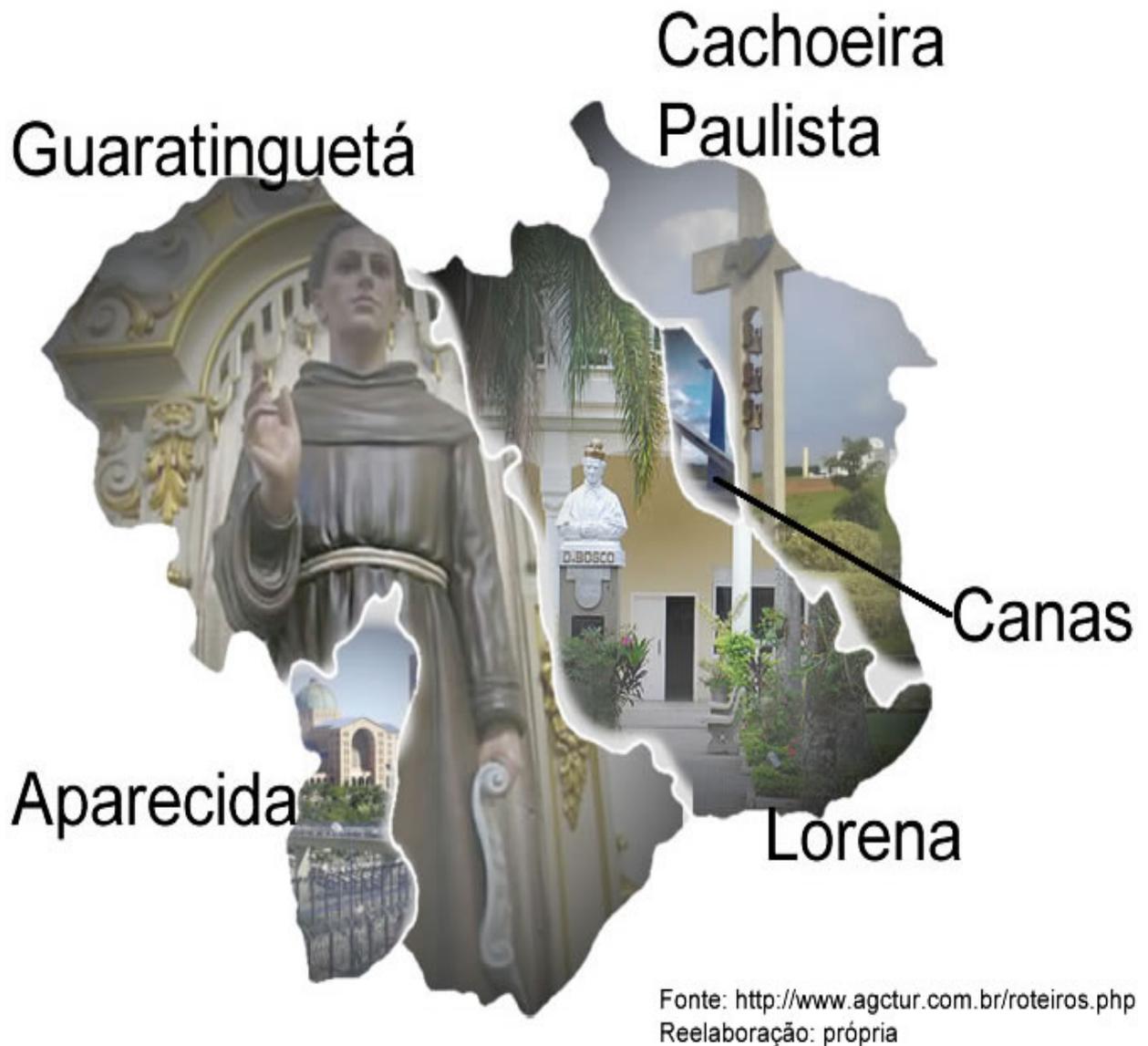
Fonte: SIG IBGE – base de dados disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico <<http://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge/#idmap=RegiaoInfluenciaCidades>>. Elaboração própria.

Figura 2: Localização do eixo Rodovia Presidente Dutra (BR 116) - 2014



Fonte: Consulta Concessionária CCR NOVA DUTRA (site <http://www.novadutra.com.br/resources/files/maps/mapa_novadutra_2014.pdf>), imagens disponibilizadas nos endereços eletrônicos: A mocidade de Lorena <http://amocidade.blogspot.com.br/2011_07_01_archive.html> e Servidor Público <<http://www.servidorpublico.net/noticias/2006/11/15/novadutra-utiliza-verso-de-comprovantes-de-pedagio-para-apoiar-busca-de-desaparecidos/>> Elaboração própria.

Figura 3: Os cinco municípios formadores do Circuito Turístico do Vale com suas referências religiosas segundo a empresa AGCTUR - 2014



Nessa publicação (SEBRAE/ SP) surgem expressões ilustrativas que visam fundamentar o plano estratégico: “a região do projeto” (2008, p. 8), “projeto regional” (2008:9), “a região conta com um conjunto arquitetônico histórico” (2008, p. 10), nos quais a justificativa de pensar unificadamente esses municípios estaria calcada na “imensa potencialidade turística do território” (2008, p. 10).

Essa significativa região, em menos de 30 km, abriga três grandes centros de peregrinação internacional: o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida - a padroeira do Brasil; o Museu do Frei Galvão - o primeiro santo brasileiro, nascido em Guaratinguetá e a Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista – berço de um dos maiores movimentos de

evangelização do País. Estas três cidades são um importante núcleo de elevada fé e devoção, para onde milhões de pessoas, a cada ano, peregrinam em busca do conforto espiritual, da renovação da esperança e da solidariedade. (SEBRAE/RJ, 2008, p. 7)

Entretanto, esse “projeto regional” aparece como *microescalar* à medida que perpassa toda a área dos cinco municípios. Visando melhor estudá-lo e considerando as observações do excerto, **os capítulos estão divididos em:** (II) mosaico de possibilidades - subdividido em seções e abrigando as bases conceituais e as noções que serão importantes ao entendimento dos demais capítulos; (III) será dedicado ao município de Aparecida devido à centralidade que exerce no interior do “projeto regional”; (IV) focará no município de Guaratinguetá e na dinâmica religiosa envolta do primeiro santo brasileiro: Frei Galvão; (V) abarcará a Diocese de Lorena e os três municípios que pertencem respectivamente a ela e o “projeto regional”: a própria Lorena, Canas e Cachoeira Paulista; e finalmente o (VI) voltado para a compreensão teórica do “projeto regional” enquanto uma possível região cultural religiosa. Essa estrutura dorsal da tese visa refletir sobre os diversos braços da Igreja, revelando os aspectos tradicionais-modernos contidos em algumas práticas religiosas realizadas pelos devotos católicos e os planos políticos-estratégicos da área de estudo. A conclusão pretende sintetizar a proposta e reanalisar algumas questões que se apresentam fragmentadas.

Nesta linha de raciocínio, o **recorte espacial** da tese, isto é, a **área de estudo** é o “*projeto regional*” atual do Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista, abrangendo os municípios centrais: Aparecida, Cachoeira Paulista e Guaratinguetá, e suas hinterlândias – Lorena e Canas.

Nesse ponto a espacialidade não recairá apenas em comprovações acerca da importância das formas simbólicas espaciais centrais e dos fluxos que movimentam: (a) Aparecida – Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida; (b) Cachoeira Paulista – Chácara de Santa Cruz/ Canção Nova; e (c) Guaratinguetá – Museu Frei Galvão e Santuário de Santo Antônio de Sant’Anna Galvão (em construção); mas também na conectividade que são evocadas a fim de legitimar o próprio ‘projeto regional’.

O **recorte temporal** da tese é a contemporaneidade no seu sentido mais literal, no fato em que o **objeto de estudo** ‘projeto regional’ permanece em mutação.

Todavia, pormenorizadamente, o recorte de tempo utilizado abrange os estudos do SEBRAE/SP de 2001-2008; as temporalidades específicas dos cinco municípios que variam conforme a elasticidade das formas simbólicas espaciais construídas e da constituição da paisagem religiosa dominante nascida; e por fim, a noção de *continuum* (tempo *ad eternum*) das construções católicas – um debate temporal mais filosófico sobre a atuação da Igreja.

- Pesquisa Participativa e Método de Interpretação

Durante os quase cinco anos de trabalho de pesquisa, os **estudos de campo** foram baseados em observações do tipo *insider-outsider* devido à formação familiar católica que possibilitaram algumas imersões nas práticas ritualísticas e *outsider* ao demarcar a afirmação e reafirmação da posição de pesquisadora. Essa posição quando se realiza uma pesquisa cuja base é uma geografia voltada para as ciências sociais torna-se primordial.

Segundo Valladares (2007), o pesquisador ao realizar entrevistas deve pensar e autoanalisar, a natureza da relação que estabelece com o entrevistado e seus informantes. O tempo de permanência, as negociações, a interpretação do outro sobre o pesquisador (a imagem que é construída sobre o pesquisador – “*observador que está sendo o tempo todo observado*” – VALLADARES, 2007, p.154), a geração da confiança são fatores que não devem ser minimizados.

Nesta pesquisa, diversas entrevistas informais foram estabelecidas durante o processo da observação participante, visando através do diálogo fugir do interrogatório, das amarras e da racionalização que o entrevistado se coloca a fim de gerar respostas elaboradas. A informalidade auxiliou o processo da escuta, permitindo captar nuances frasais, corporais que reafirmaram performances conhecidas e permitiram deslumbrar novidades ritualísticas.

O processo de campo foi crucial para perceber a mutabilidade do objeto “projeto regional”. Colocar-se em campo e retirar-se para aquilo que se chama de gabinete, retornar a ação do campo e refazer análises ao se deparar com grupos diversificados de atores, proporcionou aperfeiçoamento objetivo e sutilezas subjetivas para visualizar que os interesses na área estudada são muito amplos e

complexos – havendo muita atividade e pouca passividade, isto é, a maioria das interações eram ativas, mesmo que partindo de uma recepção de valores ou do aguardar de um ritual.

A noção de tempo foi intensamente modificada. Ela foi pensada enquanto tempo de realização, tempo das etapas de planejamento, construção, manutenção, adaptação e mutação das obras de infraestrutura locais. A sedimentação do Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba está ocorrendo, está em processo, ou seja, de forma alguma pronto.

Cabe ressaltar que a busca por uma exemplificação deste processo de manutenção da tradição adicionada às conquistas modernas foi se solidificando através de diversas e intensas discussões ocorridas primeiramente: (a) nas elocuições no NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, no Rio de Janeiro) na presença da prof.^a Dr.^a Zeny Rosendahl e do pesquisador Jefferson Rodrigues de Oliveira – amigo geógrafo de longa data e doutorando também na temática cultura-religião, que possibilitaram questionar a área de estudo como uma referência brasileira possível, ainda no início da pesquisa; e (b) em densas trocas de ideias e delimitações do objeto ocorridas durante a orientação do prof. Dr. Scott Hoefle, sem as quais a tese se tornaria insalubre aos estudos geográficos culturais.

Em termos dos **conhecimentos de gabinete, ou seja, o aparato teórico**, a tese foi estruturada a partir: (a) do desafio de Kong (2010); (b) arcabouço teórico internacional - dos estudos culturais de Claval (1999, 2002), de Cosgrove (2004, 2011) a respeito das paisagens dominantes, de Berque (2004) sobre as paisagens-marca e matriz; (c) dos estudos nacionais acerca da geografia da religião com foco no Catolicismo de Rosendahl (1994 até 2012), as formas simbólicas espaciais, monumentos, as interações espaciais e região cultural de Corrêa (2005, 2007, 2008), rede, identidade, região e regionalização de Haesbaert (2009, 2010).

Citados os elementos essenciais à compreensão deste trabalho, se partirá para a revisão teórica.

- Base da Fundamentação Teórica

A base do fundamento teórico desta tese é inspirada na observação que envolve a complexidade de práticas religiosas impressas no conceito de “católico” e na busca de um universo espiritual paradisíaco recriado na Terra, no qual seguidores de uma das mais antigas e maiores religiões compartilham, criam, modificam áreas a fim de proporcionar vivências espirituais diversificadas aos adeptos dela e angariar mais almas para o rebanho.

Essas áreas criadas possuem um poder de atração político, econômico, cultural e, sobretudo religioso, que muito interessa aos geógrafos da religião. Em verdade, essas áreas são o cerne dos estudos sobre cultura e religião em Geografia.

Em certa medida, a tese recupera o fato da relação Geografia e Religião, nas últimas décadas, ter recebido um grande reconhecimento internacional enquanto temática a ser estudada não somente nos lugares cuja identificação religiosa aparecem mais “evidentes” (ex. templos religiosos), quanto nos lugares onde ocasionalmente podem assumir significados religiosos (ex. ruas, espaços domésticos da vida cotidiana). Essas pesquisas, segundo a geógrafa Lily Kong (2010), vem chamando a atenção para o modo como a religião vem sendo experimentada e negociada, tornando-se multifacetada (ex. diferentes significados e propósitos em tempos e espaços diferenciados, podendo ser inclusive, ambivalente no mesmo espaço e tempo) e multiescalar (da escala do corpo às nações).

Assuntos como religião, ética (códigos de conduta), bem viver, pós-vida, lobbies congressistas, configurações territoriais, domínios simbólicos e os mais diversos campos da política, da economia, da cultura, da vida social, do ser social e do indivíduo configuram um leque de possibilidades vastas nos quais, os geógrafos internacionais parecem não temer mais expor como motivos importantes para o estabelecimento de conexões entre a Geografia e a Religião³.

³ Este parágrafo pode ser comprovado acessando o link do GORABS (Compiled for the Geography of Religions and Belief Systems) <<http://www.gorabs.org/geographyofreligionbibliography.pdf>> . Este link, na verdade é um arquivo PDF que reúne 34 páginas de bibliografia sobre Geografia e Religião, organizado pela Association of American Geographers (AAG) cujas contribuições foram geradas pelos geógrafos de diversas nações, sendo eles: John Bauer, Ed Davis, Michael Ferber, Julian Holloway, Lily Kong, John Kostelnick, Elizabeth Leppman, Carolyn Prorock, Simon Potter, Thomas Rumney, Rana P.B. Singh e Robert Stoddard.

Cabe lembrar que, até o final da década de 70 do século XX, muitos cientistas sociais acreditavam que as sociedades modernas caminhavam para um processo de secularização no qual, até aquele ponto, os fenômenos religiosos já se apresentavam mais ou menos compreendidos, ressaltados as peculiaridades das diferentes sociedades e de suas instituições religiosas ou seus respectivos modos de vivenciar o fenômeno. Este processo de secularização, acreditavam eles, conduziriam a religião a esfera privada, da vivência do sagrado no *self*, ou mesmo, que os valores embutidos na sociedade permaneceriam, sendo as tradicionais formas de vivenciar a religião, elas sim abandonadas, ou se não abandonadas, seriam transfiguradas para as chamadas religiões civis, no qual a nação, o estado e os símbolos nacionais substituiriam a religião enquanto veneração de algo sobrenatural (RIESEBRODT e KONIECZNY, 2005). Entretanto, em tempos de hipermodernidade (o tempo presente), seria esta troca não mais em termos das religiões civis, porém em termos da veneração do *self* e da tecnologia?

Em outra abordagem acreditava-se que as instituições religiosas se adaptariam ao processo de secularização, estancando-o na reafirmação do seu universo simbólico. E estas previsões mostraram-se mais coerentes com os fatos observados na conjuntura histórica ao longo do final do século XX, isto é, a *ressurgência* das instituições religiosas com relativa autonomia pública, remarcando identidades éticas e seus modos e práticas de viver no mundo (MATA, 2006).

Esta *ressurgência* acarretou não somente mudanças paradigmáticas nas bases de pesquisa do fenômeno religioso no que se referem as determinações a cerca da compreensão dos mesmos, como também modificou certa convenção sobre sua irrelevância perante outros campos de interesse vinculados a sociedade, pois a religião em sua relativa autonomia apresentava capacidades de adaptação não antes estudadas. Riesebrodt e Konieczny (2005) destacam a importância de novas releituras da religião, incluindo os aspectos não somente institucionais nos quais muitas vezes recaem em análises simplificadas, bairristas ou utilitárias das ações sociais, mas também análises subjetivas que privilegiem os atores religiosos individualmente.

Neste ponto, ressaltam-se as críticas a respeito de certa convenção de irrelevância dos estudos religiosos perante os demais interesses vinculados a sociedade. A literatura aponta que mesmo as ciências sociais mais tradicionais

apresentam divergências de abordagem do fenômeno religioso devido a certa incompatibilidade entre ciência e religião. Isto ocorre: (a) no âmbito da natureza do conhecimento trazido por cada uma: a ciência, o conhecimento experimental, e a religião, o conhecimento revelado; (b) principalmente devido à manutenção de determinados preconceitos vivenciados na academia de maneira um tanto uniforme a cerca da temática do fenômeno religioso.

Apesar da crítica ressaltada acima, percebe-se cada vez mais, o recrudescimento das pesquisas envolvendo sociedade e religião, à medida que se favorece o reconhecimento da interdisciplinaridade tanto entre as ciências quanto entre a ciência, a política e a religião, observando o limite de interpolação entre as partes envolvidas, ou seja, a independência de cada uma das partes em questão.

No entanto, um cuidado deve ser dado ao contexto da organização social no espaço e no tempo no que tange as noções de secularização, ressurgência e recrudescimento religioso, em termos do procedimento de análise de estudos de caso e estudos localizados, pois, como afirma Kong (2010), o papel da religião como *ressurgente* não deve ser pensado de maneira global, pois em alguns locais, ou mesmo em escalas maiores como a dos países, o que tem ocorrido com mais ênfase é uma continuidade, em vez de uma descontinuidade – o que parece adequado para o contexto brasileiro, no qual a presença religiosa católica sofreu modificações ao longo dos cinco séculos em solo *brasilis*.

No contexto da geografia brasileira, as pesquisas que visam estudar o fenômeno religioso vêm apresentando desde o final do século passado, espaços significativos na produção do conhecimento geográfico no Brasil. A diversidade cultural e religiosa do país levou a geografia cultural e, por conseguinte, a geografia da religião, a adotar abordagens sofisticadas e interdisciplinares visando o aprimoramento tanto teórico quanto metodológico em seus estudos (ROSENDAHL, 2009) acerca da variabilidade do fenômeno no país.

Assim como ocorre em outros países, o intercâmbio ou a interdisciplinaridade científica caminha mais em uma via de mão única, no sentido da geografia cultural e, por conseguinte, a geografia da religião, buscarem arcabouços teóricos, exemplos de pesquisas e métodos em outras disciplinas do que o contrário (ROSENDAHL, 2009; KONG, 2010).

Na abordagem cultural tradicional, o fenômeno religioso era interpretado em análises regionais nas quais se realizavam espécies de inventariados dos efeitos, costumes e tradições espacializadas. Como relata Rosendahl (2002) à materialidade *strictu senso* da cultura, e, por conseguinte da religião, era estudada, porém o poder transformador da religião enquanto agente modelador do espaço não era privilegiado.

Devido à mudança do paradigma e a maior interdisciplinaridade entre as disciplinas sociais, a geografia da religião segundo a autora, recebe reconhecimento, pois os estudos sobre a compreensão do mundo que englobam as relações de grupos e indivíduos com a natureza, a sociedade e entre si, configurando comportamentos geográficos e vivências em termos de sentimento, ideias, ideologias e símbolos, passam a ter arcabouço epistemológico para serem abordados, como também encontram similitudes nas demais disciplinas. Mesmo os estudos que privilegiam a dimensão ontológica de Deus, do homem e do espaço ganham possibilidades reais de serem trabalhados. Este contexto contemporâneo permite então estudos acerca das imaterialidades da cultura e por extensão, da religião.

Deste modo pode-se definir o estudo geográfico da religião, como nos diz Rosendahl (1994, 1996), como um estudo voltado para a compreensão da manifestação espacial do sagrado. Entretanto, um adendo se faz necessário. Considerando a natureza de intangibilidade deste sagrado, expresso na nomeação de deuses, Deus ou Deusa, a geografia da religião parece, assim como um espelho em sua reflexão, tentar entender em certos pontos e compreender em outros, a interpretação e a significação dada pelo homem, através da elaboração de símbolos, códigos de conduta, linguagens, esculturas (artes em geral), paisagens, a essa experimentação singular e intangível do sagrado em determinados lugares. Nesse sentido, o estudo recaiu menos para a manifestação *ipsi literis* espacial do sagrado e mais para a prática religiosa, como uma tentativa de provocar o *in illo tempore* (ELIADE, 1992, p. 43) da singularidade do contato sagrado-homem e uma socialização desta singularidade.

Sobre esse imponderável, que pertence à combinação factual ou caótica de causas e efeitos/ tese-antítese-síntese, ou outras variáveis, a ciência - enquanto demonstração de teses - vai suspender seus juízos. Se calar. Não há nada que ela,

ciência, possa dizer. “Entender o Sagrado” ou a “lógica do Sagrado” só pode ser usado como força de expressão linguística que não possui aparato científico algum para ser erguido. Para os estudiosos da religião, sobre o Sagrado, apenas devesse respeitar a expressão popular “deixe o Sagrado ser sagrado e ponto”. Para os eruditos das “coisas” do Sagrado, a esses, toda a sorte de experiências, retratações, vivências, escritos e etc., são bem-vindas. Sobre o sagrado, nos aproximamos bastante dos escritos de Weber (2006).

Essa manifestação deve ser entendida como uma combinação entre a motivação religiosa na criação, modificação ou destruição de determinados lugares, objetivando satisfazer um impulso religioso em produzir, reproduzir, influenciar, negar simbolicamente certos lugares a fim de cumprir com essa necessidade de união do homem com a sua religiosidade. Nas palavras de Terra (2009, p. 2):

a crença, a fé, a atividade religiosa e a prática religiosa permitem ao homem religioso vivenciar seus espaços sagrados, percorrer seus lugares sagrados, configurar paisagens ou regiões religiosas e pertencer a um território religioso.

Seguindo essa linha de raciocínio, o homem e a mulher religiosos são agentes e são sujeitos capazes de estabelecer conexões conceituais, a partir de abstrações e concretudes, segundo níveis de entendimento, transformando áreas (em seu sentido geométrico) em espaços, lugares, paisagens, regiões e territórios passíveis de práticas religiosas reconhecíveis no seu comportamento geográfico de constituir graus de vivência e controle dessas áreas.

Analisar ou compreender o que se passa no parágrafo anterior requer abordagens de modo a manter o caráter científico do estudo, não bastando o reconhecimento de práticas demarcatórias de áreas como suficientes para um estudo geográfico. É nesse ponto que o geógrafo Manfred Büttner (1985 apud ROSENDAHL, 1994) sugere três partes essenciais nos estudos espaciais sobre religião, no qual pode-se perceber claramente uma *metodologia* para os estudos do fenômeno religioso.

Esta metodologia pode ser reinterpretada a luz dos paradigmas contemporâneos. A *primeira parte* de sua metodologia revista compreende uma investigação minuciosa a cerca da comunidade religiosa sob o reconhecimento da estrutura espacial; de sua origem; das atitudes comportamentais e mentais dos seus

membros; das estruturas sociais associadas e dos processos de transformação da mesma na sociedade.

A *segunda parte* considera a experiência individual, recorrendo as ferramentas tanto etnográficas, quanto semióticas ou fenomenológicas, a fim de elucidar símbolos; signos; valores e significados; aspectos da vida de relações e modo de ser de um sistema religioso no âmbito dos indivíduos envolvidos.

E a *terceira parte* se refere à dialética entre religião e lócus propriamente, no qual se evidencia que a religião deve ser compreendida como um agente modelador espacial singular, pois simbólico, que influencia nos *habitus*, nos *ethos*, na sociedade e na organização espacial desta mesma sociedade.

Kong (2010) ressalta que a religião não deve ser entendida como um objeto de estudo empírico, evidente por sua existência. A geógrafa afirma que a complexidade da religião vai além do funcional, percorrendo as dimensões do fundamento teológico e filosófico não para ampliar a definição de religião, mas sim desenhar as implicações analíticas que este modo de pensar acaba por imputar na ordem geográfica. Para exemplificar alguns pontos levantados anteriormente, selecionamos alguns fragmentos de Kong (2010, p. 769-770):

A pesquisa geográfica sobre a religião tem crescido imensamente na última década, e muitos silêncios anteriores tornaram-se áreas de nascentes de pesquisa ou mesmo áreas de ênfase. Cada vez mais, os geógrafos têm reconhecido que, a fim de compreender o lugar da religião no mundo contemporâneo é necessário examinar não apenas os lugares abertamente religiosos, mas também outros espaços da vida cotidiana, que podem, ocasionalmente, ter funções e significados religiosos (...) As formas nas quais a religião é experimentada e negociada também são multifacetadas e multiescalares, a partir do corpo para o bairro, cidade, nação e entre as nações. Diferentes componentes da população em momentos diferentes nos ciclos da vida também experimentam a religião de forma diferente. (...) O crescimento recente na pesquisa geográfica vem reconhecendo essas várias diferenciações. No entanto, ainda há mais perguntas que necessitam de pesquisa. (...) (tradução nossa)

No entanto, é preciso ter cuidado para não interpretar o papel da religião como uma força universal (re) emergente (ressurgência), porque em alguns lugares ela tem se mantido permanente ao invés de ser nova, e a ênfase deve ser dada à continuidade, em vez de descontinuidades. Temos de evitar um discurso globalizante de pós-secularização. (...) Requer maior esclarecimento e maior esforço o que é religião e o que não é. Até agora, os geógrafos tendem a tratar a religião "como um objeto de estudo empírico" (...) em vez de se envolver mais profundamente com as bases teológicas e filosóficas da crença. (...) No entanto, o valor desse reconhecimento, para mim, não seria estimular uma ampliação da definição de religião, mas de realizar apropriadas implicações analíticas na pesquisa geográfica sobre a religião para esses outros fenômenos e para a geografia

humana em geral. No entanto, salvo exceções como essas, insights geográficos ainda não influenciaram significativamente as outras disciplinas. (tradução nossa)

O geógrafo cultural Hopkins (2011) reafirma a dificuldade que a geografia da religião teve para ser incluída nos debates da geografia cultural ressaltando a importância de Lily Kong⁴ nesta empreitada.

Vejamos a contrapartida brasileira. De um modo geral existem três abordagens da produção geográfica sobre religião católica no Brasil, elaboradas no decorrer da década de 1990 e 2000 e constantemente retrabalhadas, são elas:

- ROSENDAHL (ano de doutoramento - 1994) – que visa fundamentar a espacialidade da religião a partir da lógica da territorialidade da Igreja Católica no Brasil, além de propor temas tipificados para os estudos.
- OLIVEIRA (ano de doutoramento - 1999) – que visa fundamentar estudos na interface religião e turismo a partir da construção mítica de cidades-santuários, interpretando as representações através de rituais e práticas devocionais.
- GIL FILHO (ano de doutoramento - 2002) – que visa fundamentar a territorialidade da Igreja Católica a partir do discurso filosófico e da representação espacial da instituição.

Essa observação sobre os estudos brasileiros corrobora o que Hopkins (2011) afirma de que a religião é um marcador e em outros contextos, um catalizador, de categorização social no qual em algum momento da trajetória social de certos agrupamentos ela surge como modeladora espaço-temporal.

Nos estudos brasileiros desenvolvidos sobre a chancela destes três pesquisadores, percebesse que há mais ênfase na instituição, no tipo de organização que as instituições estabelecem no território e na funcionalidade existente na interface *economia e política*, do que na identificação de um repertório novo, no questionamento dos métodos empregados e no aparato teórico, sendo que a categorização do devoto é quase sempre descrita como aquele que recebe,

⁴ Em 2009, a geógrafa Lily Kong foi reconhecida com o “Association of American Geographers Robert Stoddard Award for Distinguished Service - Geography of Religion and Belief Systems”.

recebe, consome e não que produz, transforma, *presentifica* o sentido daquela religião⁵.

Isso poderia parecer surpreendente considerando os estudos geográficos brasileiros em religião e em cultura enquanto subcampos deste último, considerando que ambas as pesquisas se iniciaram com e no mesmo contexto (1989) e se desenvolveram com temas se interpenetrando, mas talvez isto seja um pouco reflexo do desinteresse dos geógrafos brasileiros humanísticos sobre a religião ou mesmo dos geógrafos brasileiros da religião no devoto enquanto indivíduo mentor, ator social participativo.

Todavia o ponto torna-se ainda mais crítico, pois o temário da religião enquanto vivência foi apresentada a comunidade acadêmica na tese de Rosendahl em 1994 junto com sua proposta temática que posteriormente tornar-se-ia uma proposta teórico-metodológica para os estudos em geografia da religião, contudo não teve a ressonância que poderia ser esperada considerando os debates geográficos internacionais que ocorriam paralelamente nos círculos acadêmicos mundiais⁶.

O devoto enquanto consciente de si, agente transformador, contestador e manipulador do seu universo simbólico religioso em paralelismo com o que acontece com as geografias femininas sobre o papel da mulher, dos jovens, dos gays, das lésbicas, aparece um tanto mal definidas ou mesmo distantes das pautas geográficas acadêmicas brasileiras.

É imbuída na complexidade do debate religião e geografia que esta tese se apresenta como uma pesquisa de geografia da religião peculiar: *não está focada* na instituição religiosa, Igreja Católica Apostólica Romana; no processo de difusão, na

⁵ Mesmo que no corpo do texto o devoto surja como a razão de ser daquela religião (isto parece óbvio, pois não haveria razão de existir a religião do “eu sozinho”, devido a natureza do conceito – religião x dimensão espiritual), ou mesmo como um agente importante, essa importância é descrita na passividade, na contemplação que este devoto tem perante aquilo que foi *criado* através da instituição.

⁶ são 4 proposições temáticas (ROSENDAHL, 1994, p: 19 e 30-34): Fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência das religiões ; Centros de convergência e irradiação religiosa ; Religião, território e territorialidade ; Espaço e lugar sagrado: vivência, percepção e simbolismo. Esta última sugere os aspectos subjetivos que produzem, reproduzem e transformam os lugares religiosos. A análise da composição, escolha e refutação de determinados objetos, símbolos e moralidades de cunho religioso em espaços e tempos qualitativamente diferenciados tornam-se objetos de estudo dos geógrafos. Espaço sagrado, espaço profano, lugar sagrado e outras categorias de análise surgem para identificar determinadas práticas de vivência, modos de percepção e concepções simbólicas.

formação dos centros de peregrinações; no mapeamento do devoto e de suas práticas devocionais; nem mesmo na força econômica que estes centros apresentam enquanto centros turísticos, ou na atuação provocada pelo discurso filosófico e representacional que a instituição possui isoladamente.

Complementando o objetivo deste trabalho apresentado na página 20, a tese está interessada no processo de elaboração e estabelecimento de um ‘projeto regional’ contemporâneo, fundamentada na gestão do imaginário religioso construído ao longo de século pela Igreja e por leigos, no Vale do Paraíba Paulista, considerando aquilo que Lily Kong (2010) chama atenção para o modo como a religião vem sendo experimentada e negociada, tornando-se multifacetada - diferentes significados e propósitos em tempos e espaços diferenciados, podendo inclusive atender a interesses contraditórios ou ambivalente no mesmo espaço e tempo -; e multiescalar (da escala do corpo, perpassando ao lugar, as paisagens e a região).

Reinterpretando o Vale do Paraíba Paulista e o ‘projeto regional’ à luz desse desafio de Kong, se observa que a área composta por uma série de municípios, dentre os quais cinco se destacam pela maneira em que associam política, economia, religião católica, uso social, público e controle de áreas para a prática religiosa católica vem sendo alvo de políticas estratégicas. São eles, no sentido oeste-leste: Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas e Cachoeira Paulista.

Entretanto, enquanto que, alguns destes municípios, **do ponto de vista que será trabalhada a tese**, aparecerão possuidores de áreas bem estruturadas, formando o primeiro uma hierópolis - Aparecida (ROSENDAHL, 2002); o segundo município lugares religiosos – Guaratinguetá; e por fim, Cachoeira Paulista uma paisagem religiosa; outros aparecerão como possuidores de fixos de uma rede de formas simbólicas religiosas – Lorena, e Canas como um protótipo ou lugar de futuro.

Considerando a diversidade de teorias necessárias para compreender o processo que se passa nestes municípios é que se observa a dinâmica existente ali como sendo um ‘projeto regional’ e percebe-se que apresenta os subsídios para experimentar o desafio de Kong, este de trabalhar a religião multifacetada e multiescalarmente.

Cabe ressaltar que estes elementos não estão conectados pela égide solitária de uma das partes, sendo elas a instituição religiosa, as prefeituras, as associações comerciais, comunidades religiosas e etc. Sua conexão está na prática religiosa que diversos sujeitos identificam como passíveis de serem vivenciadas em determinados lugares destes municípios e são geridas por diversos agentes com o intuito de torná-las viáveis aos que chegam e proveitosas para aqueles que ali estão fixados.

Neste ponto que a estratégia político-econômica elaborada pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), escritório regional de Guaratinguetá/SP e seus parceiros, buscava uma característica agregadora, e encontraram-na em primeiro plano como sendo a religião católica e em segundo plano o ecoturismo/ turismo de aventura, todavia o que possibilitou agregar essas áreas à religião enquanto “vocação” (conceito usado pelo SEBRAE/SP) foi à elevada taxa de turistas religiosos anuais e este fator tornou-se um embrião para pensar o ‘projeto regional’. O geógrafo Haesbaert (2010) muito questionar  essa associa o intuitiva de região com a busca de uma característica agregadora espacial.

O plano de gestão dessa área, fortemente marcada pela presença católica apostólica romana foi divulgado mais amplamente a partir do catálogo, em 2008, também chamado *Circuito Turístico Religioso do Vale*, contendo apenas as três primeiras cidades (Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista). Elaborado com a parceria do SEBRAE/Guaratinguetá/SP, a fim de promover a atividade turística neste Vale, envolveu as institui es municipais, as institui es religiosas e as micro e pequenas empresas locais.

Entretanto,   possível pensar as três cidades como formadoras de uma região fortemente cultural cuja prática religiosa hegemônica   a católica apostólica romana?

O estranhamento surgiu não da contesta o dos dados turísticos e das motiva es que atraem diversos visitantes para essas três localidades, mas da naturaliza o e demarca o da área onde estão localizados estes centros de peregrina o como uma *região cultural* do Vale do Paraíba Paulista.

De certa maneira, essa estratégia político-econômica desenha e se apropria das formas simbólicas espaciais construídas, que são marcas/matrizes (BERQUE, 2004) da produ o da religiosidade presente no *Circuito*. Essas marcas/matrizes acarretam um imaginário coletivo simbólico, que estaria presente no discurso

político-religioso produzido por aquele grupo participante da elaboração do catálogo, no qual induziria o católico a consumir e vivenciar a fé no *Circuito*.

O catálogo apresentava a região como estabelecida, pronta. O católico surge como um receptor e consumidor do lugar religioso e de suas formas espaciais simbólicas, ou muitas vezes, um *percorredor* dos geosímbolos contidos naqueles lugares. Este consumidor do religioso é um receptor, um agente passivo no modelo de interpretação.

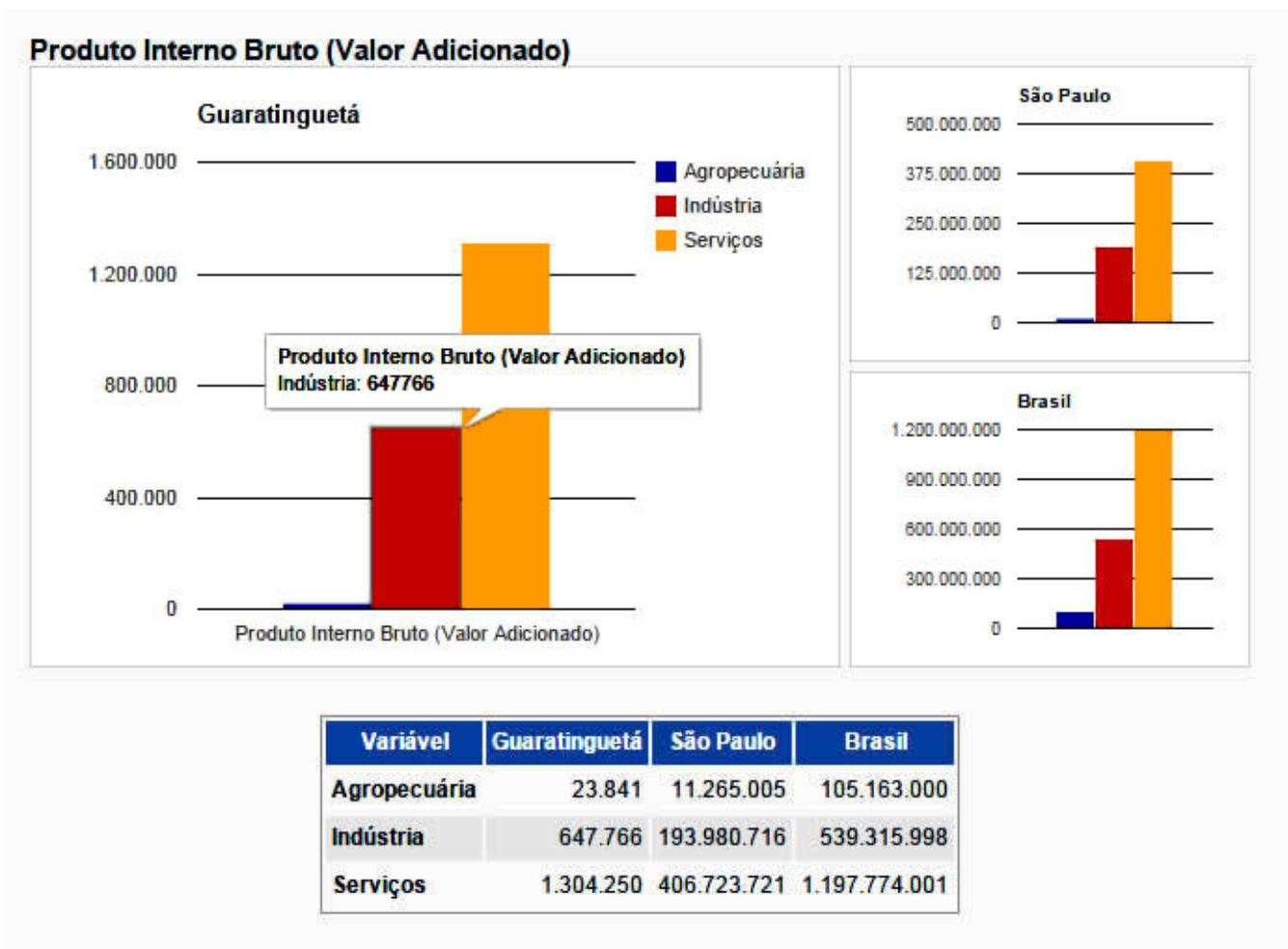
Todavia, deve-se fugir da adoção de uma lógica simplista com relação aos objetivos intrinsecamente políticos, sociais e identitários naquela área. Não se deve partir de algumas “constatações” empíricas sem problematizá-las. Essa naturalização pode-se levar a ignorar as diversas camadas de historicidade do Vale do Paraíba que outrora, no período da cafeicultura (ciclo do café) foi possuidora de um peso econômico significativo no Brasil — mas que se apresenta, atualmente, com características “altamente” religiosas, contudo a área não sobrevive da economia gerada pelo turismo, como exemplo, pode-se citar Guaratinguetá – um município industrializado cujo um-terço do PIB provêm do setor secundário como pode ser observado na Figura 4.

Ao elaborar uma descrição sobre os atributos atuais “característicos” destas cidades, associados ao conceito de região cultural clássico, esse oriundo da observação indutiva-experimental, haverá, realmente, uma série de formas simbólicas espaciais identificadas ao catolicismo, ou seja, formas simbólicas espaciais, signos identitários, geosímbolos e, sobretudo, uma contiguidade espacial capaz de “produzir” uma região de fato cultural – como afirmaria Corrêa (2008) sobre o fundamento daquele conceito.

Essa naturalização exigiu uma revisitação daquele conceito de região cultural proposto por Corrêa (2008), pois o olhar sobre o objeto de pesquisa é expresso pelo tipo de conceito empregado para descrevê-lo e analisá-lo ou o tipo de noção usada para compreendê-lo, e nesse ponto, a indução inventariada através da experimentação de campo contida em algumas descrições das formas simbólicas espaciais e práticas religiosas estava dificultando, pela fuga da crítica indutiva, a percepção da complexidade de uma delimitação regional principalmente caracterizada pela ação cultural religiosa, devido a um fato primordial: o católico não

era um agente receptor, passivo e consumidor, em realidade, este crente na maioria das vezes, era o produtor das formas simbólicas espaciais, ativo e mantenedor.

Figura 4: PIB de Guaratinguetá - 2011



Fonte: IBGE Cidades, disponível em 03/11/2014, no endereço: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=351840&search=sao-paulo|guaratingueta|infogr%E1ficos:-despesas-e-receitas-or%E7ament%E1rias-e-pib>>

Na realidade, não há apenas diversos agentes sejam eles católicos ou não, mas uma série de católicos ativos que possuem em comum a religião, diferenciando-se na realização de suas práticas religiosas no interior do catolicismo, o que dificulta a padronização horizontal, porque massificada, de uma região cultural com fins de turismo padronizado.

Sendo a prática religiosa diferenciada, o estabelecimento de um calendário padrão também é prejudicado. A noção de tempo assim como a noção de espaço

estabelecem contatos entre o corriqueiro e o extra-cotidiano primordiais para o entendimento e os *nexus* dos estudos que privilegiam a religião como seu macro objeto.

O espaço-tempo qualificado é, porque detentor de qualidades únicas, primordial enquanto referência para as práticas religiosas. O homem e a mulher religiosos saem da esfera do cotidiano ao vivenciarem lugares e tempos tidos como incomuns e como tais qualificados, revitalizadores de suas crenças e fé, capazes de reconectá-los aos mitos primordiais que alimentam sua conduta, seus princípios e sua espiritualidade. Cada um destes elementos: os agentes religiosos ou não e seus interesses multifacetados, os católicos ativos, as práticas religiosas diferenciadas, o lugar e o tempo qualificados, tornaram a problemática mais complexa do que taxar o conjunto daquelas cinco cidades de região.

O desafio de kong, nesta pesquisa, está em associar teoria, recorte espacial e temporal do objeto e objetivos de modo construtivista a partir da lógica que nasce da dialética do trabalho de campo e da teoria com suporte estabelecido nos métodos. À medida que os questionamentos secundários surgem, são acionadas chaves de leitura analíticas ou compreensivas com o intuito de clarificar os problemas apresentados a fim de tornar a leitura um fluxo de informações. Deste modo, foram necessários exaustivos levantamentos bibliográficos e devido a essa natureza de acionamento não nos dedicamos a fazer um histórico a cerca dos primórdios de certos conceitos, ou mesmo, um retorno histórico minuciosamente datado do surgimento dos municípios em voga nesta tese.

CAPÍTULO II – MOSAICO DE POSSIBILIDADES PARA O ENTENDIMENTO DE UM “PROJETO TURÍSTICO REGIONAL” COMPLEXO

"O objetivo do conhecimento não é descobrir o segredo do mundo numa palavra mestra. É dialogar com o mistério do mundo."

Edgar Morin (Citações)

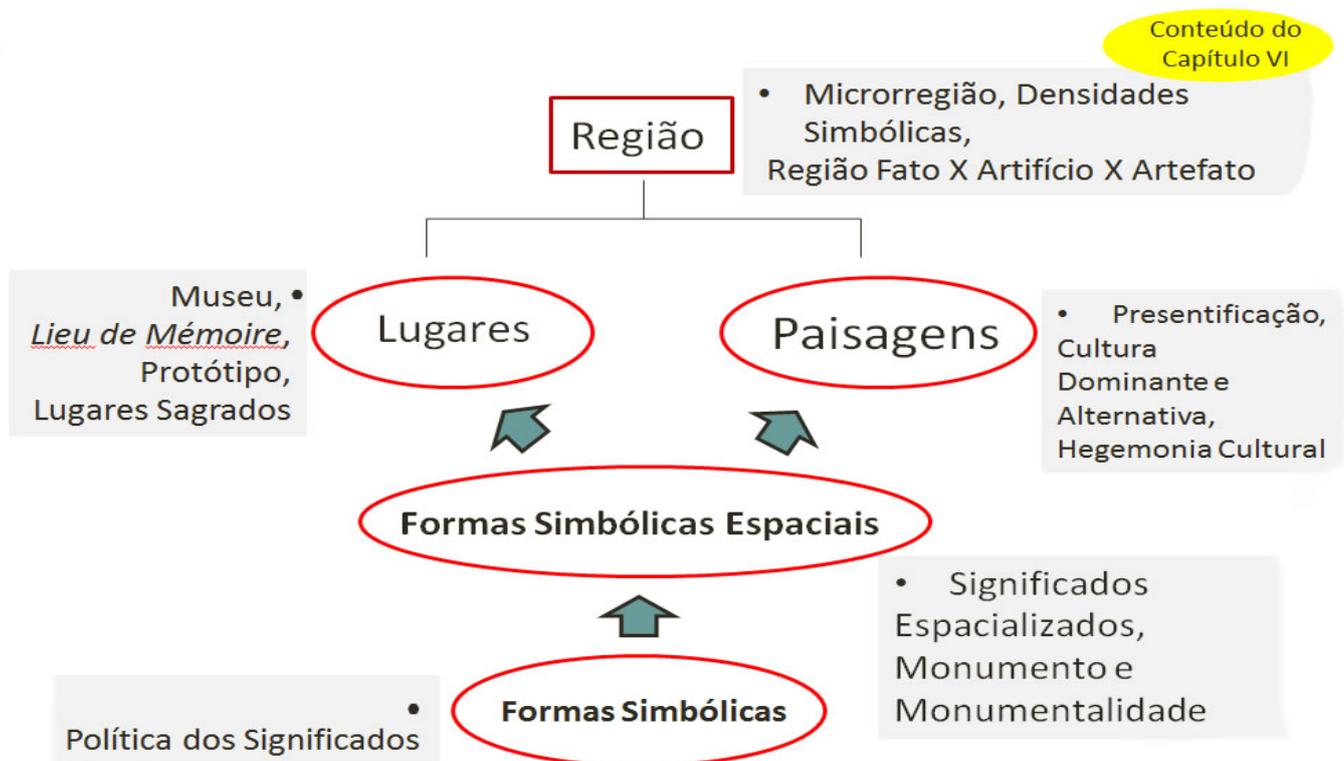
Esta tese de forma alguma pretende esgotar o assunto proposto. Está imbuída da ideia do exercício do diálogo entre diferentes noções e conceitos a fim de propiciar uma pluralidade de olhares ou possibilidades de análises e de compreensão sobre recortes espaciais e temporais cuja função religiosa sobrepõem-se, devido a maneira como o pesquisador debruça-se sobre o pesquisado, às demais funções que a área delimitada possui e é capaz de exprimir.

Sendo assim, o presente capítulo consiste em um exercício reflexivo, dividido em seções que apresentam-se necessários para os debates e as pontes entre as noções e os conceitos trabalhados pela abordagem cultural em Geografia, pela geografia da religião e os diversos elementos que compõem o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista.

Essas seções estão baseadas em 10 anos de observações e leituras iniciadas na graduação e continuadas durante o doutoramento. Versam sobre (a) turismo religioso e peregrinação, uma revisão teórica balizadora para o capítulo II no qual se discutirá a hierópolis de Aparecida e o intenso fluxo de romeiros; (b) o olhar diferenciado da geografia cultural renovada sobre os museus para compreender as questões relativas ao Santo Frei Galvão no capítulo III; (c) as formas simbólicas espaciais ou os fixos simbólicos espaciais arranjados de modo a produzirem paisagens culturais religiosas e grandes monumentos para a exaltação da religião - referências para o capítulo IV. Essas discussões teóricas são diversificadas e aparentemente desconexas devido a peculiaridade de cada município e a tentativa de fugir ao enquadramento de um conceito único norteador, criando assim um mosaico de possibilidades e linhas de raciocínio a fim de revelar a complexidade envolta do objeto de estudo.

Compreendido o exposto, as seções seguirão o percurso estabelecido nos demais capítulos III, IV, V e VI para fins didáticos e antidigressivos, facilitando a consulta, visto que podem ser acionadas a partir das dúvidas e releituras dos leitores. As mesmas representam os fundamentos teóricos sobre os quais a tese se estrutura, entretanto não representam os únicos debates teóricos da mesma, em realidade, o conteúdo aqui exposto foi representativo para integrar um capítulo à parte por estar (a) vinculado ao Circuito de uma forma mais plena, permeando ora prioritariamente em um município, ora secundariamente em outro; e (b) pertencer ao arcabouço da Geografia cultural. A seguir, o esquema 1 apresenta a proposta:

Esquema 1 - Estrutura das Noções e dos Conceitos Geográficos da Tese



Fonte: Elaboração própria.

2.1 SEÇÃO: TURISMO RELIGIOSO E PEREGRINAÇÃO

O cardeal Raymundo Damasceno Assis (2013) admitiu que o turismo é um fenômeno bastante forte que relaciona descanso e busca de conhecimento sobre lugares e obras humanas. O considera uma “fonte de renda inesgotável” e cita o

papa João Paulo II ao distanciar a prática econômica da banalidade referente ao ato de consumir.

Recorda que, em 1969, a Pastoral do Turismo e a Pastoral dos Itinerantes e Migrantes já levantavam a bandeira da valorização do turismo religioso sob a ótica de tutelar o caráter sagrado das festas e assegurar o elemento espiritual que permite ao cristão vivenciar sua fé e exercer sua ação missionária.

Ele associa o acolhimento e a hospitalidade intrínseca a prática do turismo às atitudes cristãs de amor ao próximo que o tornam muito além de uma atividade econômica, mas uma possibilidade de perseverar na graça e na salvação, em suas palavras:

Ao longo do tempo, o turismo tem se segmentado de forma a atender públicos e interesses específicos. Um desses segmentos é o 'turismo religioso', que cresce cada vez mais tanto dentro quanto fora do país. Por meio dele as pessoas, individualmente ou em grupos, têm a oportunidade de conhecer verdadeiros 'lugares teológicos'. São peregrinações a Terra Santa, a Santuários, Igrejas, festas religiosas, cruzeiros, muitos deles com guias espirituais, celebrações e orações durante a viagem. Para muitos, o turismo religioso se constitui num verdadeiro retiro espiritual. (...) O turismo religioso pode ser visto como sinal de que a pessoa quer retomar a Deus. Por isso, os santuários e lugares sagrados, visitados pelos turistas, devem ficar atentos para que não ocorra nenhum gesto ou atitude que leve à exclusão das pessoas. Para muitos turistas, lembra-nos o Pontifício Conselho, essas visitas constituem a ocasião quase única de conhecer a fé cristã (ASSIS, 2013, p. 5).

Sob o ponto de vista do turismo em si, Oliveira (2006) afirma que, se a área for possuidora de infraestrutura mínima e atraente cenicamente, poderá se tornar um manancial de oportunidades profissionais e desta maneira agregar outros setores como a economia à dinâmica cultural.

Todavia Oliveira (2006) relembra que o turismo religioso é um campo específico de práticas sociais marcadamente contemporâneas e que a noção de consumo de bens e de serviços faz parte da estrutura da sociedade moderna não havendo contradição entre fé e satisfação de necessidades:

Pensando bem, um religioso pode e deve fazer turismo simplesmente porque, como ser humano, tem direito a bens e serviços da sociedade moderna; um viajante motivado pela fé não precisa, necessariamente, abrir mão de outras motivações nem deixar de satisfazer outras necessidades. Por acaso a fé exclui toda forma de prazer, sociabilidade, riso e diversão? (OLIVEIRA, 2006, p. 12).

Seguindo a linha de raciocínio, o legado patrimonial, artístico e religioso que compõem os santuários e lugares sagrados, conciliados a religiosidade católica no país geram um quadro atrativo suficientemente forte e balizado para a prática do turismo.

A devoção do católico que o leva a peregrinar, assim como as ações comerciais, financeiras e econômicas que geram a infraestrutura básica ao romeiro encontram respaldo no clero contando que o elemento espiritual e o caráter sagrado mantenham-se incólumes e tutelados pela instituição.

Essa observação acerca da tutela torna-se importante para compreender as parcerias que a instituição católica irá realizar a fim de promover o turismo religioso. O apoio da Igreja legitima perante o fiel católico o aval para a vivência e divulgação da experiência religiosa junto ao turismo. Ao mesmo tempo, a participação deste fiel mantém e atualiza o sentido da manifestação festiva, dando visibilidade a religião e ocasionalmente angariando mais pessoas ao rebanho cristão.

A percepção da via de mão dupla no qual o mistério religioso mantém-se imaculado do mundano revigora e atrai novos membros, sejam da juventude, sejam de outras religiões. Todavia, o planejamento estratégico das entidades civis e laicas na manutenção de bens patrimoniais dos municípios não deve ser confundido com aquilo que chamou-se de mundano.

O mundano - um termo nativo presente no discurso dos fiéis católicos ou membros do clero - refere-se, no caso do turismo, à dicotomia entre a motivação religiosa e a obtenção de serviços, ou seja, as questões financeiras: a busca por Deus ou pela oferta de bens sagrados e rituais?

O geógrafo Oliveira (2006) aponta que essa dicotomia está na relação entre fé e sacrifício. No caso do catolicismo, quase sempre o deslocamento até o santuário, ou seja, a peregrinação está imbuída nessa relação. Diferente das outras modalidades de turismo, peregrinar, afirma o geógrafo, é “uma viagem de volta, um retorno” afiliando-se a teoria do *in illo tempore* de Mircea Eliade (ELIADE, 1992, p.43).

Neste contexto, destaca-se então a figura do peregrino. Este tipo singular ao realizar a sua *performance*, permite ao expectador atento identificar o

comportamento religioso manifestado materialmente, a medida que através do ritual de celebração que participa, amparado aos elementos espirituais contidos em certos lugares, com seus símbolos e significados, o agrupam a uma coletividade religiosa.

Rosendahl (1996) afirma que o peregrino é um agente singular que não permanece ao longo do tempo nestes lugares. Esta prática para a geógrafa, deve ser compreendida em sua função social de transformação do espaço no qual torna-se possível identificar a fé, a crença e a devoção de maneira materializada, onde normas, discursos e fronteiras representam um quadro de referências dos limites invisíveis que efetivamente delimitam estes lugares sagrados, tornando possível significar o seu conteúdo simbólico, religioso e político.

Sobre a identidade ao mesmo tempo simbólica e espacial que os lugares e as paisagens podem possuir, Haesbaert (1999) reflete que a mesma extrapola as bases materiais, concretas, políticas e de fronteira. Essa extrapolação não nega as áreas a sua importância física, muito pelo contrário, nos revela que é essa imaterialidade que torna possível a inteligibilidade da coisa física. Neste sentido, é na apropriação do espaço que a dimensão concreta e funcional é percebida mais contundentemente, porém é através da dimensão simbólica que a relação homem-lócus efetivamente se estabelece.

Entendido como uma relação complexa em constante mutação, observa-se que a identificação simbólica no qual uma área se destaca como fundamental, terá necessariamente uma identidade espacial. A identidade, em sua própria análise filológica, expressa a relação de similitude, igualdade ou semelhança, e comparativamente a outras identidades, expressa a noção de alteridade. *Identificar*, como o termo diz, é fazer uma relação de reconhecimento, distinção daquela coisa perante as demais ou estabelecer uma identidade. Apesar de descritivamente o ato de identificar parecer algo inato ou natural, determinar ou delimitar seu alcance evitando estereotipação é tarefa complexa. Desta maneira afirma Castro (2009, p.10):

Muito mais difícil, é definir a identidade de um grupo de indivíduos, de uma 'cultura' ou 'civilização', por sua abstração e a grande carga simbólica e ideológica presente em sua construção.

Deste apanhado sobre a identidade simbólica e espacial deve-se compreender que assim como os demais conceitos que se referem ao homem,

identidade é processo em perpétua mutação, geradora de não somente uma compreensão, mais diversas.

A complexa relação entre identidade simbólica e espacial deve-se a própria natureza transformadora humana. Seguindo esta linha de interpretação, Gil Filho (2009) reinterpreta o filósofo Cassirer e sua proposta de que todas as relações que o homem possui, apresenta, mesmo que minimamente uma ordem simbólica. Afirmar isso significa que o homem: (a) constrói para si um significado pessoal sobre o mundo e com as interações na vida de relação, e (b) elabora uma linguagem interpessoal relativamente comum a fim de possibilitar a sua comunicação em comunidade. Estas “duas linguagens”, para o filósofo, realizam-se a medida que podem ser fixadas ou orientadas espacialmente, de maneira primária e temporalmente, de maneira secundária (CASSIRER, 1992).

Cabe ainda ressaltar que Rosendahl (2006, p.10) chama a atenção para duas concepções diferentes destinadas às análises sobre peregrinação. O primeiro se refere à concepção tradicional, no qual:

a força milagrosa do lugar decorre de sua capacidade inerente de exercer um poder devocional sobre os peregrinos e transmitir, por si mesmo, forte significado para seus adoradores. Sua força é gerada internamente e seus significados são predeterminados.

Enquanto que na segunda concepção, chamada de pós-moderna, o santuário fornece um espaço ritualístico para os significados que os fiéis já trazem para o lugar. Os peregrinos, na concepção pós-moderna, impõem ao santuário o poder milagroso que trazem dentro de si mesmos. O peregrino recorre ao lugar na busca do ambiente adequado à manifestação do sagrado.

O próprio papa Francisco (2013, p.1) afirmou em discurso aos jovens na Vigília ocorrida em 27 de julho durante a Jornada Mundial da Juventude (JMJ - Rio 2013/ Brasil) que a mudança daquela vigília marcada para ocorrer em Campo Fidei (Guaratiba/ RJ) para a Praia de Copacabana (Rio de Janeiro/ RJ) ocasionada pelo mau tempo do inverno fluminense poderia representar a vontade divina:

Hoje, queridos jovens, o Senhor Ihes chama! Não em magote, mas um a um... a cada um. Escutem no coração aquilo que Ihes diz. Penso que podemos aprender algo daquilo que sucedeu nestes dias: por causa do mau tempo, tivemos de suspender a realização desta Vigília no “Campus Fidei”, em Guaratiba. Não quererá porventura o Senhor dizer-nos que o verdadeiro “Campus Fidei”, o verdadeiro Campo da Fé não é um lugar geográfico, mas somos nós mesmos? Sim, é verdade! Cada um de nós, cada um de vocês,

eu, todos. E ser discípulo missionário significa saber que somos o Campo da Fé de Deus. Ora, partindo da denominação Campo da Fé, pensei em três imagens que podem nos ajudar a entender melhor o que significa ser um discípulo missionário: a primeira imagem, o campo como lugar onde se semeia; a segunda, o campo como lugar de treinamento; e a terceira, o campo como canteiro de obras.

A simbologia evocada pelo então papa se remete a (1) parábola do semeador e da reflexão comportamental sobre o corpo como terreno e as boas ações como sementes promissoras; (2) o treinamento se refere à prática cotidiana da escolha de boas ações (são elas o *“amor fraterno, do saber escutar, do compreender, do perdoar, do acolher, do ajudar os demais”* – PAPA FRANCISCO, 2013, p.1), e do testemunho da fé; e por fim (3) o canteiro de obras é a congregação, a Igreja que deve ser construída, que chama os jovens a serem protagonistas de sua Igreja.

Toda essa simbologia deve encontrar o respaldo na Bíblia, pois o cristianismo é uma das “religiões de livro” (segue algum livro sagrado), assim, o papa finaliza seu discurso:

Vocês são o Campo da Fé! Vocês são os atletas de Cristo! Vocês são os construtores de uma Igreja mais bela e de um mundo melhor. Elevemos o olhar para Nossa Senhora. Ela nos ajuda a seguir Jesus, nos dá o exemplo com o seu “sim” a Deus: «Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra» (Lc 1,38). Também nós o dizemos a Deus, juntos com Maria: faça-se em mim segundo a Tua palavra. Assim seja! (PAPA FRANCISCO, 2013, p.2)

O discurso apresentado reforça que o peregrino católico pós-moderno, ou seja, o fiel católico pós-moderno tem o Sagrado em si, mas precisa ir ao lugar sagrado para receber a manifestação (ROSENDAHL, 2006). Numa visão durkheimiana (2000), afirmar-se-ia que o devoto precisa da comunidade afirmando que esta gera a coesão e o pertencimento que ele necessita para organizar a sua cosmologia. Entretanto em uma visão espinozista (2009) seria também ressaltada a importância da comunidade, mas não como necessidade do devoto e sim como uma necessidade expressa na estratégia originária de Moisés para prender aqueles homens junto a si, formando uma comunidade religiosa, ou seja, o poder da instituição no comando e no controle dos devotos.

Diversos estudos indicam que a Igreja entende que dominar é controlar coisas e pessoas e para isso precisa dessa comunidade reunida. As teorias que falam da

mudança de comportamento das multidões também reforçam a ideia de efervescência religiosa do culto. Na prática, a religião irá valorizar o culto, enquanto que as práticas espirituais do tipo New Age irão valorizar a retidão do espírito sem a necessidade do culto.

2.2 SEÇÃO: MUSEUS - UMA INTERPRETAÇÃO APLICÁVEL ÀS MEMÓRIAS SACRAS

A palavra “museu” no *léxico* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira designa: *“Lugar destinado não apenas ao estudo, mas também à reunião e exposição de obras de arte, de peças e coleções científicas, ou de objetos antigos, etc.”*.

Em trabalhos anteriores (FRANGELLI, 2007), verificou-se que a associação de museu a um lugar que guarda efetivamente objetos está primeiramente ligada à questão da preservação, e apenas conotativamente se remete a memória. Em outras palavras, o sentido de preservar está em primeiro plano e suas outras funções modernas vêm como consequência, sejam elas, as funções de investigar, recolher, exibir e promover o conteúdo guardado, sejam para atingir a finalidade educacional, de devoção e/ou de lazer propriamente.

A origem de seu nome viria do grego *Museion* no qual designava o lugar onde se guardava os conhecimentos da humanidade (KERRIOU, 1992), porém a entrada somente era permitida aos intelectuais e dirigentes da época (contexto da Grécia Clássica).

Ao passar dos séculos, existiram diversos “protótipos” daquilo que se definiria como museu, da própria ideia de conservar e das questões acerca do patrimônio cultural dos povos. Segundo Magalhães (2005) as primeiras instituições museológicas modernas surgiram no século XVIII junto ao contexto iluminista, das revoluções burguesas, das ideias democráticas, enfim da criação do Estado-Nação e do processo de secularização europeus.

Estes elementos serão responsáveis por desenvolver a noção de acessibilidade aos bens culturais e a transmissão de conhecimentos abertos ao

público em geral, e não mais a uma “casta” de privilegiados por nascimento. Assim, o museu transforma-se em um edifício de valor arquitetônico onde eram recolhidas coleções de objetos por seu valor histórico para aquele povo, espólio de outra nação e estético, responsável pela preservação e exposição com certa regularidade destes mesmos objetos.

Esta definição foi refinada ao passar dos anos, como também exportada para fora do território europeu. Mesmo assim, o museu onde quer que fosse reproduzido, continuou a representar um lugar privilegiado para a transmissão de mensagens objetivas e subjetivas a respeito daquilo que se desejava preservar - o porquê de preservar determinados objetos em detrimento de outros-; escolhas a respeito daquilo que será exposto; pôr determinada peça em foco enquanto outras se tornam apagadas perante o destaque dado ao primeiro; como também o momento histórico dos objetos - o destaque dado a determinado processo em relação a outro-; e etc., que na contemporaneidade, diz-se “fundamentalmente” a serviço da sociedade. Entretanto sua mensagem está condicionada a

um discurso pré-elaborado por algum especialista, [aquele] quem decide seu conteúdo, ou seja, o que dizer e como dizê-lo. Este especialista [diz-se] apoiado cientificamente em uma investigação do grupo produtor assim como do mesmo objeto (KERRIOU, 1992, p.90).

Para determinado objeto ser exposto é necessário criar uma atmosfera envolvente e outros fatores sensoriais que despertem vontades, interesses, sensações e associações da peça com o restante dos objetos expostos.

Para o *outsider* torna-se essencial as informações de cunho explicativo e a transmissão de conhecimento sobre a história e o momento histórico da criação da peça. Nesse ponto, é importante reconhecer a participação dos mais diversos especialistas a fim de desenvolver o enumerado acima, todavia o que está sendo questionado não é a questão operacional em suas mais diferentes escalas, e sim aquela primeira vontade, a do especialista que determina aquilo que será exposto, ou preservado, ou mais que isso, o do grupo da sociedade representado no tal especialista que determina o que será exposto ou preservado.

As perguntas, deste modo, são: o que é considerado na criação de instrumentos para preservar as culturas? O patrimônio cultural é a vontade de

determinado grupo da sociedade de se reproduzir e ao mesmo tempo, de destacar seus valores em detrimento de outro grupo que não tem o mesmo espaço de preservação? No caso religioso, a criação de museus parece indicar um duplo movimento. No primeiro momento, visa demonstrar e reforçar a participação da religião na vida social, cultural-artística, política, histórico-geográfico de uma dada população. No segundo, objetiva expor através do modelo de algumas vidas santificadas pelo divino, o próprio exemplo de retidão esperado pela religião no mundo.

Os museus, dependendo do conteúdo, dos objetos e da mensagem a ser transmitida são classificados em tipos. O museu sacro é aquele que guarda a memória de santos e santas, os objetos usados por esses ou pintados/ esculpidos em homenagem e exaltação do Sagrado e seus escolhidos, tentando transmitir mensagens doutrinárias, reflexivas e espirituais sobre a religião que o comanda. Alguns destes museus não possuem a função de relicário somente, eles tentam reviver, produzir um sentimento de identidade religiosa, podendo ser classificados como *lieux de mémoire*.

2.2.1 O *lieu de mémoire*: uma proposta para os museus sacros

O *lieu de mémoire* - conceito criado por Pierre Nora (1989) com o objetivo de fundamentar a teoria de uma coleção a respeito da memória nacional francesa, posto que sendo o organizador e mentor da referida obra, lançou-se mão do conceito a fim de orientar os diversos especialistas em torno da mesma temática.

A memória, em geografia, possui muitas nuances. No capítulo de introdução de sua consagrada obra *Espaço e Lugar*, Yi-Fu Tuan (1983), se pergunta sobre a natureza do lugar, aquilo que o dá identidade, e abre a discussão declarando que os lugares são centralidades aos quais as pessoas que ali vivem ou convivem atribuem um valor simbólico. As pessoas em sua complexidade são formadas de pensamentos, sentimentos e estados de espírito momentâneos, as quais em uma esfera íntima de relacionamento com determinadas áreas, ou seja, numa escala individual ou de grupos, desenvolvem nexos simbólicos espaciais onde é possível

apossar-se da área e chamá-la de sua. É nessa escala que surge o lugar da geografia humanística.

Esse sentido de posse é algo forte e inteligível quando pensamos na questão da propriedade. A casa onde se mora, a sala onde se trabalha, o carro que se dirige, o quarto onde se dorme, todos tem em comum o espaço cotidiano onde se passa longos períodos do dia, espaços conhecidos pela convivência e pelo número de experiências que se desenvolvem ali onde se verifica que múltiplas são essas experiências processadas, ou seja, a história que se constrói naquele lugar. *“Toda pessoa está no centro do seu mundo. (...) O lugar existe em escalas diferentes. Em um extremo, uma poltrona preferida é um lugar; em outro extremo, toda a terra”* (TUAN, 1983, p. 46 e 165). Assim compreende-se porque muitas pessoas consideram a sua casa o lugar central de suas vidas, e em outra escala o bairro, o município, o estado, o país - em um sentido marcadamente etnocêntrico-, e em níveis mais abstratos o próprio planeta.

O lugar na perspectiva humanística envolve, como diz Mello (2000), uma explicação simples porque relativamente comum a todas as pessoas e seus cotidianos rotineiros, mas que guardam quando observadas pelo pesquisador das ciências sociais, complexas interligações de sentimentos, experiências, sensações e construções simbólicas a propósito da psicologia, da subjetividade, do íntimo; dos seres humanos. Se não bastasse essa esfera complexa de subjetividade intransponível, verdadeiro desafio ao geógrafo, os lugares transmitem as pessoas afetadas pelo mesmo, um sentido arraigado de proteção, pois é uma área conhecida dessas pessoas.

Segundo Cosgrove (1999), a geografia cultural apresenta-se como uma abordagem inovadora, devido a sua maneira de se relacionar com o tempo. Espaço e tempo não estão dissociados, existe uma conexão temporal, na qual a história linear em que se esta acostumada a representar ganha flexibilidade, sendo possível interromper o fluxo do tempo, no qual passado-presente-futuro se cristalizam, passando de uma esfera de vir-a-ser para uma esfera imaginativa. É nessa nova percepção que se baseia o *lieu de mémoire*.

O conceito acima começou a ser criado, a partir da constatação de Nora (1989) sobre o contexto contemporâneo de ruptura com o passado, em que já não

há mais *milieu de mémoire* (lugares reais de memória), no qual o autor verificou uma sede de conservação e preservação dos bens culturais e a necessidade de se criar lugares onde seria possível a corporificação da memória.

Com o advento da mídia, a percepção sobre a história se modificou, ou seja, com a aceleração do tempo ocorreu uma ruptura entre a memória real ou social (as tradições, o *savoir-faire*) e a história (aquela que organiza o passado, que cria um senso de linearidade, cria fatos históricos).

O que haveria na hipermodernidade é uma memória espontânea, sem um passado, arraigada a crença de modificar-se sempre, porém, contraditoriamente, caso essa crença fosse de toda soberana, não haveria essa corrida e necessidade voraz de preservação; de outra maneira se não houvesse ameaça de desaparecimento não haveria necessidade de conservação.

Na era da globalização, a natureza da sociedade (das partes dela) e não mais a natureza da nação (do coletivo) passou a ser o foco das identidades de grupo, o que facilitou a transferência de um interesse real do passado para uma predição real do futuro, ou mesmo um hedonismo do presente. Assim a memória passou a ser um fenômeno também individual.

A proposta do *lieu de mémoire* é resgatar aquela dimensão perdida: a memória-história (a corporificação da memória). Entende-se então esse conceito como um lugar privilegiado onde se estabelece um vínculo comunitário ou societário, no qual os membros da comunidade ou sociedade se identificam como grupo e onde processos de ritualização persistem em reviver essa memória social, pois memória de grupo (toda memória é ativa, vem à tona, se modifica e ao perder seus motivos de celebração, perde sua razão de ser, estando fadada ao esquecimento).

Devido a esse sentido de processo - etimologicamente associado à mudança, início-meio-fim, contido na memória, o vocábulo ritualização é pleno de correspondência: um ritual é o meio pelo qual os elementos capazes de reviver a memória transcrita em um ato, numa figura mítica, num ente místico, em escala local, nacional e/ou global, em um ritmo (tempo), em uma área pré-definida (espaço), encontram-se compilados com o objetivo de trazê-la (memória) de volta ao convívio do grupo e assim reafirmar a identidade do mesmo.

Alargando um pouco mais a discussão, verifica-se que a memória está relacionada com a vida, porque permanentemente em evolução:

aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas sucessivas deformações, vulnerável à manipulação e à apropriação, suscetível a ficar por muito tempo latente e a ser periodicamente revivida (NORA, 1989, p.3).

A história por sua vez, é uma construção complexa do passado tendendo a uma pretensa autoridade de universalidade, num sentido abrangente e explicativo dos fatos, sujeita a mutabilidade, a não ser nos casos de novas descobertas ou comprovações de fatos históricos, sendo, portanto revistos.

Observa-se que o *lieu de mémoire* apresenta-se com uma noção de remanescente, de corporificação de uma consciência da memória de uma contemporaneidade que a necessita por tê-la abandonada. E surge:

(...) em virtude da desritualização de nosso mundo, produzindo, manifestando, estabelecendo, construindo, decretando e mantendo - por artifícios e renovação - uma sociedade profundamente absorvida em sua própria transformação e renovação, uma sociedade que inerentemente valoriza o novo que o antigo, mais o moço que o velho, mais o futuro que o passado. Museus, arquivos, cemitérios, festivais, aniversários, tratados, deposições, monumentos, santuários, irmandades - tudo isso são marcos limítrofes de outra época, ilusões de eternidade. É a dimensão nostálgica dessas instituições devotas que as faz parecer assediadas e frias: elas marcam os rituais de uma sociedade sem ritual; particularidades integrais em uma sociedade que nivela a particularidade; sinais de distinção e de pertencimento a um grupo em uma sociedade que tende a reconhecer os indivíduos apenas como idênticos e iguais" (NORA, 1989: 7).

Neste contexto, os *lieux de mémoire* trazem de volta o sentido do coletivo, de unidade presente nas celebrações, nas organizações, mais ainda na ritualização destas celebrações como uma forma de reanimar essa memória social perdida, pois sem esse processo de "retorno a vida", logo a sua outra face vem à tona, o esquecimento.

Com o reconhecimento destes lugares da memória-história religiosa, faz-se possível reanimar as identidades católicas, pois a história deforma e cristaliza a memória, paralizando-a no fluxo do tempo, exatamente nestes *lieux de mémoire*, para depois retorná-la a linha natural do tempo, como memória social armazenada e referencial de identidade cristã.

Diferente do que afirma Nora (1989, p.2) a: “*Repetição ritual de uma prática intemporal, numa identificação primordial de ato e significado*” que ele chama de memória verdadeira, aquela viva, pulsante que jamais poderá ser essa memória social armazenada, no caso católico, pulsa e torna-se memória social armazenada à medida que novos milagres são registrados e as salas de ex-votos aumentam.

Existe um drama por detrás desta necessidade de reviver as identidades de grupo. Ele é identificado na pós-modernidade através da excessiva individualidade, a busca pela diferença, da velocidade do futuro que impossibilita, pelo menos em curto prazo, determinar o que deve ser conservado do tempo presente, e na dúvida conserva-se tudo (NORA, 1989).

A preservação de certas coisas a fim de evitar a perda de inúmeras riquezas foi internalizada como um dever individual. A perda dessa memória social exigiu que cada indivíduo recriasse a sua identidade a partir de sua própria história e nascimento (não mais origem que remete a nação), sobre o paradigma da liberdade pessoal de escolha, ou seja,

(...) A transformação da memória implica uma virada decisiva do histórico para o psicológico, do social para o individual, da mensagem objetiva para a sua recepção subjetiva, da repetição para a rememoração. A total psicologização da memória contemporânea acarreta necessariamente (...) [uma nova identidade] (...) do self (si mesmo), da mecânica e da relevância do passado (NORA, 1989, p.11).

Na contramão dos acontecimentos, um movimento forte emerge da busca desenfreada pela história de si mesmo: a busca do ontem para compreender o hoje. Nessa contramão emerge os *lieux de mémoire*: lugares naturais, artificiais, simples ou monumentais, possuidores de quatro qualidades: (a) uma concretude física, (b) um material simbólico, (c) uma possibilidade de ritualização e (d) um aparato funcional, no qual literalmente ocorre uma descontinuidade no tempo.

Eles são criados a partir da interação memória-história e das suas quatro qualidades enumeradas. Sobrepondo-se a isso, são embasados na vontade de recordar. O dueto memória-história se identifica como:

A memória se prende a sites [lugares], enquanto que a história se prende a acontecimentos. (...) No entanto, ao contrário dos objetos históricos, o lieu de mémoire não têm referente na realidade; ou, melhor dizendo, eles são seus próprios referentes: signos puros, exclusivamente auto-referenciais (NORA, 1989, p.20-1).

Em contraposição ao *lieu de mémoire* de Nora (1989), estão os lugares eternizados na memória (MELLO, 2001) que pertencem à outra dimensão, pois explica Mello (2001) que estes provêm da recordação de lugares onde se passaram experiências altamente sentimentais, positivas ou negativamente, como o lar da infância, uma escola, uma igreja, um jardim, ou seja, lugares do passado no qual o observador se relaciona topofílicamente (conceito que destaca a qualidade afetiva ou ligação afetiva da pessoa ou grupos para com o lugar), onde é possível identificar símbolos significativos que atraem e irradiam mensagens ao observador, normalmente em nível bastante subjetivo. O que nega diretamente o propósito dos *lieu de mémoire* em seu sentido de coletividade e memória-história.

Os lugares eternizados na memória possibilitam outras escalas e dimensões em um sentido propriamente fenomenológico e singularizado, apesar de possuírem as qualidades e orientações do *lieu de mémoire*, normalmente são entendidos na esfera da identidade e da experimentação individuais, nos quais se verifica que a sensação produzida pelo lugar afeta o sujeito no nível do *self*.

Considerando o apresentado, esta seção fundamenta a ideia de que o arranjo peculiar religioso de Guaratinguetá, expresso pelos lugares onde viveu, os objetos que usou e fatos que influenciaram a vida do Santo Frei Galvão estão impregnados dessas “recordações santas” exercendo sobre o espectador experiências variáveis e selando-o como um *lieu de mémoire*.

2.3 SEÇÃO: AS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS - UMA INTERPRETAÇÃO PARA OS FIXOS ESPACIAIS

A proposta desta seção é introduzir uma metodologia interpretativa para o entendimento das formas simbólicas que se especializam, ou seja, as formas simbólicas espaciais ou os fixos simbólicos espaciais (no sentido forte de invocação da natureza geográfica). Essas formas simbólicas espaciais guardam em seu sentido etimológico conexão entre memória e recordação, interligando identidade e poder. São impregnados de figuras de linguagem: metáforas e alegorias (meios pelo quais se manifesta); e abertos a múltiplas interpretações do indivíduo, da

comunidade e da nação (diferentes escalas) com possibilidades múltiplas de interpretação em tempos distintos (momento de sua criação, no presente, ou mesmo nos diferentes tempos do indivíduo ou grupo ou comunidade); se redefinindo no processo de memorização ou esquecimento, no apoio ou na contestação (CORRÊA, 2005; RIBEIRO, 2006).

Em trabalhos anteriores (2007) observou-se que em sua complexidade estas formas expressam o sentido que seu criador depositou naquele espaço pré-concebido para abrigá-lo e ao mesmo tempo é de livre interpretação àquele que o observa. Esta estrutura acaba por gerar sete funções descritas por Corrêa (2005): (a) perpetuar antigas tradições; (b) transmitir longitude ao que é recente; (c) transmitir valores gerais; (d) afirmar a identidade de qualquer tipo; (e) glorificar feitos passados visando o presente e o futuro; (f) sugerir que o futuro já chegou - futuro identificado com o moderno-; (g) criar lugares de memória.

A categoria de análise ‘formas simbólicas espaciais’ visa identificar em determinadas áreas, aquelas “qualidades”, ou melhor, simbologias que vão além de sua materialidade. Estas “qualidades” quando analisadas mais profundamente a luz das interpretações semiológicas - estudos dos signos e sistemas de sinais utilizados em comunicação-, e das manifestações culturais demonstram uma complexidade desde sua elaboração artística, passando pela construção em determinado espaço até seu significado futuro. É essa dinâmica que possibilita ao devoto católico identificar-se com o exposto espacialmente, seja um fixo (templo, grutas), seja uma paisagem (um complexo espacial estruturado cognitivamente). Ao geógrafo interessa analisar a espacialidade dessas formas simbólicas, capazes de impregnar de diferentes intenções determinadas áreas, demarcando muitas vezes os conflitos pertinentes a um embate entre poder e identidade de grupos.

Essa identificação é potencializada através do *método de Panofsky*¹ (2004) - desenvolvido para abordar as formas simbólicas, primordialmente as iconográficas, distinguindo o significado (o conceito) e o significante (a forma). Para atingir este fim, Panofsky identificou três níveis de significação, os quais são intrínsecos a cada forma simbólica e para efeito metodológico subdividem-se.

O primeiro nível denominado *significado primário ou natural*, subdivide-se em

¹ Já foi aplicado em alguns trabalhos anteriores, como exemplo, Frangelli (2007).

significado primário (ou natural) factual e significado primário expressional. O significado primário factual é relativo à identificação das formas puras, configurações de linha e cor, material empregado, identificação de objetos, pessoas, e acontecimentos.

O significado factual complementa-se com o significado primário expressional, no qual pela percepção é possível identificar as qualidades expressionistas, a atmosfera sombria de um ambiente, um gesto generoso, do observado. Mesmo que seja necessária uma sofisticação intelectual para identificar as características expressionistas, este significado está contido neste primeiro nível porque é considerado elementar, pois que se baseia simplesmente na semelhança - identificação possível ou não, devido à bagagem de pré-conhecimento gerado por uma experiência vivida anteriormente-.

Executar este primeiro nível de interpretação seria realizar uma descrição pré-iconográfica - enumeração, alistamento-, do observado (PANOFSKY, 2004).

O segundo nível de significação foi chamado de *significação secundária ou convencional*. Neste nível interligam-se os motivos, a motivação que levou a “construção” do observado, como também todo o levantamento pré-iconográfico mencionado anteriormente, com assuntos e conceitos.

Essa apreensão dá-se ao nível de empatia ou inteligibilidade em vez de ao nível dos sentidos ou da pura observação. Faz-se necessária uma “familiaridade”, muitas vezes na esfera prática (da ação), com os costumes e tradições culturais da “realidade” do observado – a semelhança dos estudos etnográficos. Portanto, executar esta etapa seria realizar uma análise iconográfica, descrever e classificar - conceitualizar (PANOFSKY, 2004).

E o último nível de significação, por isso mesmo mais complexo, chama-se *significação intrínseca ou conteúdo*. Após realizar as duas etapas anteriores e identificar as formas puras, os motivos, as prováveis alegorias - representações que veiculam uma ideia-, ter-se-á um construto de valores simbólicos, e esta etapa presente seria a interpretação desses valores, descobrindo o que conscientemente ou não o objeto tenta expressar.

Em outras palavras, após coletar e classificar, esta etapa se propõe a investigar a gênese e os significados posteriormente adquiridos do observado,

comparando-o com outros objetos semelhantes ou não, buscando a influência cultural em que está imerso, o olhar do observador, os grupos representados ou não, os propósitos, identificando-o no tempo e no espaço, na correlação entre os conceitos extraídos e a forma que assume visível explicitamente ou não. Observe os quadros resumitivos 1 e 2 a seguir:

Quadro 1: Interpretação das Formas Simbólicas de Panofsky

Objeto da Interpretação/níveis de significação*	Ato da Interpretação/etapa*
I. Tema primário ou natural - (A) factual, (B) expressional - constituindo o mundo dos motivos.	Descrição pré-iconográfica (e análise pseudoformal).
II. Tema secundário ou convencional, constituindo o mundo das imagens, estórias e alegorias.	Análise Iconográfica.
III. Significado intrínseco ou conteúdo, constituindo o mundo dos valores "simbólicos"	Interpretação Iconológica.

Fonte: PANOFSKY, E. (2004, p.64) *grifo nosso.

Com o objetivo de esclarecer ainda mais o método e logicamente aqueles níveis de significação, Panofsky (2004) propõe o que deve ser buscado em cada etapa:

Quadro 2: Níveis de Significação de Panofsky

Equipamento para a interpretação (o que é necessário ao observador)*	Princípios corretivos de interpretação (História da Tradição) - observações que devem ser consideradas a fim de não cometer análises inapropriadas.*
Experiência prática (familiaridade com objetos e eventos).	História do estilo (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, objetos e eventos foram expressos pelas formas).
Conhecimento de fontes literárias (familiaridade com temas e conceitos específicos).	História dos tipos (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos por objetos e eventos).
Intuição sintética (familiaridade com as tendências essenciais da mente humana), condicionada pela psicologia pessoal e outros.*	História dos sintomas culturais ou "símbolos" (compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, tendências essenciais da mente humana foram expressas por temas e conceitos específicos).

Fonte: PANOFSKY, E. (2004, p.65) *grifo nosso.

Os quadros 1 e 2 acima, ao destacar em cada etapa o que é necessário a um observador e apontar como deve ser elaborada cada uma delas relembra que

não podemos construir um retrato mental de um homem [de um objeto em estudo] com base em ações isoladas, e sim coordenando um grande número de observações similares e interpretando-as no contexto de novas informações gerais quanto à época, nacionalidade, classe social, tradições intelectuais e assim por diante. No entanto, todas essas qualidades que o retrato mental explicitamente mostraria são implicitamente inerentes a cada ação isolada, de modo que inversamente, cada ação pode ser interpretada à luz dessas qualidades (PANOFSKY, 2004, p.49).

A pré-iconografia e a iconografia não são capazes de tornar perceptível esse conteúdo de forma articulada e cognoscível, sendo assim faz-se necessário uma última etapa chamada de análise iconológica, ou seja, estudo comparativo do observado.

Cabe ainda ressaltar que a natureza desta última etapa seria da ordem “essencial” (hermenêutica), enquanto que os outros dois tipos pertencem à natureza dos fenômenos (fenomenologia) (PANOFSKY, 2004). O método pode ser aplicado as mais diversas conotações simbólicas e os dois subitens a seguir o introduzirá ao estudo das paisagens e dos monumentos.

2.3.1 As formas simbólicas espaciais conformando paisagens culturais

A paisagem, entendida em sua essência de momento no tempo e logicamente, no espaço, ou seja, *precisamente* no tempo, porque se encontra na *presença* é, em realidade, parte do *espaço presente*.

Retomando a utilização do método de Panofsky (2004), evitando a repetição dos conteúdos anteriormente apresentados, cabe lembrar que o mesmo foi criado para ser uma ferramenta metodológica para os estudos acerca das obras de arte, contudo essa metodologia pode ser transposta para uma área de estudo geográfica, entretanto no caso da paisagem exige aparatos complementares.

Compreende-se este método como um modo de obter informações esquematizadas sobre fixos espaciais, dando a possibilidade de cada elemento constituinte deste fixo vir à tona. Na compreensão ou na análise das formas

simbólicas espaciais de modo unitário, o método apresenta-se menos complexo, porém, na ampliação do número destes fixos simbólicos espaciais e articulados na forma de paisagem, a complexidade prevista no método como foi demonstrado antes torna-se um desafio para o pesquisador.

A paisagem não é apenas uma junção de fixos espaciais. Ela é um mosaico simbólico destes fixos espaciais, cheios de intencionalidades e vivo na presença. Interpretada a partir dos processos culturais, dos valores e principalmente das representações simbólicas, passa a ser adjetivada por paisagem cultural. Desta forma grifada e utilizada, o pesquisador deseja demonstrar que essa delimitação do espaço - espaço especial de análise - desempenha em cada indivíduo uma troca dialética de conhecimento e de informações.

Ao mesmo tempo em que ela instrui sobre a maneira que se deve orientar segundo o *status quo* ou o grupo que a construiu ou a repele, retratando parte da sociedade na qual está inserida com as trocas da vida de relações e do homem-meio ambiente, ela descortina o observador que a olha revelando-o em sua própria análise. Desta maneira a paisagem jamais é estática, pois cada observador é um indivíduo singular e potencialmente capaz de remodelá-la.

Pode-se afirmar que a partir dos estudos elaborados pós-1970 a respeito do conceito de paisagem que o foco de análise voltou-se para as representações simbólicas, os processos culturais que a envolvem e os valores embutidos nela.

Nas representações simbólicas ocorrem um outro tipo de comunicação, a comunicação simbólica. Ao se utilizar o termo comunicação deseja-se destacar a ocorrência de algum tipo de troca, compreendida entre o emissor da mensagem e o receptor desta mensagem. Este emissor poderá ser uma coisa (ex., estátuas), um ser humano ou algo imaterial (ex., o Sagrado), mas qualquer que seja a natureza substancial ou não substancial deste emissor, esta mensagem está em relação a algo ou em potencialidade de vir-a-ser para algo.

Posto o acima, observa-se que existe uma transferência de informação, um compartilhamento, uma troca. O termo comunicação simbólica engloba em si mesmo esta compreensão. Para Claval (1999) esta natureza intrínseca não é o detalhe primordial, e sim a ideia por trás desta comunicação, isto é, a ideia de contato, de aproximação de indivíduos que se sentem semelhantes, antagônicos ou

diferentes por compartilharem ou não dos mesmos valores transmitidos pelo símbolo:

(...) A comunicação simbólica tem uma dupla função geográfica: ela permite aos indivíduos instalados em lugares distantes sentirem-se solidários a partir do momento em que experimentam o sentimento de ter em comum as mesmas crenças (Gottmann, 1952); o contrário, ela distancia aqueles que, mesmo geograficamente próximos, aderem a religiões ou a ideologias diferentes. A geografia cultural mostra, portanto, que os grupos humanos participam de um duplo sistema de distâncias: a do espaço físico, que as técnicas permitem controlar mais ou menos bem; as dos espaços psicológicos, que cavam fossos entre os sistemas culturais, ou os preenchem, independentemente das distâncias físicas (CLAVAL, 1999, p.71).

Para o autor supracitado esse duplo sistema de distâncias na verdade não é tão antagônico como pode-se pressupor a princípio um pesquisador, sendo muitas vezes, o olhar do pesquisador, instrumento pouco neutro, que torna esse sistema de distâncias um abismo imesurável.

É pautado nestes senões que Augustin Berque (2004) elabora seu sistema de compreensão das paisagens culturais. Em outro trabalho (FRANGELLI, 2007), foi analisado o grande salto qualitativo tanto na melhor definição, quanto no entendimento do conceito-chave de paisagem cultural dado pelo geógrafo supracitado ao aprimorar a questão das formas e funções das paisagens.

Berque (2004) alerta para a relação desta com o sujeito coletivo, devido à dialética no qual a sociedade é responsável por sua produção, como também reprodução e posterior superação (no sentido de vir algo além).

Supondo-se que a forma religiosa é identificada na paisagem por um *insider* na medida que ela própria se torna referência de sua significação, o simbolismo religioso pode ser identificado enquanto uma marca, ou seja, nas formas conjuntas de templos e monumentos - formando paisagens-marcas; e como matriz, isto é, identidade motriz de significação - gerando paisagens-matrizes (BERQUE, 2004).

É este processo vivo de passividade, atividade e potencialidade, que determina a sua plurimodalidade. O interesse da geografia cultural na paisagem estaria em observar e definir a lógica deste processo.

Claramente este mesmo autor alerta para a insuficiência de definir somente essa relação sociedade-paisagem, pois faltaria ainda outras duas vias: a *primeira* do

observador e a *segunda* da co-integração.

Os observadores ao possuírem uma consciência individual no *self* e coletiva como pertencente à comunidade, grupos particulares e classes sociais diversas (necessariamente presente ou não na paisagem estudada), ao qual se apropriam da experiência gerada por essa, então a internalizando e passando a uma cognição acerca da mesma, a partir daquilo que consideram ou não, seja qual for a esfera - estética, ética, política, social - possuem um entendimento particularizado da relação estabelecida pela forma simbólica espacial e outros fixos espaciais formadores da paisagem, consigo mesmo.

Isto ocorre devido ao turbilhão de experiências e expectativas geradas pela presença na paisagem. Observa-se que o processo é concomitante e contínuo em sua dialética de construção, transformação e emissão/ recepção de percepções.

Como exemplo, tem-se uma exposição de arte. Essa exposição induz a pensamentos primários sobre a arte exposta – fala-se primariamente porque supõe-se que o observador observe primeiro os elementos da paisagem, mas isto não descartaria a possibilidade do observador não as perceber e sentir a paisagem através de uma experiência sua sobre qualquer outra coisa-, mas seja qual for a natureza dessa percepção, foi provocado pelo contato com a paisagem, pela presença naquela paisagem produzida por alguém (cultural), emissora de uma informação, capaz de receber também informações e transformar a ambos.

Assim geograficamente percebe-se que a paisagem e o sujeito observador são co-integrados, criando uma simbiose naquele processo de produção, reprodução e superação.

Sobre isso pode-se citar Meinig (1996), quando este sugere como um grupo de pessoas poderia observar a mesma cena sobre ângulos variados. Sua preocupação não se foca nos elementos contidos na paisagem estudada, mas na maneira singular que cada observador olha a mesma cena, destacando aquilo que lhe parece mais interessante. Posto isto, o pesquisador está interessado na maneira que estes observadores irão descrever ou destacar os elementos considerados relevantes.

A preocupação do pesquisador então recai sobre a essência das ideias sobre os quais estes olhares constroem seus discursos a respeito da paisagem estudada.

Seu destaque está na cognoscibilidade desta comunicação e no discurso contido na comunicação.

O discurso, segundo um sentido mais amplo, apresenta-se como uma espécie de sistema de ideias no qual um sujeito ou grupo de sujeitos elaboram, por meio de uma linguagem acessível ao grupo ou a sociedade, um conjunto de pensamentos capaz de sustentar uma certa proposição ou mensagem.

Segundo Foucault (1996), o discurso fundamenta-se na relação de poder através dos quais diferentes meios são capazes de expressar um conteúdo de ordem e controle influenciando, coagindo e muitas vezes subvertendo as noções trazidas e desenvolvidas por outros grupos sociais.

Esse princípio de força, capaz de apontar certezas e definir verdades – ao forçá-las - muitas vezes se expressa através da linguagem escrita, oral, olfativa, imagética etc. de forma subliminar, pode ser utilizado para provar a compra de serviços e de produtos, como pode ser percebido em anúncios televisivos, nas descrições de romances paradisíacos, ou mesmo nos discursos de propaganda acerca da atratividade de lugares turísticos.

Apropriando-se das ideias de Foucault, o geógrafo James Duncan (2004, p.103-104), reafirma que o discurso é “

(...)um conjunto de narrativas, conceitos e ideologias relevantes para um domínio particular de práticas sociais. (...) podem ser definidos como a estrutura de inteligibilidade na qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas.

Quando o discurso é elaborado a fim de legitimar a construção de certas espacialidades culturais, Duncan (2004, p.108) chama a atenção para:

A tarefa do geógrafo cultural é mostrar como os relatos locais são constituídos dentro de um sistema de significação, conectados a outros elementos dentro do sistema cultural produzido dentro de uma ordem social.

Existe aqui uma fluidez, uma fugacidade típica dessa concepção de paisagem como “*mediance*” - a paisagem que é habitar (LIRA, 2009), que se faz na presença, no contato com determinados fixos espaciais.

Aproximadamente no mesmo período em que Berque (2004) realizou suas observações sobre identidade e paisagem, outro geógrafo, trouxe a cena da

geografia cultural conceitos da escola crítica inglesa quanto à relação de poder existente nas formas simbólicas espaciais.

A paisagem poderia assumir a forma de denúncia das relações contraditórias vigentes no espaço, como também esclarecer a forma com que isto se organizaria no mesmo. Representante desta corrente, Cosgrove (2004) “denunciaria” este estado das coisas ao conceitualizar as paisagens como dominantes e alternativas.

Novamente em trabalhos anteriores (FRANGELLI, 2007, 2008), sinalizou-se que a paisagem para Cosgrove (2004) é uma unidade visual na qual o geógrafo exprime uma determinada forma de ver o mundo. Esse termo “paisagem”, segundo o geógrafo inglês, teria surgido no Renascimento (por volta do século XV) e indicaria aquilo que os atores sociais daquela época, principalmente os pintores e artistas de modo geral, relatavam como uma harmoniosa, coerente, racional e ordenada relação homem-ambiente. Desta maneira o seu próprio vocábulo manteria uma estreita ligação com essa forma de observar o mundo, estando ao mesmo tempo acessíveis a mente e orientando as ações junto ao ambiente – sendo possível observar nesta maneira de conceituar a paisagem, uma preocupação em entender esse controle frente à natureza e as forças que transformam o mundo.

Combatendo uma visão ainda presente cotidianamente, mas não mais formalmente encontrada nos trabalhos científicos, Cosgrove (2004) faz referência a tradição antiga inglesa de considerar a cultura como práticas particulares a um agrupamento humano, aquilo que a identifica, ou seja, a identidade deste agrupamento, apreendidas, compartilhadas e transmitidas de geração a geração. Esta continuidade, senso de círculo, alienaria os membros desse agrupamento de modo que essas práticas culturais estariam muito pouco conscientizadas, sendo esse processo denominado determinismo cultural.

O combate de Cosgrove (2004) se referia ao uso de conceitos e abordagens direcionadas na compreensão e na análise de comunidades e agrupamentos humanos pré-capitalistas, continuando a ser aplicadas no contexto das sociedades contemporâneas e pós-modernas.

A atual concepção de cultura como multidimensional, oferecendo diferentes possibilidades de percepção simultaneamente e sem hierarquização em suas validações, rechaça esta continuidade alienante pertencente à lógica do

determinismo cultural, ideia esta de que a cultura agiria acima dos seres humanos, reificada.

Embora se reconheça reificações, há uma espécie de circularidade viciosa ou virtuosa, todavia de natureza diferenciada do determinismo cultural, no qual a cultura precisa ser constantemente produzida, reproduzida e transformada pelos seres humanos, ou seja, necessita de um ritual que a “reviva”, muitas vezes repleta de ações inconscientes ou reflexivas que pertencem desde rotinas cotidianas às celebrações suntuosas em tempos e espaços específicos. Nas palavras de Cosgrove (2004, p.102-3)

(...) a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas.(...) O tomate, um objeto natural, é tirado do pé, é cortado e apresentado como alimento humano. O objeto natural tornou-se objeto cultural, foi-lhe atribuído um significado. O significado cultural é introduzido no objeto e também pode ligá-lo a outros objetos aparentemente não relacionados a ele na natureza. Dizer que o tomate é um produto cultural não significa que suas propriedades naturais estejam perdidas. Sua cor e peso estão inalterados, uma análise clínica produziria os mesmos resultados antes ou depois do evento cultural. Mas foram acrescentados a estas propriedades atributos culturais que podemos identificar e discutir.

Esta fácil ilustração realizada por Cosgrove a fim de demonstrar a ordinariedade da cultura é uma preparação ao entendimento de uma natureza um pouco menos perceptível da cultura e por isso mesmo mais ardilosa: a ligação entre cultura e poder.

O estudo desta relação requer a compreensão da vida de relação da área estudada, desde um arcabouço histórico que lhe permita perceber os atores sociais e chamadas elites atuantes, como a construção e organização espacial da área em estudo. Um grupo dominante, como o próprio léxico afirma, é identificado como o grupo que exerce algum tipo de poder sobre os demais, esse grupo tenderá manter ou impor sua perspectiva e ótica cultural - proposições, modelo de vida, normas-, aos demais grupos pertencentes a sua comunidade.

Muitas vezes essa ótica cultural ou identidade de grupo, está tão impregnada na comunidade que a ligação cultura e poder é quase imperceptível aos membros dos demais grupos - este fenômeno é denominado hegemonia cultural e podemos identificá-lo em diversas escalas, das familiares às mundiais-.

Desta maneira identificam-se as paisagens culturais dominantes e subdominantes (ou alternativas), como pares indissociáveis que apresentam sempre alguma expressão na paisagem, podendo ser analisadas em diferentes termos, sejam eles: religião, gênero, política, economia e etc. Sendo as culturas subdominantes divididas em: (a) residuais - em termos históricos propriamente relativos ao passado; (b) emergentes - que sofrem algum tipo de emergência frente às culturas dominantes; e (c) excluídas - que sofrem algum tipo de supressão frente as demais culturas apresentadas (COSGROVE, 2004). Observe o quadro ilustrativo a seguir (quadro 3) na tentativa de privilegiar as ideias do geógrafo inglês.

É preciso compreender que, para interpretar essas impressões e expressões da cultura na paisagem, faz-se necessário o conhecimento do código ou linguagem empregada pelos grupos culturais, ou seja, os símbolos e seus significados contidos na paisagem específica, pois apresentam uma dimensão simbólica com o propósito de estabelecer os valores, reproduzir as normas e etc. dos grupos culturais que inseriram aquele elemento naquela paisagem, assim como são (re)experimentados a cada novo contato e revividos a cada nova ritualização, reexame e decodificação, permitindo *“refletir sobre nossos próprios papéis para reproduzir a cultura e a geografia humana de nosso mundo diário”* (COSGROVE, 2004, p.116).

Apesar da possibilidade dos *insiders* e dos *outsiders* não compreenderem a paisagem no sentido originário de quem a produziu, pela falta de alguma cognoscibilidade a respeito da natureza e do uso dos símbolos, dos ícones e das formas simbólicas espaciais: *“é tarefa que pode ser realizada por qualquer pessoa no nível de sofisticação apropriado para elas. Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós”* (COSGROVE, 2004, p.121).

Deste modo a paisagem transcende os objetivos materiais que se propõe para trazer à tona um significado peculiar ao mundo exterior e interior do indivíduo. Um significado simbólico inseparável da vida de relações da sociedade no tempo e no espaço, o qual se estabelece através da troca constante entre as mais diversas unidades culturais (indivíduos, grupos, comunidades) e o seu próprio meio.

A dimensão simbólica da paisagem, portanto, está sujeita as mais diversas interpretações e representações. Cosgrove (2004) designa a paisagem como uma imagem cultural porque em constante movimento determinado pelas forças

componentes das paisagens da cultura dominante e subdominante. O quadro 3 organiza as ideias apresentadas de modo a torná-las mais cognoscíveis.

Este embate pode assumir as mais diferentes formas de representação: um texto literário, uma música, uma pintura e outras formas iconográficas. Porém, à medida que os estudos da paisagem “desvelam” essas representações ou as interpretam, mais um novo significado é transferido a paisagem estudada, assim acumulando cada vez mais significados tendendo ao infinito do quanto ela existir – verifica-se a dialética da relação paisagem-sujeito destacada nos estudos de Berque (2004) e na importância da presença.

As fontes ou tipos de evidência “documentais”, abrangendo a ideia de produto cultural, como os textos literários, a música, a pintura e outros, podem fornecer bases legítimas sobre os significados contidos na paisagem e seus conflitos, entretanto, devem ser examinados adequadamente segundo técnicas apropriadas e respeitando o contexto histórico-espacial que foram criadas.

Então percebe-se que a cultura não está acima, ao lado ou não pertence ao homem, e muito menos representa uma realidade primeira, visto que é uma construção imaginada geradora de comunicação e de unidades (agrupamentos humanos: grupos, comunidades).

A paisagem cultural assimilando as características do conceito de cultura também é uma imagem, um construto não no sentido simples de refletir como uma imagem no espelho, porém de ser reflexivo como o espelho. Paul Claval (1999) expressa este conteúdo ao definir “*O papel do geógrafo não é explicar o homem, a sociedade, a cultura, o espaço, mas se interrogar sobre as razões que levam os homens a construir sistemas simbólicos que negam a distância, ou a exaltam*” (CLAVAL, 1999, p.73).

A abordagem cultural na geografia interpreta em termos geográficos de: áreas, fronteiras, localizações e distâncias – cada um desses elementos sendo retrabalhados e especificados através de outros conceitos (espaço, lugar, região, território, paisagem); estes que são os elementos da organização espacial dos agrupamentos humanos (diferentemente das conotações puramente geométricas que associam a geografia à formulação de mapas e dados puramente materiais e visíveis).

Quadro 3: Paisagens Culturais de Cosgrove

Paisagens culturais	Definição	Subdivisões	Definição
Dominantes	Por definição, cultura dominante é a de um grupo com poder sobre outros. [O significado da ideologia dominante consiste em manter e reproduzir seu poder]*, até um ponto consideravelmente importante, por sua capacidade de projetar e comunicar, por quaisquer meios disponíveis e através de todos os outros níveis e divisões sociais, uma imagem do mundo consoante com sua própria experiência, [sendo muitas vezes]* essa imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um.	X	X
Subdominantes ou Alternativas	[Cultura subdominante é a de um grupo que por motivos vários, vê-se concorrente, mas subposta, a uma cultura de um grupo percebida como dominante.]*	Paisagens Subdominantes Residuais	São elementos da paisagem que pouco têm de seu significado original. Alguns podem ser desprovidos de qualquer significado. Geralmente são usados como pistas para a reconstrução de antigas geografias. [são marcas de um passado histórico da paisagem.]*
		Paisagens Subdominantes Emergentes	São de muitos tipos e muitas vezes transitórias e com impacto relativamente pequeno sobre a paisagem. Está na natureza de uma cultura alternativa oferecer um desafio à cultura dominante existente, trazendo uma visão de futuros alternativos possíveis.
		Paisagens Subdominantes Excluídas	São paisagens de grupos culturais marginais que de algum modo vem sendo suprimidas pelos demais grupos. As paisagens humanas estão repletas de símbolos de grupos excluídos que tentam sobreviver junto aos significados mais “atrativos” dos demais grupos.

Fonte: COSGROVE, D. (2004). 2004. Esquematizado: FRANGELLI, P. (2007, 2008) *grifo nosso

Corroborar-se a ideia de que a geografia não poderá imergir profundamente nos fenômenos da natureza humana caso continue atrelada a ideia de *“uma história natural do mundo e de suas divisões regionais”*. (CLAVAL, 1999: 79)

Ao possuir uma condição de instabilidade, de flexibilidade muito complexa a respeito das diversas significações e representações que uma porção do espaço pode assumir, verifica-se que a paisagem cultural além destas propriedades acima apresentadas, também possui uma ideia de corte do espaço-tempo (uma ideia de momento, de pausa ligeira, mas acima de tudo de continuidade do processo). Desta maneira possibilita a comunhão entre a complexidade da cultura e a organização dos espaços humanos.

A paisagem apresenta-se no limiar entre a dominação e o controle do território; a posse e o influência do lugar; a mesoescalaridade da região; a geometrização do espaço e a liberdade de ação proporcionada pelo devaneio, pela contemplação. Ela surge no entroncamento, se encontra e se faz na presença, no contato pictórico, físico e/ou emocional com a área que se dá como apresentada, aparente (ideia de se dar a aparecer).

O próximo subitem realizará o mesmo exercício dialógico anterior, todavia aplicado ao estudo dos monumentos. Visa atender a demanda teórica também do capítulo IV, sobretudo a singularidade presente no município de Canas, entretanto, por sua natureza, monumento e monumentalidade permeiam todo o Circuito Turístico Religioso do Vale, tangenciando os demais municípios em estudo.

2.3.2 As formas simbólicas espaciais conformando monumentos

O monumento é uma forma simbólica espacial que, em sua monumentalidade, pode ser concebida para ser grandiosa. Ao procurar o significado da palavra monumento no léxico de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira encontramos a seguinte definição: *“1. Obra ou construção destinada a transmitir à posteridade a memória de fato ou pessoa notável. 2. Edifício majestoso. (...) 4. Qualquer obra notável. 5. Memória, recordação, lembrança.”* Observa-se que o uso linguístico em sua própria descrição, reserva a palavra ‘monumento’ as raízes que,

posteriormente, a geografia cultural se utilizará a fim de elevá-lo de vocábulo a categoria analítica espacial específica no interior das análises sobre as formas simbólicas espaciais.

Em outros trabalhos (FRANGELLI, 2007), percebeu-se que os monumentos, muitas vezes identificados como estátuas, memoriais, obeliscos e templos, podem formar um complexo maior e compor paisagens culturais. Em sua etimologia, monumento representa um edifício majestoso, obra notável e inspiradora de memória e recordação, no qual devido a sua magnitude e poder impregna o lugar e/ou a paisagem de símbolos a respeito da esfera dos ocorridos preteritamente - o que Ribeiro (2006) desenvolveria como a monumentalidade contida no monumento.

Todo monumento possui “qualidades”, ou melhor, simbologias que vão além de sua materialidade, estas “qualidades” quando analisadas mais profundamente a luz das interpretações semiológicas e das manifestações culturais demonstram uma complexidade desde sua elaboração artística, passando pela construção em determinado espaço até seu significado após ficar pronto. A essa dinâmica inerente ao monumento, desde seu projeto até o significado que terá enquanto existir ou for guardado na lembrança de determinados grupos é o que se denomina Monumentalidade.

Sobre essa monumentalidade Corrêa (2005) explica que devido à acessibilidade dos monumentos junto às diversas camadas da população, esses objetos espaciais comunicam permanentemente - enquanto se mantiverem ali-, mensagens e também adquirem permanentemente novos significados.

Devido a este estado permanentemente mutante, são identificados como instáveis. Interessa ao geógrafo analisar a espacialidade desses monumentos capazes de impregnar de diferentes intenções determinadas paisagens, demarcando muitas vezes os conflitos pertinentes a esse embate entre poder e identidade de grupos - aqueles ou aquele que representa um determinado grupo que edificou ou edificaram o edifício suntuoso e aqueles que o contestam-, pois os monumentos redefinem as paisagens onde estão contidos, sendo portadores dos sentidos daquele primeiro grupo. Percebido isto, Corrêa (2005) propõe que geograficamente, os monumentos devem ser analisados a partir de sua localização

e sua escala, pois: “*simbolismo, visibilidade e acessibilidade compõem, juntos, os fins e os meios que giram em torno do monumento.*” (CORRÊA, 2005: 20).

Quanto a sua localização, os monumentos possuem caráter (a) absoluto, em relação a ele mesmo, (b) relativo, com relação a área circunscrita a ele, e (c) relacional, comparando o analisado em sua relação com outros monumentos no mesmo estilo e em estilos diversos.

Quanto a sua escala, eles são de dimensão (a) absoluta - área, altura, constituição, e (b) dimensão relacional - em comparação a outros monumentos, indicando seu poder simbólico perante os grupos, podendo expressar até mesmo supremacia.

A primeira tipologia (localização) e suas subdivisões garantem ou não, a visibilidade do e acessibilidade ao monumento. E a segunda (escala) e suas respectivas subdivisões demonstram seu poder enquanto símbolo. Quando bem exploradas nos projetos de criação, essas tipologias aumentam exponencialmente a capacidade de comunicação do monumento.

Para a arquitetura e a construção civil, a visibilidade e a acessibilidade são primordiais nos projetos de concepção espacial, entretanto para os idealizadores e os artistas, o simbolismo e a sua capacidade de referencial simbólico são mais sobressalentes.

Ao fim deste capítulo II cabe ressaltar que diversas sub-questões e aparatos teóricos oriundos da geografia da religião serão invocados no decorrer da tese devido à singularidade apresentada no contexto do Circuito e dos municípios estudados. O intuito do presente capítulo foi organizar e fundamentar o modo como a pesquisa está trabalhando cultura e Geografia, destacando discussões centrais.

CAPÍTULO III – EM BUSCA DO TRAÇADO DE UM “PROJETO TURÍSTICO REGIONAL”

Fugindo do convencional, este capítulo visa refazer alguns paços e percorrer um possível traçado no que envolve a ideia de legitimação de uma região por meio da cultura praticada por habitantes em suas instituições ou isoladamente, sendo esse conjunto capaz de atrair semelhantes institucionais e indivíduos.

Claramente o conceito de região capaz de possibilitar um ‘projeto regional’ é o fim desejado, mas não ambiciosamente final. O foco deste capítulo é compreender, mas também em certas partes analisar, as dinâmicas espaciais de cunho cultural que possibilitam pensar esse processo.

As noções de rede, fluxos e gestão, interpenetram mesoescalarmente, aos conceitos de fixo, formas simbólicas espaciais, monumentos, lugar e paisagem. A comunicação entre essas nomeações geográficas, ou seja, a maneira peculiar em que interagem na escala local dá o rumo que o ‘projeto regional’ religioso vai alcançando com o passar do tempo.

O tempo variado em que esse conjunto vai sendo vivenciado à medida que se apresenta como “pronto” ditam o ritmo de afirmação que cada município tem perante o ‘projeto regional’.

Assim, uma das chaves para o entendimento daquilo que está sendo orquestrado no Vale do Paraíba Paulista está na ideia de *gestão religiosa* a partir das diversas ações promovidas pela sociedade civil representada por católicos e agentes religiosos conjugados às atuações de membros de associações comerciais, companhias de turismo e uma série de agentes informais, grupos comunitários e etc. por fim, políticos.

A maior ou menor expressão na atualidade de alguns municípios do Circuito revela o grau de amadurecimento que essas relações sociais e esses objetos espaciais apresentam, como também as promessas de benefício futuro que alimentam com a associação ao Circuito.

3.1 COMPREENDENDO O 'PROJETO TURÍSTICO REGIONAL' DO PONTO DE VISTA DA ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL CATÓLICA

Segundo o geógrafo Fausto Gil (2006) a estrutura da instituição católica deve ser entendida em termos de sua territorialidade que engloba a área de ação, de gestão e de apropriação do sagrado em toda a sociedade. Ele afirma que essa territorialidade se divide em dois grupos: (1) territorialidade de base composta pelas paróquias, lugares sagrados, hospitais, instituições beneficentes e etc. que media a população e o clero, correspondendo ao locus privilegiado onde o discurso se materializa e onde a ação evangelizadora ocorre em plenitude; e (2) macroestrutura administrativa da Igreja que corresponde as regiões episcopais (articulação de dioceses vizinhas sob direção de um metropolitano, ou seja, arcebispo metropolitano), as províncias episcopais ou as arquidioceses (circunscrições eclesiásticas sob jurisdição de um arcebispo), as dioceses (circunscrições eclesiásticas sob jurisdição de um bispo), as prelazias, as abadias, os institutos teológicos, os seminários, com destaque para a conferência do episcopado nacional (no Brasil conhecida como CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – responsável pelo planejamento pastoral e pela evangelização).

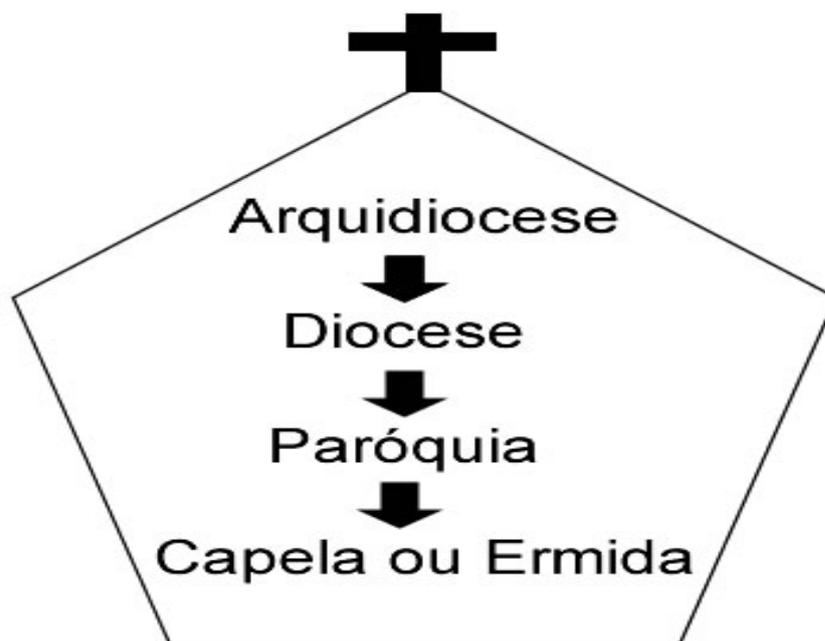
Essa macroestrutura é integrada pelos especialistas da instituição que elaboram e reelaboram o consenso normativo do sagrado, dos símbolos e dos ritos, em uma estrutura de cima para baixo, porém observando a interpretação cognitiva da interação social que constitui a territorialidade de base (leigos e clero), ou seja, de baixo para cima e respeitando a comunidade dos fiéis. Funciona como um fluxo, uma via de mão dupla em que lentamente as partes se comunicam e se adaptam à sociedade que está inserida, como também se adapta à contemporaneidade dessa mesma sociedade, revigorando a prática religiosa.

Cabe destacar que a estrutura geográfica hierarquizada também reflete na hierarquização do clero. Há uma escalada de poder que relaciona jurisdição, controle do rebanho e do clero. Esse controle de coisas e pessoas reflete a difusão do cristianismo (o rebanho) e o crescimento da área de atuação geográfica da própria instituição. À medida que a complexidade foi se intensificando, cresceu

também a fragmentação das áreas – chamaremos de território devido à natureza de controle e de poder.

Considerando apenas o território da Igreja propriamente físico, partindo do geral para o particular no Brasil da atualidade, este se divide em decorrência da organização populacional e política em:

Figura 5: A hierarquia territorial da Igreja



Fonte: Elaboração própria.

Essa estrutura básica pode ser agrupada em alguns casos específicos. No interior de uma diocese, um grupo específico de paróquias pode ser reunido para exercer determinado trabalho pastoral. Quando isto ocorre são eleitos um ou mais padres para representar aquele grupo pastoral, forma-se assim uma forania ou um vicariato territorial (nomes designados pela própria Igreja). Os eleitos deste vicariato formarão com outros vicariatos um conselho episcopal conhecido como Coordenação Arquidiocesana de Pastoral cujo objetivo é difundir o ministério do arcebispo (SANTOS, 2010).

Como se pode observar, os vicariatos não possuem uma edificação, não são materializados, apesar de possuírem uma área de abrangência conjuncional às paróquias, eles funcionam como um conselho que possui jurisdição para atuar

representando as paróquias em sua ação pastoral conjunta no interior da diocese. Esse esclarecimento contrapõe-se a categorização de Solimar Messias Bonjardim e Maria Geralda de Almeida (2013) que hierarquizam a subordinação territorial da Igreja, tendo como exemplo o estado de Sergipe, na seguinte ordem decrescente: Roma, Arquidiocese/ Diocese, Vicariatos, Igrejas paroquiais, e na base, as capelas e Igrejas (MESSIAS BONJARDIM e DE ALMEIDA, 2013, p.7).

Essa estrutura geográfica torna-se ainda mais imbricada quando associada à organização estratégica e de planejamento da Igreja no Brasil. Em termos de organização estratégica e de planejamento, o país se divide em 17 regiões episcopais que nem sempre correspondem as divisões dos estados brasileiros – demonstrando a autonomia da instituição no manejo de seu domínio territorial. Essas regiões por sua vez, são subdivididas em províncias eclesiais ou sub-regiões pastorais e estas sim, divididas em arquidioceses/ dioceses. Fogem dessa hierarquia as prelazias ou abadias, o ordinariado militar e outras organizações bastante particulares da Igreja (ex. Eparquias).

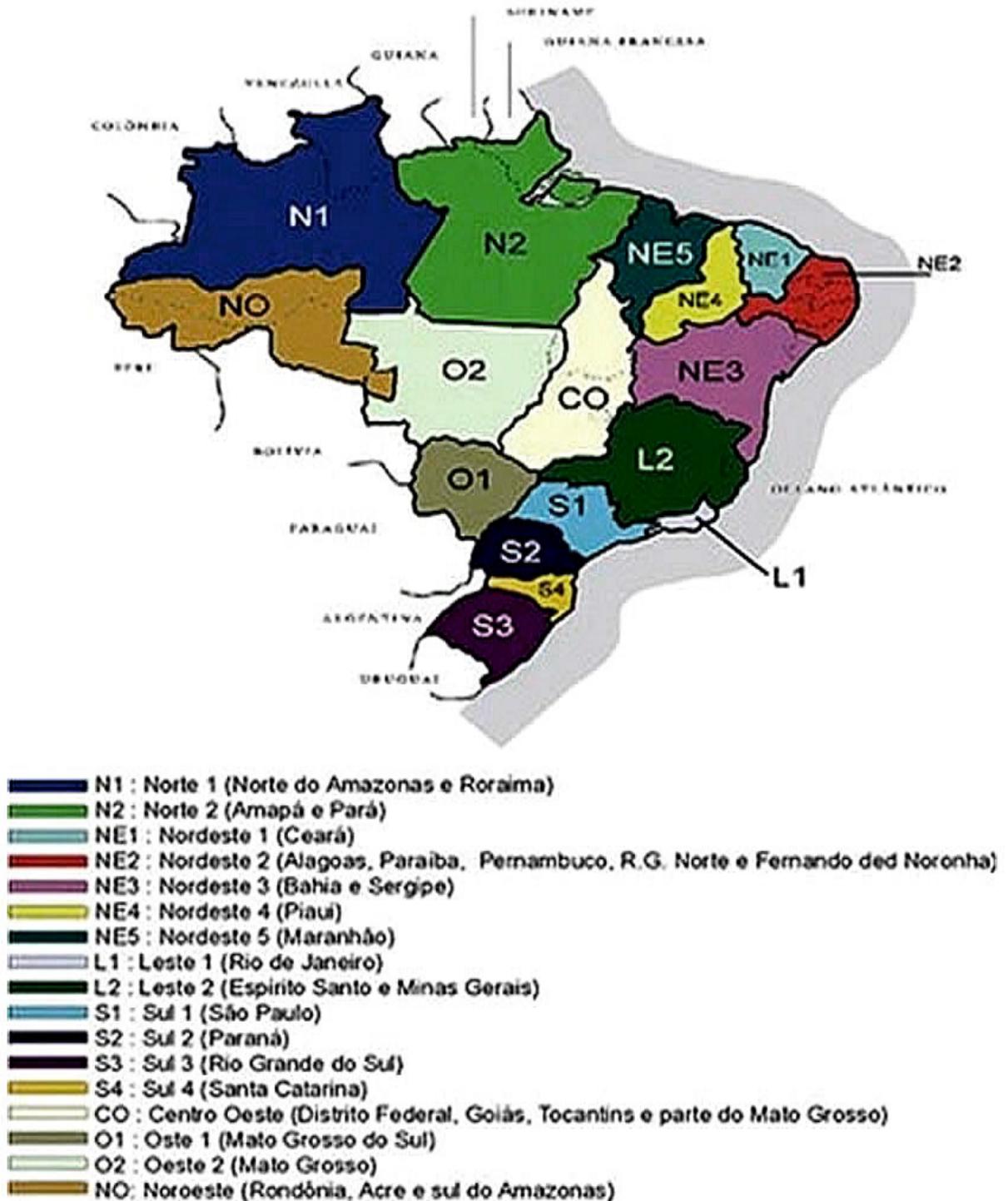
Transportando essas diversas divisões para o caso específico da tese e refazendo a leitura do projeto ‘turístico regional’ segundo a ótica da instituição católica como se o país Brasil fosse regionalizado e repartido conforme o desenvolvimento social, político e histórico da Igreja ao longo destes 514 anos, haveria outra localização para o projeto ‘turístico regional’ ou Circuito Turístico Religioso. Sob a ótica da instituição, o recorte espacial desta tese de doutorado é:

No país Brasil, na região episcopal chamada de Regional Sul 1 (São Paulo), abrangendo a Província Eclesiástica de Aparecida composta por uma arquidiocese (de Aparecida) e quatro dioceses (Lorena, Taubaté, São José dos Campos e Caraguatatuba), o projeto ‘turístico regional’ ou Circuito Turístico Religioso surge na interseção entre a Arquidiocese de Aparecida e a Diocese de Lorena.

Este recuo foi realizado para destacar a mudança de ótica e assim argumentar o primeiro fato relevante no alinhamento religioso diferenciado de Aparecida e Cachoeira Paulista – entendidos aqui como centralidades em suas

práticas religiosas, respectivamente, tradicional e renovada carismática. Observe o as figuras 6 e 7 em sequência:

Figura 6: Regiões Episcopais do Brasil



Fonte: Pastoral Familiar – Núcleo de Formação e espiritualidade, disponível em 22 de novembro de 2014 no endereço < <http://slideplayer.com.br/slide/1705137/#>>

Figura 7: A Província Eclesiástica de Aparecida e suas divisões

Regional Sul I: 8 Sub-regiões ou Províncias Eclesiásticas



Fonte: Elaboração própria.

Base de mapas temáticos:
<<https://dioceseourinhos.wordpress.com/2013/11/08/brasil-mapas-provincias-elesiasticas-e-sub-regioes-pastorais-sul-1/>>; <<http://www.jovensconectados.org.br/simbolos-da-jmj-voltam-a-sao-paulo-e-peregrinam-no-vale-do-paraiba.html>>; <www.igc.sp.gov.br>.

Delimitando a área de atuação da Arquidiocese de Aparecida e da Diocese de Lorena cabe ressaltar uma segunda diferenciação: o município de Aparecida detém uma grande centralidade ao sediar a arquidiocese, ao nomear a província eclesiástica e ao controlar a Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

Na área do turismo, as imagens geradas pelos títulos que são concedidos de maneira informal ou premeditadas a algumas localidades são bastante estimulantes e atrativos aos visitantes. Em realidade, o viajante projeta mentalmente, através das imagens, das histórias contadas, dos relatos de outros viajantes e etc. a própria narrativa que irá percorrer, criando assim uma expectativa que alimenta o seu imaginário e de forma ativa, o imaginário do local onde irá viajar.

O governo federal brasileiro, durante a Era Vargas ao dispor sobre a divisão territorial do país, através do Decreto-lei de N.311 de 2 de março de 1938, já previa no Art.16 que *“somente por leis gerais, na forma deste artigo, pode ser modificado o quadro territorial, tanto na delimitação e categoria dos seus elementos, quanto na respectiva toponímia”*, a nomeação das localidades exercem um peso real sobre seus habitantes.

Essa nomeação informal ou premeditada e os títulos obtidos por certas localidades geram reconhecimento, visibilidade e podem ser utilizados no marketing turístico das mesmas. O ministro do turismo Vinicius Lage afirmou em entrevista que esses títulos: *“são ativos que ajudam a cidade a se posicionar no mercado em busca de reconhecimento. É sem dúvida algo positivo que contribui para o desenvolvimento do turismo”* (BRAGA, 2014, p.1).

Os estudos a cerca da toponímia em Geografia são bastante valorizados na vertente conhecida como geografia humanística, esses pesquisadores afirmam que os lugares são mais que sequências de prédios e locais privilegiados para a reprodução da mão-de-obra, criticando a secundariedade que os elementos afetivos e experimentados na vivência das cidades provocam nos moradores e visitantes da mesma.

O geógrafo João Baptista Ferreira de Mello (2012) balizado em Tuan (1980, 1983) e em várias pesquisas que já realizou sobre as toponímias que a cidade do

Rio de Janeiro/RJ apresenta, comenta que a mesma também é conhecida pelo título “Cidade Maravilhosa” e afirma que:

Via-de-regra, as pessoas distinguem o(s) seu(s) mundo(s) vivido(s) com apelidos e nomes informais. E a Cidade Maravilhosa se insere, orgulhosamente, neste conjunto. Mas, convém frisar, tais envolvimentos que brotam com a experiência, a confiança e a afeição revelam intimidade que, na acepção da palavra, é a qualidade do “que está muito dentro” ou o “que atua no interior”. Por isso mesmo, os lugares são entes queridos merecedores de considerações especiais. O homem, também, experiencia locais nomeados por outros e a ele passados, seja pela educação informal ou aqueles forjados pela administração pública. Designar com nomes, na tradição judaica, significa ter domínio. Os seres humanos dotam com qualificativos as montanhas, os rios, as províncias e os continentes. Essa relação de domínio e intimidade é preciosa, pois contribui para os estágios de pertencimento e interiorização, relevantes no processo de amor ao lugar vivido, ou seja, à sua própria geografia (MELLO, 2012, p.590).

Em realidade, as titulações dadas a cidade de Aparecida remetem a afeição religiosa que a mesma possui: “cidade da Mãe Aparecida”; “cidade da Senhora Aparecida”; no qual o destaque dado pelo geógrafo Christian Dennys M. de Oliveira (1999) a titulação “a cidade-Mãe” mostra a construção mítica entorno da imagem encontrada pelos pescadores, a própria ideia de cidade irradiadora de uma matriz também religiosa capaz de elevar a devoção mariana a níveis mais elevados. Auxiliando nesta construção imaginária, os números referentes às visitas em Aparecida impressionam.

Sua pujança está no fluxo perene de peregrinos ao longo do ano, que em 2013 bateu seu recorde – 11,8 milhões. De quinta-feira a domingo, conforme observado em campo e confirmado em entrevistas informais com recepcionistas de hotéis, em qualquer das 52 semanas que compõem o ano, o ritmo do centro nervoso do município de Aparecida volta-se para as caravanas e seus peregrinos que chegam à cidade para comprar produtos variados, conhecer os pontos turísticos religiosos, mas, sobretudo, para exercer suas práticas devocionais, pagar promessas e etc.

As estimativas de movimentação de visitantes no Santuário Nacional de Aparecida podem ser semanalmente acompanhadas através do sítio eletrônico <www.a12.com>. Segundo pode ser calculado a partir dos dados presentes no site, a média de recepção por fim de semana é de 100 mil visitantes, variando conforme a chegada da festa da padroeira em 12 de outubro, os feriados nacionais, as

festividades variadas (encontros, dias de santo) e a aproximação do final do ano (dia de Natal). Observe a tabela de estimativas abaixo:

Tabela 1: Estimativa de movimentação no Santuário Nacional para os meses finais de 2014

Mês	Fim de Semana			
	Sábado		Domingo	
Novembro	22/11	98.088	23/11	174.792
	29/11	84.460	30/11	147.619
Dezembro	06/12	79.228	07/12	104.201
	13/12	105.986	14/12	161.716
	20/12	120.462	21/12	155.971
	27/12	62.356	28/12	72.108

Fonte: Esquematização própria. Dados: Santuário Nacional de Aparecida
<http://www.a12.com/santuاريو-nacional/servicos/estimativa_de_movimento>

Ainda segundo os dados oficiais expostos no site do Santuário Nacional de Aparecida, o feriado da padroeira que obteve maior movimentação de visitantes foi em 1996, chegando a 215 mil e o recorde de visitação foi em 14 de novembro de 2010 quando 245.023 superou o recorde anterior registrado em 20 de outubro de 2002 com 231 mil visitantes.

Observando o fluxo, pode-se perceber o caráter permanente que acaba por gerar o saldo total médio de 10 milhões de romeiros. Em termos de ápice de peregrinos, ou seja, culminância ou expectativa de reunião de devotos em um único evento, Aparecida entretanto, seja na festa da padroeira ou outra, não obtém o título de maior festividade católica do Brasil.

A procissão do Círio de Nazaré em Belém/PA (trajeto começa na Catedral Santa Maria de Belém e segue por 3,6 quilômetros até a Basílica de Nazaré) que também ocorre em 12 de outubro, é a maior festividade católica do Brasil, reunindo aproximadamente 2 milhões de devotos católicos marianos, todavia, não consegue manter o fluxo perene de visitantes, sendo superado e muito pelo Santuário Nacional de Aparecida.

O recorde de visitas anuais é explicado oficialmente, primeiro remetendo-se à devoção mariana; segundo a infraestrutura e acolhida oferecida pelo templo e pela cidade; e por fim, aos meios de comunicação. A questão geopolítica de sua localização não é mencionada, mas diversos especialistas já afirmaram sua importância (OLIVEIRA, 1999; ROSENDAHL, 1996).

O papel da mídia no processo de revigoração da devoção católica é marcante. O trato dado a esse elemento modificará e determinará a separação existe entre católicos tradicionais e católicos carismáticos renovados. O revigoração dar-se-á nas duas vertentes, todavia a maneira que os rituais são elaborados, o objetivo (o chamado carisma) que irão evocar, a demarcação das práticas religiosas serão bastante diferenciadas, ao ponto de certos segmentos internos mais radicais não reconhecerem a Comunidade Canção Nova como legítima, visto que somente após seis anos de processo, em junho de 2014, o Vaticano através do Pontifício Conselho para Leigos - órgão que coordena e aprova as novas comunidades católicas, reconheceu definitivamente o trabalho evangelizador que esta comunidade exerce.

A próxima subseção pretende explorar o universo de Aparecida sob o ponto de vista da atualidade, sendo assim, não irá realizar uma retrospectiva informando sobre o encontro ou achamento¹ da imagem no Rio Paraíba do Sul pelos três pescadores, em 1717; nem mesmo o início em 1946 quando o cardeal de São Paulo Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta abençoou a pedra fundamental (relembrando que inicialmente Aparecida estava subordinada à arquidiocese de São Paulo); os motivos (criação de um monumento nacional que servisse de referencial para os cristãos em meio ao desenvolvimento industrial-econômico no contexto do final da Era Vargas) e a representatividade ao longo do tempo, posto que diversos trabalhos, inclusive teses já se dedicaram a isso - para consulta detalhada, a tese de Christian Dennys Monteiro de Oliveira (1999) intitulada *“Um Templo Para Cidade-Mãe: A construção mítica de um contexto metropolitano na geografia do Santuário de Aparecida-SP”*.

¹ Achamento é um termo que faz referência ao próprio achamento do Brasil, traz em si o choque de ideias: achar x descobrir, aproximando da noção contida em ‘encontrar’.

3.2 A HIERÓPOLIS DO CIRCUITO: APARECIDA

Aparecida não é uma cidade comum organizada por base econômica e sim uma hierópolis, organizada por suas características culturais de ordem religiosa, no qual circulam peregrinos, membros do clero, leigos católicos moradores do município, cidadãos laicos e de outras religiosidades. Contudo, essa ordem religiosa, não surgiu de uma ordem cosmológica anterior ao início do seu povoamento, ela é posterior e atualmente ordenadora do território municipal. Cabe então recordar que os agrupamentos, as tribos, as aldeias, os vilarejos e as cidades nascem do encontro entre as pessoas – em seu sentido mais poético, mas crescem a partir do interesse político destas mesmas pessoas – em seu sentido mais prático.

A construção de habitações, a implantação de infraestrutura sanitária, comercial, industrial, cultural e etc., vão sendo modeladas e rearranjadas a fim de possibilitar o enraizamento da vida de relações entre os habitantes do lugar e as trocas estabelecidas em outros lugares.

A vida mesma humana se desenrola nos lugares a partir dos marcos ou formas espaciais construídas por sujeitos possuidores de interesses variados com o intuito primordial de estabelecer relações simbólicas de vivência, de domínio e de controle.

A partir da história contada sobre os homens e as mulheres, seus hábitos e seus costumes, suas crenças e fatos narrados, que por vezes o ergueram, ou por vezes, estão representados nesses marcos situados nesses lugares, adquirem pelo uso e pela imaginação significados para aqueles que habitam a seu redor ou mesmo aqueles que, por comparação, estabelecem conexão entre os fatos, os mitos e as subjetividades de seus lugares e o novo lugar conhecido. É nesta concepção que o encontro estabelecido pelas pessoas, forma lugares que são marcados através de formas espaciais, nos quais envolvidos em crenças e significados ampliados culturalmente, tornam-se formas simbólicas espaciais.

Em 2002, Zeny Rosendahl já afirmava que o elemento religioso de natureza propriamente cultural apresentava-se não somente como um aspecto da paisagem, mas sim um produtor de espaço.

Essa afirmação acarreta reflexão sobre a relevância que alguns elementos religiosos possuem no âmbito urbano, a preponderância que adquirem através de atores sociais capazes de transformar ideias em formas espaciais organizadas no interior da sociedade.

Os recursos, a vontade política, a legitimação que passam a adquirir podem interferir no espaço urbano a ponto de tornarem-se referências para aquela localidade e aumentando sua influência, causa rebatimentos em outros municípios, estados e até países.

Quando as funções urbanas se voltam para o elemento religioso ou para o complexo religioso, sejam de maneira permanente, sejam temporariamente nos períodos de celebração religiosa conforme a magnitude da cidade em questão, pode-se considerar esta cidade como uma hierópolis ou cidade-santuário.

As cidades-santuário são assim consideradas pela parcela da população que, identificando templos, fontes, ruas, locais na mata, praças e etc. as consideram de alto valor simbólico e sagrado (pertencente a sua divindade ou a seu Deus), passíveis de serem celebradas como locais de memorização religiosa, de práticas ritualísticas e devocionais. São cidades que possuem a religião como característica específica cuja economia foca-se, direta ou indiretamente, da contínua ou periódica celebração do tempo das festas religiosas.

No catolicismo, as cidades-santuário possuem, em sua maioria, templos máximos – as Basílicas ou Catedrais - estes reconhecidos em diversas escalas (regionais, nacionais, internacionais) e seu local de construção, quando remetendo a tempos passados, está associado: ou a natureza sagrada do terreno; ou a realização de práticas ritualísticas de outras comunidades religiosas; ou a existência de hierofanias (manifestação singular do sagrado, ou seja, das forças que envolvem a presença de Deus, da Trindade, de Maria, de seus anjos, santos e mártires) sejam em formas de objetos como estátuas, roupas, pinturas e etc., sejam ocorridas com indivíduos, grupos de pessoas e etc.; sejam no próprio templo religioso durante a realização das práticas ritualísticas, sejam hierofanias em outras localidades, porém transportadas e abrigadas nesses templos específicos.

Além das especificações cabíveis a Igreja, durante a colonização portuguesa no Brasil, os templos católicos foram construídos em colinas, em morros, em áreas privilegiadas, a fim de serem pontos geopolíticos e ocupar centralidade nos núcleos populacionais que iam sendo criados. A associação entre religião, colonização e política territorial pode ser mais bem estudada em Rosendahl (2009, 2012).

À medida que o urbano e o rural passaram a representar uma espécie de habitat do homem, construir modos de expressar os valores, as crenças, os costumes e hábitos do agrupamento humano, em formas arquitetônicas, ou seja, através de objetos culturais, a própria ideia de cultura passou a ser importante para a obtenção do controle, da unidade e da permanência do *status quo*.

Nesse ponto, a junção da religião católica e da política no Brasil torna-se mais clara, pois a construção de templos, estátuas de santos e de Cristo, a instalação de formas simbólicas espaciais no solo desses agrupamentos tornou-se um modo expressivo de influenciar, controlar e dar identidade ao povo brasileiro.

Em outros trabalhos, com destaque para Frangelli (2010), percebeu-se que nas cidades-santuário católicas, a manifestação da fé e da devoção geraram formas, funções, processos e estruturas nos quais analisadas nas interações entre seus fixos e fluxos, pode-se perceber a evidência do sagrado sobre as funções habitualmente compreendidas como meramente econômico-urbanas, e deste modo, determiná-las como hierópolis, como nos diz Rosendahl (1999, p. 26).

Conclui-se que são fatores que qualificam essas cidades: o simbolismo religioso que possuem e o caráter sagrado atribuído ao espaço. Assim, cidades-santuário são centros de convergência de peregrinos que, através de suas práticas e crenças materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço. Esse arranjo singular e repetitivo pode ser de natureza permanente ou apresentar uma periodicidade marcada por tempos de festividades próprios de cada centro de peregrinação.

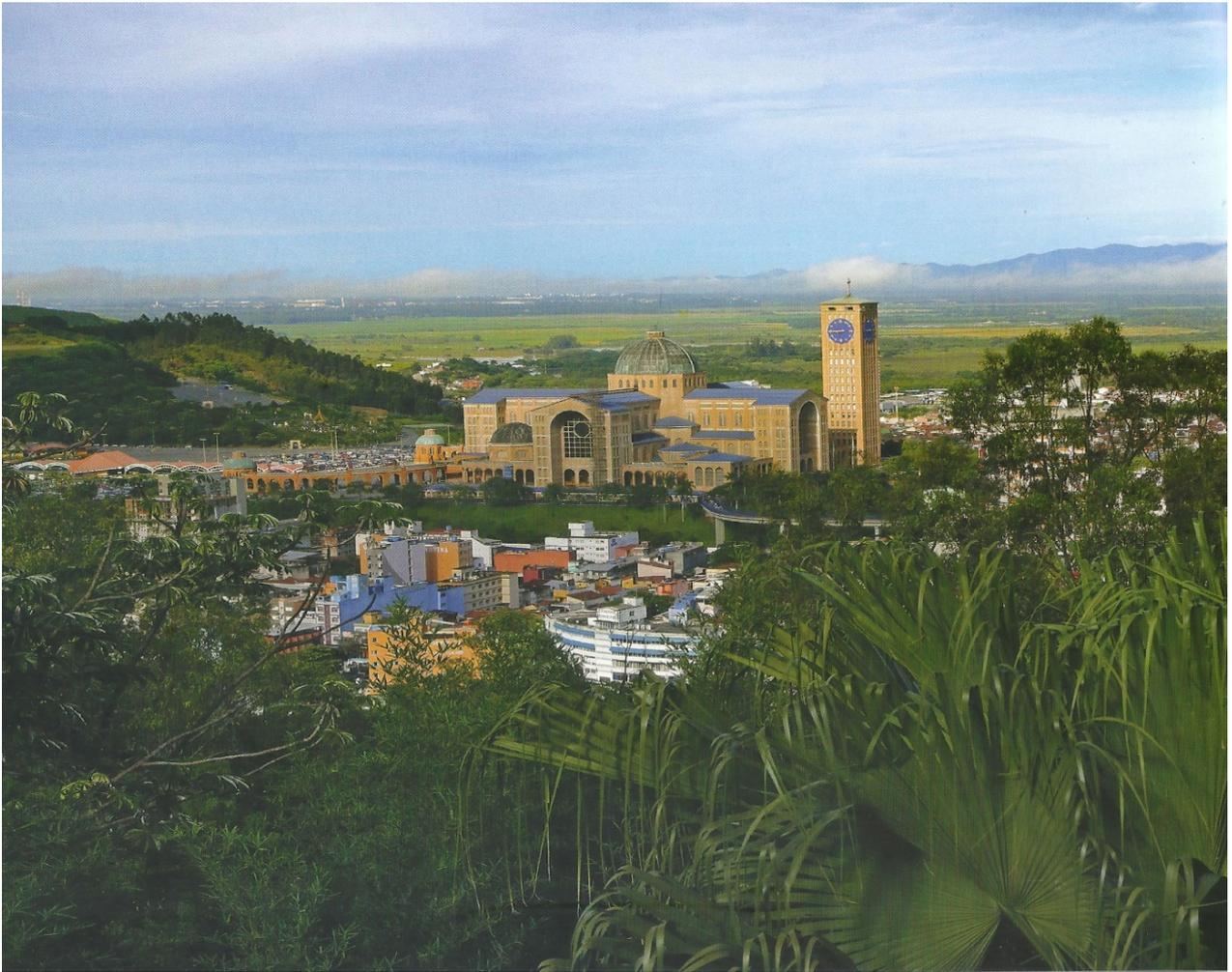
A partir do apresentado, Rosendahl (1999, p. 94-6) desenvolveu uma tipologia que possui seis itens pelos quais, compreendidos em articulação, torna-se possível diferenciar estas cidades de outras em que as funções diversas se sobrepõem sobre a do sagrado. São eles:

- (1) A proeminência do sagrado sobre o profano nas funções urbanas, ressaltando que as hierópolis, além do papel religioso e ideológico, desempenham também, enquanto hierópolis, um papel político;
- (2) A variabilidade das funções segundo os ritmos próprios do tempo sagrado;
- (3) A natureza específica do alcance espacial que não se manifesta estritamente pelas leis de mercado;
- (4) Os participantes têm motivações ideológicas e desempenham roteiros devocionais que não são racionais segundo os padrões da economia;
- (5) As atividades apresentam uma organização de seu espaço interno fortemente marcado pela própria lógica do sagrado que confere ao espaço um tipo particular de centralidade e segregação;
- (6) A localização das hierópolis é ditada pela sacralidade atribuída aos lugares.

As seis funções elencadas formam nas hierópolis uma ordem simbólica marcada pela prática e pelas atividades religiosas do *homo religiosus*. Essa prática pode se apresentar através da peregrinação, dos rituais diários ou sazonais, porém sempre respeitando certa periodicidade litúrgica, representada pelo tempo comum e pelo tempo sagrado, que imprimem no lócus religioso um ritmo peculiar.

A geógrafa supracitada também chama atenção para o alcance, a localização e a organização espaciais diferenciadas do sagrado. Assim como os roteiros devocionais que não devem ser interpretados sem a devida consideração à natureza simbólica específica daquela prática ou atividade religiosa dentro da percepção e vivência do homem religioso e a sua fé, também a sacralidade que determinados lócus ocupam dentro do imaginário e dos dogmas religiosos devem ser interpretados sob essa prerrogativa. Um exemplo do afirmado pode ser observado na figura 8 que mostra a Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida centralizada, dominando a paisagem, reafirmando sua suntuosidade onde a comunidade está ao seu redor, construída abaixo, tutelada. A Basílica é mais que uma mera igreja.

Figura 8: Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida – 2013



Fonte: Fotografia Fabio Colombini, IN: PASTRO, C. Aparecida: guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Editora Santuário: Aparecida, SP. 2013

Outro ponto a ser considerado nas hierópolis é a figura do peregrino. Este tipo singular de prática religiosa permite identificar o comportamento religioso manifestado materialmente à medida que, através do ritual de celebração de certos lócus singulares, seus símbolos e significados o agrupam a uma coletividade religiosa.

Rosendahl (1996) afirma que o peregrino é um agente singular que não permanece ao longo do tempo nestes lócus religiosos singulares. Esta prática para a geógrafa, deve ser compreendida em sua função social de transformação do espaço no qual torna-se possível identificar a fé, a crença e a devoção de maneira materializada, onde normas, discursos e fronteiras representam um quadro de

referências dos limites invisíveis que efetivamente delimitam estes lócus religiosos, tornando possível o seu conteúdo simbólico, religioso e político.

Retornando a tipologia proposta, um destaque especial deve ser dado ao primeiro item, no qual se afirma a detenção de um papel político às hierópolis. Este papel pode ser interpretado através da associação de movimentos sociais, políticos, econômicos ou culturais que despertam o interesse do poder público sobre a autoridade das mesmas. Enquanto lugares detentores de poder simbólico, a história destas cidades-santuário se confunde à história de fundadores, idealizadores e líderes religiosos. Essa fusão exerce ao mesmo tempo uma áurea de credibilidade a elas como também uma memória difusora de seus elementos próprios, gerando identidades aos quais a diferenciam de outras cidades-santuários (ROSENDAHL, 1996).

Essas observações recaem sobre o município de Aparecida no estado de São Paulo, Brasil. Segundo dados divulgados no guia de atrativos religiosos desse estado intitulado “Cidades da Fé”, edição 2013, publicado pela Expedições Editora em parceria com múltiplos colaboradores, dentre estes o Ministério do Turismo, as secretarias de turismo e assessorias de comunicação de diversas prefeituras paulistas, entre outros destaca-se o SEBRAE/SP, o município de Aparecida recebe por ano cerca de 10 milhões de visitantes, sejam grupos romeiros organizados em caravanas, sejam peregrinos caminhantes oriundos de 12 rotas reconhecidas que possuem como destino final à Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

Dados mais atualizados, disponibilizados pela Arquidiocese de Aparecida, através da reportagem de Wilson Silvaston (2014) para a Rádio Aparecida (rádio oficial do Santuário Nacional), no ano de 2013, o município bateu seu recorde de romeiros atingindo a marca de 11.800.000, o que representou um aumento de 69% de peregrinos em 10 anos.

Esse aumento não está associado à ampliação do número de devotos à Nossa Senhora, mas ao evento da Jornada Mundial da Juventude ou simplesmente JMJ, ocorrido no período de 23 à 28 de julho de 2013 no município do Rio de Janeiro. Esse evento foi precedido por diversos acontecimentos localizados e distribuídos ao longo dos meses anteriores nas dioceses e paróquias brasileiras, com destaque para a peregrinação de dois objetos religiosos símbolos da JMJ: a

Cruz Peregrina e o Ícone de Maria (Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) que percorreram 17 regionais da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) (Figura 9).

Figura 9: Símbolos da JMJ - 2013

Símbolos



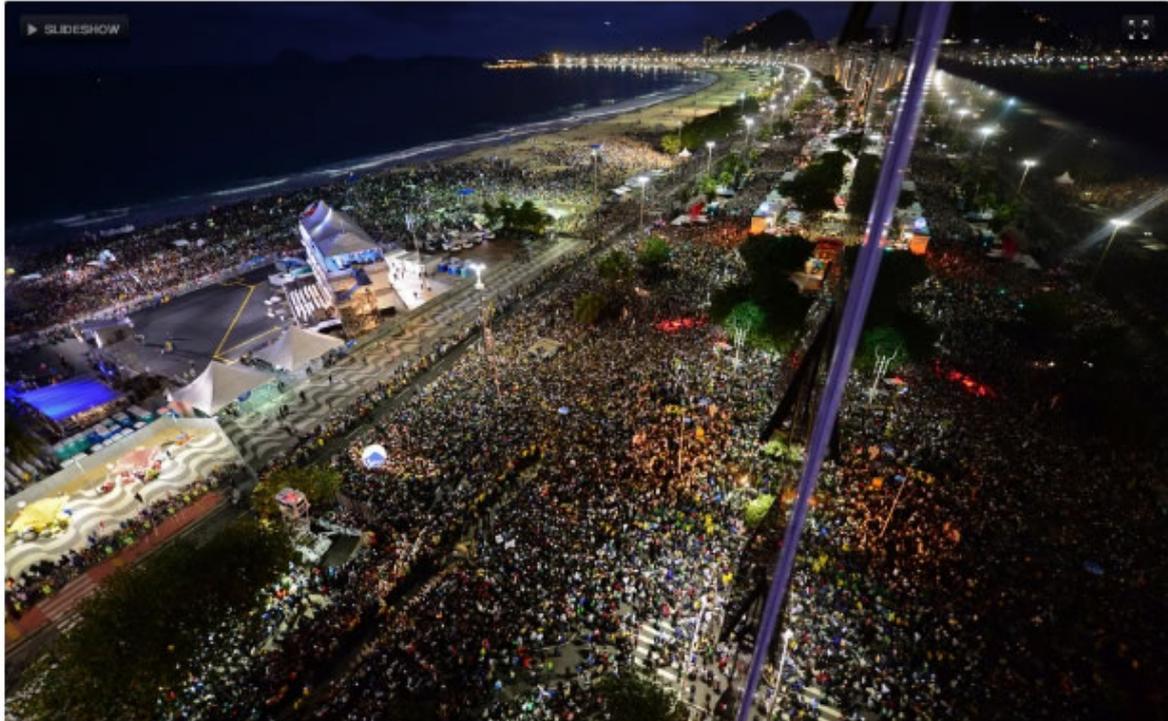
Fonte: G1 – Portal de notícias da Rede Globo, julho de 2013
g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude-2013/historia/platb/

O evento em si ocorrido no município do Rio de Janeiro teve seus preparativos capitaneados em Aparecida, no qual as autoridades religiosas e políticas realizaram encontros de formalização e organização de roteiros tanto para os peregrinos quanto para o papa Francisco. A Jornada Mundial da Juventude foi considerada o evento mais complexo e grandioso realizado no município do Rio de Janeiro, reunindo 3,7 milhões de pessoas na Praia de Copacabana, superando o famoso Réveillon que reúne um quantitativo médio de 2 milhões para assistir, a beira mar, os fogos de artifício que celebram a chegada de um novo ano (Figura 10).

No dia 24 de julho de 2013, de helicóptero, o papa Francisco encaminhou-se para o município de Aparecida onde celebrou uma missa e venerou a imagem de Nossa Senhora Aparecida (Figura 11). Nesta ocasião a Basílica recebeu cerca de 12.000 romeiros, artistas e autoridades políticas que por motivos de segurança ficou

aquém de sua capacidade máxima (30.000), enquanto que, do lado externo, recebeu 200.000 pessoas – 16 vezes o quantitativo interno (G1, 2013).

Figura 10: Vista da Praia de Copacabana durante a JMJ – 25/07/2013



Fonte: G1 – Portal de notícias da Rede Globo, julho de 2013 <<http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/fotos/2012/07/fotos-jornada-da-juventude-2013.html#f887558>>

Figura 11: Cardeal Arcebispo de Aparecida dom Raymundo Damasceno e Papa Francisco na celebração em Aparecida – 24/07/2013



Fonte: G1 – Portal de notícias da Rede Globo, foto de Adriano Lima, julho de 2014 <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2013/07/veja-integrada-homilia-do-papa-francisco-feita-na-missa-de-aparecida.html>>

Dados como os acima apresentados revelam a pujança da atração religiosa que a Basílica Nacional possui, assim como a consistência da força do cristianismo no país. É interessante marcar o fato religioso desta maneira porque não é incomum nessas grandes celebrações, no Brasil, encontrar crentes evangélicos e de outras religiões.

A JMJ representou um refrigerar e uma nova visão de Igreja para muitos fiéis não praticantes. Uma série de projetos agregadores e renovadores foram apresentados, como comunidades no interior da instituição que possuem moderada visibilidade, são elas: Shalom, Toca de Assis, Comunidade Bethânia.

Dentre essas comunidades supracitadas, a primeira a receber o reconhecimento definitivo do Vaticano, valorizando assim seu trabalho evangelizador, foi a comunidade católica Shalom. As etapas ocorreram de forma idêntica à Comunidade Canção Nova, ressaltando o fato da Comunidade Shalom ter sido a primeira: em 1998 foi reconhecido por decreto canônico pelo arcebispo de Fortaleza Dom Cláudio Hummes; em 2007, recebeu o reconhecimento pontifício em caráter experimental; e após esse período de experiência, em 2012, recebeu o reconhecimento definitivo dos seus estatutos como “Associação Privada Internacional de Fiéis” – classificação que demonstra o caráter leigo da comunidade.

Leigo não se remete a laico. Leigo é aquele que não está plenamente inserido nos mistérios, formam a base da Igreja e podem ter atuação intensa na instituição (diácono, ministros da eucaristia, leigos consagrados), atuação moderada ou pertencer simplesmente ao grupo dos fiéis (estes dois classificados como leigos).

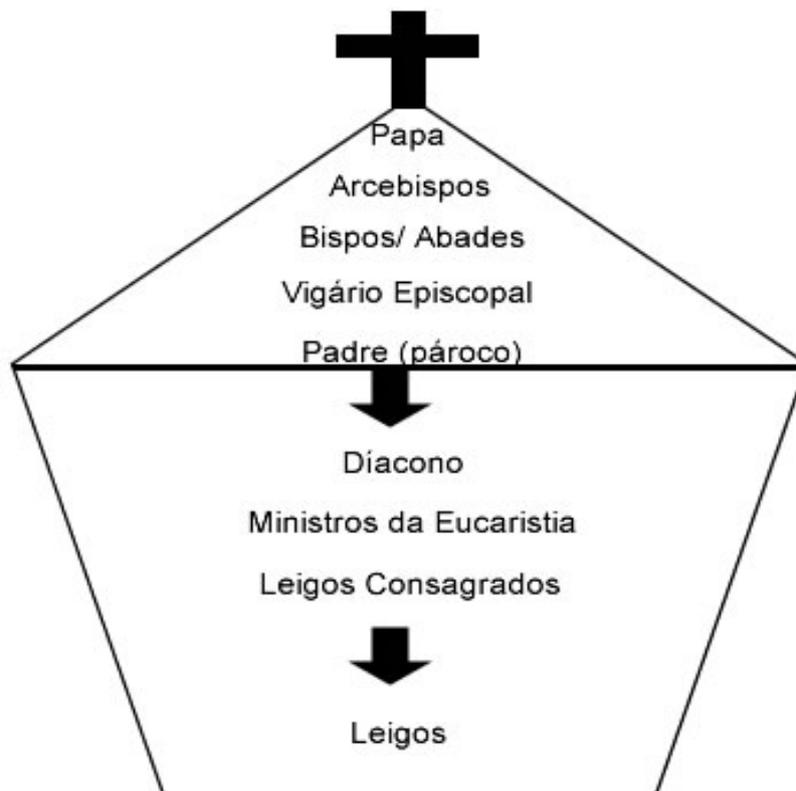
Os leigos consagrados estão associados a ideia de monges e de frades, mas também abriga os religiosos e as religiosas de congregações/ comunidades privadas que se dedicam profundamente a obra que estão envolvidos. Na atualidade e no interior do movimento carismático católico são também classificados como pertencentes das comunidades de vida.

Os leigos de atuação moderada são aqueles definidos como: coroinhas (crianças), sacristãos, agentes pastorais, catequizadores, seminaristas, crismados e etc. Atuam no templo, na atualidade e no interior do movimento carismático católico são também classificados como pertencentes as comunidades de aliança.

O grupo de fiéis, os chamados católicos ou rebanho – em menção a ideia do pastor e seu rebanho, são aqueles que dão alma à instituição religiosa, ao presentificar e receber o mistério, vivenciando a fé ao praticá-la, quase sempre associados a recepção desse mistério, expectadores da fé.

Observe a figura 12 abaixo que visa demonstrar a divisão de funções na hierarquia básica da Igreja, no qual os participantes do mistério estão no triângulo superior e os não participantes deste mistério estão no trapézio inferior subdivididos em leigos atuantes e leigos receptivos através das setas, todavia divididos por definição conforme explicado acima:

Figura 12: A divisão funcional na hierarquia básica da Igreja



Fonte: Elaboração própria. Base: Hierarquia da Igreja católica, Juberto Santos, disponível no site: < <https://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/08.htm>>

Retomando a comunidade brasileira cearense – Shalom, tem-se como singularidade, o fato de ter sido criada por um membro leigo em 1982 chamado Moysés Louro de Azevedo Filho, um jovem então com 22 anos que, 2 anos antes foi

escolhido pelo arcebispo de Fortaleza Dom Aloísio Lorscheider para criar e entregar um presente em nome da juventude da arquidiocese para o Papa João Paulo II em sua primeira viagem ao país.

A ideia da comunidade evangelizadora nasceu da carta que Moisés entregou ao Papa no qual se colocava a disposição de Deus na tarefa de evangelizar os jovens. Esse projeto foi diferenciado: o Centro Católico de Evangelização Shalom era uma lanchonete que continha uma livraria onde as pessoas lanchavam e buscavam aconselhamento.

Um ano após, em 1983, formaram-se os primeiros grupos de oração, posteriormente surgiu à comunidade de aliança, e em 1985, a comunidade de vida – iniciada pela consagração de Moisés Louro de Azevedo Filho e outros quatro integrantes ao renunciar o mundo e começar a estabelecer as diretrizes do carisma Shalom. Em 1986, Maria Emmir Nogueira (outra fundadora e agente principal no avanço dessa comunidade católica) ingressa na comunidade de vida. A trajetória destas pessoas, assim como o cotidiano da comunidade e sua especificidade foram estudadas em nível de mestrado por Luciana Aguilar (2006) devido a natureza de rejeição e adaptação ao mundo que essa comunidade apresenta. A socióloga utiliza a teoria weberiana para compreender como leigos reinterpretem as questões individuais e de adaptação ao novo ao possibilitar aos membros a diminuição com o contato mundano.

Essa comunidade desenvolve projetos focados na família, e nos seus membros sob a ótica cristã: crianças, jovens e casais. Visa formar líderes para construir um mundo novo (Projeto Mundo Novo – PMN) baseados nas lições do evangelho e no carisma Shalom.

A palavra de origem hebraica significa ‘paz’ e é utilizada como uma saudação, no qual aquele que a pronuncia deseja um conjunto de sentimentos harmoniosos nascidos do equilíbrio existente entre a própria paz, a saúde e a tranquilidade.

Entende-se por carisma, na interpretação cristã, um dos dons do Espírito Santo responsáveis pela atualização do evangelho e renovação da própria Igreja. Esse carisma provém do sopro do Espírito Santo que vocaciona determinadas almas

para pregar o evangelho de maneira diferenciada – e assim condizente com a contemporaneidade.

Do ponto de vista da comunidade Shalom, o carisma foi soprado no jovem Moysés Louro de Azevedo Filho e este o interpretou aos moldes daquilo que chamou de carisma Shalom: reviver o evangelho sobre o voto de pobreza, caridade, castidade e comunhão. Através da contemplação das obras de Jesus Cristo e dos santos, santas, mártires e apóstolos, contidas no evangelho o membro é chamado a evangelizar.

Os membros são alinhados conforme os desejos (vontade de Deus) e formação, na comunidade de aliança (se permanecem na sociedade) ou na comunidade de vida (renunciam ao mundo, vivendo nas casas comunitárias da própria comunidade). A renúncia ocorre aos moldes das primeiras comunidades cristãs, onde o membro de vida abre mão de posses materiais e planos pessoais para viver a plenitude da obra divina (AGUILAR, 2006).

O Shalom – como é chamada – está presente em 21 unidades da federação e em diversos países dos continentes americano, europeu, asiático e africano. Possuem centros de formação religiosa, colégios, rádios, produz eventos, está presente nas redes sociais e etc.

Leia o testemunho de Sérgio Augusto Galhardo (2014)² sobre o papel da dor na aproximação de Deus, demonstrando bem o ponto de vista do carisma Shalom. Esse leigo da Comunidade Católica Shalom, pertencente a nova forma de interpretar a atuação dos leigos moderados em ‘comunidades de aliança’, testemunha sua vivência através de postagem em um dos diversos sites da própria Shalom (<comshalom.org>) de modo que a renovação proposta utilizando as atualizações técnicas da sociedade, ou seja, a mídia eletrônica tem um papel difusor bastante apreciado pelas novas comunidades católicas.

“ Dor, lugar onde me encontro com Aquele que me ama

Desde que me encontrei com Jesus, naquela experiência fundamental, a Palavra da Escritura sempre me acompanhou. Comecei a ler o Novo Testamento de ponta à ponta. Umás coisas eu entendia, outras não, mas ainda assim algo me atraía, puxava-me. Lembro-me que quando li os Atos dos

² Disponível na internet em 23 de setembro de 2014, no endereço: < <http://www.comshalom.org/dor-lugar-em-que-encontro-com-aquele-que-ama/>>

Apóstolos até perdia o fôlego, pois a imaginação ia longe, como sói a um apaixonado pela leitura como eu. Mais tarde descobri a Liturgia da Palavra diária. E que belo era ver a própria Palavra explicando a Palavra, eu a descobria viva!

Certa vez, em Ap 12, Deus me fez compreender o papel de Maria no Seu plano de Salvação e na minha própria história. Obviamente, este entendimento foi se aprofundando ao longo dos anos. Depois vieram os estudos bíblicos da Comunidade: um descobrimento da Palavra de Deus à luz de meu Carisma, daquilo que eu trazia em mim e parecia ir se “encaixando” e me moldando a partir de dentro.

Para mim, a Palavra sempre é Luz. Ela de tempos em tempos, se incide sobre certas áreas de minha vida, com uma concretude que só Deus pode fazer, e as transforma, as cura com potência e suavidade. Nos dias atuais, duas foram as experiências mais marcantes, a primeira é que, sempre que possível, rezo as Laudes, ainda que sozinho em meu quarto, diante de meu altar doméstico. Por estar sozinho, vou simplesmente “falando” aquelas palavras diante do Senhor, de maneira muito livre e pessoal. Às vezes até arrisco cantá-las. E qual não foi a surpresa quando o Espírito Santo me fez perceber que eu falava, pelos salmos, ao Pai com as palavras do Filho. O Filho falava ao Pai por meus lábios, por assim dizer, por aquelas palavras! De repente me vi olhado pelo Pai como um filho. Ele olha para mim do mesmo modo que olha para O Filho. Descobri de novo, de forma mais viva, a graça de meu Batismo vivido em minha consagração: sou filho n’O Filho.

A partir daqui fui me descobrindo livre de novo. O Amor me fez livre, me faz livre. E isto me lançava de cheio no restante da oração e da vida, e aqui está a segunda experiência, de modo a me esforçar para não emergir da oração, mas estando diante dos homens, manter o coração diante de Deus e, exatamente por isso, “ser para” o homem, usando um termo de meu querido Bento XVI.

Percebi então uma abertura nova. Uma liberdade nova. Tão livre me faz que vi que podia dar passos em situações que antes não sabia como fazer, o que fazer. Tão livre me descobri e fui feito que podia, livremente, ofertar minha enfermidade física com Jesus na Cruz e compreender minhas dores físicas e interiores como o lugar onde me encontro com Aquele que me ama, o lugar em que Ele me espera. E pela oração, me submeto à Ele livremente, por me perceber amado.

Os frutos que percebo, a princípio, é a retomada dos apostolados, ainda que gradativamente. A retomada da vida fraterna. E a própria vida de oração renovada. Em tudo isso, uma nova doação de vida, pois além de minha humanidade tocamos aqui em um mistério e, como tal, sempre pode ser aprofundado. Verdadeiramente uma Obra Nova. Não mais um “fazer” externo, mas agora um “ser” que transborda, que se concretiza mas a partir de dentro, lá de onde a Palavra encontra no homem a Sua morada, onde, no homem, arma a Sua tenda, onde verdadeiramente habita em nós.

Sou Sérgio Augusto Galhardo, membro da Comunidade de Aliança, na Missão de Aparecida. E quando passar aos pés da Virgem, em seu santuário, falarei de você que me lê para Ela.

Shalom”.

O testemunho de Galhardo exemplifica o papel do leigo na contemporaneidade religiosa. Bem escrito, pontuado nos valores da sua comunidade, oriundo do cotidiano, da reflexão consigo mesmo pregada pela pós-modernidade em que o fiel comum trás o sagrado dentro de si e o compartilha para toda a comunidade no testemunho – na prova de que os leigos também possuem parte do mistério retido pelas autoridades religiosas.

Ao mesmo tempo em que detém parte do mistério que lhe seria negado por não pertencer ao clero, o fiel hodierno demonstra sua lealdade ao cumprir os ritos, as práticas religiosas ensinadas pela tradição, sendo capaz inclusive de sozinho, em sua solidão falar “em línguas estranhas” – um dos dons do Espírito Santo, esse católico pós-moderno não deixou de lado os santos, as santas, a devoção à Maria, o sacrifício de Jesus Cristo, apenas demonstra que também faz parte do mistério religioso, talvez sendo até mesmo o *mistério* em alguns momentos.

Sobre o novo papel dos cristãos leigos, a teóloga Maria Clara Lucchetti Bingemer (2012) expõe que o futuro da instituição católica depende do protagonismo destes homens e mulheres. O papel deles, sua identidade e a missão que desempenham está para ser repensado no contexto das definições acadêmicas.

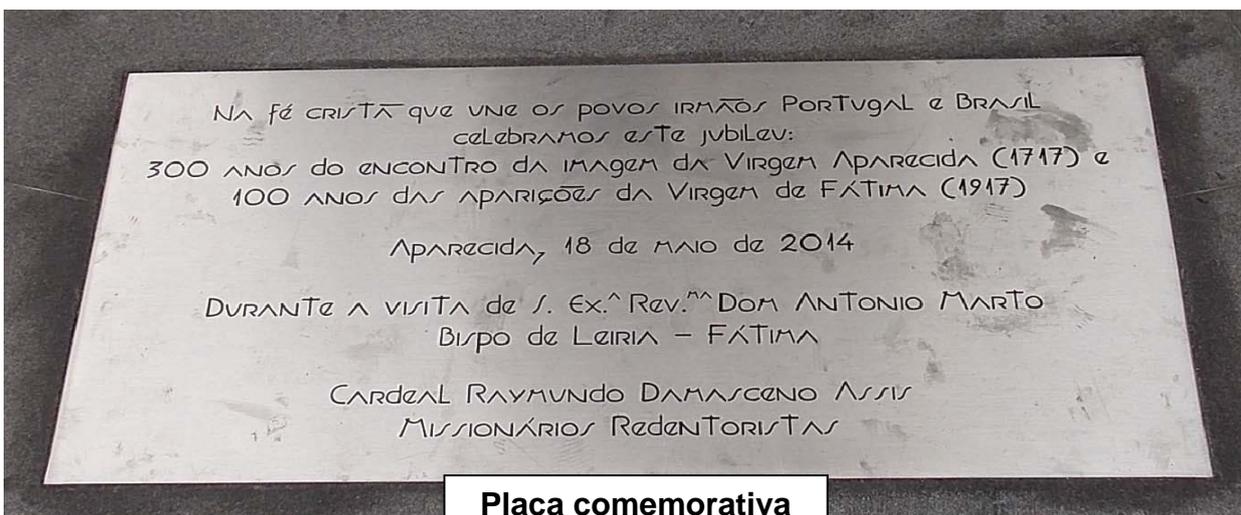
Em Aparecida, o Shalom apresenta um centro de evangelização, uma casa comunitária e diversas células (grupos de oração) estabelecidas na cidade. A comunidade é presente, auxiliando na organização e atraindo membros para os diversos eventos musicais e evangelizadores que ocorrem no decorrer do ano na Basílica Nacional, um deles foi o Hallel Aparecida. Essa exemplificação demonstra como a área de estudo é bastante complexa e como a participação dos leigos é muito mais ativa do que as pesquisas acadêmicas vem apresentando.

Durante o ano de 2014, a Basílica Nacional recebeu três grandes eventos direcionados: o Hallel (evento anual de música católica) conjuntamente a Romaria da Juventude cujo público alvo era a juventude brasileira e o subtema “Jovem, Paróquia e Sociedade”; e o início das comemorações do “2017: Aparecida e Fátima, centenários de Bênçãos” com o entronização da réplica da imagem da padroeira portuguesa (culminância em 2017, respectivamente 300 anos do encontro da imagem da Virgem Maria e 100 anos das aparições aos pequenos pastores) com o intuito de criar intercâmbio entre os romeiros de Portugal e do Brasil através da devoção à Virgem Maria (Figuras 13 e 14).

Figura 13: Presente português - Nossa Senhora de Fátima - 2014



Detalhamento da imagem e vela utilizada na celebração



Placa comemorativa

Figura 14: Folder do Hallel Aparecida e Romaria da Juventude com Show da Banda Rosa de Saron

LOCALIZE-SE

REALIZAÇÃO:
SANTUÁRIO NACIONAL APARECIDA

MÍDIA OFICIAL:
A12.com APARECIDA EDITORA SANTUÁRIO

revista de Aparecida

APOIO:
HALLEL

2017
Aparecida e Fátima
Centenários de Bênçãos
DURANTE O HALLEL TEREMOS A ENTRONIZAÇÃO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO SANTUÁRIO NACIONAL

17/05 - 17h30: Recepção da Imagem em frente da Matriz Basílica
18h00: Reza do Terço
19h00: Procissão luminosa pela Passarela da Fé levando a Imagem até o Santuário
20h00: Eucaristia: Alcolhada da Imagem de Nossa Senhora de Fátima. Presidência de Dom Raymundo Damasceno, Cardeal Arcebispo de Aparecida, e presença de Dom Antônio Marto, bispo da Leiria-Fátima e outros concelebrantes
22h00: Reza do Terço acolhendo a Imagem de Nossa Senhora de Fátima

18/05 - 07h30: Eucaristia: Entronização da Imagem de Nossa Senhora de Fátima. Presidência de Dom Antônio Marto e presença de Dom Raymundo Damasceno e de outros concelebrantes
08h30: Traslado da Imagem de Nossa Senhora de Fátima ao monumento a ela dedicado

JOVEM, PARÓQUIA E SOCIEDADE
16, 17 E 18 DE MAIO
SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA-SP

MÓDULOS: PHN, MISSÃO E VOCAÇÃO, MARIA, VIDA, ADORAÇÃO, LECTIO DIVINA, HALLELZINHO, E MUITA MÚSICA PRA VOCÊ.

#HALLELAPARECIDA

01 - PALCO CENTRAL
02 - JOVENS DE MARIA
03 - LANCHONETE
04 - LOJA HALLEL APARECIDA
05 - SANTUÁRIOS
06 - ESCRITÓRIO HALLEL
07 - ESPAÇO MÚSICOS
08 - ESPAÇO BANDAS
09 - EXPRESSÕES
10 - ESPAÇO BANDAS (LOJA)
11 - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO/ CAIXAS ELETRÔNICOS
12 - BERICÁRIO
13 - MÓDULO PHN
14 - MÓDULO HALLELZINHO
15 - INFORMAÇÕES HALLEL
16 - MÓDULO LECTIO DIVINA
17 - MÓDULO MISSÃO E VOCAÇÃO
18 - MÓDULO VIDA
19 - MÓDULO MARIA
20 - CAPELA/ADORAÇÃO PERPÉTUA VIGILIA
21 - ALTAR CENTRAL
22 - IMPRENSA
23 - SEGURANÇA
24 - AMBULATORIO
25 - CAMPING

Fonte: Folder disponibilizado pela Arquidiocese de Aparecida, maio de 2014



Fonte: Hallel Aparecida – 16/05/2014 – disponível no site: < <http://www.a12.com/jovens-de-maria/multimedia/detalhes/primeiro-dia-do-hallel-aparecida-2014-1>>

Os três eventos ocorreram no período de 16 a 18 de maio. A natureza diferenciada deve ser destacada: o primeiro e o segundo (dois em um) envolvia bandas de música católica com palestras e evangelização; enquanto o terceiro era a acolhida e procissão da imagem da Virgem de Fátima; porém demonstraram a versatilidade de uma Igreja em busca de novos rumos – a renovação via juventude e a integração com os outros continentes.

Os eventos destacados ao longo deste subcapítulo visam exemplificar a centralidade da Basílica Nacional e sua capacidade agregadora política, cultural e econômica que auxiliam na compreensão da suntuosidade de uma hierópolis. Mas uns adendos sobre o estranhamento da versatilidade das práticas reunidas parecem ainda ser necessários: o tradicional e o moderno convivem tão harmoniosamente assim?

Afinal, serão esses fiéis católicos da JMJ, do Hallel, da Romaria da Juventude, do Centenário de Bênçãos, peregrinos tradicionais, pós-modernos (ROSENDAHL, 2006), hipermodernos ou turistas? Quais elementos tornam o Hallel, um louvor a Deus como seu nome em latim sugere e não um festival da cultura de massa?

3.2.1 A centralidade de Aparecida como divulgadora do revigoramento católico

Ao iniciar essa subseção, deve-se partir da análise da palavra ‘revigoramento’ distanciando-a do movimento conhecido por Renovação Carismática Católica.

Apesar da sinonímia existente entre revigorar e renovar no léxico (DICIONÁRIO ONLINE, 2014), seus significados podem variar, exprimindo os dois verbos o sentido de “dar nova aparência” aproximando as ações à ideia de transformação ou o sentido de “pôr novamente em vigor” trazendo uma noção de tratar novamente uma questão.

Esse caráter dúbio deve ser retratado, pois, o sentido político e ideológico que perpassa cada um, os torna diferenciados no contexto católico.

Os municípios de Aparecida e Cachoeira Paulista, cada qual possui uma sede católica que vai além da simples noção de ‘cidades e seus padroeiros’, isto é, paróquias e outras formas simbólicas espaciais no interior da hierarquia desta religião, que a partir da devoção a certo santo ou santa, da importância que determinado ritual adquiri ao longo do tempo, da hierofania ocorrida no templo e etc., a localidade passa a ter uma maior visibilidade, identidade e representatividade, assim se destacando na rede hierárquica.

A peculiaridade destes dois municípios parece estar na centralidade que exercem devido ao fato de cada qual pertencer a uma diocese em que o alinhamento de uma evoca o catolicismo tradicional (Diocese de Aparecida) e da outra, respectivamente, o catolicismo de natureza renovada (a Comunidade Canção Nova está inserida na Diocese de Lorena), sendo assim, estão arraigados em contextos católicos diversos no qual a regionalização administrativa do estado de São Paulo as unifica e a regionalização administrativa da instituição religiosa as separa (como foi visto anteriormente).

O revigoramento católico que se invoca à Aparecida se refere a maneira como a base institucional está reagindo ao avanço das transformações e os impactos que a tecnologia da informação e a telemática vêm causando na sociedade.

O breve século XXI está sendo marcado por uma série de processos de transição que possui o meio técnico científico informacional como pivô e no caso específico da religião, o conflito surge como um choque de gerações em que uma geração imediatista, imagética e informatizada se contrapõe a uma resistente aos novos processos e mais arraigada a noção de tradição, ao repertório antepassado ou tradicionalista.

Essa mudança geracional influenciou o comportamento pessoal, o linguajar, facilitou a massificação de produtos e popularizou as novas formas de se comunicar, ampliando o acesso a informação e auxiliando na troca de conhecimento.

Ao mesmo tempo, o advento da tecnologia propiciou às pessoas a possibilidade de permanecerem “on-line”, no sentido de conectados ao fluxo de informações, sejam elas vinculadas via computador, tablete, celular ou televisão – as

chamadas mídias. Essa troca de informação pode ser estabelecida através dos programas de TV, dos telejornais, dos blogs e páginas pessoais, mas principalmente ocorrem via redes sociais – redes de sociabilidade em que seus integrantes trocam informações pessoais, notícias, fotos e etc. A esse conjunto chama-se hiperconexão.

A proliferação de produtos associados a grandes redes varejistas, marcas globalizadas e artistas, ou seja, produtos classificados como culturais também entram no processo, assim, produtos religiosos materiais como santinhos, imagens de santos, Bíblia on-line, livros católicos, eventos, passam a fazer parte do universo das trocas on-line.

Os testemunhos, os rituais ou mesmo o culto religioso passam a ser televisionados, as experiências religiosas são compartilhadas e o papel do leigo novamente é posto em xeque: pode estar ocorrendo a multiplicação dos mistérios? Não cabe mais a instituição religiosa o domínio dessa dimensão primordial da fé e da revelação?

Sobre a popularização de milagres, não é incomum relatos que exaltam feitos extraordinários e a presença do sagrado em momentos de aflição, necessidade de saúde, de trabalho e na busca do amor. Rosendahl (1994, 1996) apresenta uma série de discussões, relatos e análises sobre a importância do milagre na manutenção da fé, como também a importância das hierofanias na revitalização e na religação com o sagrado.

Entretanto, na era atual também chamada de hipermodernidade ou nova etapa do capitalismo avançado (LIPOVETSKY e CHARLES, 2004), o ser humano transporta o processo de globalização para os comportamentos sociais, no qual valores mercadológicos, os avanços técnicos e científicos acabam por gerar um paradoxo entre individualidade, autonomia e enfraquecimento pessoal.

Fluidez, flexibilidade e movimento – características da liquidez - também foram trabalhados filosoficamente por Zygmunt Bauman (2001) para descrever o período atual de maneira crítica. O ponto de união entre o filósofo polonês Bauman e o filósofo francês Lipovetsky está na observação do transporte dos elementos da economia para a vida pessoal através do uso das novas tecnologias.

Para Bauman (2001) a transformação de todos os elementos humanos, sejam eles sentimentos, sejam razões, em consumo, preço e mercadoria, assim como o referencial de autoridade ser o indivíduo, colocam um leque de opções para serem escolhidas e experimentadas que se chocam com a normatização, as instituições e as regras do convívio social.

Sobre isso Lipovetsky (2004) analisa a questão a fim de jogar luz no processo. Para ele, a virada cultural do século XX elevou o consumo e a moda a uma espécie de “instituição social” no qual a inovação, a rapidez, ou seja, a transformação torna-se o modelo a ser seguido e não o processo de se fazer o novo. Nesse ponto a ênfase no indivíduo e na sua capacidade de regulação minimizam as instituições coletivas e o próprio poder do Estado. O indivíduo é, em teoria autônomo, fundado na hiperindividualidade chocando-se com uma série de determinações como gênero feminino-masculino; filha-tia-neta; nacionalidade e tradições.

Nesta linha de raciocínio, o hiperindivíduo possui flexibilidade para autodeterminar seu gênero, sua filiação nacional, seus grupos sociais, e por fim, sua prática religiosa. Sua flexibilidade está em ficar ou não permanecer “on-line”, participar de debates intercontinentais, inserir-se a uma linha ideológica ou experimentar outras, consumir objetos religiosos e ao mesmo tempo vivenciar hierofanias nos mais diversos lugares sagrados ou clicando em páginas eletrônicas na internet.

O sujeito hipermoderno, porque ativo, exige da sua filiação ideológica, religiosa ou cultural uma contrapartida lógica, racionalizada e satisfatória. Essa exigência faz com que as instituições (coletividades estruturadas) entrem em competição, seja na esfera das crenças (religião), seja nos valores apregoados.

As tradições, segundo Lipovetsky (2004) estão cristalizadas no passado, afetadas pelas inovações que desestruturam a memória. A preservação do passado, ou seja, das tradições, está edificada nas formas arquitetônicas espalhadas nas cidades, conservadas em museus como relíquias, porém são fulgases como elemento de recordação da filiação do sujeito hipermoderno.

No contexto das sociedades de democracia plena – sociedades europeias do século XX, no qual diversos desafios de desigualdade social e econômica, de acesso a informação, saúde e educação foram minimizadas em maior ou menor grau, onde as fronteiras territoriais aos poucos foram sendo extraídas via união europeia, as linhas acima apresentadas pelos filósofos polônês e francês podem ser observadas em sintonia com o tipo de sociedade analisada.

No contexto de um país emergente, com graves problemas de desigualdade; acesso a bens públicos, informacionais, saúde e educação; justiça social e segurança; diversos elementos não se encaixam, enquanto que outros já foram introjetados (no sentido psicológico do termo) pela geração atual via consumo de aparelhos que possibilitam a conexão a essas redes informacionais.

É nesse ponto que o uso das novas mídias pelos leigos e setores do clero no Brasil parece paradoxal em seu intuito de preservar a memória, a tradição e a linhagem católica. Na verdade, o uso das técnicas serve para produzir parcialmente a compressão espaço-tempo. Rosendahl (1994), em outras palavras, já sinalizava em sua tese que as prioridades de pedidos e promessas girarem entorno do tripé: saúde, trabalho e amor, eram sintomáticas de uma sociedade que busca no céu respostas para os problemas terrenos.

Em verdade, muitos católicos veem na sua filiação religiosa o acalanto para uma vida sofredora no qual a devoção, a caridade e a humildade surgiriam como um passe para o Céu. Em uma sociedade extremamente desigual cuja justiça terrena falha, a busca por uma que acolha e resolva os problemas do indivíduo aumenta o poder da instituição e diminui o poder do sujeito.

O portal que dá acesso pela rodovia Presidente Dutra à cidade de Aparecida apresenta, como confirma a imagem, um *banner* com o logotipo da Basílica Nacional, o sítio eletrônico e o slogan “a mãe Aparecida mais perto de você”. O conteúdo cognitivo da mensagem revela a afeição e familiarização dos devotos com a santa – a mãe Aparecida (Figura 15).

O teólogo Pedro Cipolini (2010), estudioso da devoção mariana no Brasil, afirma que existe uma constância em termos históricos desta devoção a ponto de caracterizá-la como uma experiência e um traço característico do processo

evangelizatório no país. Na falta de um ensinamento eficaz do evangelho, foi por meio da figura de Maria e da sensibilização de mãe – a mãe de Jesus, mãe dos pobres, mãe dos oprimidos – que a evangelização efetivamente ocorreu.

Figura 15: Portal de acesso à cidade de Aparecida pela via Dutra



Fonte: Oswaldo Corneti, foto de 12 de outubro de 2014, disponível na internet em 23 de novembro de 2014 no endereço eletrônico: <<http://fotospublicas.com/romeiros-comecam-deixar-o-santuario-de-n-s-aparecida/>>

No primeiro momento da colonização, Maria surgirá na retórica dos conquistadores e no imaginário missionário como a protetora dos infortunados. No segundo momento passará a ser o 'auxílio dos aflitos', a aliada dos pobres. A maternidade de Maria, a pobreza e sua doação, segundo Cipolini (2010) em um contexto de extrema violência e opressão como foi a instalação da colonização portuguesa arraigou o marianismo português. Cabe lembrar que a devoção portuguesa à Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição, assim

como a devoção espanhola expressa em Nossa Senhora de Guadalupe serão transmogrifadas para a devoção de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, com o achamento da estatueta em 1717.

Ao corroborar com Cipolini (2010), percebe-se claramente que Maria é uma mensagem poderosa carregada de simbologia feminina: “mulher do povo, companheira e mãe libertadora diante das aflições da vida” (CIPOLINI, 2010, p.42). Esse raciocínio poderia supor que a instituição católica, ao longo do questionamento do século XX e XXI sobre o papel das instituições, manteve-se soberana e intocada no Brasil, porém isso não ocorreu plenamente: o país manteve-se como o maior país católico do mundo segundo o IBGE, porém houve perda de fiéis para outras denominações cristãs, com destaque para as evangélicas.

Na publicação, Estatística do Século XX (IBGE, 2006) essa queda no número de fiéis católicos é confirmada utilizando os dados do anuário estatístico do Brasil de 1998 da própria instituição, ressaltando que diversas dificuldades foram encontradas com destaque para a identificação dos pesquisados a uma única denominação religiosa (Gráfico 1).

Um primeiro aspecto a notar é que, tendo-se mantido mais ou menos estável durante a maior parte do Século XX, a identificação com a religião católica começa a declinar rapidamente durante as duas últimas décadas. Com um nível que ainda se localizava em cerca de 92% em 1970, a proporção de católicos declina para 83% já em 1991. Em contrapartida, duas respostas ao quesito apresentam forte incremento: por um lado, a identificação evangélica cresce significativamente, de um nível estimado em 2,6% em 1940 para cerca de 9,0% em 1991, indicando o que provavelmente representa um movimento de migração religiosa; por outro, em conformidade com uma crescente secularização da sociedade, normalmente associada ao processo de modernização, cresce extraordinariamente aqueles que se declaram sem religião e aqueles que simplesmente não respondem ao quesito. De fato, a proporção de brasileiros nesta última categoria cresce de apenas 0,5% em 1940 para 5,1% em 1991, mais que decuplicando neste espaço de 50 anos (IBGE, 2006: 54-5).

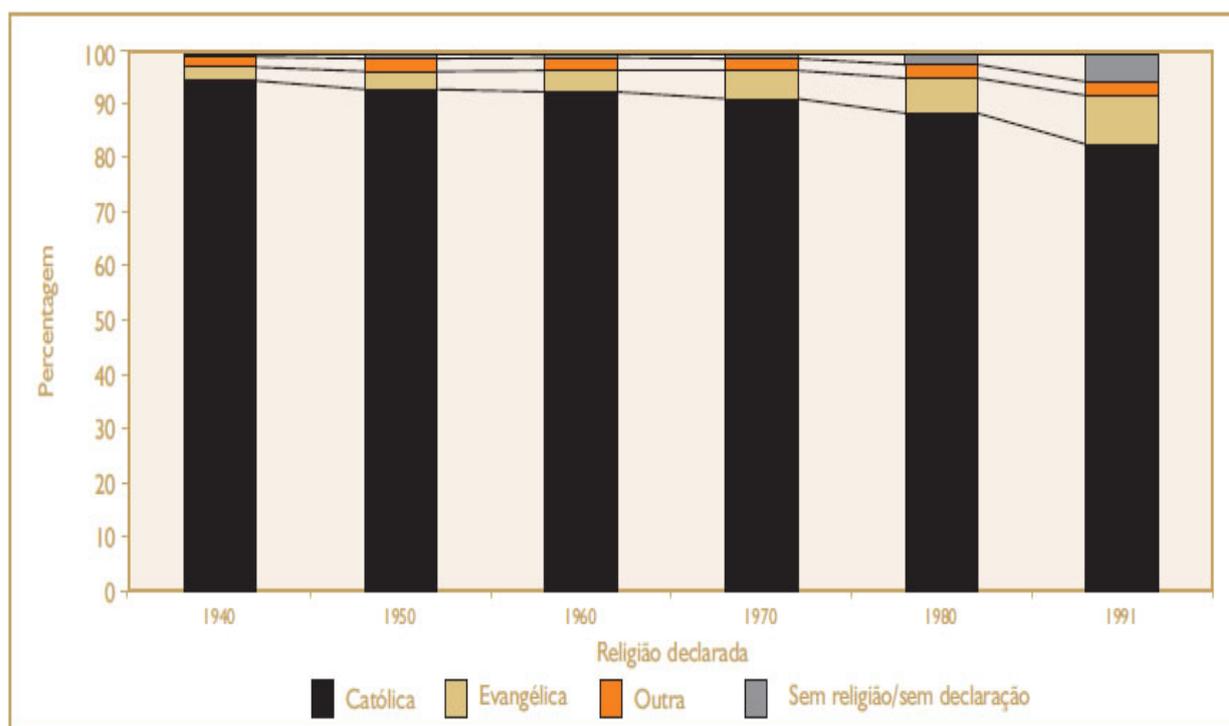
Em verdade, a evolução do catolicismo em termos estatísticos do quantitativo dos fiéis seguiu a tendência de queda e no Censo de 2010, estava em 64,6% correspondendo a 123.280.172 adeptos, uma queda significativa.

O grupo dos que se declararam sem religião correspondendo a 14.314.979 atingiu 8% da população, continuando o processo de ascensão, acompanhados pelo

grupo dos que se declararam evangélicos, que chegaram ao patamar de 22,2% da população, apesar de pulverizados em diversas denominações cristãs, devem ser destacados: a Igreja Assembleia de Deus com 12.314.410 adeptos, seguida pela Igreja Evangélica Batista com 3.723.853 adeptos, a Congregação cristã do Brasil com 2.289.634 adeptos e a Igreja Universal do Reino de Deus com 1.873.243 adeptos.

Gráfico 1: Estatísticas do Século XX – Brasil e suas religiões

Composição da população brasileira por religião - 1940/1991

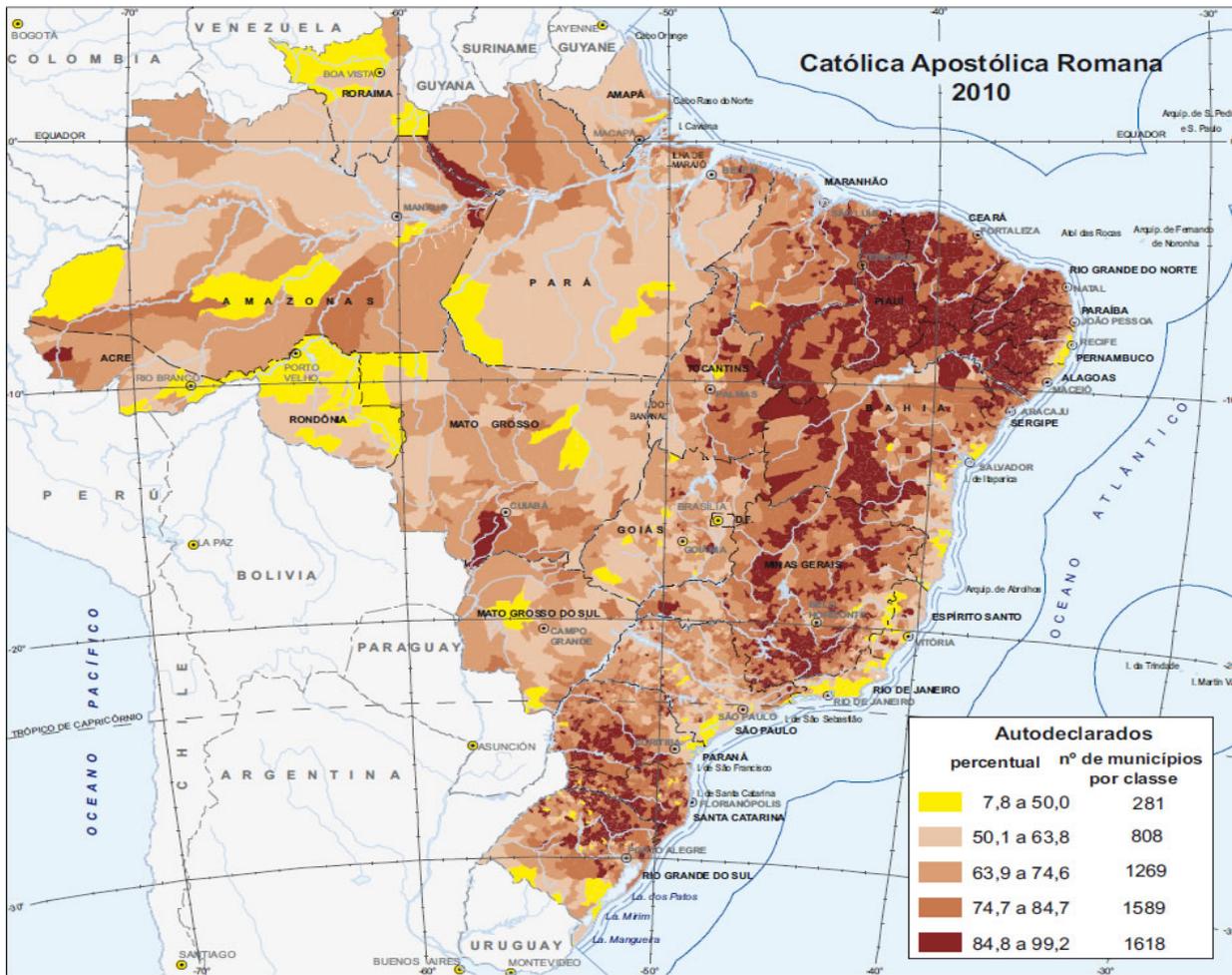


Fonte: Anuário estatístico do Brasil 1998. Rio de Janeiro: IBGE, v. 58, 1999.

Fonte: IBGE (2006)

A explicação do aumento do número dos que se declararam sem religião quase sempre está associada à secularização como consequência da modernização, enquanto que a migração religiosa justificaria o aumento das demais denominações cristãs. Observe a figura 16 e o gráfico 2 a seguir.

Figura 16: Censo 2000 e 2010 – Religião católica no território nacional e detalhamento em São Paulo, destacando a RM do Vale do Paraíba e Litoral Norte



Fonte: IBGE, Censo 2000, 2010.

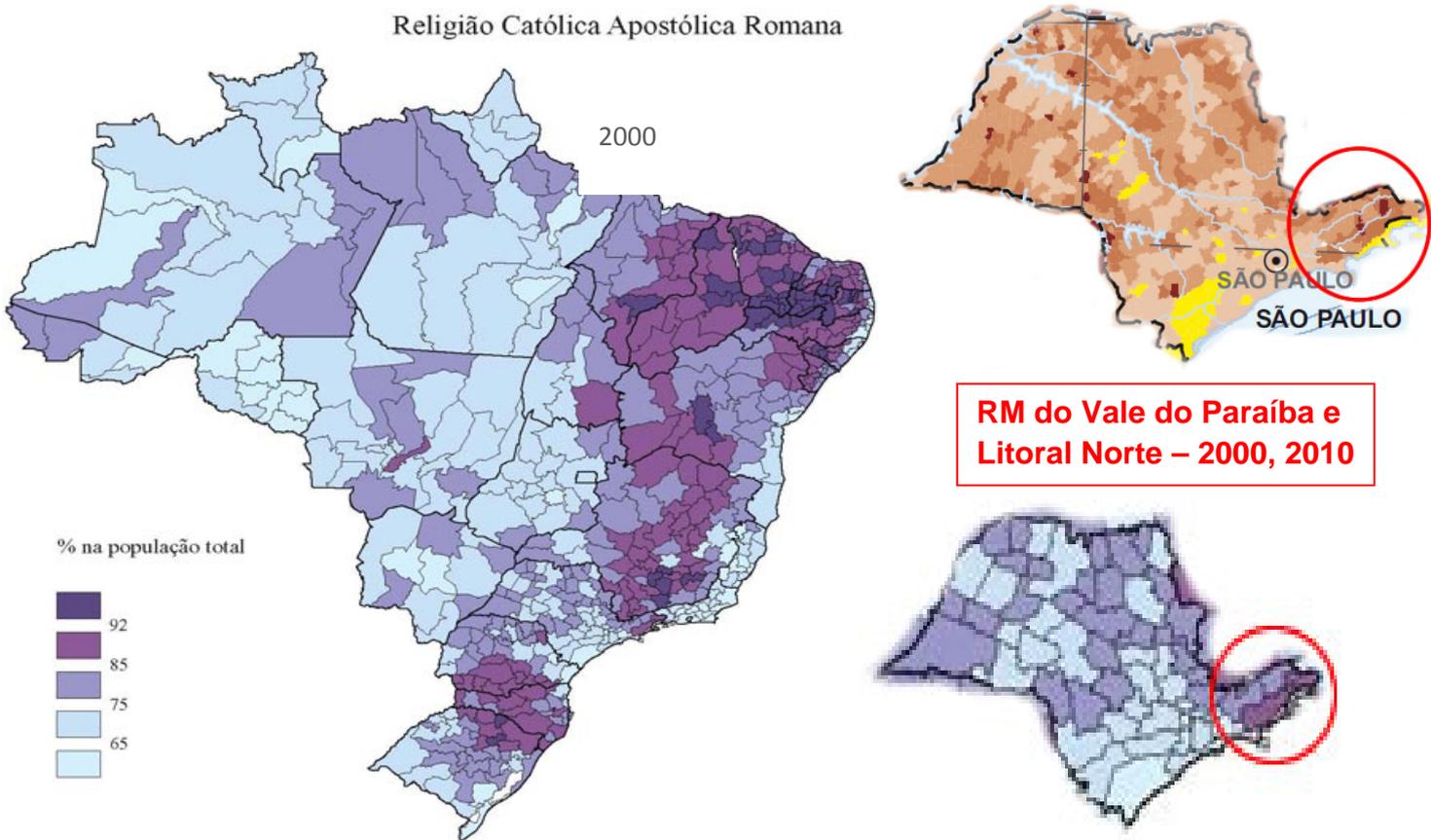
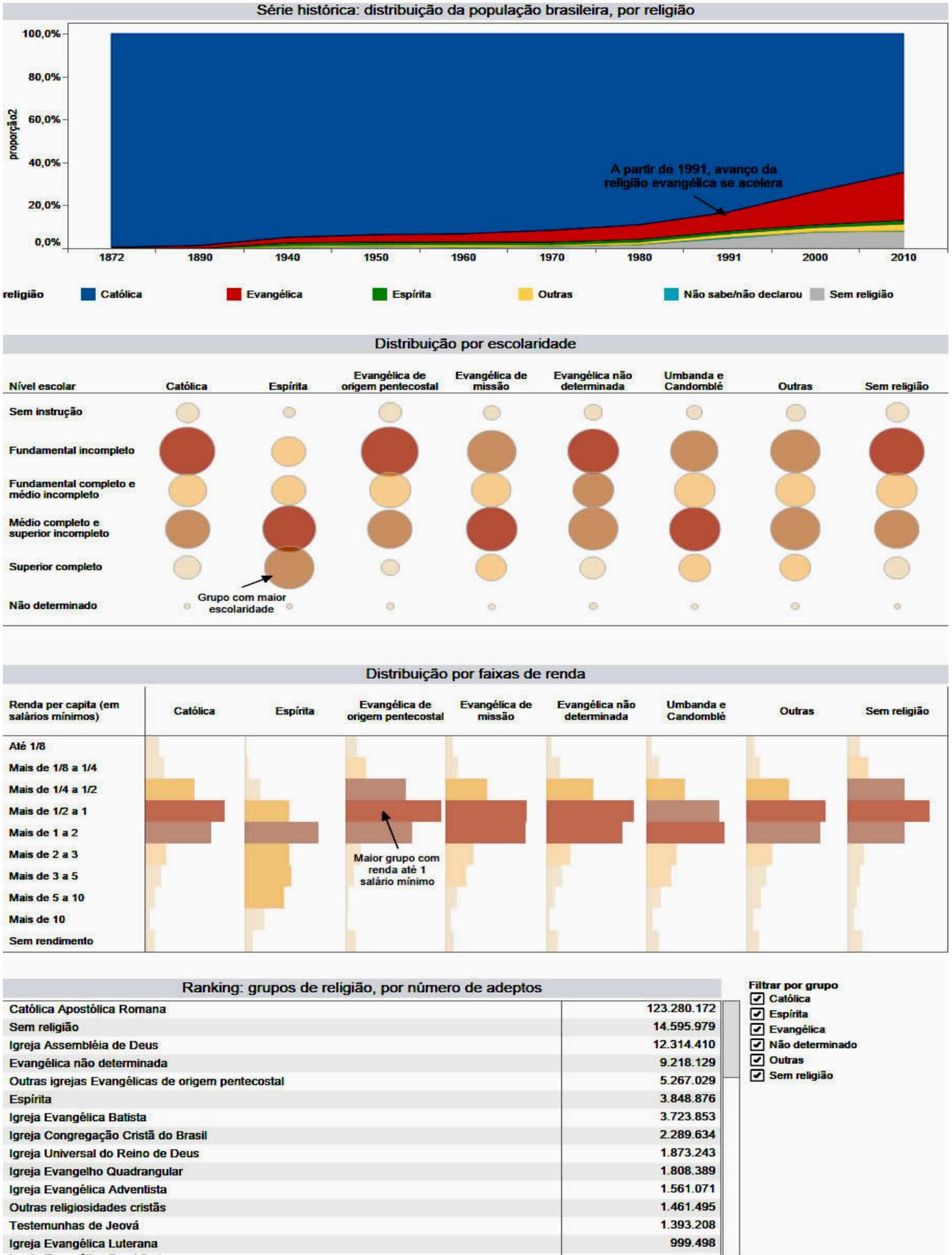


Gráfico 2: Resultados para o quesito religião - Censo 2010/IBGE – Infográfico do O Globo



A difusão de grupos cristãos pelo território nacional tende a acirrar a disputa pelo rebanho. A geração atual dentro da ótica contextualizada da hipermodernidade brasileira, por afiliação, se movimenta liquidamente pelos grupos buscando aquela que se adequa a sua própria personalidade.

Entretanto, as gerações anteriores (antes da intensificação do processo de industrialização e urbanização do país, movimentos que enfatizam as individualidades) que também são influenciadas pela liquidez, não migram no interior dos grupos cristãos em busca dessa saciedade do self. Em diversas entrevistas informais e testemunhos midiáticos, foi possível observar que o distanciamento provocado pela postura tradicional da instituição católica era o pivô da migração religiosa.

Entende-se o distanciamento como sendo: (a) a distância entre os portadores dos mistérios e os receptores do ‘mistério da fé’; (b) o número reduzido do clero católico para atender a demanda religiosa em um território nacional imenso – falta essa relatada desde a colonização; (c) a precariedade da evangelização, da catequização e da leitura do livro sagrado – a Bíblia – alicerçada à quantidade de analfabetos no país.

Esses distanciamentos entre os evangélicos são rapidamente atacados através dos grupos de oração, das ações evangelizadoras e da alfabetização religiosa. O mistério da fé é trazido para os leigos à medida que o mesmo é inserido na vivência do Espírito Santo com destaque para o “dom de línguas”, a profecia e visões hierofânicas.

É na tentativa de estacar a sangria de devotos católicos que o papel dos leigos na Igreja como agentes atuantes é convocada. O posicionamento da Igreja, as tecnologias midiáticas começam a ser utilizadas para divulgar e intensificar as ações pastorais, os testemunhos são difundidos na internet, os eventos e as comunidades privadas passam a ser reconhecidas e demarcadas por vocação e carisma. A revigoração da instituição católica começa a ser invocada.

O papel de Aparecida nesta revigoração mostra-se crucial. Como polo de irradiação de ideias passa a expressar e externalizar as mudanças súteis, a virada católica de adaptação. Percebe-se que a doutrina mantém-se tradicional, todavia a

comunicação modifica-se para a modernidade. O rebanho está mudado, o evangelho permanece o mesmo.

O rebanho brasileiro hipermoderno contextualizado irá exigir sua autonomia, sua participação no mistério, a presença do clero, instrumentos de evangelização e será atendido via redes sociais, sítios eletrônicos, eventos, grupos de oração – elementos utilizados por todas as denominações cristãs; porém com um peso histórico, arquitetônico, social e cultural diferenciado.

O novo papa, Francisco I, criado no universo do catolicismo latino-americano vêm reforçar o revigoramento dessa matriz religiosa. A estratégia do Vaticano para estancar a sangria na América Latina tende a funcionar, visto o sucesso da Jornada Mundial da Juventude, o reconhecimento das comunidades privadas e o boom das redes sociais.

Figura 17: A participação tradicional no mistério – O lugar que une vivos e mortos à luz de Cristo* – Capela das Velas, Basílica Nacional/ Aparecida/SP



Fonte: Foto do arquivo pessoal – Capela das Velas/Aparecida/SP, maio/2014

* Inspirada na frase: “Esse lugar une-nos, vivos e mortos, com a luz de Cristo” (PASTRO, 2013, p.80)

Figura 18: Estruturas modernas da evangelização tradicional em Aparecida - 2014



Fonte: Fotos do arquivo pessoal – Passarela da Fé e Sala dos milagres, respectivamente, obra de engenharia moderna e de design de interiores que colocam a Basílica Nacional condizente com a atualidade sem fugir a função simbólica espacial exigida pela devoção - Aparecida/SP, maio/2014



Fonte: Vista frontal da Basílica Nacional de Aparecida com suas palmeiras imperiais (símbolo de poder da nobreza imperial no Brasil, hoje mantém essas características além de ter adquirido as marcas da distinção e da tropicalidade) - Agosto de 2009 – Fórum Skycrapercity.com < <http://www.skycrapercity.com/showthread.php?t=962924> >

Figura 19: Modernidade em Aparecida - 2014



Fonte: Fotos do arquivo pessoal – Vista da Nave Norte da Basílica Nacional onde se observa um homem com seu cachorro e a filha apoiados, informalmente, a coluna de sustentação da nave - Aparecida/SP, maio/2014



Fonte: Fotos do arquivo pessoal – Vista do saguão que leva a Sala dos Milagres onde pode-se ver um local para recarregar aparelhos eletrônicos. *Banner* típico de saguão dos aeroportos no Brasil. Aparecida/SP, maio/2014

3.2.2 O papel da mídia no revigoramento católico e a permanência da peregrinação tradicional: modelo de inovação de Aparecida

Segundo o Censo 2010, a Igreja ao decair em média 12%, um número próximo a 1,8 milhão de adeptos, apesar da manutenção da tendência de queda como já foi citado na tese, caso seja mantida, é possível que em 30-40 anos o número de católicos e o total dos grupos evangélicos estejam empatados quantitativamente o que acentuará a pluralidade religiosa brasileira.

Segundo os antropólogos Clara Mafra e Ronaldo de Almeida (2009) à medida que no decorrer do século XX ocorreram as migrações inter-regionais e intra-regionais no país, a população migrante em sua maioria das classes baixas alocaram-se nas periferias das regiões metropolitanas onde, na escassez da presença católica (apesar da Igreja voltar-se para a Teologia da Libertação, conhecida pela “opção pelos pobres” – pós-1968), as igrejas evangélicas proveram a assistência espiritual que aqueles cristãos necessitavam.

Outros dois pontos relacionados com o tempo são levantados como cruciais na luta pelo rebanho entre as denominações cristãs no contexto brasileiro: (a) a adaptação da palavra bíblica ao público alvo, no qual os evangélicos preconizam a leitura do livro sagrado enquanto a Igreja preconiza a ida ao templo católico; (b) o tempo longo de ordenação do clero e o tempo curto de formação dos pastores evangélicos; (c) a estrutura do culto evangélico que se adapta as circunstâncias do espaço-tempo do rebanho (ex. as células de expansão pentecostais), inspirada nas palavras de Cristo nos versículos: *“Ide e pregai o Evangelho a toda criatura”* (Mc 16, 15)/ *“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”* (Mt 18, 20), e a estrutura pesada do culto católico no qual o sacrário devido ao próprio simbolismo não deve ser exposto em qualquer lugar ou momento.

Não se pode negar que aspectos teológico-filosóficos como a teologia da prosperidade - fundamento pentecostal - atraiu adultos em ascensão social atendendo a demanda de uma classe média empoderada que buscava uma ideologia alternativa em contrapartida aos votos de pobreza e humildade – fundamentos da prática católica, assim como os aspectos sociológicos que analisam

a desestruturação da família, a formação do núcleo familiar e as famílias multifacetadas também afastaram muitos cristãos da rigidez dogmática do catolicismo. Entre outros fatores, podem ser pontuados: a inserção política de religiosos na manutenção de costumes e as mudanças comportamentais da juventude.

A estrutura burocrática da Igreja a torna lenta, mas não cega. A manutenção de uma religião se faz na renovação das gerações mais jovens, em analogia a renovação do próprio frescor da humanidade. O Censo 2010 também mostrou que estatisticamente, a proporção de católicos entre os grupos etários mais velhos é maior, demonstrando que a massa do rebanho católico é de diversas gerações anteriores a atual (considerando a projeção geométrica de saltos geracionais de 40 anos para 10 anos). Esse fato está relacionado ao processo educacional do início e da metade do século XX bastante diferenciado do final do século citado e do breve século XXI.

Quando analisados o percentual de adeptos de cada religião imbricados a escolarização (gráfico 2 anterior), observa-se a importância do leque diversificado de culto, fator que lança os evangélicos numa escalada de angariação de rebanho.

Discussões entre leigos levariam pesquisadores a crer que as semelhanças ritualísticas, dos objetos sagrados e da utilização da Bíblia, tornariam semelhantes também o processo discursivo de evangelização. Entretanto, percebe-se que esta semelhança é o que tornam evangélicos e católicos associados ao grupo de cristãos ou as denominações cristãs.

O processo discursivo de evangelização como a atualização de dizeres bíblicos ou o fundamentalismo na palavra os torna radicalmente opostos, e nesse interim surgem as acusações do tipo: *“adoradores de Maria, Santos e de imagens”* provinda de ataques evangélicos aos católicos e *“usurpadores, dizimistas inconsequentes, louvadores sem fundamentação”* provinda de ataques católicos aos evangélicos podem ser vistas gratuitamente em ruas, eventos, Facebook e quaisquer locais físicos e virtuais onde a interação social ocorra.

Feito esses adendos, volta-se a questão da adaptação, da renovação e do revigoreamento como prerrogativas a uma Igreja burocrática e velha.

Atrair as gerações atuais, ou seja, a juventude requer o entendimento do paradigma da liquidez e da hipermodernidade adaptada ao contexto brasileiro - recordando questões já citadas anteriormente. Nesse contexto, as relações interpessoais cotidianas, segundo Moreira (2014), manifestam os valores econômicos (consumo, obsolescência, descartabilidade), técnico-científicos (velocidade, compressão do tempo e do espaço, telecomunicação) e culturais (valores a cerca da qualidade existencial – ser, e do quantitativo de riqueza e controle – ter) da etapa hodierna do capitalismo avançado.

Entre o cotidiano e o extra-cotidiano, o público e o privado; ocorreram mudanças significativas que afetaram a religião e o modo como os adeptos dela interagem com o mistério – como anteriormente apresentado. Para Moreira (2014) balizado em Vilém Flusser, as religiões tradicionais estão em crise, pois:

Como indivíduos e como sociedade estamos à procura de um veículo novo para substituir as religiões tradicionais e abrir campo à nossa religiosidade 'latente'. Em nossa sociedade, a tecnologia ocupou o lugar dos altares, num processo de deslocamento da experiência religiosa para as novas formas de vínculos em que o espetáculo ocupa o lugar do ritual (MOREIRA et al. 2014, p.9).

De certa maneira, a pluralidade de religiões vem tentar atender a essa demanda de anseio de saciação, e por isso consumo, dos desejos latentes religiosos. Insere-se nisso a compressão do tempo e do espaço, a descartabilidade, a fugacidade da liquidez humana (BAUMAN, 2001) onde a experiência do religioso é transportada para dentro de si, na solidão da interação homem-máquina na satisfação do self solitário.

A instituição católica não está à parte ou fechada a essas mudanças comportamentais. A lentidão em que: (a) critica a velha base discursiva de propagação do evangelho ressignificando a difusão da doutrina católica; (b) visualiza sua imersão no movimento transformatório da desintegração e reformulação familiar; (c) nas questões sociológicas de ressignificação do gênero; (d) se posiciona perante as discussões sobre ética e bioética; gera a ilusão de que é sólida feito um objeto de titânio, quando na verdade, sua imagem simbólica seria de um iceberg perante o fenômeno do aquecimento global.

O processo de utilização das mídias no espaço virtual foi lento, gradual e estruturado. Cabe ressaltar que as ferramentas midiáticas não virtuais – o rádio, a televisão, o jornal, a revista – já são utilizadas há várias décadas e não foram deixadas de lado. Apenas agregaram-se novas possibilidades de difusão das doutrinas.

Visto a pujança e força simbólica de Aparecida, seja na figura da matriarca, seja na mobilização peregrinal, seja no corpo clerical, seja como *core* difusor - já apresentados anteriormente; a centralidade revigorante de Aparecida como exemplo a ser seguido, medula espinhal, pode ser observada na configuração dos sítios eletrônicos, no estímulo a criatividade evangelizadora e seu tradicionalismo está na reserva a cerca da espetacularização do culto, a continuação da ideia do templo como morada do Senhor, da Senhora, do Cristo, dos santos e das santas, dos mártires e do Espírito Santo como símbolo maior de redenção e do sagrado.

A noção de espaço íntimo de oração, meditação e contrição – espaço esse do católico com o seu self, que poderia contrapor-se ao espaço de comunhão da conversão, compartilhamento coletivo do mistério da fé e adoração do sagrado – espaço do católico em seu templo; em realidade, são congregados a partir da mudança discursiva sobre o uso da revolução técnica e científica na difusão do evangelho e das práticas religiosas do católico no contexto da modernidade e do tradicionalismo no Brasil.

Mesmo a tentativa de explicação exposta acima esbarra em problemáticas curiosas. Em 10 outubro de 2014, no Santuário Nacional (2014), em referência ao “2017: Aparecida e Fátima, centenários de Bênçãos”, a utilização da tecnologia telemática via satélite transmitiu e sincronizou devotos da padroeira do Brasil e da padroeira de Portugal em um momento de oração do terço e meditação sobre “os mistérios dolorosos do rosário”. A oração foi via satélite e transmitida pela televisão pelas redes Aparecida e TV Canção Nova, por rádio via Rede Católica e virtualmente pela internet acessando o portal A12.com (portal Aparecida). A entronização ocorrida em Aparecida com a imagem de Fátima também será reproduzida em 2015, em Portugal e no reverso das imagens (Aparecida será entronada).

Aparecida então surge como o motor *mater* novamente da locomotiva de revigoração do catolicismo, ou seja, a “cidade-mãe” reconstroem-se miticamente a fim de preencher a religiosidade latente dos devotos católicos. O meio técnico-científico-informacional torna-se estratégico na disputa pelo rebanho. Dominá-lo enquanto uma ferramenta é o que a Igreja vem fazendo.

Nesse ponto, a Jornada Mundial da Juventude, os eventos musicais do tipo Hallel, a Romaria da Juventude e as comemorações do “2017: Aparecida e Fátima, centenários de Bênçãos” – exemplos recentes e apresentados como objetos de análise neste subcapítulo da tese, são difusores da doutrina católica e expõem o revigorar da Igreja, causando surpresa em vários segmentos acadêmicos que a consideravam ultrapassada e fadada ao fim. A *ressurgência* apresentada na introdução desta tese pode ser exemplificada através destas exibições de fôlego, nos números de acessos das redes sociais, na divulgação eletrônica, nas revistas e jornais de papel da mídia laica e etc. Destaca-se, para efeito de exemplificação de dados, os números da JMJ (Figura 20).

A pergunta sobre o convívio harmônico entre o tradicional e o moderno deve ser refeita, pois é imperioso no contexto da hipermodernidade brasileira que aspectos de um e outro convivam com o objetivo de atrair e manter as camadas jovens da sociedade brasileira conectados à religião.

Sobre a pergunta da peregrinação e do turismo aos santuários e eventos espetacularizados, ela deve ser entendida sobre pontos de vista. Para os órgãos governamentais, os visitantes são turistas porque são viajantes que permanecem temporariamente no local de visitação, consumindo produtos e usufruindo da sua infraestrutura, pagando impostos e alimentando a economia o trabalho no setor turístico.

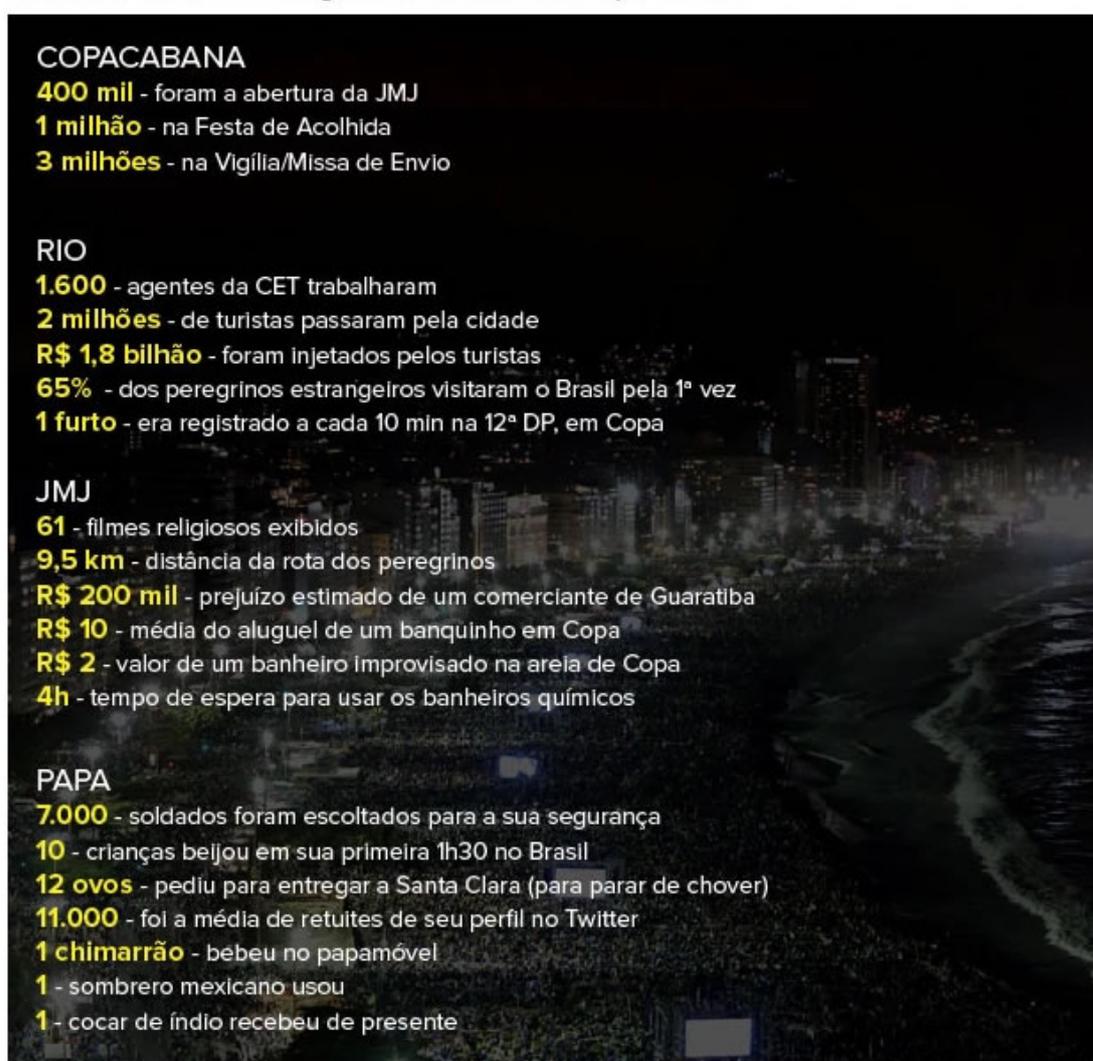
Do ponto de vista da religião, os aspectos mundanos são essenciais e paradoxalmente secundários. São essenciais, pois “*acolher bem também é evangelizar*” (como sugere o *banner* do Centro de Apoio ao Romeiro do Santuário Nacional de Aparecida), todavia é secundário perante o aspecto religioso da visita, tornando esse visitante um peregrino.

Os elementos que tornam os eventos espetacularizados, como o Hallel, uma prática religiosa de louvor e adoração, e secundariamente um festival da cultura musical de massa, é o elemento discursivo evangelizador e a noção de reformulação na prática devocional onde a contrição oracional é substituída temporariamente pela efervescência e histerismo da adoração coletiva. Esse ponto será melhor trabalhado no quinto capítulo da tese em que a Canção Nova/ Cachoeira Paulista e o movimento Renovação Carismática Católica serão explorados.

Figura 20: Dimensão da JMJ – Infográfico do G1/ Portal O Globo – 2013

Números e curiosidades da JMJ

Levantamento do G1 traz alguns dados da visita do Papa no Brasil



Fonte: G1; JMJ; UFF e Secretaria Estadual de Turismo; CET-Rio; Twiplomacy 2013
Crédito da foto: Fabio Mota/Estadão Conteúdo



Infográfico elaborado em 28/7/2013

Fonte: Infográfico do portal O Globo – G1 sobre a dimensão do evento católico (JMJ Rio 2013), comprovando a monumentalidade do ocorrido. Disponível em 24 de novembro de 2014 no endereço: < <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/veja-numeros-e-curiosidades-da-jmj.html>>

Figura 21 : Permanência no modelo de peregrinação nas ruas de Aparecida - 2014



Fonte: Foto da esquerda (arquivo pessoal) – Vista de cima do perímetro da Basílica Nacional destacando os ônibus e o caminhar dos romeiros na Passarela da Fé. Aparecida/SP, maio/2014

Fonte: Foto da direita – Feira Monumental de Aparecida (toponímia popular) na rua Papa João Paulo II. Aparecida/ SP - Fórum Skycrapercity <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=962924>> , Agosto de 2009, aparecida/SP



Fonte: Foto da esquerda – Detalhamento da Feira Monumental de Aparecida (toponímia popular) com a Basílica dominando ao fundo - Fórum Skycrapercity <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=962924>> , Agosto de 2009, Aparecida/SP

Fonte: Foto da direita (arquivo pessoal) – Vista da Rua Monte Carmelo (ladeira) que leva à Basílica Velha ou Igreja Matriz de Aparecida, onde percebe-se caminhantes na área de tráfico de carros, moto estacionada irregularmente na calçada, consumidores sentados no canteiro e ao fundo o antigo Hotel Brasil. Maio/2014, Aparecida/SP.

CAPÍTULO IV - GUARATINGUETÁ: DE MUNICÍPIO-MATRIZ À PRIMEIRA ESTÂNCIA RELIGIOSA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Conhecido por seu apelido “Guará”, espécie de diminutivo para Guaratinguetá, a cidade não deve ser confundida com o município paulista chamado *Guará* localizado na mesorregião de Ribeirão Preto, Região Administrativa de Franca, ao nordeste do estado de São Paulo.

A atual configuração de Guaratinguetá não revela que os municípios concernentes ao Circuito Turístico Religioso, em outrora, pertenceram ao território deste. Conforme é explicada na publicação do IGC (2011 - instituto Geográfico Cartográfico de SP), a história das vilas, freguesias e distritos do estado de São Paulo revelam a maneira como o domínio colonial e posteriormente, as elites locais estruturaram o estado.

A importância da Igreja Católica é ressaltada na configuração dos povoados. Os mesmos se organizavam ao redor da capela e o santo, a santa, o mártir, Nossa Senhora ou o Cristo, passa a ser símbolo e a compor a noção de padroeiro daquela localidade. À medida que o povoado se torna capaz de manter um pároco, o raio de controle da Capela passava a ser estabelecido e, em muitos casos, o raio da capela passava também a ser a área de delimitação do próprio povoado (IGC, 2011). Com o crescimento, surgem outros povoados, a autonomia político-administrativa ocorre e seguem-se as etapas e os trâmites que futuramente podem gerar a emancipação.

Pensando a partir do “projeto turístico regional”, Guaratinguetá é uma espécie de município-matriz, no qual, nesta ordem, Lorena (1788) e Aparecida (1928) emanciparam-se. Desta repartição surgem, a partir de Lorena, os municípios de Cachoeira Paulista (1880) e Canas (1993).

Afora Canas que possui sua história associada às fazendas de café, ou seja, propriedades privadas e a imigração europeia (século XX), um contexto bastante recente se comparado ao município-matriz (século XVII), as demais cidades surgiram, como já foi supracitado, de povoados formados ao redor da capela do santo, santa, mártir protetor, daquela população local. O processo de emancipações revela um laço territorial em termos históricos (será mais bem trabalhado no capítulo

V e VI) que demonstra afinidades mais abrangentes entre os cinco municípios do “projeto”, todavia, o foco deste capítulo é bastante específico, refere-se à figura santa de Frei Antônio de Sant’Anna Galvão e sua relação com o Vale do Paraíba, especificamente o município de Guaratinguetá.

O povoado de Santo Antônio de Guaratinguetá (1630) seguiu aquele modelo histórico já mencionado. Erguido ao redor da capela do santo casamenteiro, ao tornar-se vila, permaneceu com o mesmo nome (1651). Esse nome – o nome do padroeiro da vila - revela bastante o alinhamento franciscano do primeiro santo, nascido e criado no Brasil.

4.1 FREI GALVÃO: O MENINO ANTÔNIO SE TORNA SANTO

A devoção a Santo Antônio oriunda do século XIII de influência portuguesa é bastante peculiar. O santo é considerado: casamenteiro, protetor das grávidas, dos filhos, dos idosos, dos pobres; padroeiro de uma série de profissões associadas ao período comercial das grandes navegações e da colonização – marinheiros, viajantes, pescadores, agricultores, pastores e etc.; além do fato de ter pertencido a ordem dos frades menores (os franciscanos) sendo também protetor de animais como burro, cavalo, boi e etc.

A tradição de devoção data dos primórdios da colonização e ainda é bastante forte no Brasil atual. O santo é invocado muitas vezes como “santo de casa” – uma espécie de santo particularizado, bastante próximo, habitando nos altares familiares, representado através de uma figura jovem possuidora de hábitos franciscanos com um pequeno cristo no colo que pode ser removido para solicitar agilidade no atendimento a algum pedido do devoto, assim como pode ser posto de cabeça para baixo a fim de achar objetos perdidos.

Conforme relata sua descendente e historiadora Thereza Regina de Camargo Maia (2007), o pai de Frei Galvão era capitão-mor de Guaratinguetá e sua mãe descendente de bandeirantes paulistas de Pindamonhangaba – informação que

começa a auxiliar na noção de Frei Galvão como um santo cuja presença no Vale do Paraíba é bastante forte.

O frei nasceu com o nome de Antônio Galvão de França – em homenagem ao pai - no ano de 1739, em uma família bastante religiosa e devotada à Sant'Anna (avó de Jesus Cristo). A presença da religião na família e a atuação do menino na vida da vila levaram a população local, a considerar o então menino como possuidor de dons franciscanos (MAIA e MAIA, 2007).

Aos 13 anos, o menino Antônio ingressou no Seminário de Belém (Cachoeira/BA) para realizar estudos, permanecendo até os 18 anos sob os cuidados dos jesuítas. Devido ao processo de perseguição e expulsão dos jesuítas no Brasil e em Portugal, o jovem Antônio deixou de se associar a estes e aconselhado pela família, partiu para o Rio de Janeiro a fim de continuar seus estudos no Convento Franciscano de São Boaventura de Macacu (Itaboraí/RJ), adotando para sua vida religiosa o nome de Antônio de Sant'Anna Galvão (MAIA e MAIA, 2007).

Ordenou-se sacerdote no Convento de Santo Antônio na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1762 e realizou sua primeira missa (missa primacial) em Guaratinguetá na Igreja Matriz de Santo Antônio, transferindo-se para o Convento de São Francisco em São Paulo onde terminou Filosofia. Como relata Thereza Maia (2007) seu sacerdócio foi consagrado à Nossa Senhora em 1766 ao assinar com seu próprio sangue, o ato que declarava-se servo e escravo da mãe de Jesus.

Sua vida foi marcada por viagens, pregações, aconselhamentos e milagres pelo Vale do Paraíba paulista. Em vida, recebeu reconhecimento por sua oratória em diversas Câmaras Municipais, participou da Academia dos Felizes (primeira Academia de Letras de São Paulo) devido aos dotes literários, foi arquiteto construindo o Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição da Luz¹ (Mosteiro da Luz, São Paulo/SP) auxiliado pela freira Helena Maria do Sacramento, e por fim, o título de santo (MAIA e MAIA, 2007).

¹ Também conhecido como Convento de Nossa Senhora da Luz da Divina Providência e Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz (Secretaria de Cultura de São Paulo – endereço eletrônico, disponível na internet em 13/12/2014: < http://www.Cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/me_nuitem.bb3205c597b9e36c3664eb10e2308ca0/?vgnnextoid=91b6ffbae7ac1210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&ld=1f28482c65fcc010VgnVCM2000000301a8c0_____> >)

Era famoso por percorrer a pé todo o Vale do Paraíba paulista e arredores da atual cidade de São Paulo. Dois de seus dons estão associados a esse fato: o dom da levitação e da ubiquidade (estar em dois lugares ao mesmo tempo). São exemplos destes dons, os relatos de histórias de extrema unção (o milagre do lenço) e bênçãos (milagre da mulher grávida), nos quais estando em lugares “x”, o santo aparecia corporalmente em lugares “y”. Sobre sua capacidade de percorrer grandes caminhos em tempos curtos a população afirmava que possuía pés leves que possibilitavam o santo levitar.

Seus milagres em vida revelam inclusive o dom da premonição como os relatos referentes ao pagamento de uma promessa por doença feita por um escravo liberto através de uma doação de frangos vivos ao santo, entretanto um dos frangos ao ser recuperado aos gritos de “*volta, frango do diabo!*” (MAIA e MAIA, 2007, p.16) após uma fuga, não foi aceito pelo frade franciscano que adivinhando a frase usada pelo escravo liberto afirmou não poder mais aceitá-lo porque aquele frango já pertencia ao diabo (milagre do frango do diabo); outros milagres em vida associados a esse dom pode ser lido no livro “Frei Galvão, sua terra e sua vida” escrito por Thereza Maia e ilustrado pelo marido Tom Maia (2007).

O mais conhecido de seus milagres é o chamado *milagre das pílulas de Frei Galvão* (Figura: 23). Em vida, o santo ministrou a uma parturiente e a um jovem com cálculo nos rins uma receita que envolvia oração em novena e uso de três pílulas confeccionadas pelas mãos do frei, sendo a pílula: um pedacinho de papel escrito em latim “*Pos partum, Virgo, inviolata permanasisti! Dei Genitrix, intercede pro nobis*”.²

O santo do Vale do Paraíba realizou pregações inclusive no povoado de Nossa Senhora Aparecida (pertencente a Guaratinguetá), que 22 anos antes do seu nascimento já recebia devotos marianos por ocasião do achamento da imagem de Nossa Senhora da Conceição pelos três pescadores (1717).

O frei faleceu aos 83 anos de idade (Figura 23), em 23 de dezembro de 1822, em meio a uma grande comoção. Seu hábito franciscano, segundo Thereza Maia (2007), ficou reduzido até os joelhos posto que aqueles que foram ao velório

² “Depois do parto, Virgem, permaneste intacta! Mãe de Deus, interceda por nós”

cortaram-no em pedacinhos a fim de guardar uma relíquia do santo. Por consequência disso, teve que ser sepultado com o hábito de outro frade (todavia não coube, pois frei Galvão possuía aproximadamente 1,90 m de altura). O local de recolhimento de seu corpo foi o altar-mor da Igreja da Luz (no Mosteiro da Luz) onde sua primeira lápide foi reduzida a pedaços ao longo do tempo porque seus devotos foram levando-a.

Figura 23: As pílulas de Frei Galvão e sua inscrição em bronze

Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Inscrição em bronze localizada no Convento de Guaratinguetá/SP. Imagem - Contracapa do livro "Frei Galvão, sua terra e sua vida" escrito por Thereza Maia e ilustrado pelo marido Tom Maia (2007).

Seu corpo foi exumado em 1991, revelando o seu porte realmente altivo. Seu processo de beatificação ocorreu em 1998³, permitindo que Frei Galvão (então Beato Frei Galvão) fosse objeto oficial de devoção nos municípios em que viveu mais intensamente – São Paulo e Guaratinguetá, ou seja, que estes municípios exibissem imagens e outros objetos do beato a fim de que sua vida fosse uma referência, um exemplar de retidão a Deus, para os católicos daquelas localidades.

Essa ação da Igreja Católica é uma maneira de elencar elementos locais como exemplo de conduta moral e de vida no seio de um agrupamento. Visa reafirmar os valores cristãos no contexto espacial de uma dada comunidade, alinhando fé, espaço e tradição.

Cada processo de beatificação ocorre a partir do reconhecimento de milagres divinos realizados por intermédio do exemplo da obra de santidade de homens e mulheres. O processo de beatificação de Frei Galvão, seguiu esse princípio, está associado ao milagre de 1990, ocorrido no município de São Paulo, em que a menina de quatro anos, Daniella Cristina da Silva (Figura 24) foi internada em fase terminal. Ela apresentava: hepatite A aguda, broncopneumonia, meningite, faringite; e durante a internação teve uma parada respiratória, duas infecções hospitalares com paralisação dos rins e fígado (MAIA e MAIA, 2007).

Seus médicos classificaram-na como doente terminal e sua família iniciou a administração das pílulas de Frei Galvão seguindo a novena:

- (a) oração de intervenção de Frei Antônio de Sant'Anna Galvão junto a Maria e a Santíssima Trindade rogando pela melhora;
- (b) tomar a 1º pílula no 1º dia e continuar a reza;
- (c) tomar a segunda pílula no 5º dia e permanecer rezando a novena;
- (d) tomar a 3º pílula no nono dia.

Milagrosamente, passaram-se as semanas e a menina teve alta do hospital – sem sequelas. Após todo esse processo, os pais da menina levaram-na até o túmulo de frei Galvão (ainda não havia sido exumado).

³ Segundo Bianca Gonçalves de Souza (2008) o processo de beatificação iniciou-se entre 1938-1939, foi retomado quatro vezes, até que a irmã Célia Cadorin, em 1980 tomou as rédeas do processo, ou seja, passou a ser a postuladora do mesmo.

Essa ida ao túmulo de Frei Galvão revela o modo como “pagar promessas” oriundas principalmente de doenças vêm ocorrendo há séculos no Brasil. Essa reverência prestada pelos peregrinos é estudada por Rosendahl há 20 anos (1994, 1996).

Finalmente em 2007, ocorreu à canonização, o beato Frei Galvão tornou-se Santo Antônio de Sant’Anna Galvão, permitindo que o mesmo passasse a ser referência de conduta e santidade em qualquer lugar do país e do mundo (Souza, 2008), elevando o santo a uma condição de universalidade. O processo também ocorre a partir de um milagre. A ideia do mistério divino espalhada como signo da entidade sobre-humana é um dos elementos primordiais da religiosidade. O milagre duplo da canonização ocorreu também no município de São Paulo, em 1999, envolvendo mãe e filho – Sandra Grossi de Almeida Gallafassi e Enzo de Almeida Gallafassi (Figura 24). Essa mãe não possuía condições uterinas para sustentar gravidezes, porém após abortar duas vezes, engravidou a terceira vez e recorreu à devoção e às pílulas de Frei Galvão. Apesar dos prognósticos de parto prematuro e das intervenções médicas, a gravidez conseguiu chegar até a 32^o semana, o parto cesariano ocorreu normalmente, todavia o bebê nasceu com problemas gravíssimos respiratórios, nos quais a mãe recorreu novamente ao Frei e em 7 dias a criança ficou curada (MAIA e MAIA, 2007).

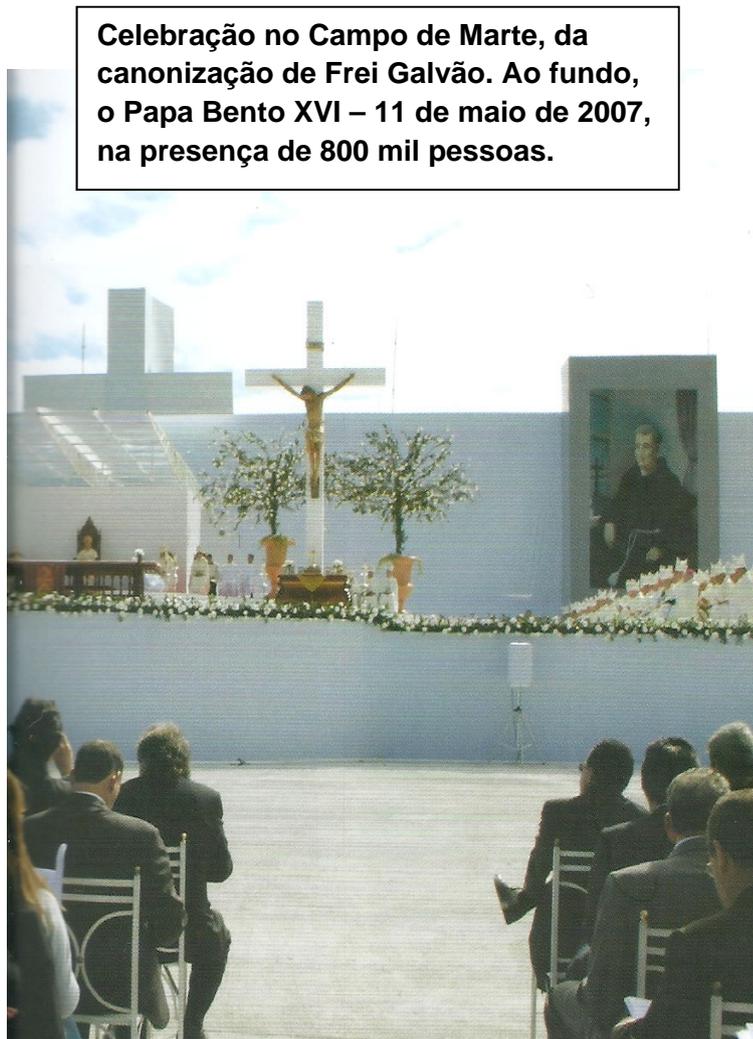
Assim como Santo Antônio, Santo Frei Galvão está associado às parturientes. É também padroeiro da construção civil, patrono de Guaratinguetá, interventor em casos de enfermidades e angústias. Dia 25 de outubro foi a data de sua beatificação e conseqüentemente é a celebração da sua festa.

As pílulas de Frei Galvão permanecem sendo confeccionadas. Atualmente são feitas pelas irmãs concepcionistas enclausuradas no Convento da Imaculada Conceição (Guaratinguetá) e no Mosteiro da Luz (São Paulo) cuja associação histórica ao santo se faz desde a construção desse mosteiro.

Figura 24: Os milagrados e a canonização de Frei Galvão



Na esquerda, os milagrados da canonização mãe e filho (Sandra e Enzo Gallafassi) e na direita, a milagrada da beatificação Daniella Cristina da Silva, na Casa de Frei Galvão.



Celebração no Campo de Marte, da canonização de Frei Galvão. Ao fundo, o Papa Bento XVI – 11 de maio de 2007, na presença de 800 mil pessoas.

Fonte: “Frei Galvão, sua terra e sua vida” escrito por Thereza Maia e ilustrado pelo marido Tom Maia (2007).

O fato do Frei ter duas moradas – Mosteiro da Luz em São Paulo e a residência familiar em Guaratinguetá – ocasionou a formação de dois centros de peregrinação possuidores de memórias, relíquias e histórias sobre o santo que podem ser observadas através de objetos usados por ele, consultando sítios eletrônicos, acendendo velas virtuais e recebendo postagens por e-mail ou mesmo

as pílulas pelos Correios – ou seja, repetindo os elementos já apresentados no contexto da devoção à Padroeira do Brasil.

O interessante na brasilidade de Frei Galvão está na permanência de sua família Galvão de França tanto na cidade de Guaratinguetá/ Lorena quanto na manutenção de sua memória centrada na historiadora e descendente de uma das irmãs do Frei Galvão, Thereza Regina de Camargo Maia.

A senhora Thereza recebeu diversos prêmios de reconhecimento por sua ação tanto como devota, quanto pelo esforço de manutenção da memória do familiar-santo. Ela auxiliou nos processos de beatificação e canonização, seus livros são referências sobre a vida do Frei e o utilizado neste trabalho foi publicado pela Editora Santuário (responsável pelas publicações do Santuário Nacional de Aparecida). Atualmente é diretora da Casa Frei Galvão – um museu - o principal centro de peregrinação de Guaratinguetá.

Figura 25: A descendente-historiadora Thereza, seu marido Tom Maia e o Cardeal Dom Raymundo Damasceno de Assis



Fonte: Thereza e Tom – sítio eletrônico. Disponível na internet em 14/12/2014 <<http://therezaetommaia.com.br/galerias/#prettvPhoto>>

4.2 UM MUSEU PARA FREI GALVÃO

O município de Guaratinguetá orgulhosamente declara-se como a “*primeira estância religiosa do estado de São Paulo*” (JUSBRASIL, 2009, p.1) classificação dada através da Lei 13.564/2009 que reconhece a peregrinação e a existência de eventos religiosos em devoção a Santo Antônio de Sant’Anna Galvão.

Entretanto a sanção da Lei não deixou a prefeitura plenamente satisfeita, pois o intuito era mais amplo: reconhecer o município como uma estância turística a fim de possibilitar o recebimento dos benefícios e auxílios do Fundo de Melhoria das Estâncias do estado de São Paulo.

Esse embate político revela diversas disputas envolta da administração e gerência das áreas turísticas, independente do sentido cultural, religioso, histórico ou natural que elas possuam. Cabe lembrar que as estâncias que recebem esse Fundo são classificadas apenas como: balneário (litoral), estância hidromineral (águas terapêuticas), estância turística (tradições culturais) e estância climática (atrativos naturais). Dentre os municípios participantes do ‘projeto regional’, apenas Aparecida recebe o Fundo, sendo classificada como estância turística.

Enquanto estância religiosa, Guaratinguetá se voltou para a recepção de peregrinos e preservação dos elementos históricos que possibilitam aquela prática ocorrer. São considerados atrativos religiosos do ponto de vista político: a Catedral de Santo Antônio; o Seminário Franciscano Frei Galvão, o Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio Sant’Anna Galvão, a Casa de Frei Galvão, o Convento da Imaculada Conceição (Figura 26), a Fazenda da Esperança, a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, o Santuário de Santo Expedito e a Comunidade Anuncia-me.

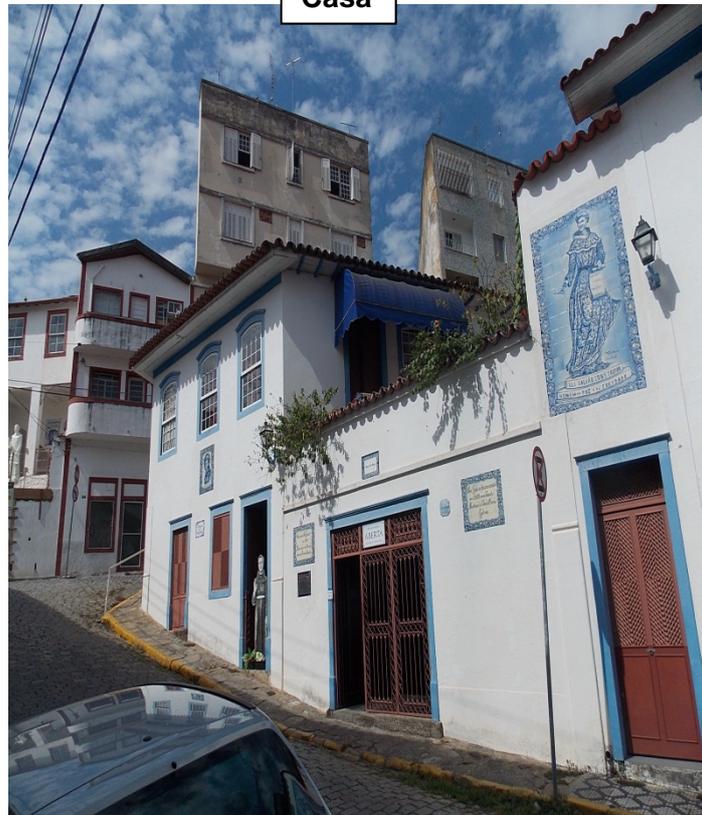
Ponderando a amplitude da tese e a repetição de certos elementos religiosos nos municípios estudados, optou-se pela análise do mais completo acervo e do maior número de referências destacadas pelos peregrinos que rumam à Guaratinguetá: a Casa de Frei Galvão e seu memorial.

Figura 26: Pontos religiosos de Guaratinguetá associados ao santo brasileiro

Catedral



Casa



Santuário



Vista interna do Santuário



Seminário



Fonte: Catedral de Santo Antônio e Casa de Frei Galvão – Arquivo Pessoal, maio de 2014; Seminário Francisco Frei Galvão <http://www.seminariofreigalvao.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=14&Itemid=16>, Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio Sant'anna Galvão <<http://www.santuariofreigalvao.com/album-de-fotos>> - Imagens disponíveis em 15/12/2014.

A casa onde nasceu e foi criado até os 13 anos, retornando sempre em visitas e pregações, localiza-se na rua Frei Galvão, nº 78, possui um endereço eletrônico <www.casadefreigalvão.com.br>, e um anexo, também naquela rua sob o número 39, onde funciona o memorial de Frei Galvão com a fonte de mesmo nome (Figura 27).

Ao analisar as duas casas verifica-se que estas podem ser qualificadas como uma espécie de museu dedicado à memória do homem Antônio Galvão de França e a exemplaridade de sua santidade enquanto religioso – sendo que este aspecto praticamente engloba toda a representatividade envolta da figura do frade franciscano.

Essas duas casas abrigam quadros que ilustram sua vida, objetos pessoais do santo, alguns fragmentos de seus ossos, imagens que remetem a devoção da família a Sant'Anna e um conjunto de relíquias associadas a ele. Afora estes objetos, há também diversos relatos, roupas, fios de cabelo, agrupados na categoria de ex-votos que revelam muitas graças alcançadas através da intervenção do frei.

No caso religioso, a criação de museus parece indicar um duplo movimento. No primeiro momento, visa demonstrar e reforçar a participação da religião na vida social, cultural-artística, política, histórico-geográfico de uma dada população. No segundo objetiva expor através do modelo de algumas vidas santificadas pelo divino, o próprio exemplo de retidão esperado pela religião no mundo.

A historiadora Bianca Gonçalves de Souza (2008) que estuda os milagres de Frei Galvão e seu respaldo nos grupos católicos, afirma que os santos são:

generosos imitadores de Jesus nas virtudes, (...) no modo de operar os milagres. É bom que essa seja a característica dos milagres, a fim de que fique evidente a ação de Deus: os santos são instrumentos de Deus, o qual é o agente principal. (...) O milagre é mais do que uma ação: é uma manifestação de Deus Pai para o cristianismo. Os santos, como dito acima, são o instrumento, pois quem promove mesmo o milagre não são eles. (...) são pessoas que seguiram ou se propuseram a seguir à risca a vida e as obras de Jesus Cristo. O santo, portanto, é alguém que opera essa relação entre o ser humano, que pede, e Deus, que está acima de todos e dos santos (...). **Porém, apesar de essa relação ser assim entendida, no momento da descrição do fato quem é enaltecido por suas virtudes é a própria figura do santo, reforçando o fato de que ele foi capaz de promover uma cura.** E isso parece ainda mais evidente no caso do frei, pois foi ele quem criou a pílula, é dele a fabricação, o gesto, a feitura da primeira pílula utilizada. A memória que se constrói de santidade é para ele e não para Deus, por assim dizer. (...) A graça é antes de tudo e

principalmente o dom do Espírito que nos justifica e nos santifica (SOUZA, 2008, p.310 – grifo nosso)

Figura 27: O Memorial de Frei Galvão e internamente a este, a Fonte de Frei Galvão



Fonte: Arquivo Pessoal, maio de 2014.

Percebe-se dois embates no exposto ao longo dos parágrafos acima. O primeiro envolve a noção da graça e a sutileza na relação entre milagrados-santos e o operador do milagre para o catolicismo – Deus ou Santíssima Trindade. O segundo é um embate tipicamente humano, envolvendo questões políticas ou tensões políticas profundas e muitas vezes imperceptíveis, não discutidas, refletidas

ou consideradas sem importância em determinadas escalas, por trás das questões relativas à preservação e nesse tópico, aos museus.

Apesar das explicações católicas sobre a intervenção santa dos milagres, a querela referente ao autor ou intercessor é profunda porque divide os cristãos em setores, com destaque para o caso brasileiro: católicos X evangélicos, ou seja, a necessidade de explicar racionalmente o acontecimento do mistério da graça intermediada pelos santos (católicos) e dos abençoados pelo Espírito Santo (evangélicos) ocasiona aquilo que já foi exposto no capítulo III sobre as disputas argumentativas dos setores cristãos brasileiros.

A graça é algo concedido pelo Espírito Santo a fim de revelar que todos os seres pertencem à obra de Deus (SOUZA, 2008), sendo capazes de contribuir tanto na evangelização quanto na salvação e na cura dos males (e nesse ponto argumentativo ainda há semelhanças entre os dois setores supracitados).

A historiadora Souza (2008) citando o livro da doutrina católica produzido pela própria Igreja - *Catecismo da Igreja Católica* - permite lembrar que determinadas graças podem ser interpretadas a partir da noção de “carisma” conforme a tradução grega das epístolas bíblicas de São Paulo. Essas graças são espécies de benefícios, ou seja, dons, que estão a serviço da caridade a fim de atingir o bem comum – no caso católico a união do rebanho. Devido à natureza sobre-humana são conhecidos pela fé, fugindo a racionalidade. Citação lembrada na Bíblia:

“É pelos seus frutos que os reconheceréis” (Mt 7, 20), a consideração dos benefícios de Deus em nossa vida e na dos santos nos oferece uma garantia de que a graça está operando em nós e nos incita a uma fé sempre maior (IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 528-529)

O santo é aquele que canaliza esse benefício, o dom, e torna-se o fruto exemplar para a comunidade. Ao ser reconhecido na santidade, transpassa o tempo permanecendo na história e influenciando na prática do religioso que congrega de sua doutrina.

Em termos político-históricos (SOUZA, 2008), a prática de santificar pessoas de uma determinada comunidade pode ter provindo de cultos pagãos da antiguidade a fim de firmar-se perante os martírios causados pelo Império Romano, pois como estes eram realizados em locais públicos, a própria comunidade presenciava os

seus membros lutando pela possibilidade da manutenção e ampliação dos cultos católicos.

Nesse contexto, Frei Galvão surge como possuidor de dons místicos capazes de amenizar o sofrimento humano e operar a graça divina na área em que percorria – o Vale do Paraíba paulista. Tornou-se dessa forma um elemento de fé em vida e em morte presente na memória daquelas localidades.

A natureza sobre-humana desses dons reforçam a fé e a crença argumentativa. Souza (2008) afirma que a memória gerada torna-se forte porque o santo solidificou a interseção da cura seja do corpo, seja da alma, através das pílulas.

Como essas pílulas foram usadas em uma grávida e em um doente dos rins, a noção de cura para as enfermidades corpóreas se intensificou, transformando o dom da cura em um carisma, fazendo dele portador, dando-lhe um título e uma distinção entre os demais santos: protetor das grávidas e dos enfermos.

Pela corporeidade dos objetos utilizados em vida, dos relatos, dos documentos que demonstram o reconhecimento recebido, de seu túmulo e da transformação do mesmo em relíquias, da sua morada em Guaratinguetá e no Mosteiro da Luz em São Paulo, a aceitação do clero brasileiro e da instituição através da beatificação e canonização, das pílulas e os aparatos que possibilitam os milagres serem operados através delas; esses elementos formam os ingredientes para a manutenção de lugares especiais capazes de canalizar a força da devoção a esse intercessor brasileiro: *os lieux de mémoire (lugares de memória)*.

Figura 28: Pinturas da Casa Frei Galvão - cenas da vida e homenagens prestadas a Frei Galvão



Fonte: Arquivo Pessoal, maio de 2014.

4.3 O *LIEU DE MÉMOIRE* DO PRIMEIRO SANTO BRASILEIRO NO “PROJETO REGIONAL”

A Casa de Frei Galvão e o memorial são dirigidos pela senhora Thereza Regina de Camargo Maia – descendente da família Galvão França, porém não é uma propriedade particular aberta ao público: ela pertence ao patrimônio cultural religioso do município de Guaratinguetá.

A prática de preservar e determinar os patrimônios históricos, culturais ou artísticos é notoriamente uma prática de Estado. Coloca-se Estado entre aspas ao pensar nele como a entidade detentora do maior nível hierárquico da comunidade, pois preservar sua memória ou sua história - uma ou outra como entendido por Nora (1989)-, é uma prática comum a todos os agrupamentos humanos em diferentes épocas (MAGALHÃES, 2005).

Em verdade, tanto o Estado quanto as demais instituições são formadas, em sua esmagadora maioria por membros cidadãos, deste modo, o quem determina o que será ou não preservado são grupos específicos que através da interação espaço-tempo tentam manter seus valores ativos enquanto símbolos culturais significativos cujo principal objetivo é transmiti-los as gerações futuras.

Como revela Fonseca (2005) o simbolismo destes patrimônios preservados é *escalarmente limitado*, sendo possuidores de significados muitas vezes contraditórios ou relativos, pois apenas algumas áreas do saber são convocadas a legitimá-los: as artes, a história, a arquitetura, a arqueologia e a antropologia, o que induz a uma série de perguntas sobre quais aspectos essas ciências se focam para julgar o material a ser preservado, legitimando-o e qual a participação real da sociedade quanto detentora destes bens.

Quando o patrimônio a ser preservado é de natureza religiosa, normalmente as igrejas e as capelas históricas são escolhidas como formas simbólicas que evocam a religiosidade, um passado histórico, baseado em fatos e documentos, além de critérios de valor arquitetônico, artístico e espacial. Sobre isso escreve a autora supracitada:

(...) [esses intelectuais tem o desafio de primeiro] construir uma representação (...) que, levando em conta a pluralidade cultural, funcione como propiciadora de um sentimento comum de pertencimento, como reforço de uma identidade (...) [e em segundo] fazer com que seja aceito como consensual, não-arbitrário, o que é resultado de uma seleção - de determinados bens - e de uma convenção - a atribuição, a esses bens, de determinados valores. Ou seja, de, ao mesmo tempo, buscar o consenso e incorporar a diversidade. (FONSECA, 2005, p.22)

Na sociedade brasileira, a problemática dos valores culturais é ao mesmo tempo preocupante e silenciosa. Primeiro devido a colonização, de 1500 à 1822 - mais de dois terços da nossa história - o que ocasionou na nação aquilo que Kerriou (1992, p.91) cita de Guilherme Bonfil Batalha:

Todos os povos colonizados têm consciência de que sua verdadeira história foi escrita pelos colonizadores. Sabem que a sua é uma história oculta, clandestina, negada. Sabem também que, apesar de tudo, essa história existe e que sua prova evidente é a presença mesma de cada povo.

Esse sentimento de inferioridade acarreta uma postura inconsciente de subordinação de camadas numerosas da sociedade a pequenos enclaves dentro desta mesma sociedade, no qual esta parcela pequena, remanescente de grupos sociais ou de práticas coloniais remodeladas para o presente, exerce um controle elitista sobre aquilo que é culturalmente generalizado.

No caso de Frei Galvão, há uma correspondência a santo Antônio que revela essa subordinação religiosa. O santo brasileiro é representado de forma semelhante ao patrono português e para um *outsider*, talvez houvesse mesmo dificuldade em separar as representações, causando uma subordinação, um efeito de redução e paralelismo sobre os santos (Figura 29).

Cabe ressaltar que esta semelhança pode ser bem-vinda ou não. Apesar dos diversos elementos que poderiam ser usados para distanciar os dois frades, como as pílulas e a representação física, a tendência apresentada nos escritos e na iconografia do santo brasileiro revelam que parece mais atraente associá-lo com seu inspirador, tornando o santo daquele agrupamento uma cópia do antigo colonizador, reduzindo seu simbolismo ao reducionismo europeu, mantendo uma dominação cultural.

O agravante da prática mimética recai sobre a parcela numerosa dos religiosos que não percebem a diferenciação, ou seja, não se reconhece através dos escolhidos, não reconhece a *efetiva brasilidade do santo* e em vez de provocar a reflexão a respeito de si e da história de sua religiosidade, funciona como mera abstração, desprovida de significados mais profundos, ou seja, perde a sua função e sua capacidade de diálogo - seu poder nacionalizante.

Figura 29: As semelhanças entre os frades menores franciscanos



Fonte: Arquivo pessoal. Vista da entrada da Catedral de Santo Antônio, a esquerda, imagem de Santo Antônio de Sant'Anna Galvão; a direita, imagem de Santo Antônio. Guaratinguetá. Maio de 2014

O grande problema da não significação é que o diálogo estabelecido entre o símbolo e o expectador ao não ocorrer prejudica ou anula o aspecto sociológico que o símbolo possui: de provocar estímulos no expectador quanto à sociedade que ele pertence, de provocar aceitação ou contestação, de refletir sobre o processo de colonização que encontra espaço para habitar na esfera ideológica como subalternos.

Afora sua representação, os elementos contidos na Casa de Frei Galvão, supervisionados pela direção familiar, provocam efeitos religiosos poderosos nos peregrinos que para lá se encaminham, ou seja, a experiência proporcionada pelo sentido que o *lieu de mémoire* gera, causa um efeito contemplativo no experienciador, momentaneamente constituídos de recordações e expectativas, como também espaciais, devido ao condicionamento e reconstrução das cenas, da projeção da vivência do santo naquele lugar que outrora foi sua residência.

O lugar de memória estaria impregnado dessas recordações exercendo sobre o espectador experiências variáveis e selando no lugar privilegiado um sentido de passado, de lembrança, de rito e práticas religiosas, de comprovação do milagre e da presença divina.

Considerando essas características, a Casa de Frei Galvão estaria simbolicamente habitada por Deus através dos milagres ali expostos, como também ainda habitada pelo santo. Sua presença torna-se espectral, pois apesar de não mais habitar aquele lugar, ainda assim devido a sua existência em determinado tempo e naquele espaço, ele fortemente marca, sendo efetivamente a essência do lugar: *“o significado de um lugar, seu genius loci, depende dos gênios que encontramos lá e esses fantasmas e gênios constituem as especificidades dos lugares históricos”*. Com este raciocínio, evitamos cair na visão limitada de determinar o lugar *“em termos morfológicos fixos e preenchendo-a somente com a imaginação dos eruditos”* (COSGROVE, 1999, p.22-3).

Em outros trabalhos (FRANGELLI, 2007) foi observado que os lugares históricos, as paisagens históricas ou espaços simbólicos que remetem seu tempo ao passado, isto é, trazem a recordação de feitos memoráveis, assim o são pelos atos realizados por *genius loci* (fantasmas, gênios do lócus, gênios do lugar) que estiveram ali.

Esses fantasmas em termos históricos realizam a lógica entre o passado e o presente, possibilitando uma predição do futuro, ou pela consequência remota dos seus atos, ou pela ação direta dos mesmos. A memória trazida por esses fantasmas transformam espaços do cotidiano em fenômenos vivos e significativos, no qual os estudos culturais em geografia cada vez mais se interessam.

Esses estudos (COSGROVE, 1999) vêm demonstrando que a história é tão social quanto individual, no sentido que são os homens, tanto do passado quanto do presente, que a constroem e efetivamente se relacionam com ela, constituindo uma simbiose entre sua identidade individual, de grupo e de espaço geográfico.

Em uma escala mais individual, propriamente de lugar, poderíamos dizer que os fantasmas familiares, recordam a história das famílias e suas tradições, dando sentido a determinados hábitos e práticas, revivendo seus significados e reforçando a identidade da família.

Em analogia, os fantasmas da religião – os beatos, os santos, as santas, os mártires - a qual pertencem, guardam esse sentido em uma escala geral, marcando a tradição e a história da religião, sendo que o lugar onde deixam sua marca reforça ainda mais o senso espacial daquela religião, porque impregna o lugar de identidade simbólica.

Ao reanimá-los, executa-se um ritual que exige uma imaginação social criativa, no qual atribui-se significados a atos, objetos, datas, pontos fixos no lugar e uma certa reverência ao passado, afim de atribuir outros significados ao presente e futuro (ROSENDAHL, 2003). Muitas vezes são necessárias ferramentas ilusórias, a fim de estimular a imaginação e climatizar o ambiente. Essas ferramentas são conhecidas como simuladores ou simulacros que podem assumir a escala de um pequeno objeto manuseável a grandes parques temáticos.

Esse senso de localização proporcionado pelo santo, conjugando espaço e tempo numa intervenção direta na memória social é um dos interesses da ciência geográfica na religião.

Cabe indagar que forças sociais, além das possíveis vontades das forças sobre-humanas, elevam um homem religioso de seu tempo, em um sentido histórico, a um *genius loci do seu povo*.

Algumas pistas estariam naquilo que seu povo e os membros da sua instituição religiosa, ou melhor, o clero, eleva a feito religioso relevante à obra de evangelização da Igreja. Outra pista poderia estar na necessidade de natureza cultural, de criar identidade própria local de evangelização.

Qualquer que seja a razão, não se pode ignorar que qualquer feito santo reconhecido perante o rebanho, está situado em um contexto espaço-temporal e é objeto de parcialidades inúmeras, da própria experiência e consciência da época. Cosgrove (1999, p.28-9) é taxativo:

(...) Qualquer tentativa de escrever um relato desinteressado encontra o duplo reconhecimento das numerosas políticas que giram em torno dos textos e imagens de suas fontes, e das razões pessoais do interesse por elas (...).

Da mesma maneira, sobre a lógica das políticas turísticas da prefeitura de Guaratinguetá e do reconhecimento dos peregrinos, pode-se afirmar que a sua obra religiosa preservada no estilo de museu, inspirando na casa e no memorial essa presença de *genius loci* é reafirmada no contínuo esforço de manutenção da memória na Casa e no Memorial de Frei Galvão e dos milagres através da distribuição das pílulas tanto nos pontos físicos como pelos Correios.

A peculiaridade da vida de Frei Galvão está no fato dele não ter tido um ministério específico, perpassando sua formação pelos estados da Bahia (Cachoeira), do Rio de Janeiro (capital e Itaboraí) e de São Paulo (capital, Guaratinguetá e cidades vizinhas), com atuação por todo o Vale do Paraíba paulista, vivendo nessa transitoriedade, faltou-lhe um templo específico – no sentido católico da afirmação da casa de Deus.

Na capital São Paulo, o Mosteiro da Luz fundado por ele, onde fixou-se durante boa parte de sua vida, por abrigar seu túmulo e ter uma capela dedicada a ele, tornou-se uma centralidade devocional.

No entanto, na cidade de seu nascimento, a percepção da falta de um templo dedicado a ele foi notória, pois a antiga Capela de São José em Guaratinguetá durante todo o processo de beatificação (1938-1998) foi o local de devoção ao Frei – sem perder sua denominação.

Com a necessidade de ampliação dos espaços decorrente do aumento dos fluxos de peregrinos devido à própria beatificação, um grande templo que estava sendo construído para São José passou a ser considerado pelos fiéis católicos como dos dois milagreiros (São José e o beato Frei Galvão).

As práticas religiosas, o uso dos espaços pelos católicos, fez cada vez mais esse templo dedicado a dois ser considerado apenas o templo de um: Frei Galvão. E deste modo, em 2010, o mesmo foi consagrado ao já santo brasileiro, sendo renomeado para Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio de Sant'Anna Galvão através do Decreto Prot. nº. II 11842/10 assinado pelo arcebispo metropolitano, o cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis.

O reconhecimento do poder político ao frei veio bastante antes da instituição católica. Em 1865, a Câmara Municipal de Guaratinguetá nomeou de “Rua frei Galvão” a pavimentação onde situa-se a sua casa, localizada no sítio histórico de fundação também da cidade. E em 1998, por ocasião da beatificação, renomeou a avenida que contornava o setor Norte 2, bairro de Jardim do Vale, para Avenida Antônio de Sant'Anna Galvão – onde situa-se hoje o Santuário dedicado a ele (CASA FREI GALVÃO, 1998). Essas “disputas entre milagreiros” pela posse do templo são outras questões que interessam a Geografia da Religião.

Seguindo a linha da Arquidiocese de Aparecida sobre o uso de tecnologias e a importância de evangelizar utilizando os meios de comunicação a fim de aproximar os católicos, assim adaptando-se a modernidade, o Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio Sant'anna Galvão e o Mosteiro da Luz possuem sítios eletrônicos próprios, com destaque para a página do Facebook e a Rádio Web Frei Galvão do santuário supracitado. Apesar de não possuírem um canal no YouTube como o Santuário Nacional, a TV Aparecida e a TV Canção Nova registram acontecimentos ocorridos no templo e publicam naquele sítio eletrônico, demonstrando as parcerias estabelecidas no interior da instituição católica.

O aumento do fluxo de peregrinos em Aparecida e a intensa divulgação a respeito do santo brasileiro nas diversas mídias refletem nos números de visitantes registrados no ano de 2013, na Casa Frei Galvão: aproximadamente 150.000 – conforme entrevista dada por Maria Angélica do Nascimento França (guia da Casa) à Rádio Aparecida em 17 de janeiro de 2014 (SILVASTON, 2014).

Figura 30: O santo brasileiro nas redes sociais oficiais e familiares - 2014



Fonte: Endereços na internet – Portal Oficial do Santuário Arquidiocesano de Santo Antônio Sant'Anna Galvão também conhecido como Santuário Frei Galvão <<http://www.santuariofreigalvao.com/>>; site oficial do santo brasileiro <<http://www.saofreigalvao.org.br/>>; Facebook do Santuário Frei Galvão <<http://www.casadefreigalvao.com.br/>>; Site da Casa de Frei Galvão <<http://www.casadefreigalvao.com.br/>>; Site dedicado a Frei Galvão pelos membros da família <<http://www.saofreigalvao.com/>>; Site associado ao Mosteiro da Luz <<http://www.saofreigalvao.com.br/>>.

CAPÍTULO V: DE LORENA À CACHOEIRA PAULISTA – A CONTINUAÇÃO DA BUSCA POR UM “PROJETO TURÍSTICO REGIONAL”

Seguindo a proposta oeste-leste de reflexão sobre o processo de contato enquanto uma variável de união do ‘projeto turístico regional’, este capítulo tratará de uma parcela da Diocese de Lorena compreendida pelo próprio município de Lorena, seguido por Canas e finalizando em Cachoeira Paulista.

Existem conexões histórico-geográficas que vinculam os municípios do Circuito Turístico Religioso que vão desde a criação de povoados e posteriormente suas emancipações; afiliações econômicas ligadas ao ciclo do café e a imigração europeia do final do século XX; perpassando pelo processo de industrialização e a inserção deles no processo de consolidação da megalópole Rio de Janeiro-São Paulo. Entretanto esses pontos serão abordados superficialmente, devido ao fato do interesse da tese estar vinculado as afinidades culturais religiosas. Nesse ponto, ver-se-á que os elementos supracitados permeiam e alimentam os atores sociais desejosos do avanço do “projeto regional”.

Ainda sobre contatos, é sabido que a contiguidade facilita a integração, porém esse caminhar oeste-leste induz a uma noção de polarização geométrica devido às extremidades do “projeto” apresentarem pesos diferenciados: Aparecida e Guaratinguetá, pertencentes a Arquidiocese de Aparecida e administrados diretamente pelo clero católico; enquanto que na ponta leste, encontra-se Canas e Cachoeira Paulista, também pertencentes a instituição católica porém fazendo parte de uma ramificação no interior da Igreja, a chamada Renovação Carismática Católica (conhecida pela sigla RCC).

Sobre contato e separação, observe a Figura 31 a seguir. Aparecida e Cachoeira Paulista, os dois focos discorrendo sobre práticas ritualísticas tradicionais e modernas, se encontram nos extremos do “projeto turístico regional” criando essa aparente polarização geométrica, no qual em verde destaca-se o contato e se chama a atenção para a contiguidade, enquanto que os traços vermelhos destacam a polarização.

Figura 31: Os extremos do “projeto turístico regional” em 2014



Até que ponto há ou não uma aparente polarização geométrica? Esta é uma das perguntas que permeiam o capítulo V e culminará no capítulo VI. Nessa aparente polarização, no centro, situa-se Lorena, sede da Diocese que controla essa porção centro-leste do ‘projeto’, mas que não apresenta veementemente essa vocação ou esse carisma do tipo RCC.

Para os peregrinos entrevistados nos últimos trabalhos de campo, conforme foi citado na introdução dessa tese, que passaram a reconhecer um Circuito Religioso¹ como pensado pelo SEBRAE/Guaratinguetá/SP, os municípios de Lorena e Canas não são um destino ou mesmo uma parada específica. Esse detalhe faz o pesquisador social perceber que há projetos ativos no presente (Aparecida, Guaratinguetá, Cachoeira Paulista), projetos em andamento (Lorena) e projetos futuros (Canas).

¹ Os peregrinos não se referem ao Circuito Turístico Religioso como sendo também de natureza turística – algo que será objeto de reflexão no capítulo VI.

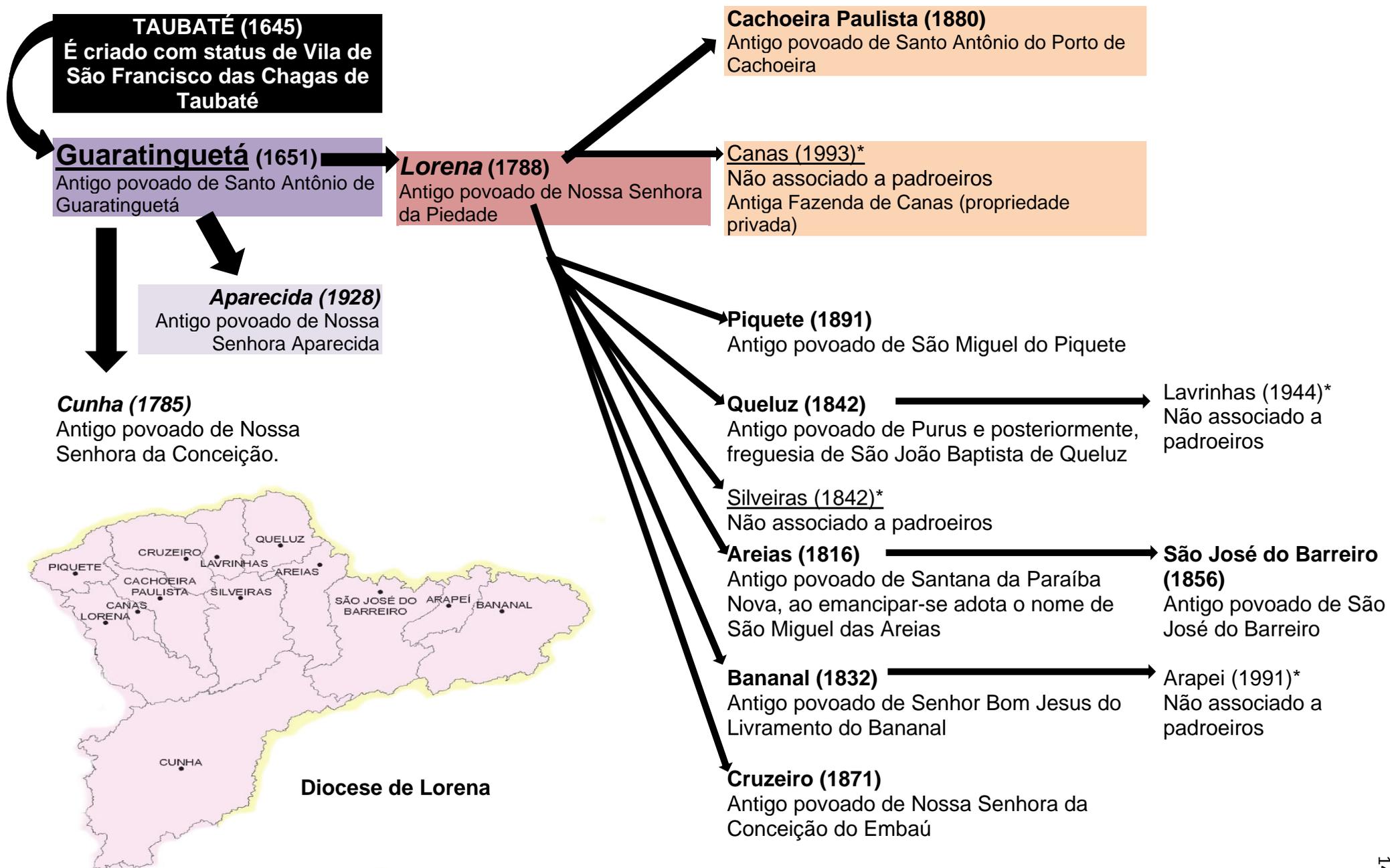
Considerando esses apontamentos, o presente capítulo está estruturado em porções divididas seguindo o princípio dos demais: ênfase nos aspectos religiosos principais e específicos dos municípios em tela levantando aspectos teóricos sobre essas peculiaridades, todavia apresenta uma diferenciação: tratará dos três municípios faltantes tecendo conexões e dissonâncias variadas guiado pelo questionamento de Canas e Lorena não serem um destino específico como Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista.

5.1 A SEDE DA DIOCESE DE LORENA: UMA MEMÓRIA TERRITORIAL PRESERVADA

A Diocese de Lorena, apesar de deter uma área territorial muito mais extensa que a da Arquidiocese de Aparecida, em realidade, não possui a mesma ou a expressiva centralidade que aquela apresenta. Esta diocese abrange uma série de municípios médios do Vale do Paraíba paulista que se desenvolveram nos tempos do Brasil-Colônia, sob a lógica da capela e praticamente todos se emanciparam politicamente da própria Lorena (IGC, 2011).

Essa herança territorial provinda da lógica colonial é ainda mais antiga: se remete a Guaratinguetá e a Taubaté em um grande movimento de repartição de terras. Taubaté foi criado em 1645 sob o nome de Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté já com esse status. Correspondia a vasta área do Vale do Paraíba e era conhecida pela alcunha de “Sertões de Taubaté” – entretanto estes elementos territoriais serão trabalhados com mais expressão no capítulo VI. Neste momento a questão administrativa-territorial auxilia no entendimento da vastidão da Diocese de Lorena, que foi criada em 1937 com a finalidade de melhorar a eficiência do “governo do povo cristão” (DIOCESE DE LORENA, 2014: 1), desmembrando-se da Diocese de Taubaté e carregando para si todas as paróquias que hoje correspondem ao seu território: de Piquete a Bananal no sentido oeste-leste; e de Queluz a Cunha no sentido norte-sul. O esquema a seguir permite a visualização das emancipações político-administrativas dos municípios paulistas no interior da lógica territorial católica e a centralidade de Lorena frente a sua Diocese:

Esquema 2: Emancipações políticas e padroeiros da Diocese de Lorena, destacando a área do 'projeto'



Fonte: Elaboração própria. Base de informações (IGC, 2011)

No esquema apresentado, com fins ilustrativos, os cinco municípios participantes do 'projeto turístico religioso' estão destacados com cores em tons roxos (Arquidiocese de Aparecida) e tonalidades de rosa (Diocese de Lorena). Afora esse destaque, também se pode perceber entre parênteses, informações sobre o ano de emancipação e em negrito os municípios que se originaram na lógica colonial e desta maneira, foram antigos povoados criados ao redor de capelas de padroeiros.

Observam-se afinidades políticas e históricas entre a delimitação e a escolha da sede da nova diocese com sua área de abrangência. Entretanto, o que esta subdivisão não revela são os atores sociais e religiosos envolvidos no processo.

A necessidade de desmembramento foi um movimento que teve como precursor o senhor José Vicente de Azevedo (1859-1944) que em 1935 foi reconhecido como benfeitor e recebeu o título de conde romano; natural de Lorena; advogado, professor de geografia e agente social vinculado a Igreja Católica envolvido em obras de caridade na capital paulista e no Vale do Paraíba paulista, ações estas em parceria com o clero e madres, entre elas a senhora Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus (Santa Paulina) e a congregação salesiana (GODOY et al, 2007) .

A igreja de Nossa Senhora da Piedade – a igreja matriz do povoado reformada – tornou-se a sede desta nova diocese e atualmente o bispo Dom João Inácio Müller de formação vinculada a Ordem dos Frades Menores é seu gestor.

Na geografia cultural, o arranjo das formas no espaço revela diversas questões simbólicas, significados aos quais o produtor tenta induzir e transformar, ou seja, provocar os sentidos, as sensações, causar aproximações, trazer significado, significar cognitivamente aquele que ali se encontra.

Essas formas espaciais passam então a ser analisadas a partir do simbolismo, ou seja, do universo simbólico, dos valores, dos significados contidos porque colocados naquela construção pelos produtores, compradores, idealizadores. Deste modo, as formas espaciais simbólicas são compreendidas e analisadas sobressaltando o significado e o que é capaz de provocar a aquele que o presencia.

Significado, cognição, presença são palavras-chave dessa maneira de abordar as formas espaciais e requerem uma metodologia cuidadosa a fim de evitar o excesso de interpretação do universo simbólico do pesquisador. Observa-se que os fixos espaciais religiosos de Lorena apresentam-se associados a um passado colonial e uma nova tendência, as comunidades – questões que serão trabalhadas a seguir.

5.2 AS FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS RELIGIOSAS: UMA INTERPRETAÇÃO DOS PRINCIPAIS FIXOS CATÓLICOS DO MUNICÍPIO DE LORENA

A sede da Diocese de Lorena – o município de Lorena - abriga alguns templos religiosos e uma importante comunidade católica inserida no contexto da vocação e do carisma de renovação, conjugando um misto de tradição e busca de novas possibilidades.

Retomando os fixos religiosos considerados com potencial turístico pelo guia paulista Cidades da Fé (2013) podem ser demarcados: a Catedral Nossa Senhora da Piedade (igreja matriz); a Basílica de São Benedito (gerida pelos salesianos) e a Comunidade Bethânia de Lorena.

O guia é referência no turismo religioso católico no estado de São Paulo trazendo diversos atrativos entre histórias, curiosidades, informações e imagens, sobretudo de igrejas, mas também de museus sacros, grutas e morros que apresentam simbolismo religioso. Seu prefácio inclusive foi escrito pelo cardeal Raymundo Damasceno de Assis – o que reforça a credibilidade do material e o direcionamento para o público católico.

Este guia dispõe 2 páginas, apenas, de um total de 244 para o município de Lorena – apesar de realizar uma série de reportagens para a revista Cidades da Fé destacando o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba. Comparativamente, entre matérias e propagandas relacionadas a cada cidade, Aparecida possui 31 páginas neste guia; Guaratinguetá dispõe de 15; Cachoeira Paulista de 5 e Canas de nenhuma página.

Cabe ressaltar que a editora Expedições, responsável pela produção do guia, também está relacionada com as publicações do SEBRAE-SP referentes aos **circuitos turísticos** do Vale Histórico; da Mantiqueira e **Religioso** (estudado neste trabalho); as revistas Cidades da Fé, Vale Histórico, Mantiqueira e da Arquidiocese de Aparecida; aos catálogos católicos Santuário Nacional e RCC (Renovação Carismática Católica); os jornais Folha do Povo de Guaratinguetá; sendo sua credibilidade bastante considerada no Vale do Paraíba Paulista (sua área de atuação - Figura 32).

Considerando essa credibilidade e o envolvimento da editora na elaboração e divulgação dos materiais católicos, assim como seu conhecimento dos projetos em andamento na área de turismo e religião para o Vale do Paraíba Paulista, o número reduzido de páginas dedicadas à Lorena e a similitude com que a mesma é trabalhada no contexto das demais cidades que apresentam templos, grutas e formas simbólicas espaciais religiosas no estado de São Paulo revelam alguma desconexão simbólica ao “projeto turístico religioso”, despertam a atenção para possíveis conexões político-religiosas e retomam clássicas interpretações geográficas sobre a contiguidade espacial como variável de integração de regiões.

Figura 32: As publicações da Editora Expedições



A publicação aponta como ponto turístico-religioso a ser visitado em Lorena, três formas simbólicas espaciais destacadas a seguir. Essas três formas apresentam-se como importantes devido (Figura 33):

(a) **antiguidade** – a igreja matriz denominada Catedral Nossa Senhora da Piedade construída no contexto de capela no período colonial, situada de modo centralizado na praça, apresentando as palmeiras em sua entrada (simbologia de poder no Brasil-Colônia e no Brasil-Império também retomada em Aparecida, no Santuário Nacional) espécie de símbolo da tropicalidade e do poder estruturador do espaço;

(b) **paridade** – a Basílica de São Benedito, o santo negro que pertenceu a Ordem de São Francisco de Assis, protetor dos pobres e humildes e no Brasil, protetor dos escravos muito associado a questão dos negros africanos. Sua Basílica inaugurada em 1884 teve convidados ilustres, como a princesa Isabel e o conde D’Eu (JORNAL O LINCE, 2008), sendo construída através da doação de diversos membros novos da nobreza enriquecidos a partir do cultivo do café. Entretanto a imagem encomendada de São Benedito que viria da Europa não chegou para a inauguração (1884), exigindo providências do clero para resolver a questão. A solução dada foi pintar de preto uma imagem de Santo Antônio e colocá-la provisoriamente no altar. Quando da chegada da imagem encomendada (alguns meses depois), o clero considerou mais prudente não realizar a troca e desde então, essa imagem vinda da Europa permanece na porta da igreja. É considerada a primeira basílica da América Latina dedicada ao Santo Negro e em 1917, foi agregada à Basílica de São Pedro, permitindo que os devotos católicos recebam as mesmas indulgências (perdão das penas temporais causadas por um pecado) daquela. Atualmente é controlada pela ordem Salesiana.

(c) **Comunidade** – a Comunidade Bethânia de Lorena fundada em 2003 é uma comunidade de vida e de aliança, fundada por consagrados de Bethânia a partir de conversas entre Monsenhor Jonas Abib (Comunidade Canção Nova), o professor Felipe Aquino (natural de Lorena, doador do terreno e estudioso/escritor da Renovação Carismática Católica) e padre Léo (fundador da Comunidade Bethânia). O carisma dessa comunidade é de *“acolhimento de pessoas marginalizadas, dependentes químicos e prostituídos. [Deve-se] olhar o ser humano integralmente,*

em suas dimensões física, psicoafetiva e espiritual” (COMUNIDADE BETHÂNIA, 2015).

A primeira comunidade criada foi em 1995 na cidade de São João Batista em Santa Catarina. Atualmente possui sete recantos, espalhados nos estados de São Paulo (1), Santa Catarina (1), Rio de Janeiro (1), Paraná (3) e Minas Gerais (1). Segundo o relato de Alexandre (2014)², Padre Léo faleceu em 2007, aos 45 anos. Pertencia a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, atuou no contexto da Renovação Carismática Católica junto a Canção Nova e sua figura ainda é bastante inspiradora pois se comunicava diretamente com os jovens. Sua obra voltada para a marginalidade provinda principalmente das doenças psicotrópicas (drogas e alcoolismo) e da prostituição – chamado por ele como “os leprosos do nosso tempo”, o fez adotar o nome de Bethânia para a comunidade, em referência ao leprosário da Bíblia.

A estrutura da comunidade de vida é de total entrega, uma possibilidade de refazer a vida em comunidade, em que a reabilitação ocorre sem “promessas milagrosas”, de forma não terapêutica, no desejo pessoal de alcançar uma nova espiritualidade e estilo de vida calcada na pobreza, na castidade e na obediência cristã.

O ícone da Comunidade se remete a imagem do Cristo Morto (Figura 33, detalhe realçado): aquele sacrificado pelo peso da cruz e na caminhada pela via crucis. Esse Cristo representa todos os integrantes recém chegados à Bethânia – mortos em vida, esfacelados e distantes do seu objetivo pessoal, deprimidos pelo vício ou desprovidos de uma identidade em que se reconheça como própria.

Os conceitos de renascer, convívio comunitário e acolhimento estão presentes nas posturas, na metodologia da comunidade e no arranjo simbólico espacial. As regras de vivência se dividem em três: sorrir, abraçar e não discutir. Os integrantes possuem três momentos de oração: matinal, oração do rosário e noturna. As tarefas, realizadas de forma comunitária (sempre em pequenos grupos) visam a subsistência através da criação de animais e da pequena lavoura.

² Membro da comunidade de vida, em Lorena, sendo considerado no estágio de discípulo,

Figura 33: Basílica de São Benedito, Catedral Nossa Senhora da Piedade (Igreja Matriz) e a Comunidade Bethânia de Lorena



Igreja Matriz

Fonte: Basílica de São Sebastião - DB City
<<http://pt.db-city.com/Brasil--S%C3%A3o-Paulo--Lorena>> ; Catedral Nossa Senhora da Piedade e a Comunidade Bethânia de Lorena : Arquivo pessoal – maio de 2014



Basílica



Comunidade Bethânia



Comunidade Bethânia

Gruta Nossa Senhora das Graças na Comunidade



Detalhe do ícone: Cristo Morto

Os homens, as mulheres e as famílias (casais e seus filhos) se encontram divididos em três conjuntos de casas denominadas: casa Lázaro (homens), casa Marta (mulheres) e casa Maria (famílias). Esses nomes fazem referência aos amigos de Jesus Cristo, moradores de Bethânia, que realizavam a caridade junto aos leprosos e desvalidos.

Essas casas possuem uma arquitetura própria, dividida em quartos, um banheiro e uma sala de convivência, todos com pouca mobília e estão arranjadas de modo a produzir as noções de igualdade e comunhão, ou seja, o formato arredondado visa produzir uma igualdade de pontos – não há superioridade entre os membros da casa; e ao mesmo tempo aparenta a noção de enlace, de abraço – de braços que se fecham em um abraço.

O trio Marta, Maria e Lázaro também nomeiam a metodologia dos 12 passos em busca da força interior criada por padre Léo. Conforme testemunhou Alexandre (2014), os ensinamentos de padre Léo eram ditos de maneira simples, seguindo os preceitos da Bíblia católica: Marta era aquela que acolhia e representa o primeiro passo da comunidade – acolher os desventurados; Maria aquela que estava sempre aos pés do Senhor, representa a fundamentação espiritual, a busca da transformação em Cristo e Lázaro aquele que é afetuoso, representa o trabalho em conjunto. O trio metodológico, em realidade, é o processo de evangelização que se dá através do estar junto, do envolvimento psicofísico e psicoespiritual, no qual “psico” significa relacionar-se a nível psicossocial.

Observe a Figura 34, a imagem demonstra a noção geométrica de abraço expressa na forma das casas, a busca de harmonia através do pátio interno e a igualdade.

A Comunidade Bethânia ainda não possui o reconhecimento pontifício, porém estaria classificada na esfera das Associações Privadas Internacionais de Fiéis por seu caráter de comunidade leiga. Em Lorena, a comunidade está presente há 11 anos.

Figura 34: Comunidade Bethânia – Casa Lázaro



Fonte: Fotos do arquivo pessoal. Esquema – elaboração própria

5.3 PANO DE FUNDO DOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS EM CANAS E CACHOEIRA PAULISTA: A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E O CONFLITO ORGANIZACIONAL NO INTERIOR DA IGREJA

A relação existente entre Canas e Cachoeira Paulista envolvendo as diversas comunidades que exaltam a renovação carismática católica, seja elas a Canção

Nova em Cachoeira Paulista, seja a RCCBrasil em Canas, vem sendo estudada especificamente pelo geógrafo Jefferson Rodrigues de Oliveira (2014 – em andamento) em sua futura tese de doutorado.

O geógrafo vem afirmando que, para interpretar a trajetória da RCC no Brasil se faz necessário um retorno a década de 1970, observando os diversos movimentos renovadores no interior da Igreja Católica Apostólica Romana impulsionadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) – considerados por teólogos como a grande transformação do catolicismo no século XX – que reformou alguns rituais realizados durante a missa aceitando e convidando os leigos para participar mais ativamente das celebrações; abriu-se para o diálogo inter-religioso e deu mais espaço para as comunidades de leigos (leigos entendidos como fiéis) no interior das dioceses.

Nesta linha de liberdade, a renovação carismática católica (somente RCC) ou também intitulada pentecostalismo católico se insere como um dos movimentos que mais crescem, pautados no reavivar do Espírito Santo, devido a retomada da celebração da festa de pentecostes (50 dias após a páscoa) em que Jesus reanima sua mãe e seus apóstolos realizando uma espécie de novo batismo, o batismo no Espírito Santo.

O reviver do Espírito Santo, porque este é retomado, provoca o reanimar e igualmente, o reviver do devoto católico via o Espírito Santo. Sendo chamado de novo pentecostes (1967) possui na figura da freira italiana beata Elena Guerra, a primeira porta-voz da boa nova ao interceder entre as inspirações do Espírito Santo e o Papa Leão XIII, e posteriormente nos Estados Unidos da América, onde em um retiro no estado da Pensilvânia, estudantes da Universidade de Duquesne manifestaram o dom de falar em línguas a partir da efusão do Espírito Santo (OLIVEIRA, 2012).

Após estes eventos, uma série de outros foram registrados e rapidamente, difundidos por devotos católicos agora renomeados para devotos católicos carismáticos, destacando-os dos demais grupos católicos. Vários missionários foram enviados para espalhar a “boa nova” em diversos países, chegando ao Brasil em

1970 através dos Cursos de Oração e Estudos sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo (OLIVEIRA, 2012).

Começa a surgir uma nova estratégia de evangelização, dita moderna e ao mesmo tempo seguidora dos dogmas católicos, esperançosa de estancar a sangria da migração inter-religiosa no Brasil, no qual percebe-se a migração de devotos católicos desacreditados das práticas ritualísticas tradicionais se direcionando para as igrejas evangélicas neopentecostais.

A RCC valoriza o sacramento da eucaristia, o Espírito Santo e a efusão que o mesmo provoca através dos carismas ou dons, no qual através da oração, da reflexão em grupos ou na solidão enseja-se experiências pessoais com a Trindade.

A filosofia do novo pentecostes é uma reinterpretação do batismo no Espírito Santo realizado por Jesus Cristo porém não necessariamente na presença de um sacerdote católico ou qualquer membro do clero. Busca-se um Deus participativo, próximo e conciliador – talvez bastante disponível para o devoto católico. Neste ponto, assemelhasse a busca do self (mesmo que espiritual) da hipermodernidade e aproximasse dos movimentos sociais ocorridos no decorrer da década de 1960 com destaque para 1968, nos atuais países de democracia plena, entre eles o Estados Unidos – berço do pentecostalismo católico e evangélico.

Segundo Vanessa Lopes (2012), a RCC provoca diversas controvérsias internas ao potencializar o relacionamento, a intimidade com Deus, relevando para o segundo plano a caridade. Segundo documento da CNBB (1994, p.2-3):

O Espírito Santo é o intercessor que nos introduz na vida da Trindade, para a realização do projeto de Deus, na adoção filial, na glorificação dos filhos de Deus e da própria criação. Faz em cada cristão uma testemunha (...) distribui seus dons aos fiéis, de tal forma que ninguém possui todos eles, como ninguém está totalmente privado deles. Esses dons são sempre para o serviço da comunidade. Não é a experiência dos carismas que exprime a perfeição da salvação, mas a caridade que deve perpassar toda a vida dos cristãos.

A busca pelo sentido da vida e o conforto espiritual individualizado presente na RCC são sintomas também da hipermodernidade revelando um atendimento de demanda questionável por outros grupos no interior da Igreja.

A realização do culto e a invocação de louvores, com a efervescência do dom de línguas e o chamado coletivo do Espírito Santo através da música e do histerismo, destacando a ênfase que líderes católicos carismáticos dão aos carismas de suas comunidades particulares, criando uma profusão de correntes no interior da RCC que permitem associações entre ela e as igrejas pentecostais evangélicas – que possuem diversas congregações.

Esses elementos são elencados por Silvia Fernandes (2010) ao questionar seminaristas e noviças acerca das opiniões e vivências dos mesmos no movimento da RCC e das CEBIS, no qual seus entrevistados relataram a relação intimista da primeira e a diferenciação da segunda, mais envolvida com as transformações sociais pelo alinhamento à Teologia da Libertação. Os jovens relataram o processo de alienação social que o excesso da busca espiritual individualizada provoca, qualificando-a como uma “espiritualidade oba-oba” (FERNANDES, 2010: 45) e muitas vezes distanciada do Vaticano.

A CNBB, segundo Lopes (2012), vem acompanhando a RCC desde 1974, emitindo ressalvas, advertências e conselhos. Reconhece a importância do movimento no revigoração católico e na atração dos jovens, contudo relembra constantemente a necessidade de subordinação do movimento à Igreja, respeitando as dioceses onde estão inseridas, orientando sobre o excesso de isolamento e a necessidade de estreitar os elos com todo o corpo da Igreja, sejam leigos, seja o clero. Advertem sobre os livros e diversas publicações que são emitidos sem a aprovação do bispo local, lembrando que as doutrinas católicas exigem formação e catequese para não serem desvirtuadas e confundidas com outras formas de cristianismo. Lembra que os shows, os louvores não são o ápice da celebração da missa e sim a comunhão durante o sacramento da eucaristia.

Outro problema bastante preocupante é a autonomia dos líderes leigos com relação a autoridade eclesiástica e a exacerbação da figura do clero como líderes midiáticos, como exemplo os padres Marcelo Rossi e Fábio de Melo, pela juventude que confundem o exemplo cristão com a histeria do universo pop da cultura de massa. Para muitos católicos, a RCC surge como uma facção paralela no interior da própria Igreja que eventualmente poderá desmembrar-se. Alinhou-se a esse

pensamento o fato da liderança da RCCBrasil, o presidente do Conselho Nacional da Renovação Carismática Católica do Brasil ser um leigo, o senhor Marcos Volcan.

Devido a sua diferenciação organizacional focada no leigo e em grupos de oração que porventura se reúnem em eventos maiores, vem sendo categorizada como um *movimento religioso* (LOPES, 2012: 11), sendo o termo recorrente em seu sítio eletrônico <www.rccbrasil.org>, instrumento bastante utilizado como consulta pelos grupos de oração. Apesar do temor de uma eventual separação, conforme afirma Vanessa Lopes (2012), não há sinais deste desmembramento posto que os católicos carismáticos afirmam representar as diversas mudanças contidas no Concílio Vaticano II, sendo membros da Igreja propondo-se a renová-la.

Em realidade, o que se observa é uma diferenciação organizacional, uma releitura do livro sagrado (a Bíblia) e diferenciações ritualísticas que revelam a multiplicidade de interpretações e reflexões doutrinárias em uma igreja de âmbito mundial que demonstra a heterogeneidade dos devotos católicos. Sendo um movimento religioso católico atraente aos jovens e voltado para a classe média no sentido de atender aos anseios da busca por uma razão de viver, faz retornar, aderir e permanecer no rebanho uma leva de “buscadores de um sentido espiritual na vida” que viram-se envolvidos em transformações socioculturais técnico-informacionais espaço-temporais ao longo do século XX e XXI.

5.4 O PROTÓTIPO CANAS, SEUS FIXOS ESPACIAIS RELIGIOSOS HISTÓRICOS E A SEDE NACIONAL DA RCCBRASIL: A QUESTÃO DA MONUMENTALIDADE

Como foi afirmado anteriormente, as formas simbólicas espaciais interligam a identidade marcada no espaço com a memória, a recordação e o poder. Abertos a múltiplas interpretações, essas formas simbólicas fixadas no espaço carregam sentidos variados embutidos tanto daqueles que a construíram, quanto daqueles que pela presença física ou virtual, revivem/reconstroem/criam os múltiplos sentidos que aquela forma simbólica instalada em um espaço reservado a ela (espaço potencializador de suas qualidades simbólicas) pode propiciar.

O município de Canas, cidade paulista com 4.385 habitantes (IBGE CIDADES, 2010), a partir de arranjos políticos envolvendo proprietários de terras e famílias de descendentes de imigrantes, foi emancipada politicamente de Lorena em 1993.

Segundo a prefeitura, possui três importantes fixos religiosos, sendo eles: a Igreja de Santo Antônio, construída em 1904 e carinhosamente chamada de Igreja Caninhas – centro do início do povoamento, nascido como bairro de Lorena e expandindo-se com a chegada dos imigrantes europeus, com destaque para os imigrantes italianos; a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora construída pelos imigrantes italianos tornando-se a partir da sua inauguração a padroeira da cidade e a Igreja de São Benedito.

Analisando os três fixos religiosos, pode-se perceber questões típicas referentes aos pequenos municípios brasileiros do interior: a ligação entre o catolicismo praticado no Brasil e a necessidade de padroeiros, sejam santos/ santas/ Nossa Senhora como fator identitário contraposto a uma ausência latente de formas simbólicas espaciais de outras religiões gerando esse fator identitário - no sentido de força mística, religiosa ou misteriosa, motriz e caracterizadora de uma localidade como possuidora de um fixo espacial importante para a cognoscibilidade da fé de uma religião que não seja de origem cristã e católica.

No guia Cidades da Fé (2013), Canas está ausente. Essa não participação revela sua condição subalterna, de mesmice, de falta de expressividade, no sentido claro de que a suntuosidade, a magnitude que torna um monumento fascinante ao turismo, não estão expressos nestes fixos espaciais – questões que enveredam pela semiótica e pelas filosofias do significado a fim de compreender o que torna “tais e não tais” fixos atraentes aos *outsiders*.

A afirmação sobre a ausência de suntuosidade recai nos fixos religiosos pretéritos de Canas. Todavia, a escolha de Canas como município que abrigará a Sede Nacional da Renovação Carismática Católica do Brasil, legitimada em janeiro de 2010 quando a pedra fundamental da sede nacional foi erguida a algumas centenas de metros da Rodovia Presidente Dutra, inserindo também no ano de 2010, o município de Canas no “projeto regional” do Circuito Turístico Religioso do

Vale do Paraíba paulista, indica que os elementos citados anteriormente e balizados nas análises de Corrêa (2005), Ribeiro (2005) e em trabalhos anteriores (FRANGELLI, 2007) podem ser identificados no planejamento e na divulgação que a RCC do Brasil vem realizando através do seu sítio eletrônico <<http://www.rccbrazil.org.br/sedenacional/index.php?page=2>> que hodiernamente possui as etapas concretizadas, convoca os devotos católicos carismáticos a contribuir com a construção e demonstra através de um vídeo a planta do projeto com uso de animação 3D.

A escolha espacial do município de Canas como Sede Nacional da Renovação Carismática Católica do Brasil foi uma estratégia que se insere no âmbito da Rodovia Presidente Dutra no eixo Rio-São Paulo, tornando a sede parte da dinâmica de caravanas e ônibus de turismo que seguem rumo à Aparecida, contudo o foco desta construção está no fluxo de católicos carismáticos frequentadores da Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista.

A necessidade de possuir um centro de peregrinação próprio para os diversos devotos católicos carismáticos associados a comunidades católicas, como a Canção Nova, o Shalom, a Comunidade Bethânia (para citar apenas os já apresentados nesta tese) e aqueles vinculados aos grupos de oração coordenados pela RCCBrasil, nasce do revigoreamento da prática católica de reunir-se para a comunhão e da exaltação ao Espírito Santo no novo pentecostes.

Identificando essa demanda, a posição estratégica de Canas e o alinhamento político do então prefeito Rinaldo Zanin (cassado por irregularidade eleitoral no segundo mandato), o município tornou-se um local privilegiado.

A doação do terreno de aproximadamente 90 mil m² por particulares (Thaís Vizaco) reforçou a escolha e a desapropriação assumida pela prefeitura seria paga no valor de 3 mil horas/máquinas em vez do valor financeiro estimado em 80 mil reais (JORNAL CLASSE LÍDER, 2010). Essa transação financeira agilizaria a construção dos primeiros fixos espaciais (figura 35), mas também revelaria um outro

fator: segundo cálculos e variáveis de época, essas horas/máquinas ultrapassariam os gastos reais de 360 mil reais³.

Em 2013, o Ministério Público alegou irregularidades na doação do terreno que foi devolvido em 2014 a proprietária. Após essa devoluta, a RCCBrasil (2014) adquiriu o terreno pelo preço inicial estipulado à época da transação (80 mil reais) e está dando continuidade ao projeto de construção que foi aprovado pelo seu Conselho Nacional. Esse projeto constituído por diversos fixos espaciais visa realçar os elementos identitários do movimento e reforçar a monumentalidade da sede, como pode ser observado no material de divulgação institucional (figura 36).

Claramente pretende-se com esta sede estruturar as ações, dando visibilidade espacial à RCCBrasil. Os congressos e cursos de formação, momentos de convivência e peregrinações, grupos de oração, encontros festivos e principalmente, o fortalecimento identitário através da unificação do movimento na solidificação de um centro físico de referência compreendem e compõem desde o protótipo, a intencionalidade da construção.

Observa-se o exposto acima desde o protótipo, pois os fixos espaciais começam a adquirir simbolismo a partir da escolha dos nomes das edificações: Igreja da beata Elena Guerra (ainda na esfera do projeto) e Capela de Nossa Senhora de Pentecoste (já construída).

A capela supracitada foi inaugurada em 2011, após a instalação da pedra fundamental (2010) cuja toponímia retoma a associação ao pentecostalismo católico, a ação do Espírito Santo e o alinhamento à Nossa Senhora.

Segundo interpretação do material divulgado pelo jornal Classe Líder (2010), a doação do terreno não aparenta ser um ato totalmente caridoso: a empresária Thaís Vizaco possui a área no entorno da futura sede nacional e pretende lotear

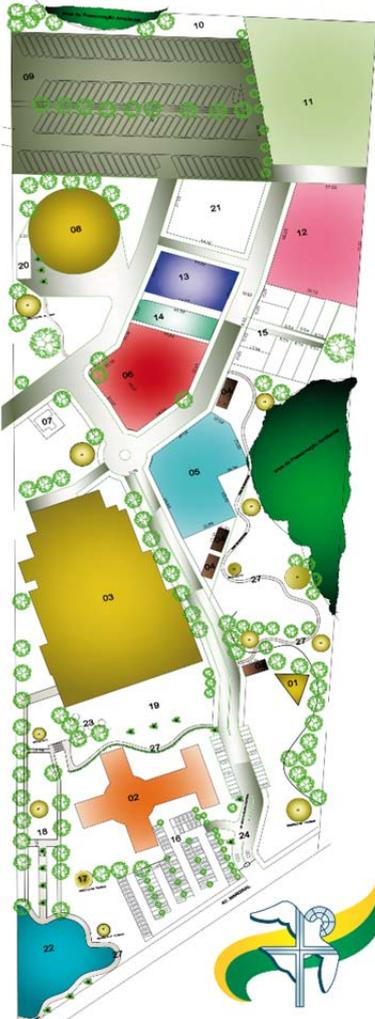
³ Jornal Classe Líder (2010, p.1-2): "Segundo o jurídico da Prefeitura de Canas, Jucymar Uchoas Guimarães Santos, o Poder Executivo fez a desapropriação da área: "O valor da desapropriação é de R\$ 80 mil. Ficou acordado entre a proprietária e a Prefeitura que o referido valor será pago em horas/máquinas, equivalente a 3 mil horas", comentou. Jucymar disse, ainda, que o valor da hora máquina para municípios custa R\$ 26 e que tem amparo legal em uma Lei Municipal. A carga horária da Prefeitura de Canas é de 8 horas, (...) seria equivalente a 375 dias trabalhados, ou seja, 1 ano e 10 dias. O Jornal Classe Líder apurou junto a uma empresa especializada em terraplanagem, que faz locação de máquinas, onde o valor de mercado é em média R\$ 120 hora/máquina. Levando em consideração que são 3 mil hora/máquina, (...) o valor do terreno (...) R\$ 360 mil".

trechos e posteriormente construir condomínios, revelando os jogos de poder territorial e a existência de diversos atores sociais paralelos.

Figura 35: Os fixos espaciais que demarcam o futuro da RCCBrasil em Canas



Fonte: Pedra fundamental e logomarca – imagens obtidas no sítio eletrônico da RCCBrasil <<http://www.rccbrasil.org.br/imagens/index.php/sede-nacional>>; Capela de Nossa Senhora de Pentecostes e Placa sinalizadora – Imagens de Jôsy Braga no sítio eletrônico Papo Registrado <<http://paporegistrado.blogspot.com.br/2012/03/cana-s-pedra-angular.html>>; Pavilhão de eventos – arquivo pessoal.

Planta Baixa

- 01 - Capela Nossa Senhora de Pentecostes
- 02 - Escritório Administrativo
- 03 - Pavilhão de Eventos
- 04 - Banheiros
- 05 - Livraria
- 06 - Praça de Alimentação
- 07 - Zeladoria
- 08 - Igreja da Beata Elena Guerra
- 09 - Estacionamento
- 10 - Área Verde
- 11 - Centro Nacional de Formação
- 12 - Complexo de Hospedagem
- 13 - Anfiteatro
- 14 - Salas de Apoio
- 15 - Casa dos Missionários
- 16 - Estacionamento
- 17 - Quiosques
- 18 - Jardim
- 19 - Praça
- 20 - Memorial Elena Guerra
- 21 - Lazer e Esportes



UM SONHO CONSTRUÍDO NA UNIDADE

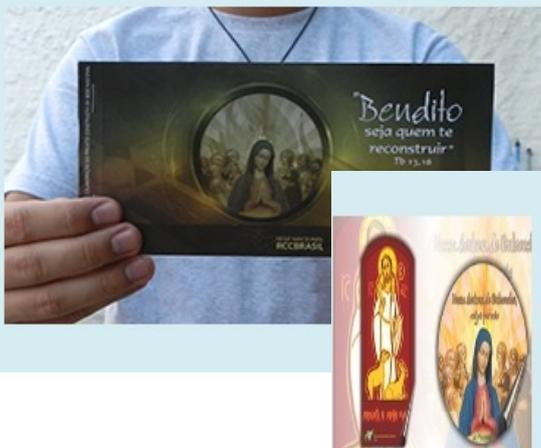
www.rccbrasil.org.br/sedenacional



Renovação Carismática Católica
Brasil



Um carnê, assumido com muita seriedade!



O projeto "Eu sou um Construtor" é um dos mais importantes meios de arrecadação de recursos para a construção da Nossa Casa, Nossa Bênção. Com ele, pessoas de diversos cantos do país assumem um carnê de contribuições mensais no valor de R\$ 25,00 pelo período de 18 meses. As doações provenientes dos carnês proporcionam à comissão de construção da Sede Nacional a possibilidade de contar com recursos garantidos.

A partir de janeiro de 2012, todos que sonham com a edificação da Sede Nacional são convidados a adquirir e a divulgar os selos da construção: dois modelos de adesivo estampados com o tema do ano da RCC e com a imagem de Nossa Senhora de Pentecostes. Por ser um produto simples e de valor acessível, a expectativa é que um grande número de pessoas se envolva nessa campanha, potencializando o avanço da obra e fortalecendo o sentimento de pertença. Para adquirir seu selo, basta procurar a coordenação do seu Grupo de Oração. Todos os membros do Movimento também são convidados a colaborar na venda de selos. Assim, o sonho da Nossa Casa pode se tornar cada vez mais conhecido.

Outro aspecto que pode ser levantado se refere a população residente e a aceitação/ rejeição dos mesmos a uma construção monumental como o projeto prevê. Segundo dados do Censo IBGE de 2010, o pequeno município possui uma maioria de devotos católicos frente as demais religiões (Tabela 2). Esses dados auxiliam na corroboração de que a possibilidade de implantação da sede nacional foi bem vista pela população canense.

Tabela 2: Censo Demográfico 2010 - Resultados da Amostra Religião para o município de Canas

AMOSTRA DE RELIGIÃO	POPULAÇÃO RESIDENTE
Católica Apostólica Romana	3.249
Católica Ortodoxa	4
Religiões Evangélicas	966
I. Religião evangélicas de missão	35
• Igreja Evangélica Presbiteriana	35
II. Religião evangélicas de origem pentecostal	615
• Igreja Assembleia de Deus	191
• Igreja Congregação Cristã do Brasil	123
• Igreja Evangelho Quadrangular	42
• Igreja Universal do Reino de Deus	16
• Igreja Deus é Amor	14
• Outras	231
III. Não determinada	316
Outras religiosidades cristãs	17
Testemunhas de Jeová	18
Espírita	19
Novas religiões orientais	4
I. Igreja Messiânica Mundial	4
Sem religião	105
I. Sem religião	101
II. Ateu	4
Religião não determinada e Múltiplo pertencimento	3
I. Religiosidade não determinada ou mal definida	3
Total	4385

Fonte: IBGE Cidades – base de dados: Canas. Elaboração nossa.

Continuação	
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES	
População residente, feminina, religião Católica Apostólica Romana	1.571 pessoas
População residente, masculina, religião Católica Apostólica Romana	1.678 pessoas
Dentro da amostra não apresentaram membros – setorizados conforme o IBGE	
Religiões gerais	Católica Apostólica Brasileira; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Umbanda; Candomblé; Judaísmo; Hinduísmo; Budismo; Islamismo; tradições esotéricas; tradições indígenas
Religião evangélica de missão	Igreja Evangélica Luterana; Igreja Evangélica Metodista; Igreja Evangélica Batista; Igreja Evangélica Adventista
Religião de origem pentecostal	Igreja Maranata; Igreja Nova Vida
Religião não determinada	Declaração de múltipla religiosidade
Sem religião	Agnóstico
Ausência de pessoas que não souberam declarar ou não quiseram declarar	

Fonte: IBGE Cidades – base de dados: Canas. Elaboração nossa.

A presença maciça de católicos e diversas religiões evangélicas de origem pentecostais poderá gerar conflitos e/ou congruências interessantes, entretanto apenas a efetivação dos 21 fixos previstos no projeto (figura 36), das peregrinações, das movimentações econômicas e dos choques simbólicos ao longo do tempo poderão gerar subsídios reais para análises acadêmicas.

O tempo da Igreja, tempo de origem religiosa, vincula-se ao eterno à medida que suas construções simbólicas espaciais são feitas para durarem *ad eternum*. A ideia de eternidade difere-se do tempo *in illo tempore* de Mircea Eliade (1992) porque este retoma os ritos iniciais, primários e atemporais, passíveis de repetição na mística dos rituais simbólicos religiosos; do tempo litúrgico porque este é cíclico renascendo a cada novo ano; do tempo de festa/ peregrinação porque este vincula-se a celebração dos ritos; aquele mencionado tempo eterno da Igreja é passível de

ser analisado no processo de construção, reconstrução e restauração dos fixos simbólicos espaciais católicos e referem-se a uma espécie de certeza, crença e fé na continuidade da vida e da obra religiosa iniciada por São Pedro na pedra fundamental da doutrina católica a partir da perpetuação do rebanho, dos monumentos que os são referenciais, dos rituais que os alimentam (principalmente a eucaristia) e na ação comunitária presente na caridade.

5.5 A CANÇÃO NOVA E SEU CAMINHO DE LIGAÇÃO À CACHOEIRA PAULISTA: BREVE FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEIGOS, EVANGELIZAÇÃO MIDIÁTICA E RCC

Conforme foi citado anteriormente, a RCC vem sendo objeto de diversas pesquisas nas ciências sociais e no interior deste movimento diversas comunidades de leigos são destacadas, surgindo como objeto de estudo. Entre elas, devido a organização territorial (possui estrutura própria – uma grande chácara) e a abrangência nacional atingida pelas diversas mídias, seja televisiva, seja via *web sites*, a Canção Nova, localizada em Cachoeira Paulista e liderada por monsenhor Jonas Abib, recebe especial atenção.

Na geografia cultural brasileira, o geógrafo e doutorando Jefferson Oliveira tem se dedicado desde a graduação na compreensão da dinâmica territorial, nas estratégias de evangelização, no *mass media* e nas atividades sociopolíticas da comunidade em tela.

Considerando o detalhamento do seu trabalho (OLIVEIRA, 2012, 2014), pretende-se neste subcapítulo explorar menos o nascimento da comunidade e suas vinculações à RCC para se dedicar a compreensão da paisagem cultural religiosa que a comunidade vem produzindo ao esquematizar os fixos simbólicos espaciais de sua chácara e áreas ao redor com fins de produzir uma hegemonia cultural.

Esse ponto mostra-se relevante a medida que o município de Cachoeira Paulista passa a sofrer alterações com a efetiva implantação da Comunidade Canção Nova. Essas alterações vão além das questões culturais religiosas e da

transformação da paisagem de uma determinada área central do município, fazendo surgir uma significativa atividade turística receptiva, envolvendo a infraestrutura de atendimento aos romeiros como hotéis, pousadas, locais para caravanas, como também um aumento do fluxo de imigrantes para a cidade (OLIVEIRA, 2012).

Cabe lembrar que a Comunidade Canção Nova foi a segunda a ser reconhecida definitivamente pelo Vaticano, através do Pontifício Conselho para Leigos (órgão que observa e acompanha os novos movimentos católicos, e por conseguinte, as novas comunidades), como uma Associação Privada Internacional de Fiéis, título obtido em 29 de junho de 2014, que reforça o caráter leigo da comunidade e seu serviço de evangelização particularizado no interior da Igreja (G1 - O GLOBO Vale do Paraíba e região, 2014).

Elementos para um questionamento sobre hegemonia cultural podem ser levantados a partir da análise da dinâmica de lembrança e esquecimento das referências culturais do município Cachoeira Paulista anteriores ao movimento católico.

Essas referências culturais estavam associadas ao: caminho real utilizado na época colonial que atravessava o Vale do Paraíba (Sertões de Taubaté) para chegar as zonas mineradoras de Minas Gerais; ao cultivo do café no contexto do Vale do Paraíba; ao processo de industrialização da região metropolitana do mesmo Vale e a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Santa Cabeça, elementos culturais históricos, econômicos e também religiosos que guardavam uma importância de tradição e identidade, porém as poucos, tornaram-se secundários frente as mudanças proporcionadas pela Comunidade em tela (OLIVEIRA, 2012).

As tradições podem ser inventadas, resgatadas e esquecidas (HOBBSAWN, 1984) conforme as dinâmicas espacial, social, política, econômica e sobretudo, geracional, vão se transformando. Considerando a relevância desses elementos, um breve histórico do crescimento da Comunidade em tela deve ser resgatado.

A trajetória de padre Abib deve ser narrada no interior da Diocese de Lorena, onde em encontro com Dom Antônio Affonso de Miranda (bispo de Lorena) debateram sobre a latência de explorar outras maneiras de evangelizar,

principalmente os jovens, certamente no contexto das convulsões sociais da década de 1970.

Nascida como Associação Canção Nova, mas transformada em comunidade em 1978, na cidade de Queluz/SP, pelo então padre Jonas Abib (adepto da RCC desde 1971) e 12 jovens seguidores, entre eles Luzia Santiago – uma jovem entusiasta e atualmente, uma referência da determinação da comunidade em espalhar seu carisma (evangelizar através dos meios de comunicação) – a Comunidade Canção Nova cresceu balizada no encontro e na evangelização de jovens (OLIVEIRA, 2012).

O encontro com o bispo de Lorena e o grupo de oração onde os 12 jovens seguidores se reuniram para criar os pilares da obra Canção Nova se confundem com o exercício do sacerdócio de padre Abib que perpassam as cidades de Queluz e Lorena até o momento de dedicação integral à Comunidade em Cachoeira Paulista.

A Comunidade foi crescendo a partir da adesão de diversos membros que passaram a exercer tarefas administrativas, de controle, de evangelização e de difusão através de programas de rádio (em estações de rádio) em cidades pertencentes à diocese de Lorena (Cruzeiro, Lorena, Cachoeira Paulista) e posteriormente em rádios do estado de Minas Gerais (OLIVEIRA, 2012).

O apoio dado pela Diocese de Lorena também foi primordial, pois o bispo Dom Antônio Affonso de Miranda, enquanto permaneceu bispo (período de 1971-1977), orientou os passos de padre Jonas Abib, continuando o apoio ao deixar o bispado para ser nomeado coadjutor na Diocese da Campanha/MG e posteriormente, ao assumir como bispo diocesano de Taubaté/SP, em 1981.

A expansão que definiu seu carisma como sendo “evangelização pelos meios de comunicação” transcorreu ao longo das décadas de 1980 e 1990, à medida que as doações também foram crescendo. O grande momento deste processo ocorreu entre 1979 e 1980, quando a Comunidade adquiriu um terreno que somente foi regularizado em 1987 (CANÇÃO NOVA, 2015) no município de Cachoeira Paulista e a rádio Bandeirantes dessa cidade em 1980, no qual os programas da Canção Nova

eram transmitidos por alto falante e posteriormente, ao aumentar a potência do sinal, passou a ser captado por algumas cidades vizinhas (OLIVEIRA, 2012).

A aquisição daquele terreno e da rádio em Cachoeira Paulista direcionou as atividades da Comunidade para essa cidade. Em 1989, as transmissões já atingiam o Vale do Paraíba criando ao longo das décadas uma identificação entre os católicos que viviam no Vale e a Comunidade.

Os terrenos ao redor daquele primeiro foram sendo comprados pela Comunidade, até finalmente, ao longo das décadas, tornar-se uma única propriedade conhecida pelo nome de Chácara de Santa Cruz ou “*pedacinho do céu*” conforme Jefferson Oliveira (2012, p.76) averiguou durante seus trabalhos de campo.

Monsenhor Jonas Abib reafirmou diversas vezes durante as missas realizadas na Chácara de Santa Cruz, durante a homilia, que o objetivo da Comunidade Canção Nova é possibilitar o entendimento do processo de comunhão pessoal com Jesus Cristo, auxiliando nesse encontro pessoal – elementos que reafirmam o alinhamento da comunidade ao movimento da RCC – através do carisma da Comunidade.

Esse carisma surge como uma espécie de ferramenta, pois é definida como “evangelização pelos meios de comunicação” e a RCC como um meio diferenciado, porque um novo processo de evangelização e de realização das práticas ritualísticas católicas, de cumprir o objetivo de proporcionar a comunhão com Deus. Entretanto a frase anterior revela uma sutileza que atinge o *core* do rebanho cristão, diferenciando católicos renovados de outros católicos: a maneira como a comunhão *pessoal* com a Trindade ocorre e é percebida, indicando aquela passagem geracional anteriormente exposta no capítulo III, no interior do debate entre renovação e tradição cuja consequência para a Igreja Católica torna-se uma incógnita.

A comunhão pessoal com a Trindade alimenta o anseio da geração hipermoderna o que atrai os jovens, alimentando o foco da Canção Nova que é a própria juventude – aquela que mantém viva as tradições, que garante a perpetuação da instituição e que influenciará as gerações vindouras.

A incógnita está no resultado dessa comunhão pessoal que poderá interferir diretamente no trabalho religioso, ou seja, nos membros do clero – os guardiões do mistério. À medida que a comunhão pessoal com Deus ocorre sem o intermédio do serviço religioso especializado (o clero), a presença do leigo deixará de ser apenas enquanto rebanho receptor – como já vem ocorrendo – passando cada vez mais para o *status* de detentor desse mistério, o que acarretará consequências políticas e institucionais bastante sérias, certamente atingindo o controle dos fixos religiosos e da herança católica. Nessa linha de raciocínio, o equilíbrio sensível entre as funções dos leigos e o número insuficiente de membros do clero para intermediar o mistério é a parte subliminar da preocupação da CNBB (1994) acerca da importância de preparar melhor os membros da RCC, incluindo os membros da Canção Nova ao serem esses uma importante comunidade renovada católica.

5.5.1 A hegemonia cultural religiosa da Canção Nova no município de Cachoeira Paulista

Formação histórica, alinhamento doutrinário, carismas, líderes religiosos e estruturação das formas simbólicas espaciais são discussões que o estudo da paisagem cultural necessita a fim de compreender a dialética entre paisagem cultural dominante e as paisagens culturais alternativas cuja disputa simbólica permite que um dos lados torne-se hegemônico. Cabe ao pesquisador observar e traçar os elementos que permitem aos cidadãos – quando a disputa simbólica ocorre a nível de município - reconhecer tamanha influência cultural.

As disputas pelo poder simbólico ocorrem no exercício da influência cultural capaz de angariar mentes e corpos, cooptando-os para si, exigindo o devido reconhecimento.

Os jogos culturais religiosos ou as disputas pelo poder simbólico religioso costumam ser ideologicamente mais violentos e menos sutis, exigindo condescendência, causando intolerâncias inter-religiosas e pressões variadas aos seus membros e aos demais membros de outras religiões, seitas e etc.

Essa pressão acaba por atingir a sociedade em que os embates ocorrem (e normalmente ocorrem a todo tempo e em todos os lugares pelo fato de que a religião está sempre tentando adquirir mais corpos e mais mentes para si) pelo fato de que a disputa simbólica religiosa interfere no *modo operandis* dos seus membros, modificando comportamentos, valores e princípios, sendo devido a isso causadora de consequências variadas.

A partir do guia Cidades da Fé (2013) que dedica cinco páginas ao município de Cachoeira Paulista, pode ser destacado três fixos espaciais religiosos: (a) a Igreja de São Sebastião – a igreja matriz da cidade, construída em 1820, que guarda importantes pinturas do artista Nelson Lorena; (b) o Santuário de Nossa Senhora da Santa Cabeça – igreja construída em 1928 que abriga a imagem da cabeça de Nossa Senhora encontrada por pescadores no rio Tietê em 1885 e (c) a Canção Nova – sede nacional da comunidade, no qual se destaca, segundo a publicação, o acampamento Hosana Brasil por ser o maior evento realizado na Chácara de Santa Cruz.

Os dois primeiros fixos espaciais pertencem à memória mais antiga da cidade, sendo considerados formas simbólicas espaciais tradicionais que se revivem mutuamente na procissão da festa de Santa Cabeça, realizada há diversos anos no segundo domingo de outubro, onde a Santa Cabeça de Nossa Senhora realiza um trajeto que se inicia na igreja matriz de São Sebastião, percorrendo as principais ruas da cidade até chegar ao seu Santuário – o destino final – para as celebrações. O mês de outubro, no Brasil, é dedicado a devoção à Nossa Senhora sendo comum as celebrações que são diretamente reservadas a ela.

O terceiro fixo espacial destacado em duas páginas do supracitado guia é mais complexo. Sendo identificado territorialmente pela Chácara de Santa Cruz, possui uma série de fixos espaciais não religiosos pertencentes a Comunidade e espalhados pelos arredores da chácara, são exemplos deles: o Instituto Canção Nova (uma instituição educacional que prepara a criança da educação infantil, passando pelo ensino fundamental, até o ensino médio ou ensino técnico), a Faculdade Canção Nova (com cursos de Filosofia, Administração, Jornalismo, Rádio e TV) e o posto médico Padre Pio pertencentes a Rede de Desenvolvimento Social

Canção Nova, criado em 2009 (anteriormente chamado de Núcleo de Desenvolvimento Social Coração Solidário – 2004) (Figuras 37 e 38).

O slogan das atividades sociais da Comunidade é “formar homens novos para um mundo novo” (CANÇÃO NOVA, 2015) e as áreas de atuação são educação, saúde e assistência social, reunidos em seis projetos que atendem todas as idades.

A Chácara em si possui uma complexidade espacial típica dos centros de romaria, presente em Aparecida e em centros de peregrinação internacionais, são eles os itens (a) e (b), enquanto que devido ao carisma da Comunidade, possui os fixos espaciais (c):

(a) os fixos simbólicos espaciais religiosos – Confessionários, Cruzeiro, Capela Sagrada Família, Oratório de Nossa Senhora das Graças, Ermida Mãe Rainha, Casa de Maria, Rincão do Meu Senhor e a Santuário do Pai da Misericórdia;

(b) fixos espaciais para atender as necessidades dos peregrinos - padaria, lanchonetes, restaurante, lojas de artigos religiosos, livraria e comércio de produtos de evangelização (Figura 40);

(c) os fixos espaciais vinculados à infraestrutura de comunicação do Sistema Canção Nova de Comunicação, cujos departamentos, siglas e nomes de programas seguem a toponímia católica, como exemplo, o Departamento de Audiovisual (DAVI).

Evangelizar através dos meios de comunicação (o carisma Canção Nova) tornou os fixos espaciais do Sistema Canção Nova uma referência simbólica significativa, posto que a Rádio/ TV/ Portal Canção Nova são acompanhados com muita frequência pelos membros da Comunidade, católicos carismáticos e simpatizantes da RCC (Figura 39).

Estes fixos espaciais supracitados foram classificados e interpretados por Oliveira (2012) a partir da tipologia de Zeny Rosendahl (1994, 1996) sobre: os lugares sagrados, seus rituais de construção e consagração; o espaço sagrado e o espaço profano (com seus diferentes graus de vinculação), conforme esquema criado por Oliveira (2012) (Figura 41).

Figura 37: Algumas Formas Simbólicas espaciais Religiosas da Chácara de Santa Cruz - 2014

Cruzeiro



Santuário do Pai da Misericórdia e destaque (vista frontal e destaque)



Novo Rincão – Centro de Evangelização Dom João Hipólito e vista interna



Observe a informação contida no sítio eletrônico da Canção Nova (2015), sobre os acampamentos e o número de peregrinos. A chácara de aproximadamente 414 mil m², estruturada e bem demarcada apresenta:

(...) uma média de 18 acampamentos por ano sem contar os eventos como *Kairós*, que acontecem aos domingos; e a Quinta-feira de Adoração, este **território Eucarístico** recebe em torno de 800 mil peregrinos anualmente. (CANÇÃO NOVA, 2015, p.1 – grifo nosso)

Assim como a publicação *Ágape* do padre Marcelo Rossi popularizou a palavra grega designada para expressar o amor compartilhado fraternalmente, o amor inspirado no próprio amor divino porém passível de ser praticado entre os seres, um amor pautado na incondicionalidade; a palavra “*kairós*” foi popularizada entre os católicos carismáticos pela Canção Nova e significa o tempo divino de reflexão calcada no presente, utilizado na Comunidade para proporcionar uma experiência pessoal com a Trindade.

A utilização da expressão “território eucarístico” parece remeter a ideia de terreno que possui um dono, sendo este de origem sagrada e que proporciona comunhão com o divino. A noção de território, apesar de associada ao controle e posse, não guarda as características afirmadas por Marcelo Lopes de Souza (1995) e consagradas na geografia brasileira como sendo um conceito que se remete ao poder, a partir do qual uma fonte dominante delimita uma determinada área, estabelecendo-o através da regulação e controle das práticas ali existentes, reafirmando a identidade da fonte dominante e o pertencimento dos autorizados a ali estar.

Considerando o número de romeiros que se destinam à Aparecida (aproximadamente 11 milhões), os peregrinos da Canção Nova representam quase 10%, entretanto comparados aos 30 mil habitantes de cachoeira Paulista (IBGE CIDADES, 2014) esses mesmos peregrinos representam um aumento de 266%.



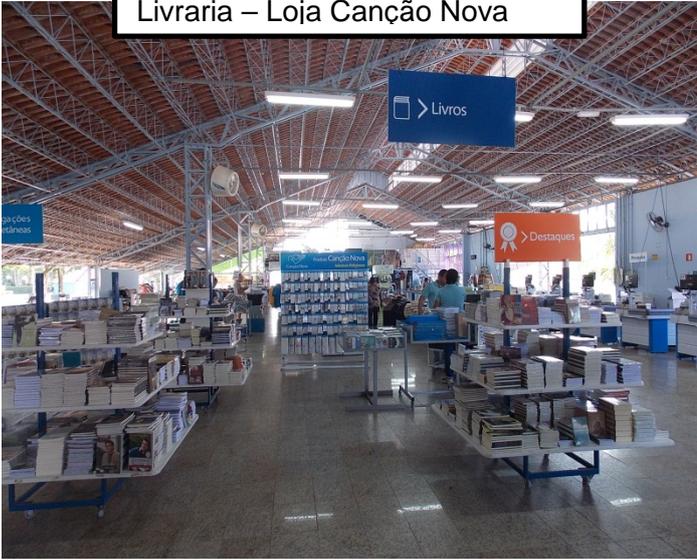
Fonte: Arquivo pessoal, maio de 2014

Figura 39: O carisma Canção Nova e o cinquentenário de monsenhor Jonas Abib



Figura 40: Os bens simbólicos, programa de TV e as mensagens para a juventude

Livraria – Loja Canção Nova



Programa “Jesus, eu confio em vós” com plateia – TV Canção Nova



Uso da língua inglesa – Atrair a Juventude Hipermoderna



Bens para a juventude



Estampas de Futebol – Time PHN



Fonte: Arquivo pessoal, maio de 2014

Sensivelmente diferente de Aparecida, os peregrinos se concentram nos acampamentos⁴ intercalando com visitas diárias/ semanais de caravanas que além de visitar a Chácara, participam dos programas televisivos da Comunidade. Entre os 18 acampamentos, o Hosana Brasil é o mais importante por reunir o maior número de romeiros sempre no primeiro fim de semana de dezembro. Por ser um evento familiar, subdivide-se em mais dois menores, o Hosana Kids e o Hosana Luau. Esse acampamento foi criado para celebrar, em 2004, a construção do novo rincão (o Centro de Evangelização Dom João Hipólito).

Curiosamente, a força da Comunidade Canção Nova é duplamente importante dentro do contexto das peregrinações brasileiras: (a) está na peregrinação anual, pois este fluxo de pessoas é cada vez mais crucial para o desenvolvimento econômico do município em tela, segundo apontam as pesquisas do geógrafo Jefferson Oliveira (2012) e (b) está na força e na presença da mesma nas mídias sociais (nas comunidades on-line), no *mass media* e do seu alcance midiático através da televisão e das ondas de rádio, o que a torna peculiar e diferenciada dos demais centros de peregrinação brasileiros, em outras palavras, a torna estrategicamente relevante tanto no interior do movimento pentecostalista católico (RCC), quanto para a evangelização da doutrina católica.

Ao observar os trabalhos de pesquisa realizados por Oliveira (2012) a respeito do carisma da Canção Nova e o uso do *mass media*, da divulgação dos programas de rádio e televisão, dos eventos, das palestras, das missas através de livros, revistas, CDs, DVDs, vestuário, que podem ser adquiridos na própria Chácara após o término da atividade (mesmo que essa atividade tenha ocorrido na manhã daquele mesmo dia), revelam uma estrutura organizacional bastante elaborada e adequada aos modelos de produção atuais.

A obra Canção Nova se estruturou de modo especializado no ramo da comunicação (Figura 42), angariou membros que dominam essas técnicas e capacita os novos através da Faculdade Canção Nova, tornando-se uma empresa

⁴ Acampamentos são eventos celebrativos e temáticos cujo nome deriva do fato dos peregrinos, nos primeiros eventos realizados na Chácara de Santa Cruz, ficarem acampados no interior da chácara por falta de estrutura receptiva da própria cidade de Cachoeira Paulista. Atualmente há duas áreas de camping (separadas por sexo) dentro da área da Comunidade.

cujo objetivo é a evangelização e o crescimento do rebanho carismático católico cada vez mais independente das ações do líder monsenhor Jonas Abib e cada vez mais leiga.

Observa-se que a Comunidade Canção Nova vai além das características religiosas ou do movimento RCC, integrando-se socialmente a dinâmica do município onde está localizada a sua sede. Seus diversos fixos espaciais se remetem ao simbolismo religioso, todavia apresentam funções diversas. Sua paisagem de natureza cultural esconde um poder simbólico estruturado e estruturante, ou seja, paisagem-marca e paisagem-matriz que foram estabelecidos após minucioso estudo acerca dos principais centros de peregrinação católica do mundo. A ordem e a organização caminham planejadamente a serviço da evangelização católica. É paisagem cultural dominante, pois seus fixos espaciais, sejam formas simbólicas espaciais católicas, seja a infraestrutura do sistema de comunicação, seja a rede de sociabilidade a fim de promover aparentemente a caridade cristã, transcendem os objetivos materiais e espirituais que se propõem para trazer à tona um significado peculiar ao mundo exterior e interior do católico carismático, simpatizante da RCC ou simplesmente *outsider*. Um significado simbólico inseparável da vida de relações de Cachoeira Paulista no tempo e no espaço, o qual se estabelece através da troca constante entre as mais diversas unidades culturais e o seu propósito de evangelização.

The collage consists of several screenshots:

- Top Left:** Magazine cover for "REVISTA CANÇÃO NOVA KIDS, DIVERSÃO, APRENDIZADO E EVANGELIZAÇÃO!".
- Top Right:** Advertisement for "ACAMPAMENTO PARA FAMÍLIAS 'FAMÍLIAS EDIFICADAS PARA UM MUNDO NOVO' DE 16 A 18 DE JANEIRO".
- Middle Left:** Website screenshot for "TV CANÇÃO NOVA mais fé" with a video player.
- Middle Right:** Facebook post for "Canção Nova" showing 1.338.148 likes and 28.300 visits.
- Bottom Left:** Wiki page titled "Mundo Novo Canção Nova" with the text: "A Canção Nova utiliza todas as tecnologias e ferramentas para evangelizar pela Internet".
- Bottom Right:** Social network page for "A Rede de Desenvolvimento Social Canção Nova" featuring a photo of Luzia Santiago.

Detalhe da escrita: "A Canção Nova utiliza todas as tecnologias e ferramentas para Evangelizar pela Internet".

Detalhe: Luzia Santiago

Fonte: Imagens tiradas em 15/01/2015 do Portal; Facebook, Wiki, Social pertencentes à Canção Nova (2015).

CAPÍTULO VI - AS DENSIDADES SIMBÓLICAS INVOCADAS NA CONSTITUIÇÃO DO PROJETO REGIONAL “CIRCUITO TURÍSTICO RELIGIOSO DO VALE”

Conforme a proposta estrutural exposta na introdução, os capítulos III-IV-V se focaram em apresentar uma série de questionamentos sobre a organização das formas simbólicas espaciais religiosas nos cinco municípios que compõem o “projeto regional” intitulado Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista.

Privilegiou-se diferentes arcabouços teóricos a fim de demonstrar a riqueza de possibilidades, os chamados olhares, com os quais pode-se desenvolver análises e noções sobre os objetos religiosos.

Retomado esses esclarecimentos a respeito da maneira como estes capítulos se apresentaram, a proposta deste último é realizar as pontes cognitivas dos questionamentos geográficos acerca do desenvolvimento do “projeto regional”, o imaginário e as conexões que possibilitaram aos atores sociais, ao SEBRAE/ SP/ Guaratinguetá e alguns peregrinos considerarem, parcial ou não, o conjunto daqueles cinco municípios como participantes de algo integrado na esfera da religião e formador de uma microrregião turística-religiosa.

Para reconstruir os elementos invocados a fim de gerar unidade à microrregião em tela, uma constelação fragmentada de significados históricos, geográficos, sociais, ambientais e religiosos foram alcançadas pelo SEBRAE/ SP/ Guaratinguetá e repetidas significativamente por atores sociais da microrregião. Esses significados serão divididos em seções afim de facilitar o entendimento, todavia, alguns deles ocorreram de forma concomitante, separadas apenas metodologicamente para facilitar a compreensão.

De certa forma, essa constelação é convidada a ser reunida para reforçar uma identidade regional para além do complexo religioso católico que vem sendo construído, gerando reminiscências que podem ser recordadas e conectadas. Essas reminiscências são segmentadas e, às vezes, intercambiantes, lembradas através da história, dos fixos espaciais e da memória daqueles que a produziram,

conservam e desejam sua superação. São formas simbólicas importantes porque pertencem a chamada densidade simbólica dos lugares (MANDOKI, 1998).

Densidade é um termo utilizado na física e na química para indicar quantidade de determinada coisa em uma amostra delimitada, enquanto que na geografia é usada para determinar a intensidade com que certos aspectos aparecem em um espaço delimitado.

A ideia de densidade empregada por Kátia Mandoki (1998) se remete a diversidade simbólica, a intensidade percebida em determinados lugares que os tornam específicos devido a crença de possuírem qualidades diferenciadoras escolhidas por aqueles que fazem a história, aceitas por aqueles que participam dela e pelos tipos de eventos ocorridos nesses lugares capazes de especializá-los.

Seguindo esta linha de raciocínio, o presente capítulo visa compreender diferentes elementos apontados como pertencentes a essa densidade simbólica e capazes de serem invocados para legitimar a unidade do “projeto turístico regional” em tela.

6.1 O CATÁLOGO-GUIA DO CIRCUITO TURÍSTICO RELIGIOSO DO VALE (2008): O LANÇAMENTO DA PROPAGANDA DO “PROJETO REGIONAL”

Deslocar-se, seja para realizar atividades turísticas, seja para peregrinar, seja para os dois casos concomitantemente, exige dos que se movem uma estruturação ou plano de viagem e daqueles que os recebem uma infraestrutura básica que possam prover estadia, alimentação, transporte, postos de saúde e etc.

Os centros de devoção religiosa estudados nesta pesquisa, cada vez mais compreendem a importância do receber bem, atendendo a demanda dos que se deslocam; e o resultado dessa recepção para o incremento das atividades tanto econômicas, quanto sociais, culturais e religiosas dessas localidades.

Essa compreensão vem sendo estimulada através de diversos incentivos da esfera pública local a fim de racionalizar o modo como trabalho, turismo e religião podem ser agregados de maneira benéfica a todos os atores sociais envolvidos.

Um destes estímulos tornou-se bastante significativo ao propiciar uma política unificada de atuação, auxiliar na criação de Decretos e Projetos de Lei, facilitar a estruturação de cursos para os trabalhadores integrados ao turismo e sobretudo, ao gerar um *nome simbólico* a ser utilizado pelos visitantes: o Circuito Turístico Religioso do Vale; já reconhecido entre alguns peregrinos sobre a alcunha de *Circuito Religioso* – termo utilizado pelos romeiros para designar parte do circuito, abrangendo os municípios de origem.

Entretanto, o nome oficial - Circuito Turístico Religioso do Vale (ou apenas CTRV) - é conhecido aparentemente apenas pelos atores sociais envolvidos direto e indiretamente na atividade turística, sejam políticos, sejam donos de pousadas, sejam atendentes de lojas, sejam artesãos; sejam taxistas, entre outros.

Cabe lembrar que o CTRV, em sua origem em meados de 2001, abarcava três cidades paulistas com uma lógica fortemente marcada pela religião Católica Apostólica Romana: Aparecida, Cachoeira Paulista e Guaratinguetá - SP/Brasil-, sendo recentemente anexada, em agosto de 2009, a cidade de Lorena e em 2011, a cidade de Canas.

O estranhamento inicial causado pela diferenciação da alcunha para o nome oficial pode ser dissipado ao se compreender que o catálogo-guia (Figura 43) lançado em 2008 pelo SEBRAE/ SP escritório de Guaratinguetá tinha uma finalidade pontual: promover, direcionar e divulgar uma série de trabalhos e parcerias estabelecidas entre o próprio órgão e as secretarias de turismo, as instituições municipais, religiosas e as micro e pequenas empresas locais como pousadas, artesãos e etc.; fornecendo um guia com roteiros e sugestões de hospedagens, alimentação e passeios a fim de potencializar a atividade turística dos três municípios até então.

Sendo públicos com objetivos diversos, porém integrados na conscientização do valor econômico e cultural do turismo para o setor de serviços, a existência de diferentes toponímias para se referir a área em questão revela os interesses e o

peregrinos representados nos dados absolutos apresentados àquela época: 10 milhões (SEBRAE/ SP, 2008).

De certa maneira o “projeto turístico religioso” é uma estratégia política de apropriação das formas simbólicas espaciais que são marcas/matrizas da produção da religiosidade católica presente no *Circuito*, visando ampliar a visão dos atores sociais sobre o imaginário coletivo simbólico de onde estão inseridos e gerando um discurso político-religioso sistematizado que induz o católico a consumir e vivenciar a fé no *Circuito*.

Figura 44 – A “região” do projeto – Catálogo-Guia CTRV com destaque para o conceito empregado



Fonte: SEBRAE/ SP (2008, p.9)

Na figura 44 é possível perceber o discurso político-religioso, balizado na observação indutiva-experimental provinda do número de visitantes e da presença dos fixos simbólicos espaciais, que induz ao conceito de região e especificamente ao conceito de *região cultural* como afirmaria Corrêa (2008) sobre o fundamento daquele conceito ao associar uma série de formas simbólicas espaciais identificadas ao catolicismo, ou seja, signos identitários, geosímbolos e, sobretudo, uma contiguidade espacial ao Circuito.

Em outras palavras, a base da proposta contida no catálogo, um tanto funcionalista, delimitava os três municípios do Vale do Paraíba Paulista formando um conjunto - uma região cultural - cuja função religiosa, baseada em observações experimentais - segundo justificativa contida no próprio catálogo - detém a existência de um grande número de empreendimentos classificados como micro e pequenas empresas fornecedoras de produtos e serviços turísticos para atender um grande fluxo de pessoas cuja presença estava associada aos

três municípios ligados pela fé cristã, este circuito se materializa nos pontos de peregrinação como o Santuário Nacional de Aparecida na cidade de Aparecida; A Igreja e o Seminário de Santo Antônio de Sant'Ana Galvão - Frei Galvão em Guaratinguetá e a Canção Nova em Cachoeira Paulista, que estão em constante aperfeiçoamento e adequações para visitação. (SEBRAE/SP, 2008, p.1).

Surge neste ponto um estranhamento nascido não da contestação dos dados turísticos e das motivações que atraem diversos visitantes para essas três localidades, mas da naturalização e demarcação da área onde estão localizados estes centros de peregrinação como uma *região* do Vale do Paraíba Paulista.

Intensificando o estranhamento, em 2009, foi anexada a esta “região” outro município, Lorena – como já dito anteriormente. A justificativa versava também sobre o caráter religioso da cidade cujas características históricas, culturais e proximidade física tornava-a apta a anexação, como noticia o Jornal do Turismo através do seu sítio eletrônico (JORNAL DO TURISMO, 2009, p. 1):

- Lorena

A cidade de Lorena, que abriga atrativos turísticos religiosos como a Basílica de São Benedito, Matriz de Nossa Senhora da Piedade, Igreja Nossa Senhora do Rosário e Casa Bethânia, a partir de agora, faz parte do Circuito Turístico Religioso da região, do qual já participam Aparecida,

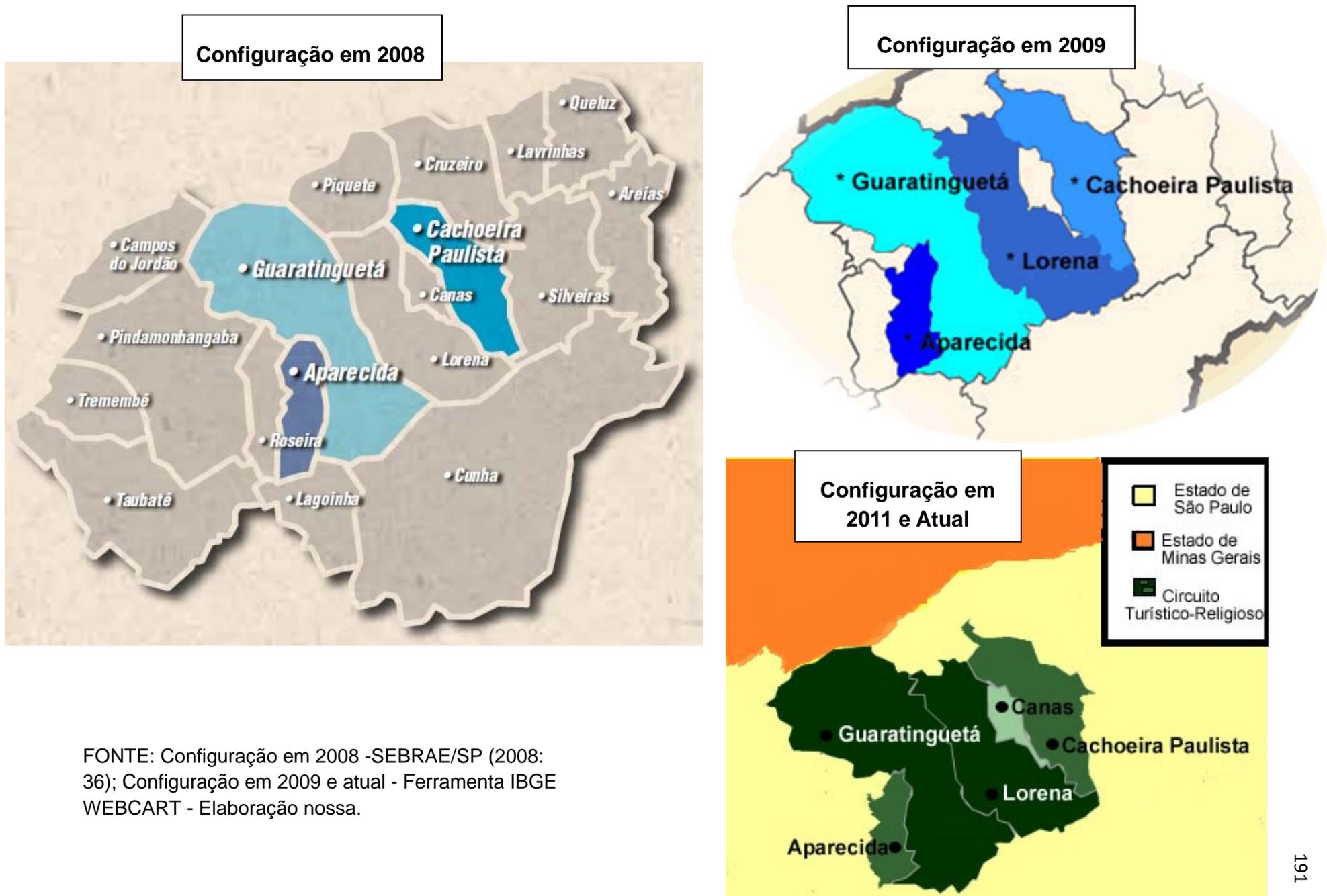
Cachoeira Paulista e Guaratinguetá. A decisão foi tomada durante reunião realizada na última sexta-feira, no escritório do Sebrae - SP, por meio da votação dos representantes das três cidades vizinhas já inseridas, após a apresentação dos atrativos de Lorena. Entre os patrimônios turísticos mais importantes da cidade destaca-se a única Basílica de São Benedito do hemisfério sul. Situada em Lorena desde 1873, quando ainda era uma capela, o Santuário foi agregado à Basílica de São Pedro em Roma, fazendo com que os fiéis que o visitam recebam, de acordo com as leis canônicas, as mesmas indulgências daqueles que visitam o Santuário italiano.

Em 2011, o circuito novamente se expandiu. Integrou-se a ele, Canas – Município de aproximadamente 5.000 habitantes, que utilizou como justificativa para ingresso neste *Circuito*, o fato de, em 2009, ter iniciado as obras de construção da nova sede da Renovação Carismática Católica do Brasil. Para melhor visualização das mudanças supracitadas, observe a figura 45.

Essa presença católica nem sempre foi tão preeminente e diversos estudos revelam que não foi casual (OLIVEIRA, 2006). O caráter político do catálogo-guia e dos estudos elaborados pelo SEBRAE/ SP/ Guaratinguetá pode ser comprovado a partir do Projeto de Lei Nº 333 de 2011 (para detalhes do projeto, verificar a seção Anexo) que tramita na Assembleia Legislativa de São Paulo com o intuito de regulamentar o *Circuito*; promover a divulgação de seus atrativos turísticos; prevendo incentivos para a elaboração de material de divulgação; capacitação de mão-de-obra e fortalecimento de infraestrutura local; além de autorizar a concessão de incentivos e benefícios fiscais estaduais para uma série de atividades ligadas ao circuito.

É interessante perceber os jogos identitários que são convocados para compor o destaque dado a uma região cultural. Nesse jogo, os atores sociais influentes tentam a partir do domínio do espaço e do controle daquilo que será registrado como história, fixar como tradição, como antiguidade, como unidade de poder, como identidade uma série de valores do grupo sobrepondo-se a outros de grupos menos influentes. Os jogos identitários são essencialmente jogos de poder e requerem que sejam cognicíveis, comunicacionais e transmissíveis ao longo do tempo e perpetuados no espaço.

Figura 45 – A configuração do CTRV (2008-2014)



FONTE: Configuração em 2008 -SEBRAE/SP (2008: 36); Configuração em 2009 e atual - Ferramenta IBGE WEBCART - Elaboração nossa.

Pode-se perceber então que, ao elaborar um circuito, uma equipe de planejadores deve ter em mente, alguns fatores pelo qual poderá unificar as áreas que pretende anexar. No circuito em estudo, percebe-se que dois fatores apresentam-se fortemente como detentores desse caráter unificador: (a) a proximidade e (b) a presença religiosa comum dentre os diversos fatores já anteriormente apresentados ao longo da tese. Esses dois fatores combinados geram nesta área do Vale do Paraíba uma espécie de matriz espacial identitária que confere ao *Circuito* uma qualidade religiosa peculiar capaz de provocar fluxos de viajantes.

Reconstruindo a argumentação do catálogo-guia a partir deste ponto de vista, percebe-se que em termos da proximidade, as cinco cidades estão em um raio aproximadamente de 20 km, situados no Vale do Paraíba, entre as Serras do Mar e da Mantiqueira, enquanto que, em termos da presença religiosa, esta área recebe anualmente, mais de 10 milhões de visitantes, nos quais um número significativo representa peregrinos (SEBRAE-SP, 2008).

Conforme dados do SEBRAE (2008) muitos destes peregrinos imbuídos por fé e devoção, se dirigem a essas áreas com o objetivo de: (a) realizar suas práticas religiosas no maior Santuário (grandeza escalar de tamanho) dedicado a devoção de Maria - Aparecida; (b) visitar a cidade onde nasceu e viveu Frei Galvão - Guaratinguetá; (c) realizar suas práticas religiosas em uma das grandes celebrações realizadas pelo Movimento da RCC representada pela comunidade da Canção Nova - Cachoeira Paulista. Atualizando os dados do catálogo-guia é possível incluir sem ferir os pressupostos apresentados: (d) a visita pontual à futura sede nacional da RCCBrasil em Canas; e (e) visitar e receber as indulgências na Basílica de São Benedito em Lorena.

Observe a seguir, a partir dos três fragmentos presentes no catálogo-guia do CTRV (SEBRAE-SP, 2008, p.18-21) a maneira como é construída o discurso da atratividade e recontada a história desses municípios destacando os aspectos religiosos:

(a) Aparecida

A cidade de Aparecida tornou-se conhecida devido à sua importância religiosa e, hoje, é chamada de “Capital Mariana da Fé”. O nome da cidade foi dado em homenagem a Nossa Senhora da Conceição Aparecida,

Padroeira do Brasil. Em 1717, na região de Guaratinguetá, nas águas do rio Paraíba, três pescadores tiraram do rio com a rede, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. (...) Por volta de 1745, para abrigar a Imagem Santa, foi construída a capela do Morro dos Coqueiros. Em 1842 com a força dos milagres de N. S. Aparecida, foi criada a freguesia no município de Guaratinguetá, com o nome da imagem. Como era crescente o número de fiéis que visitavam o local, fez-se necessária a construção de uma igreja maior, concluída em 1888 e, conhecida atualmente como “Basílica Velha”. Finalmente, em 1928, a vila que se formou ao redor da capela e foi emancipada de Guaratinguetá. Devido ao incessante crescimento de romeiros que visitavam Aparecida, por iniciativa do Cardeal Motta, teve início em 11 de novembro de 1955, a construção do novo templo, hoje a atual Basílica Nova. Em 1980, ainda em construção, foi consagrada pelo Papa João Paulo II e recebeu o título de Basílica Menor. Em 1984, a Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) declarou oficialmente a basílica de Aparecida como o Santuário Nacional. A Basílica Nova conta basicamente com quatro naves juntando-se em cruz. Tem capacidade para abrigar de 45 a 70 mil romeiros. Atualmente, Aparecida com 36 mil habitantes, recebe cerca de 8 milhões de visitantes por ano, tornando-se o maior centro de peregrinação religiosa da América Latina e o maior Santuário Mariano do Mundo.

(b) Guaratinguetá

Primeiro brasileiro na Glória dos Santos - Frei Antônio de Sant’Ana Galvão, nasceu no ano de 1739 em Guaratinguetá, cidade às margens da Rodovia Presidente Dutra entre São Paulo e Rio de Janeiro. (...) Foi de sua inspiração que nasceram as famosas “Pílulas de Frei Galvão”, com jaculatória escrita invocando Nossa Senhora, que são muito procuradas em momentos de angústia e doença. Frei Galvão fundou e construiu para religiosas, em São Paulo, o Mosteiro da Luz, hoje declarada pela UNESCO como “Patrimônio Cultural da Humanidade”. Faleceu em 1822, com fama de santidade e, está sepultado na capela do Mosteiro da Luz. Em 1998 foi beatificado em Roma, pelo Papa João Paulo II, dele recebendo os títulos de “Homem da Paz e da Caridade” e de “Patrono da Construção Civil no Brasil”. Sua canonização foi realizada no dia 11 de maio de 2007. (...) é um pólo comercial da micro-região, possuindo várias lojas de rede no seu comércio de rua, um Shopping Center além de um Campus da UNESP e a Escola de Especialistas da Aeronáutica. Conta também com indústrias multinacionais como as alemãs BASF e Liebherr, além de uma boa infraestrutura nas áreas de saúde, segurança, restaurantes e hospedagens.

(c) Cachoeira Paulista

O município com 30 mil habitantes, fundado em 1780, é cortado pelas corredeiras do rio Paraíba do Sul, caracterizando assim o nome da cidade de Cachoeira Paulista. A cidade surgiu dos caminhos dos tropeiros no passado e ganhou uma beleza única, expressa através das suas águas. (...)

Possui uma forte história religiosa, pois é o berço da Canção Nova, fundada pelo Padre Jonas Abib em 1978, também conhecida em todo o Brasil pela sua grandiosa Obra de Evangelização, celebração eucarística, musicalidade, pregações e muita oração. Além dos diversos eventos realizados ao longo do ano, a Canção Nova evangeliza através da Rede Canção Nova de Comunicação (TV, Rádio, Portal e Revista). Visitando o local, você poderá conhecer os estúdios de gravação e até mesmo acompanhar ao vivo a gravação de alguns de seus programas de TV e rádio. Em sua sede, recebe milhares de visitantes do Brasil e do exterior, oferecendo atividades como: orações, missas, confissões, palestras e shows. Além de toda infra-estrutura para receber os visitantes, conta com o Centro de Evangelização “Dom João Hipólito de Moraes” com capacidade para 70 mil pessoas, considerado, o maior vão livre coberto da América Latina: uma verdadeira Arena da Fé.

A construção de discursos de atratividade potencializa certas qualidades intrínsecas a uma determinada área, seja uma paisagem, seja um lugar, porém, cabe ressaltar que diversos são os discursos passíveis de serem produzidos a partir de uma certa localidade o que torna questionável o limiar entre *potencializar* e *promover discrepantemente* atributos de certas paisagens/ lugares.

Como visto, o discurso religioso turistificado presente no Catálogo apresenta-se como um apanhado atrativamente bem estruturado. Para fazer parte do programa, como foi mencionado anteriormente, o município deve possuir características similares que o identifique histórica, cultural e geograficamente como parte integrante da área turística. Esse conjunto de características está previsto na metodologia empregada pelo SEBRAE/ SP/ Guaratinguetá para legitimar o processo de seleção, agregação e as políticas de incremento social.

6.2 O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RECEPTIVO (PDTR): METODOLOGIA EMPREGADA PELO SEBRAE/ SP/ GUARATINGUETÁ

O lançamento oficial do CTRV expresso pela divulgação do catálogo-guia pode induzir um leitor leigo a crer que há uma novidade, um produto totalmente novo criado pelos atores sociais envolvidos no “projeto regional”, entretanto o que revela esse lançamento é a sistematização e ampliação da possibilidade de ações conjuntas e beneficiadoras em escala superior a local ou municipal, ou seja, amplia

a visão integradora, possibilitando a reflexão sobre o conceito de região (especificamente, a região cultural por privilegiar a dimensão da cultura alinhando-a a dimensão político-econômica).

O leitor leigo deve evitar esquecer que de *fato* as paisagens culturais, os lugares e os fixos simbólicos espaciais possuem suas próprias lógicas temporais, tornando a variável tempo um problema a ser construído conjuntamente o objeto em estudo. Afora o tempo das construções, ocorre no *Circuito*, o tempo próprio das celebrações que em alguns aspectos do calendário litúrgico encontram-se sincronizados e em outros, não.

Essas peculiaridades sobre o tempo permite a reflexão sobre a autonomia de cada uma dessas áreas religiosas com relação ao espaço e ao tempo das celebrações religiosas, evidenciando ainda mais a singularidade de cada uma delas e lembrando que o peregrino que vai à Aparecida pagar sua promessa, não necessariamente está interessado em visitar as relíquias de Frei Galvão, o que demonstra uma separação entre religião e turismo crucial.

Desta maneira, a parceria dos diversos atores sociais no *Circuito* objetiva mais que revelar ao público a descoberta de elementos integradores culturais religiosos, ela indica as potencialidades existentes na área, as possibilidades de estruturação, de capacitação, de melhoria no atendimento das demandas sociais e o planejamento sistemático de políticas de beneficiamento, ou seja, visa racionalizar político-social-economicamente a área, posto que há uma evidência numérica do fluxo sazonal e/ou constante (dependendo do município) de romeiros e de turistas. Assim as ações visam promover a integração do turismo religioso nestas cidades a fim de melhorar a infraestrutura, conscientizar sobre a peculiaridade entre o turista e o peregrino, como também estruturar roteiros que facilitem a turistificação e conseqüentemente, a permanência, vinda e retorno de turistas e católicos nos municípios ligados por contiguidade e selecionados via a metodologia do PDTR.

De fato, os elementos citados acima estavam previstos no próprio Programa de Desenvolvimento do Turismo Receptivo – PDTR - do Vale do Paraíba elaborado pela SEBRAE/SP e aplicado pelo escritório de Guaratinguetá.

Todo PDTR baseia-se na participação das comunidades envolvidas através de um planejamento estratégico participativo e prevê o acompanhando dos projetos

por especialistas em planejamento turístico. O Programa em tela compreende a atividade turística como uma fonte real de geração de empregos e renda, fortalecendo a tão espinhenta questão do desenvolvimento sustentável de localidades com potencialidades intrínsecas, conferidas pelas ideias de identidade e vocação associadas a um espaço geográfico.

Esse desenvolvimento sustentável é balizado no tripé inclusão social, crescimento econômico e preservação do ambiente e da cultura. Sendo assim, a parceria com o SEBRAE-SP iniciada em 2001 possibilitou um uso racional das atividades turístico-religiosas neste trecho do Vale do Paraíba, principalmente devido a filosofia organizacional do Sistema SEBRAE de voltar-se as micro e pequenas empresas (PECCIOLI FILHO, 2004).

Pode-se afirmar que o diferencial do PDTR é a metodologia do programa, essa pertencente ao SEBRAE-SP, contudo a ideia de vocação do município é problemática. Vocação induz a algo da ordem do discurso e não é um elemento novo, estando presente na metodologia do Plano Nacional de Turismo, base para a publicação e elaboração de programas na área do turismo.

Claramente, o discurso é dialético: produz espaço e este produz ideias – numa apreensão bem simples do “mecanismo” simbólico estruturante da espacialidade. Se neste circuito, a vocação hegemônica identificada foi a religiosa, abre-se dois elementos a se pensar: (1) existiram outras espacialidades que sobrepujavam a presença da religião católica, que em algum sentido foi minimizada em detrimento dela (por exemplo, o café), e (2) a força dos atores atuais religiosos católicos de reivindicar essa vocação e suas motivações para tal empreitada.

O *Circuito* em tela, na verdade é apenas mais um entre diversos roteiros e circuitos criados no interior do Vale do Paraíba Paulista. Para fomentar o trinômio religião-economia-turismo, esses cinco municípios passaram por um processo de ressignificação de uma possível “vocação” – estimulados por aparatos do Estado como o SEBRAE-SP, por atores sociais independentes e pela Igreja. Posto isto, as duas seções a seguir representam uma tentativa de elucidar essa ressignificação.

6.2.1 De “Sertões de Taubaté” até o Vale do Paraíba – longos séculos de um processo de regionalização

Relembrando o capítulo IV, a atual configuração de Guaratinguetá não revela que os municípios concernentes ao Circuito Turístico Religioso, em outrora, pertenceram ao território deste.

Conforme é explicada na publicação do IGC (2011 - Instituto Geográfico Cartográfico de SP), a história das vilas, freguesias e distritos do estado de São Paulo revelam a maneira como o domínio colonial e posteriormente, as elites locais estruturaram o estado.

Retomando a ideia apresentada anteriormente, a importância da Igreja Católica é ressaltada na configuração dos povoados. Os mesmos se organizavam ao redor da capela e o santo, a santa, o mártir, Nossa Senhora ou o Cristo, passa a ser símbolo e a compor a noção de padroeiro daquela localidade. À medida que o povoado se torna capaz de manter um pároco, o raio de controle da Capela passava a ser estabelecido e, em muitos casos, o raio da capela passa também a ser a área de delimitação do próprio povoado (IGC, 2011). Com o crescimento, surgem outros povoados, a autonomia político-administrativa ocorre e seguem-se as etapas e os trâmites que futuramente podem gerar a emancipação.

O município de Guaratinguetá foi um povoado que nasceu ao redor da capela de Santo Antônio, e assim, denominava-se Santo Antônio de Guaratinguetá (1630) em Taubaté. Torna-se vila em 1651 conservando o nome do povoado. Seu nome foi alterado para a atual toponímia em 1844, quando recebe foro de cidade.

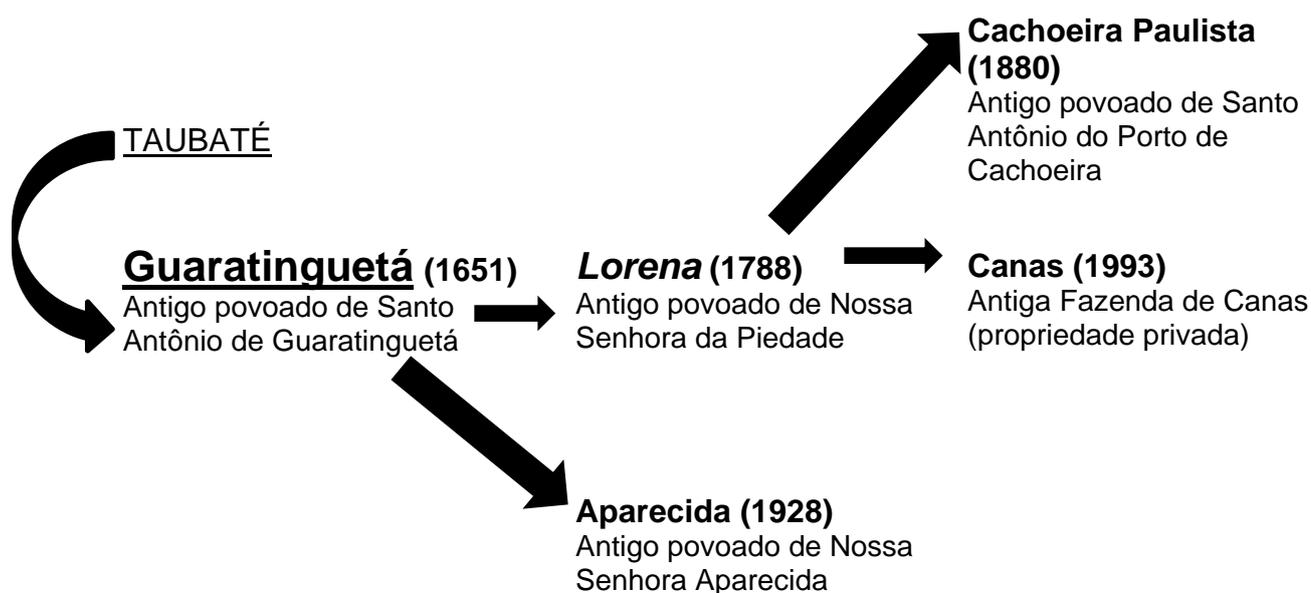
O primeiro município do ‘projeto turístico regional’ a emancipar-se de Guaratinguetá foi Lorena (1788). O povoado nasceu sob a égide da capela de Nossa Senhora da Piedade no final do século XVII e tornou-se uma freguesia de Santo Antônio de Guaratinguetá em 1718. O município de Aparecida, antigo povoado de Nossa Senhora Aparecida, freguesia (1842, 1880) e posteriormente distrito (1891), se emancipou em 1928 de Guaratinguetá. O município de Canas – o mais recente emancipado (1993) – elevou-se a distrito de Lorena (1964) e manteve seu nome

original. Seu contexto de criação está associado à desapropriação de uma grande fazenda para assentamento de imigrantes italianos, ou seja, ao contexto da imigração europeia do final do século XIX.

Já o município de Cachoeira Paulista, antigo povoado de Santo Antônio do Porto de Cachoeira, virou freguesia (1876), emancipou-se de Lorena em 1880 e possuiu uma série de toponímias: Santo Antônio de Bocaina, Cachoeira, Valparaíba e por fim, Cachoeira Paulista em 1948.

Observe o esquema a seguir, ele reconstrói o exposto acima:

Esquema 3: Emancipações municipais e padroeiros do “projeto turístico regional”



A associação histórica a partir da emancipação traz um elemento de raiz interessante, pois associa território, afinidades culturais e econômicas tornando a noção clássica de região bastante fluida ao entendimento.

Partindo-se dos primórdios da colônia, tem-se a capitania hereditária de São Vicente, depois a divisão em uma segunda capitania – Itanhaém, a distribuição de sesmarias (BATTAGLINI e FERREIRA, 2011) e finalmente, o povoado de São Francisco de Chagas de Taubaté, em 1645 (IGC, 2011).

Esse povoado formado a partir do signo de São Francisco, devido a sua vastidão, marcará todo o Vale do Paraíba como ‘Sertões dê Taubaté’. Essa área abrangia porções do que hoje formam os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, tendo ainda uma ideia de unidade histórica proveniente de alguns fatores:

- (a) A área é banhada pelo rio Paraíba do Sul, o que possibilitou a navegação durante o período das entradas (expedições oficiais) e bandeiras (expedições de particulares de reconhecimento e tomada de posse do território interiorano);
- (b) Do Vale do Paraíba partiram a maioria dos bandeirantes que povoaram as áreas de Minas Gerais associadas ao ciclo do ouro (XVII- o auge XVIII);
- (c) Rotas comerciais e seus tropeiros com destaque para o ‘caminho do ouro’ ou Estrada Real, que unia as áreas mineradoras à Paraty (RJ) criando uma série de pousos e entrepostos comerciais que posteriormente tornaram-se povoados e municípios;
- (d) A fertilidade do rio Paraíba do Sul propiciou conjuntamente ao clima, o ciclo do café (XIX- início do século XX) que foi o cerne da economia brasileira durante o II Reinado e a República Velha;
- (e) O esgotamento do solo fértil do Vale do Paraíba, a crise pós Primeira Guerra Mundial e a necessidade de modernização econômica, impulsionaram a industrialização do Brasil. O capital gerado pelo café, as políticas subsidiárias de Vargas e a mão-de-obra imigrante conduzirá a cidade de São Paulo, o Vale do Paraíba, a cidade do Rio de Janeiro, ao longo das décadas, à industrialização e, por conseguinte, a formação da megalópole nacional.

Os pontos apresentados modificam ao longo dos séculos, o eixo colono-desenvolvimentista brasileiro, ou seja, o eixo Nordeste-metrópole portuguesa passa a ser o eixo Sudeste-metrópole portuguesa e posteriormente, a região industrial brasileira, demarcando a sucessão de polarização político-econômica entre as porções setentrionais e meridionais do país.

Resumidamente, a área do Vale do Paraíba caminha com a história centralizada do sudeste brasileiro. A importância histórico-geográfica que

determinou desde a alteração da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro (1763) até a determinação política da República Velha conhecida por “República do café com leite” (alusão ao café de São Paulo – principal produtor, e o leite da pecuária leiteira de Minas Gerais), em realidade, essa centralidade levantada gerará desde antes do ‘grito do Ipiranga’, as primeiras questões sobre a independência da colônia de Portugal, a busca pelos traços de brasilidade e uma série de outras questões que reconhecerá a presença religiosa católica como um signo dessa brasilidade.

Esses elementos levantados revelam o imbricamento da noção de Vale do Paraíba, em um contexto de unidade regional, primeiro enquanto ‘sertões de Taubaté’ e depois como Vale do Paraíba. Essa transformação se dá a partir dos processos de emancipação no qual sesmarias se transformam em povoados, vilas e posteriormente municípios integrados ao estado e ao país.

Diversas iniciativas, algumas capitaneadas pelo SEBRAE/ SP, vem tentando resgatar e agregar os elementos expostos neste tópico ao se criar exposições, incentivar a refuncionalização de casas históricas em museus e por fim, promover e divulgar circuitos turísticos como o Circuito Turístico Vale Histórico (foco nas tradições históricas) e o Circuito Turístico Mantiqueira (foco no turismo de aventura e no ecoturismo) – aos moldes do CTRV através da metodologia do PDTR¹.

6.2.2 Da presença religiosa colonial à vocação religiosa: parcerias que reforçam o simbolismo religioso católico

À medida que os capítulos e as seções são apresentados ao longo desta tese, percebe-se que a questão envolta do turismo religioso e da região cultural perpassa pelo entendimento de uma gestão espacial integrativa a fim de potencializar características presentes em determinados municípios com a finalidade de maximizar possibilidades de ganhos econômicos em parceria com as questões sociais, culturais, históricas e espaciais.

¹ Para a visualização desses catálogos-guias e outras iniciativas, observar a Figura 29 do capítulo IV referente as publicações da Editora Expedições.

Nesse ponto, a presença religiosa desde os primórdios do Brasil-colônia não é uma variável que sozinha seja capaz de provocar a “vocaçãõ” de uma determinada localidade, posto que a organização espacial colonial previa e foi feita com essa base regular, porém a peculiaridade da presença religiosa, trabalhada pelos atores sociais a ponto de torná-la diferenciada de todos os pontos, municípios e fixos simbólicos espaciais nacionais, permitindo que esta se destacasse do contexto geral, sim, é capaz de provocar a “vocaçãõ”.

A primeira grande relação causa-efeito provocativa dessa “vocaçãõ” provém da Basílica Velha de Nossa Senhora Aparecida e da política-estratégica católica de tornar o município uma “cidade-mãe”. Esse santuário católico de repercussão nacional surgirá como ícone² primordial dessa “vocaçãõ”. Em termos cronológicos da solidificação dessa “vocaçãõ”, pode ser destacado todo o processo de construção da Chácara de Santa Cruz ou do crescimento da Canção Nova em Cachoeira Paulista, seguida da beatificação e canonização de Frei Galvão, gerando um *boom* religioso utilizado no discurso de “vocaçãõ” religiosa para essa fração do Vale do Paraíba Paulista. Esse *boom* foi reconhecido inclusive pelo Papa Bento XVI em visita ao estado de São Paulo, ocasião em que abençoou uma placa simbolicamente representativa do CTRV (figura 46).

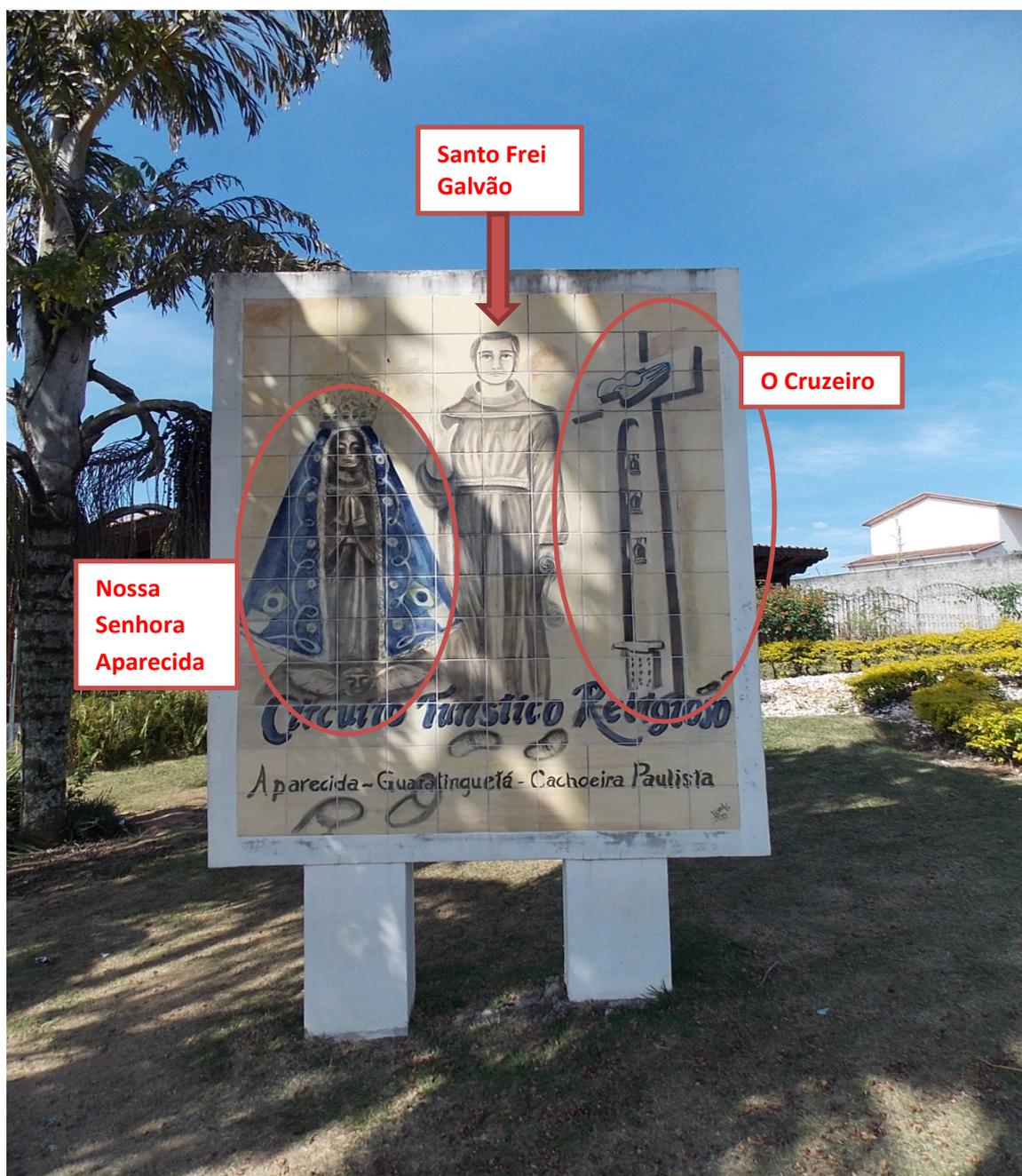
Observe que, se o afirmado parágrafos acima sobre a presença religiosa colonial fosse argumento suficiente, a cronologia da “vocaçãõ” se modificaria, pois seria considerado a criação das capelas primárias como fator originário: primeiramente Guaratinguetá geraria a força identitária (Capela de Santo Antônio de Guaratinguetá), seguido de Lorena (Capela de Nossa Senhora da Piedade), Aparecida (Capela de Nossa Senhora Aparecida), Cachoeira Paulista (Capela de Santo Antônio do Porto de Cachoeira ou a Chácara de Santa Cruz) e Canas (Capela de Nossa Senhora Auxiliadora ou a RCC). Entretanto o argumento não teria valor real, pois todos os municípios do Vale do Paraíba Paulista, como foi visto no Esquema 1 do Capítulo IV, deveriam ser incorporados por possuírem a mesma lógica.

Retornando a relação causa-efeito dessa “vocaçãõ” é possível verificar que uma vez aceita a ideia de que a mesma existe, outros municípios podem pleitear

² Ícone que pode ser entendido resumidamente na sua etimologia na Idade Média: imagem com fins de educar o público iletrado sobre a vida dos santos.

participação ou a identificação à ela. Verifica-se esse movimento no momento em que essa “vocação”   apropriada pelos municípios de Lorena e de Canas a fim de serem incorporados ao CTRV – mesmo que estes municípios justifiquem sua participa o por práticas de peregrina o particularizadas, pouco expressivas e que se efetivarão em um futuro planejado.

Figura 46: Placa em azulejo abençoada pelo Papa Bento XVI representativa do CTRV com seus símbolos



Fonte: Arquivo pessoal, 2014. Placa localizada na Chácara Santa Cruz – Can o Nova (Cachoeira Paulista/SP)

A importância de se pleitear a participação no CTRV, mesmo que sua efetivação enquanto reconhecimento do público e dos católicos ocorra para futuro, está nos possíveis incentivos fiscais para a estruturação da atividade turística que estes municípios já podem, desde o presente, lançar-se mão.

Claramente, o intuito do *Circuito* é aumentar a qualidade do turismo religioso sem interferir nas demais práticas turísticas existentes nestes municípios como o excursionismo religioso, o ecoturismo, o turismo agrário, o veraneio e etc. Não ocorre um problema de conflito de usos ou apropriação do espaço, pois a variável tempo novamente aparece demonstrando sua sutileza: a questão da permanência do peregrino, do calendário litúrgico, das festas religiosas e etc. O grande problema do CTRV é a criação de atividades convidativas para aumentar o tempo de permanência do romeiro / visitante no circuito.

Atualmente, há um discurso no qual o turismo aparece como indutor econômico e cultural, isto é, a manutenção da cultura local é acionada (e muitas vezes, apela-se para o turismo) como fonte de renda sustentável, capaz de criar um tripé: manutenção da cultura, sustentabilidade e renda.

Retomando a questão posta no item 6.1 deste capítulo sobre o limiar entre *potencializar* e *promover discrepantemente* atributos de certas paisagens, este limiar deve ser ressaltado quando se refere aos processos pelos quais o discurso e a paisagem/o lugar atuam como produtor, transmissor e modificador de determinadas ordens sociais, no qual aquilo que é cultural passa por um processo de naturalização devido sua presença como forma espacial concreta. Mesmo assim, esta forma espacial concreta ainda poderia ser sujeita a diversas significações.

As paisagens culturais religiosas/ os lugares sagrados parecem induzir os devotos e/ visitantes a uma percepção de que o sagrado está acessível aos sentidos e a presença, devido a sua representação espacial. Uma pedagogia performática do culto, das imagens, dos discursos e das práticas ritualísticas são empregadas de modo a induzir a esta percepção. Ao mesmo tempo essas escolhas performáticas não são meras escolhas estéticas. Elas tentam criar uma evidência (como São Tomé na Bíblia, que só acreditava vendo) sobre diversos elementos de seu repertório simbólico, principalmente do repertório moral, ou seja, daquilo que querem se tornar. Porém na maioria dos casos, o chamado universo de referências ao qual se reporta

as práticas performáticas dificilmente transcende o próprio mundo performático, discursivo, estético ou melhor imaginário, o qual se reporta. Quando ele transcende, no catolicismo chama-se, por exemplo, o fenômeno de milagre, e no caso do homem e da mulher de beato(a), santo(a) (TOSTA, 2006).

No próprio circuito parece haver uma disputa pelo controle de pessoas e coisas. Parte disso vem da influência da Diocese de Lorena (diversas cidades, mas destacaremos Lorena, Canas e Cachoeira Paulista) em contraposição a Arquidiocese de Aparecida (diversas cidades, destaque para Aparecida e Guaratinguetá). A disputa de poder entre a Diocese de Lorena e a Arquidiocese de Aparecida, também é de origem ideológica e de proposta sobre as práticas religiosas católicas. Essa ideologia transbordará em discursos, nas práticas, nas formas simbólicas espaciais, nas paisagens, na configuração dos lugares sagrados, como pode ser percebido no decorrer dos Capítulos III, IV e V.

Como exemplo dessas práticas diferenciadas entre os católicos tradicionais e os carismáticos, pode-se citar a própria Canção Nova que apresenta peculiaridades nos quais muitos católicos carismáticos visitam esporadicamente a Chácara de Santa Cruz, preferindo se concentrar nos grupos de oração de suas localidades e acompanhar, via mídias eletrônicas e televisivas, os programas, os textos, os vídeos postados e transmitidos pela Comunidade ou pela RCCBrasil.

Os católicos carismáticos, a partir do pentecostalismo católico, aparentam não estar tão “arraigados” aos lugares sagrados, preferindo um contato mais personalizado com a Trindade e os santos/ as santas/ os beatos/ as beatas. Assim, eles utilizam-se diferentemente dos diversos fixos simbólicos espaciais religiosos conforme sua necessidade pessoal.

Há um grande choque de necessidades típico da hipermodernidade. Entretanto, o conceito acerca da peregrinação ainda se mantém filiado a sua raiz filológica, como reflete Sandra Carneiro (2007), a palavra *peregrinar* está associada à ideia de ir ao encontro, aproximar-se do Sagrado, mas ao mesmo tempo ir ao encontro significa estar distante deste Sagrado. Os dados sobre a peregrinação anual do CTRV revelam que o fluxo de romeiros tornou-se fundamental para a dinâmica econômica do setor terciário dos municípios de Aparecida e Cachoeira Paulista (como exposto, respectivamente nos Capítulos III e V).

Afora a filiação supracitada e as questões sobre a hipermodernidade, os deslocamentos e a permanência dos peregrinos continuam associados com circunstâncias, práticas, mudanças e alterações na vida cotidiana gerando impactos nas áreas em que ocorre, mas também nas suas vidas pessoais. Enquanto sujeito, agente religioso, esses impactos podem ser tais que também transformarão em algum âmbito a religião que estão inseridos, revelando sua natureza de agente religioso não passivo. Um exemplo dessa não passividade está na atuação dos leigos no interior das comunidades carismáticas católicas, podendo se especificar a mudança de pensamento e atitude de Luzia Santiago (uma das fundadoras da Comunidade canção Nova e coordenadora das ações sociais da comunidade) após seu contato com a RCC em um encontro do grupo de oração jovem ministrado pelo ainda padre Jonas Abib e outros agentes religiosos em 1978, ainda na juventude.

6.2.2.1 A questão do ordenamento simbólico

A atividade turística religiosa abarca muito mais que o consumo de paisagens culturais religiosas, lugares sagrados e objetos religiosos. Abarca transformações subjetivas de difícil mensuração e objetivos ligados ao modo de existir de difícil averiguação do universo pessoal dos católicos e outros afetados por essa atividade econômica.

Porém, a atividade turística pressupõe algum tipo de consumo – mesmo os mais básicos – que podem ser recrudescidos e maximizados nas localidades, tornando-os destino certo para investimentos massivos do capital hoteleiro, de serviços, de transportes e etc. gerando desenvolvimento econômico e social para as áreas envolvidas com a dinâmica turística.

Percebe-se que a dimensão simbólica religiosa interage profundamente com a atividade econômica turística. Na esfera do tempo e do espaço, a Igreja estava presente antes da formalização do *Circuito* e claramente, este não criou plenamente a dinâmica turística atual, entretanto para atender àqueles que se deslocam, houve a necessidade de ampliar as ofertas de assistência básica/ infraestrutura. Em certo momento houve então a intenção de retroalimentação da Igreja e do agrupamento social que se encontra nesses municípios específicos.

A Igreja (clero e leigos), os comerciantes, os prestadores de serviços, vão distribuir pelas suas áreas de domínio uma série de aparatos físicos e fixos simbólicos espaciais que configurarão uma paisagem cultural religiosa ou áreas menores – os espaços sagrados e os espaços profanos. O mosaico dessas paisagens culturais religiosas/ espaços/ lugares gerará os mapas de significados, esses que são reconhecidos ou identificáveis prioritariamente pelos devotos católicos.

Essa distribuição e esse controle são práticas de gestão da Igreja, mas também de outros sujeitos sociais. As mudanças em certas partes da paisagem/ dos lugares destes municípios devido ao fluxo de peregrinos, ao avanço do turismo como possibilidade de produção e arrecadamento, tornam o fenômeno religioso algo a ser *melhor* explorado, e aspectos históricos anteriores a presença (ou ostentação) religiosa lentamente começam a desaparecer, inaugurando uma renovação paisagística de sentidos. A religião adquire simbolismo suficiente capaz de transforma-se em “ordenador simbólico” das transformações sócio-espaciais. Esse ordenamento simbólico está em andamento através do CTRV.

Em certa medida essa transformação religiosa são escolhas de sujeitos religiosos e laicos (re)construindo seus lugares, angariando apoio político e social, apoiados ou não na cosmogonia/ cosmovisão religiosa.

Basicamente, o circuito é capitaneado por dois pilares simbólicos expressos nos termos “Catolicismo popular tradicional” que seria praticado em Aparecida e Guaratinguetá; e “Catolicismo de Renovação Carismática” que seria praticado em Cachoeira Paulista e em seu rastro, Canas. O município de Lorena seria um híbrido: primeiro (a) enquanto centro de peregrinação a São Benedito de matriz ‘popular tradicional’; e (b) sede da Comunidade Bethânia e como matriz da ‘Renovação Carismática Católica’ pois a trajetória de Monsenhor Jonas Abib iniciou-se por Lorena enquanto professor lecionando na Faculdade de Ciências e Letras de Lorena e dando assistência à juventude fazendo encontros e retiros. Em 1971, o ainda padre Jonas conheceu a Renovação Carismática Católica, que modificou sua vivência religiosa e ministério, permanecendo em Lorena até a fundação da Canção Nova em 1978.

Exemplificando o pilar representado pelo “Catolicismo de Renovação Carismática”, a Canção Nova apresenta-se como uma “nova” manifestação estética e devocional no interior da Igreja com múltiplos focos de atuação – em destaque a atuação junto às mídias - alicerçada pela doutrina do batismo do Espírito Santo, no qual as figuras simbólicas e mitológicas de Jesus Cristo e Maria de Nazaré são reforçadas conjuntamente a do Espírito Santo numa postura profundamente proselitista. A figura dos Santos e Mártires da Igreja (a Comunidade dos Santos) é atenuada nos discursos, apesar da presença – ou talvez seja melhor identificar da nuance - de uma ou outra imagem na Chácara de Santa Cruz.

Esses pilares pertencem a grande variedade de práticas religiosas no interior da Igreja Católica Apostólica Romana. São duas categorias problemáticas, pois questionam-se esses rótulos baseados no estilo de devoção e tipo de sacrifício realizado (como foi apresentado em capítulos anteriores), a primeira, o “Catolicismo popular tradicional”, pois seria um rótulo vazio, e a segunda, o “Catolicismo de Renovação Carismática”, por sua similaridade com as práticas tidas como pentecostais evangélicas.

Apesar disso, constituem-se como práticas católicas e compõem mapas de significados locais. Na prática, o *Circuito* é parte dessa grande colcha de retalhos e se reporta hora sim, hora não, a uma ou a outra instância matriz de significação.

Mesmo assim, parece que a pergunta sobre como o devoto, o visitante, percebe, recebe, transmuta, transforma esse aparato discursivo, essas formas simbólicas espaciais expressas nos diversos fixos, não é respondida. A maneira como esse conjunto é assimilado parece uma incógnita, mas a construção da paisagem cultural religiosa/ do lugar sagrado é extremamente racionalizada.

A ideia de que “ao se olhar” um objeto, seja um fixo simbólico especial, seja uma água benzida, se reporta ao universo simbólico da construção, do seu construtor, do seu repertório pessoal, da mensagem que se deseja transmitir através do ordenamento simbólico, é válida, porém a impressão que causa naquele que olha não. Sobre aquele que olha, ainda reina um mistério (MEINIG, 1996). A busca pelo sagrado parece ser algo maior do que o mero rompimento com o cotidiano.

Não se pode negar que a construção da paisagem cultural religiosa foi efetivamente para o fortalecimento da prática devocional, ou seja, para vivenciar e

fortalecer a fé. Surge então como estratégia de evangelização e secundariamente para a contribuição ao quadro social geral. Apesar desta finalidade primeira, a pergunta sobre o modo como o marketing religioso é realizado seguindo os pressupostos do marketing de mercado ainda pode ser feita, no sentido de uma ideologia que aliena o homem religioso daquilo que “gera” o Sagrado. Novamente a questão da gestão do acesso ao milagre, ao território religioso que poderia proporcionar um “acesso” privilegiado ao Sagrado retorna.

No interior das discussões sobre o ordenamento simbólico, pode-se questionar como os diferentes lugares e as diferentes paisagens compostas pelos fixos simbólicos espaciais e presentificadas nas práticas religiosas realizadas nos municípios de Aparecida, Cachoeira Paulista, Guaratinguetá, Lorena e Canas, formam uma região cultural religiosa, pois criada a partir de: números relativos ao turismo de motivação religiosa; peregrinações e caravanas; da história e fatos sociais com motivações católicas; de fixos simbólicos espaciais religiosos como templos; porém suficientemente específicos no interior do próprio catolicismo a ponto de torná-los amalgamados em uma microrregião cujo fator preponderante é a religião católica.

6.3 O CTRV: UMA MICRORREGIÃO

O geógrafo Thrift (1996) afirma ser bastante complexo o processo de unificação de áreas no qual as minuciosidades de cada porção específica é deglutida em prol a força unitária que surge dessa união. O grande problema reside na escalaridade e também na temporalidade do conceito de região como reificado e as redes entrelaçadas e superpostas de poder, integração social e o discurso, pois *“a visão a partir do topo encobre toda a atividade emergente que se desenvolve em baixo”* (THRIFT, 1996: 238), prejudicando bastante a potencialidade do conceito de região cultural clássico de Corrêa (2008) apresentado de maneira breve anteriormente.

Haesbaert (2010), por sua vez aponta o problema que envolve o conceito de região como o embate entre uma concepção (a) de Realidade empírica – a região

como um *fato*; e (b) uma construção intelectual – a região como um *artifício* de pensamento e planejamento.

Dependendo da motivação da escolha do tipo de concepção a ser empregado, um ou outro poderá ser mais adequado as intensões dos cientistas sociais, mas devem ser colocados no seu devido lugar: são escolhas intencionadas. Porém, independente da concepção, não se pode perder dois elementos cruciais ao conceito de região: (a) ele é *mesoescalar* – entendido entre a escala local e global, e (b) é um recorte analítico em termos de instrumento para uma determinada análise.

Considerando a região como um “artifício”, nesta linha de raciocínio a região apresenta-se como uma espécie de ferramenta conceitual (similar aos mapas e as representações cartográficas que visam simplificar e orientar nossa localização e deslocamentos) voltada não para o entendimento em si de uma região (realidade empírica), mas para o planejamento e a projeção daquilo que ela deveria ou deverá vir-a-ser (artifício).

Enquanto mesoescalar e instrumento de análise, na geografia cultural, a região tem a possibilidade de emergir, ao desfocar os processos locais de circulação, produção e contestação de significados, conectando-os em redes e nós simbólicos por contiguidade ou saltos espaciais tornando inteligível interações e mecanismos de perpetuação de discursos, ideias e símbolos do universo cultural reproduzidos em diferentes lugares, mas que atendem ao mesmo propósito de se eternizar, de se tornar hegemônico e aceito amplamente, possibilitando por comparação, a percepção de analogias, similitudes e diferenciações.

Se observa no CTRV o processo exposto acima. Ao se desfocar dos processos locais pertinentes aos cinco municípios, verifica-se uma matriz religiosa católica, engendradora em produzir, circular e manter seus significados, tornando cada fixo simbólico espacial um nó em uma rede complexa, hierarquizada entre duas dioceses atuantes, no qual o pesquisador social consegue estabelecer similitudes e diferenciações a partir dos conceitos e da forma metodológica em que apresenta seus argumentos de análise e compreensão.

Faz-se importante manter-se atento a atualidade com que os problemas de interpretação simbólica se apresentam. Em meio a hipermodernidade, a busca pelo significado espacial torna-se bastante centralizado no *self*. O papel da comunicação

em diferentes mídias e da mercantilização acabam por desenvolver estratégias variadas de produção, defesa, conservação, reprodução e superação dos contextos discursivos, esses que interferirão diretamente nas trocas simbólicas interpessoais.

Exemplificando a exposição teórica acima, pode-se perceber uma dinâmica interessante que vem ocorrendo no CTRV. À medida que se torna mais presente o discurso de um *Circuito Religioso do Vale* (a alcunha usada entre os romeiros), caravanas organizadas através das mídias sociais (Facebook), da propaganda no intervalo do programa da rádio Globo do padre Marcelo Rossi (telefone) e etc. desvinculadas ao poder simbólico das paróquias, se organizam para atender a demanda pessoal de católicos desejosos de conhecer os fixos simbólicos espaciais de sua religião, auxiliando na conservação e reprodução dos contextos discursivos presentes na ideia de “cidade-mãe”, “Santo brasileiro”, “RCC”, se associando aos seus “iguais na fé”, reforçando seu próprio estilo de vida religioso.

Assim, o conceito de região – mesoescalar e instrumento de análise – pode auxiliar no entendimento dessa dinâmica, se incorporar uma proposta de caminho do meio, no qual a região seja entendida não como um “fato”, ou um “artifício”, mas sim um “artefato”. Sobre essa incorporação, Haesbaert (2010, p.109-110), propositor da ideia, explica:

(...)o entendimento da região não simplesmente como um “fato” (concreto), um “artifício (teórico) ou um instrumento de ação, mas da região como um “artefato”, tomada na imbricação (...) “construto” ao mesmo tempo de natureza ideal-simbólica (seja no sentido de uma construção teórica, enquanto representação do espaço, seja de uma construção identitária a partir do espaço vivido) e material-funcional (nas práticas econômico-políticas com que os grupos ou classes sociais constroem seu espaço de forma desigual/diferenciada). “Arte-fato” (com hífen) também permite indicar que o regional é abordado ao mesmo tempo como criação, autofazer-se (“arte”) e como construção já produzida e articulada (“fato”)

Imbricar: (a) a natureza do conceito de região (mesoescalar e instrumento de análise); (b) a sua concretude – respeitando a dificuldade colocada por Thrift (1996) no início dessa seção; (c) a artificialidade devido a questão teórica porque desfocada do local; (d) ao instrumento de ação porque utilizada para fins de planejamento estratégico e entendimento das dinâmicas em redes; exige uma exposição das realidades locais com a comprovação das similitude e diferenciações localizadas a fim de elucidar os nós dessa rede como efetivamente participantes

dessa rede simbólica, tornando deste modo, o conceito de região específico, permitindo a adjetivação de cultural (região cultural).

Apesar do exposto, ainda é questionável a existência ou não de uma consciência regional, mesmo que baseada em relatos de pertencimento; em fatos históricos conjuntos e/ou do sentimento de “estar junto simbolicamente”; essa consciência esbarra nas questões de poder, no desequilíbrio do trio dominantes-dominados-indiferentes, ou mesmo naqueles escolhidos para ter voz em uma pesquisa científica.

Todavia, não são apenas os agentes institucionais diretamente envolvidos nestes municípios que se utilizam desta “consciência regional”, há outros circuitos, outras rotas e trajetórias, criadas no intuito de se apropriar dessa dimensão religiosa, mesmo que em uma concepção mais espiritualista.

Exemplos disso são os “*Caminhos da fé: a reinvenção de uma rota para a peregrinação e o turismo*” pesquisados por Cavelli (2011), trabalho que tangencia o CTRV devido à localização em que a rota foi criada. Esse artigo faz parte da coletânea *Caminhos de Santiago no Brasil*, obra organizada por Steil e Carneiro (2011), que demonstra outro olhar sobre os simulacros, a reinvenção de tradições e a busca por produzir no espaço elementos capazes de conectar pessoas e divindades.

Resumidamente, a cientista da religião afirma que o idealizador do caminho – o empresário Almiro Grings – criou uma série de rotas que unem Tambáú/SP e Aparecida/SP cujo ponto final é a Basílica Maior e o encontro simbólico com Nossa Senhora Aparecida. Para construir a rota, acionou uma série de referências religiosas contidas em mitos, rituais e paisagens relativas a estas cidades, o que a pesquisadora chamou de “manipulações simbólicas” (CALVELLI, 2011, p.150) capazes de proporcionar experiências religiosas no decorrer dos trajetos. Cabe questionar até que ponto essas referências religiosas se tornam *autoevidentes* para peregrinos católicos (*insiders*) quanto para os amantes de caminhadas (*outsiders*).

Estudos dessa natureza auxiliam os geógrafos a entender as dinâmicas e transformações sócio-espáço-temporais que ocorrem em escala local e regional, respingando na escala nacional e global, assim como as mudanças que ocorrem nas diferentes áreas das cidades e regiões metropolitanas, os usos das diferentes redes

e como as pessoas e organizações administram suas fronteiras e constroem no cotidiano sua transformação.

Finaliza-se este último capítulo corroborando com Hopkins (2011, p.216) quando o geógrafo reflete sobre a omissão de certos estudos na geografia que se diz social ser em parte *“o resultado das formas como religião, raça, idade e gênero têm sido pesquisados na Geografia Humana”*.

Claramente há arcabouços teóricos e metodológicos para os geógrafos culturais brasileiros explorarem, compreenderem ou analisarem a organização espacial, as circunstâncias e as escolhas dos atores sociais, de modo crítico no interior de uma política (no sentido forte) de significados comprometida social e cientificamente com as dinâmicas hodiernas culturais, mesmo que em algumas pesquisas, haja um deslumbramento sobre a dimensão cultural enquanto possibilidade de escrever sobre as próprias demandas internas do pesquisador e sua capacidade artística e estética de descrever fenômenos ditos culturais, cabe lembrar a diferenciação do tipo de conhecimento produzido pela ciência e pela arte.

Em suma, questionamentos sobre a falta de identidade do campo da geografia cultural e da geografia da religião; a autonomia; a especificidade e a maneira como problematiza suas questões; cada vez mais tornam-se obsoletas, após 25 anos de esforço conceitual e metodológico de estabelecimento do campo de estudo geográfico no Brasil. Cabe a academia corrigir a deficiência na formação dos geógrafos culturais brasileiros, destacadas na inabilidade de congregar métodos e teorias diversificadas, de estruturar parâmetros e observar a complexidade de trabalhar com a questão do significado – esse que é sempre *controverso* independente do sistema adotado pelo pesquisador - que perpassa vertiginosamente pela espinhenta cognibilidade - do ato de conhecer e significar o mundo. São desafios comuns a todos os campos da Geografia, mas que para a geografia cultural se apresenta sempre em foco.

7 CONCLUSÃO

O objetivo dessa tese foi realizar em alguns momentos a análise e em outros, a compreensão, do processo de elaboração e estabelecimento de um “projeto regional” contemporâneo abarcando cinco municípios localizados no Vale do Paraíba Paulista, denominados Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas e Cachoeira Paulista (em seu sentido oeste-leste), onde diversos atores sociais vêm estabelecendo um Circuito Turístico Religioso fundamentado na espacialidade dos fixos simbólicos religiosos católicos e no imaginário social também religioso construído pelo clero, pelos leigos e pelos laicos interessados na dinâmica cultural, política e econômica que a associação religião, turismo e espaço pode ser capaz de produzir.

A história do Brasil e a história da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil durante diversos séculos se confundiram, tornando as práticas religiosas católicas e os fixos simbólicos espaciais desta religião importantes elementos identitários, favorecendo o controle religioso sobre os fiéis através de normas e condutas que se expressam no espaço, alimentando dialeticamente a identidade nacional e a identidade religiosa.

Essas práticas originárias, se intensificaram com o domínio educacional estabelecido pela Igreja e perduraram fortemente até a separação do Estado e da Igreja em 1890, através do Decreto 119-A de 7 de janeiro de 1890, no qual foi determinado a laicização da educação, dos cemitérios, do casamento civil, a impertubabilidade dos territórios da Igreja e o gerenciamento próprio de seus recursos. Essa separação política, não necessariamente tornou-se uma separação ética em nível de estado e muito menos uma separação na esfera da prática social. Em realidade, a Igreja tornou-se mais autônoma para deliberar sobre os assuntos de sua alçada e estudos demonstram que a separação era do interesse da mesma (ROSENDAHL, 2012; GOMES, 2006).

É de difícil aferição qualitativa e quantitativa, o que quatro séculos de políticas *conjuntas* foram capazes de incutir em termos de influência ética, comportamento religioso e social na população brasileira. Rosendahl (2012) afirma que há uma

impregnação da prática católica nas mais diferentes esferas e escalas daquilo que chamamos de uma cultura nacional brasileira.

É nesse ponto que Geografia e Religião tornam-se uma integração necessária para o entendimento e compreensão de um país formado a partir da base católica e classificado a partir de diversos Censos realizados pelo IBGE, como o país numericamente mais católico do mundo.

Parece inegável a função social da Igreja no Brasil, construída desde o período do descobrimento até os dias atuais. Essa instituição criou e reforça o seu imaginário social religioso criando congruências entre seus ritos e os hábitos de boa parte dos brasileiros. Sua presença pode ser notada nos relacionamentos interpessoais, nas famílias (direcionamentos); nos ritos de morte (amparo e consolo); nos abrigos aos pobres (Dispensários dos Pobres); orfanatos; nas instituições de reabilitação notadamente para drogados (Programa PHN Antidrogas); nas campanhas de subnutrição infantil (Pastoral da Criança); em Lobbys no Congresso Nacional (pressão contra o aborto, campanhas de prevenção sexual) e diversos outros.

Parece importante sair do psiquismo, do nível pessoal, da subjetividade, para explicar as práticas religiosas no sentido de “criação de uma sociedade”, criação-produção-transformação que uma cultura passa a cultivar e cultuar como fazendo parte da sua identidade cultural.

Existe um jogo político de interesses – em todas as esferas - para atender as necessidades de adquirir, obter e preencher a existência humana, e certos grupos humanos, criam objetos, ritos e performances para essa satisfação, criações essas capazes de provocar um estabelecimento de objetivos, motivações e entusiasmo sobre esses e outros grupos humanos, assim como questões sociais complexas que facilitam essa conexão entre criação do desejo, adquirir o desejado e satisfação.

Desejo, aquisição e satisfação são três pilares de dominação que possibilitam grande poder sobre os indivíduos subordinados a ele. A religião também trabalha com esses três pilares de dominação cujo objetivo é o além, o sobrenatural, a busca pelo Sagrado. Nesse ponto, aquilo que Kong (2010) ressaltou sobre a importância de observar a base filosófica e teológica da religião para compreender sua ação na ordem geográfica no mundo e no além mundo tornam-se interessantes para a

geografia cultural e nesta tese, o mistério, o papel do clero e do leigo, os novos movimentos religiosos representados pela Renovação Carismática Católica, foram elementos privilegiados para compreender a ação da religião católica no mundo contemporâneo.

A pergunta retórica: o retorno da força política da religião – ressurgência – efetivamente ocorreu, ou em certas localidades, certas instituições e práticas religiosas nunca deixaram de ser influentes? As proposições de Weber (2006) e sua ideia de desencantamento do mundo talvez não sejam tão efetivas como poder-se-ia supor, pois no contexto brasileiro observa-se uma continuidade da força política da religião católica, seus mitos, seus ritos e sua organização territorial.

A religião é modeladora do tempo e do espaço quando se percebe as ações dos agentes religiosos, sejam eles institucionais, sejam eles representados em líderes carismáticos formadores de comunidades de leigos, sejam dos atores sociais contrários àquela manifestação religiosa.

O material de campo demonstrou que a religião católica vem se apresentando como uma força modeladora de parcela do Vale do Paraíba Paulista, a partir da construção do templo dedicado a Nossa Senhora Aparecida na cidade homônima, mas também se apresenta como força modeladora do espaço nas cidades de Guaratinguetá e Cachoeira Paulista. E com uma intensidade menor em Lorena, diminuindo a gradação um pouco mais em Canas quando observa-se quantitativamente a extensão e número de fixos simbólicos espaciais, porém é de difícil mensuração numérica e conseqüentemente analítica, saber até que ponto, essa modelação está efetivamente afetando a base social, espaço-temporal, econômica, política e cultural desses municípios, e devido a essa natureza, em certos aspectos foi preferível partir para a tentativa de compreender e trabalhar com noções, ao invés de conceitos hermeticamente fechados.

Em outros pontos, partiu-se para os dados oficiais. As prefeituras afirmam a importância da religião através da atração gerada pela busca da fé católica, no qual essa força modeladora vem locomovendo peregrinos, curiosos, turistas, moradores tanto no sentido da convergência para seus municípios quanto da repulsão.

Na observação dessa dinâmica, diversos aparatos políticos começaram a ser acionados a fim de estabelecer ordem, controle e atender as necessidades materiais

desse fluxo de coisas e pessoas, a exemplo, a tramitação do PROJETO DE LEI Nº 333, DE 2011 (em anexo).

A conversão de necessidades espirituais e curiosas, em necessidades econômicas e sociais, remonta respectivamente, a luta pela acumulação de capital e a empregabilidade da mão-de-obra através do valor cultural – claramente as ações são voltadas para a apropriação local da prática cultural.

Em uma perspectiva construtivista da área de estudo, observa-se que ocorre a formulação de um circuito que vai se solidificando ao passar dos anos, através das práticas sociais e religiosas, independente dos cientistas sociais o observarem ou não. O que a pesquisa se propôs, em certo ponto de vista, foi interrogar através da literatura geográfica, a pretensão de seus agentes idealizadores de (re)organizá-lo regionalmente.

Esse tipo de (re)organização espacial quase sempre acontece concomitantemente ao aumento do fluxo de pessoas e coisas, porém uma sistematização, apelo e reforço por essa demanda traduzidas como rentabilidade e divisas financeiras começaram a ocorrer a partir de 2003, com a alteração de algumas lideranças locais, a afirmação da força política da Canção Nova e a mudança metodológica do tratamento da área realizada pelo SEBRAE-SP a partir do PDTR (Programa de Desenvolvimento do Turismo Receptivo) que possibilitou a agregação de outros municípios (Lorena e Canas) a partir da ideia de “vocaçãõ”.

Todavia, essa apropriação dos fixos simbólicos espaciais não deve ser descarada, ou seja, *deve ser mascarada*, a fim de não interferir no sentimento religioso do católico ou mesmo relacionar as atividades religiosas a fins mercadológicos e assim mundanos. A relação binômica espaço sagrado e espaço profano conceituadas por Rosendahl (1994) devem se relacionar ora um mais presente, ora outro menos presente, como em um compasso, um ritmo, uma dança.

É neste ponto que se entende este estudo como uma análise e compreensão das formas simbólicas espaciais religiosas que compõem a paisagem e os lugares destes cinco municípios no sentido de que o conjunto destas paisagens diferenciadas é capaz de gerar uma região cultural como proposto por diversos membros participantes destas localidades.

Incluiu-se no interesse da pesquisa os produtores da mensagem religiosa (o clero, leigos católicos, laicos) que interpretam o corpo teológico católico através de interesses específicos ou não, gerando estratégias de modo a compor um corpo ritualístico particular fortemente atrativo para os desejosos do encontro com o Sagrado em templos e fixos simbólicos espaciais variados ou para aqueles que necessitam experimentar uma vivência singular com o seu sagrado ou um forte embate de modo a reprimir ou repudiar esses mesmos atrativos.

Vivência singular, batismo no Espírito Santo, um arcabouço pentecostal catolizado a fim de atrair e manter uma classe média que tem dificuldade em se associar a certas doutrinas, pois em ascensão econômica e oriunda de um contexto de transformação hipermoderno são elementos importantes para o entendimento do movimento religioso RCC. Apesar da sinonímia existente entre revigorar e renovar no léxico (DICIONÁRIO ONLINE, 2014), seus significados podem variar, exprimindo os dois verbos o sentido de “dar nova aparência” aproximando as ações à ideia de transformação ou o sentido de “pôr novamente em vigor” trazendo uma noção de tratar novamente uma questão. Esses pontos foram reportados na tese a fim de compreender que a Renovação Carismática Católica e a renovação de Aparecida não fizeram as dioceses de Aparecida e Lorena entrarem em uma rota de colisão ou disputa, estando as querelas entre católicos tradicionais e renovados mais presentes ao nível do corpo dos leigos da Igreja e na preocupação do clero sobre o domínio do mistério e afastamento da doutrina católica.

Em outro ponto, essa tese poderia ser entendida como um híbrido entre a geografia da religião, a geografia cultural e a geografia do turismo? Na verdade, essa hibridização provém da natureza do objeto de estudo, mas não se apresenta como um todo mal ou bom. A discussão tende a pender muito mais para a geografia cultural pela ênfase que se deu a dimensão simbólica (significados) e o discurso sobre a hegemonia religiosa católica, lugares e fixos simbólicos espaciais religiosos que vem sendo turistificadas. Todavia, não tornam o trabalho efetivamente pertencente ao campo do turismo, devido à natureza da crítica social que ela se configurou, o selo geografia cultural está na espécie de filtragem e como esses fatores irão se integrar ao objeto de estudo.

A variável ‘tempo’ surgiu como um desafio na costura das questões religiosas dos cinco municípios, primeiro porque cada um deles possui sua própria

periodização religiosa e marcos espaço-temporais específicos, enquanto que, a respectivamente participação no *Circuito*, responde a uma outra lógica temporal mais contemporânea e focada no quadro social geral.

Efetivamente, os fixos simbólicos espaciais da religião católica parecem induzir os devotos católicos e os visitantes familiarizados com a doutrina católica a uma percepção de que o Sagrado está acessível aos sentidos e a presença devido a sua *representação* no espaço, sua *presentificação* nas práticas ritualísticas. No santuário da “cidade-mãe” (Aparecida/ SP) foi possível entrevistar *um senhor de meia idade, nordestino, peregrino católico devoto de Nossa Senhora da Conceição Aparecida* (maio de 2014) que definiu o exposto acima de maneira bastante clara:

“Tudo está a serviço da Mãezinha”

Quiçá pesquisas futuras possam revelar o significado que todas essas palavras combinadas conseguem exprimir, posto que o sentido figurativo presente nesta frase ressaltam a espacialidade; a ação do Sagrado sobre o indivíduo, o pertencimento e a adoção de uma doutrina; a familiarização do Sagrado e a identificação da força religiosa que gera a noção de hierópolis; a subalternidade das demais esferas à religião; o imaginário individual que se identifica com o imaginário coletivo resultado da interação racionalização-sentimento-imaginação, revelando a força visual, simbólica e criativa do discurso na retórica espacial e refletindo uma consciência da hegemonia do Sagrado sobre o profano.

Finaliza-se a tese reforçando que no Brasil, a geografia da religião possui um vasto campo de atuação ávido por descortinar-se.

REFERÊNCIAS

ASSIS, R. D. **Prefácio: Turismo religioso, momento de graça e salvação**. IN: CIDADES DA FÉ. Guia Estado de São Paulo, 201 Atrativos Religiosos. Ed. Expedições: Guaratinguetá/SP. 2013

BATTAGLINI, L. B. e FERREIRA, J. V. **História urbana de Taubaté: de aldeia indígena à formação da cidade tradicional**. Anais do XVI Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da PUC-Campinas. ISSN 1982-0178. Em 27 e 28 de setembro de 2011. Disponível em 12 de dezembro de 2014, no endereço eletrônico: < https://www.puc-campinas.edu.br/websist/portal/pesquisa/ic/pic2011/resumos/2011826_1575_924970687_resane.pdf>

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Ed. Zahar. 2001

BERQUE, A. **Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural**. IN: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R.L. (org) Paisagem, Tempo e Cultura. EdUERJ. 2ªed. 2004

BINGEMER, M. C. L. **Os Cristãos Leigos na Sociedade e a Igreja do Novo Milênio**. IV ENMEAL (Encontro Nacional de Movimentos, Associações Laicais, Serviços Eclesiais, Movimentos Juvenis, Associações nascidas dos carismas das Congregações Religiosas, Movimentos que atuam nas universidades públicas e Novas Comunidades Católicas), Organizador: CNBB, Arquidiocese de Niterói, Niterói, 2012. Disponível da internet em 23 de novembro de 2014, no endereço eletrônico: < http://www.cnbb.org.br/home-1/notas-e-declaracoes-2/doc_view/1715-os-cristaos-leigos-na-sociedade-e-a-igreja-do-novo-milenio>

CANÇÃO NOVA. **Chácara de Santa Cruz**. Canção Nova Wiki Enciclopédia. Disponível na internet em 14 de janeiro de 2015, no endereço: < http://wiki.cancaonova.com/index.php/Ch%C3%A1cara_de_Santa_Cruz>

CANÇÃO NOVA. **Social Canção Nova**. Portal Canção Nova. Disponível na internet em 14 de janeiro de 2015, no endereço: < <http://social.cancaonova.com/a-rede/>>

CARNEIRO, S. **A pé e com fé: brasileiros no caminho de Santiago**. 1ªed. São Paulo, Attar Editora: 2007

CASA FREI GALVÃO. **1998: A Avenida Frei Antônio de Sant'Anna Galvão**. Conteúdo publicado e organizado pela equipe do site com referência a acontecimentos em 1998. Disponível na internet em 14 de dezembro de 2014, no

endereço eletrônico: < <http://www.casadefreigalvao.com.br/atraves-dos-tempos/23-avenida-frei-antonio-de-santana-galvao>>

CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992

CASTRO, D. **A Espacialidade em Heitor Villa-Lobos: Uma Leitura Geográfica Da Obra “Descobrimento Do Brasil.”** Anais do VIII Encontro Nacional da ANPEGE. Curitiba/PR. 2009

CIDADES DA FÉ. **Guia Estado de São Paulo, 201 Atrativos Religiosos**. Ed. Expedições: Guaratinguetá/SP. 2013

CIPOLINI, P. P. **A devoção mariana no Brasil**. Revista Teocomunicação, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36-43, jan./abr. 2010

CLAVAL, P. **Campo e Perspectivas da Geografia Cultural**. IN: CORRÊA, R.L., e ROSENDAHL, Z. (org.) Geografia Cultural: Um Século (3). Rio de Janeiro. EdUERJ. 2002. pg. 133-195.

CLAVAL, P. **A geografia cultural: o estado da arte**. IN: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro. EdUERJ. 1999

CNBB. **Orientações pastorais sobre a renovação carismática católica**. 34º Reunião Ordinária do Conselho Permanente. Brasília, DF. 1994 Disponível na internet em 12/01/15, no endereço eletrônico: < http://www.cnbb.org.br/component/docman/doc_view/115-53-orientacoes-pastorais-sobre-a-renovacao-carismatica-catolica>

COMUNIDADE BETHÂNIA. **Institucional – Padre Léo**. Disponível na internet em 10/01/1015, no endereço eletrônico: <<http://www.bethania.com.br/institucional/padre-leo>>

CORRÊA, R.L. **Monumento, política e espaço**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) IN: Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 1. 226 p, 2005

CORRÊA, R.L. **Formas Simbólicas e Espaço - algumas considerações**. XI Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL).Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências Humanas/Universidad Nacional de Colombia. Bogotá D.C., Colômbia. Março/2007

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região cultural - um tema fundamental**. IN: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. Espaço e cultura: pluralidade temática. Coleção Geografia Cultural. Editora EdUERJ: Rio de Janeiro. 2008 pg. 11-43

COSGROVE, D. **Geografia cultural do milênio**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) IN: Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro. EdUERJ. 1999

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) IN: Paisagem, Tempo e Cultura. EdUERJ. 2ªed. 2004.

COSGROVE, D; JACKSON; P. **Novos Rumos da Geografia Cultural**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) IN: Introdução à Geografia Cultural. Bertrand. 1ªed. 2011.

DIOCESE DE LORENA. **História**. Publicação própria. 2014. Disponível na internet em 16/12/2014, no endereço eletrônico: < <http://mitralorena.com.br/historia/>>

DUNCAN, J. **A paisagem como sistema de criação de signos**. IN: Corrêa, R. e Rosendahl, Z. (org.) Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: EdUerj, 2004.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Ed. Martins Fonte, São Paulo: 2000.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. Ed. Martins Fontes, São Paulo: 1992

ESPINOSA, B. **Tratado Teológico-político**. Ed. Martins Fontes, São Paulo: 2009

FERNANDES, S. R. A. **Jovens religiosos e o catolicismo - escolhas, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2010. v. 01. 510p.

FRANGELLI, P. **A Construção do Lugar de Memória (Lieu de Mémoire) Em São Cristóvão: Os Mitos No Solar Da Marquesa**. Monografia de final de curso. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, Departamento de Geografia Humana. UERJ, Biblioteca do CTCC. Rio de Janeiro: 2007

FRANGELLI, P. . **Geografia cultural: a abordagem cultural na análise espacial**. In: XV ENG - Encontro Nacional de Geógrafos, 2008, São Paulo. Anais em CD do XV ENG - Encontro Nacional de Geógrafos, 2008.

FRANGELLI, P. **Estudando um subcampo intelectual acadêmico : a geografia da religião no Brasil – 1989-2009**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia. 2010.

FONSECA, M.C.L. **O Patrimônio em Processo, trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Editora UFRJ/MinC-Iphan. 2 ed.,2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996

GIL FILHO, S. F. **Igreja Católica Romana: Fronteiras do Discurso e Territorialidade do Sagrado**. Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, UFPR: 2002

GIL FILHO, S. F. **Estruturas da Territorialidade Católica no Brasil**. Revista Scripta Nova. Vol. X, núm. 205, 15 de janeiro de 2006. Disponível em novembro de 2014 no site: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-205.htm>>

GIL FILHO, S. F. **Geografia da Religião: Estudos da Paisagem Religiosa**. Anais do VIII Encontro Nacional da ANPEGE. Curitiba/PR. 2009

GODOY, M. G.; ETCHEBEHÈRE JÚNIOR, L.; VIEGAS, R. F. **Filantropia e Inclusão Cultura no Ipiranga**. Pesquisa em Debate, edição 6, v. 4, n. 1, ISSN 1808-978X. Janeiro-Junho 2007

GOMES, E. S. **A Separação Estado - Igreja no Brasil (1890): uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca**. Dissertação de Mestrado. Centro Universitário Assunção, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo: 2006.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: Rosendahl, Z. & Corrêa, R.L. (org.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999

HAESBAERT, R. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2010

HOBBSAWN, E. **Introdução**. Eric Hobsbawm & Terence Ranger (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

HOPKINS, P. **Jovens, masculinidades, religião e raça: novas geografias sociais**. IN: SILVA, J.; ORNAT, M.J., CHIMIN; A.B. Espaço, gênero e masculinidades plurais. Ed. Todapalavra, Paraná, 2011 p. 193-224

IBGE. **Estatísticas do Século XX**. Centro de documentação e disseminação de informações. Rio de Janeiro, 2006

IBGE CIDADES. **Banco de dados 2014: município de Canas**. Disponível na internet em 11/01/2015, no endereço eletrônico: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350995&search=sao-paulo|canas|infograficos:-informacoes-completas>>

IBGE CIDADES. **Banco de dados 2014: município de Cachoeira Paulista**. Disponível na internet em 14/01/2015, no endereço eletrônico: < <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350860&search=sao-paulo|cachoeira-paulista>>

IGC. **Municípios e Distritos do Estado de São Paulo**. Edição eletrônica 2011. Disponível em 07/12/2014, no endereço eletrônico < http://www.igc.sp.gov.br/produtos/arquivos/municipios_e_distritos.pdf>

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica: edição típica vaticana**. São Paulo: Ed. Loyola Jesuítas. 2000

JORNAL DO TURISMO/SP. **Lorena (SP) é incluída no Circuito Turístico Religioso** Notícias, 26 de Agosto de 2009, Disponível na Internet em maio de 2011: <http://www.jornaldeturismo.com.br/noticias/sp/26752-lorenacircui_toturistico_religioso.html>

KERRIOU, M. A. **Museu, patrimônio e cultura: reflexões sobre a experiência mexicana**. IN: Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo. O Direito à Memória, Patrimônio Histórico e Cidadania. DPH. São Paulo: DPH, 1992.

KONG, L. **Global shifts, theoretical shifts: Changing geographies of religion**. Periódico Progress in Human Geography 2010, 34: 755. The online version of this article can be found at: <<http://phg.sagepub.com/content/34/6/755>> , 2010

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. Ed. Barcarolla. 2004

LIRA, L. **A Paisagem da Cidade do Rio de Janeiro no Século XVIII: A invenção da marca-matriz carioca**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia/ PPGeo/UERJ. 2009

LOPES, V. V. **A Renovação Carismática Católica (RCC) entre o tradicionalismo e o novo. A Renovação Carismática Católica: Entre o tradicionalismo e o novo**. In: XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões.

Religião, Carisma e poder: As formas da vida religiosa no Brasil, 2012, São Luis - Maranhão. Anais e Caderno de Resumo, 2012. v. Único. Disponível na internet em 12/01/15, no endereço eletrônico: < <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/545/388>>

MANDOKI, K. **Sites of symbolic density: a relativistic approach to experienced space.** IN: LIGHT, A; SMITH, J. M. (ORG.) Philosophy and Geography III: Philosophies of Place. Ed.: Rowman & Littlefield Publishers, 1998, p. 73-95 Disponível na internet em 23 de janeiro de 2015, no endereço eletrônico: < https://books.google.com.br/books?id=Lx8Z9a5mOigC&pg=PA73&lpg=PA73&dq=k%C3%A1tia+madoki+sites+of+symbolic+density&source=bl&ots=gUq_20KLFn&sig=Ua7u669BvZH93s_AJ3qk5rBN7zs&hl=pt-BR&sa=X&ei=2ITCVIzaBKrlsATZilCIBQ&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=k%C3%A1tia%20madoki%20sites%20of%20symbolic%20density&f=false>

MAGALHÃES, F. **Museus, Património e Identidade. Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição.** Ed. Profedições, Portugal. 1ªed. 2005.

MAIA, T. R. de C. e MAIA, T. **Frei Galvão, sua terra e sua vida.** 2º ed. Ed. Santuário: Aparecida/SP. 2007.

MATA, S. **O Espaço da religião.** Revista Caminhos. Goiânia, v. 4, n. 1, p. 31-47, jan./jun. 2006

MAFRA, C. e ALMEIDA, R. **Apresentação.** (org.) MAFRA, C. e ALMEIDA, R. Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. Ed. Terceiro Nome: São Paulo, 2009.

MEINIG, D. W. **O olho que observa: dez versões da mesma cena.** Revista Espaço e Cultura, nº 13, 1996

MELLO, J.B.F. **Dos Espaços da Escuridão aos Lugares de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como Palco e Documento para a construção de Conceitos Geográficos.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2000.

MELLO, J.B.F. **Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan.** IN: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L.(org) Matrizes da Geografia Cultura. Rio de Janeiro. EdUERJ. 2001.

MELLO, J. B. F. **São Sebastião do Rio de Janeiro.** Revista Geo UERJ - Ano 14, nº. 23, v. 2, 2º semestre de 2012 p. 588-602. Disponível na internet em 23 de novembro

de 2014, no endereço eletrônico: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>>

MESSIAS BONJARDIM, Solimar Guindo; DE ALMEIDA, Maria Geralda. **Hierofanias territorializadas: a Igreja Católica em Sergipe**, Brasil. Cuadernos de Geografía – Revista Colombiana de Geografía, Bogotá, v. 22, n. 1, Jan. 2013. Disponível na internet em 22 de novembro de 2014 no endereço eletrônico: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-215X2013000100006&lng=en&nrm=iso>

MOREIRA, A. S. [et al.] (org.) **Prefácio**. Religião, espetáculo e intimidade: múltiplos olhares. 1ª ed. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2014.

NORA, P. **Between Memory and History: Lês Lieux de Mémoire**. Representations, 26 (1) 1989. The Regents of the University of California.

OLIVEIRA, C. D. M. de . **Turismo Religioso**. 1ª ed. São Paulo: Aleph, 2004. v. 1. 102p

OLIVEIRA, C. D. M. de . **Um Templo Para Cidade-Mãe: A construção mítica de um contexto metropolitano na geografia do Santuário de Aparecida-SP**. Universidade de São Paulo, USP: 1999

OLIVEIRA, J. **A manifestação da fé em Cachoeira Paulista: o espaço sagrado da comunidade Canção Nova, 1978-2011**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia/ PPGeo/ UERJ. 2012

OLIVEIRA, J. **A difusão e a abrangência da fé no Vale do Paraíba Paulista: A Renovação Carismática Católica e as Peregrinações Renovadas nas cidades de Cachoeira Paulista e Canas**. Tese de doutorado em andamento. Programa de Pós-Graduação em Geografia/ PPGeo/ UERJ. 2014 (em andamento)

OLIVEIRA, J. e ROSENDAHL, Z. **Religião, política e espaço: a discussão da fé através da mass media e as online communities**. IN: MOREIRA, A. S. [et al.] (org.) Religião, espetáculo e intimidade: múltiplos olhares. 1ª ed. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2014.

PANOFSKY, E. **Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte na renascença**. IN: Significados das Artes Visuais. São Paulo, ed. Perspectiva. 2004

PASTRO, C. **Aparecida: guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida**. Editora Santuário: Aparecida, SP. 2013

PECCIOLI FILHO, N. H. **A questão da Hospitalidade no Programa de Desenvolvimento do Turismo Receptivo do SEBRAE-SP.** REVISTA GLOBAL TOURISM, nº 2. Revista Eletrônica. 2004. Disponível na versão online: <[http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/pdf/PDTR% 20e%20Hospitalidade .pdf](http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/pdf/PDTR%20e%20Hospitalidade.pdf)>

RIBEIRO, M. A. C. . **Categorias Analíticas do Espaço e Turismo: o exemplo da Fortaleza de Santa Cruz, Niterói/RJ.** GEOgraphia (UFF), v. 16, p. 83-98, 2006.

RIESEBRODT, M. e KONIECZNY, M. **Sociology of Religion.** Org.: Hinnells, J. IN: The Routledge companion to the study of religion. Roylege: Oxon, 2002 pg. 125-143

ROSENDAHL, Z. **Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense.** Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. USP. São Paulo: 1994

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica.** Coleção Geografia Cultural. Editora EdUERJ, 2ed. 1996

ROSENDAHL, Z.. **Hierópolis: o sagrado e o urbano.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 118 p. (Coleção Geografia Cultural).

ROSENDAHL, Z. **Espaço, política e religião: Dimensões de Análise.** CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) IN: Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003

ROSENDAHL, Z. **Cultura, Turismo e Identidade.** In: José Borzacchiello da Silva; Luiz Cuz Lima; Denise Elias. (Org.). Panorama da Geografia Brasileira. 1 ed. São Paulo: ANNABLUME, v. 1, p. 5-10. 2006

ROSENDAHL, Z. **A geografia da religião no Brasil: 1989-2009** IN: MENDONÇA, F.; LOWEN-SAGR, C.L.; SILVA, M. (org.) Espaço e Tempo. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográficos. Ed. ANPEGE/ Curitiba/PR. Ed. ADEMAN. 2009

ROSENDAHL, Z. **Primeiro a Obrigação, Depois a Devoção.** 1ºed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. v. 1. 196p .

SEBRAE-SP. **Catálogo Circuito Turístico Religioso. Aparecida. Cachoeira Paulista. Guaratinguetá.** SEBRAE-SP. Expedições Editora. 2008

SOUSA, M. **O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento.** In: Castro et al. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995

SOUZA, B. G. **Milagres de Frei Galvão em Vida: alguns relatos.** Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC/SP. São Paulo, n.37, p. 305-318, dez. 2008. Disponível em 13 de dezembro de 2014, no endereço eletrônico: < [revistas.pucsp.br /index.php/revph/article/download/3059/1972](http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/3059/1972)>

TERRA, A.C.L. **Hierópolis e Território Religioso: Categorias De Análise Em Geografia Da Religião.** Anais do VIII Encontro Nacional da ANPEGE. Curitiba/PR. 2009

THRIFT, N. **Visando o âmago da região.** IN: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH G. Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1996. Pg. 215-247

TOSTA, L. **Hordas, Santos e Loucos.** Publicado no Anais do 30º Encontro Anual da ANPOCS, trabalho 754-1.Caxambu/MG 2006

TUAN, Y.F. **Espaço e lugar.** São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. **Topofilia.** São Paulo: Difel, 1980.

VALLADARES, L. **Os dez mandamentos da observação participante.** Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2007, vol.22, n.63, pp. 153-155. ISSN 0102-6909.

WEBER, M. **Sociologia das Religiões.** Ed. Relógio d'Água. Lisboa: 2006.

REPORTAGENS

BRAGA, G. H. **Como os títulos concedidos às cidades estimulam o turismo.** Reportagem de 17 de novembro de 2014. Disponível em 23 de novembro de 2014 no endereço eletrônico: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20141117_3.html> .

CLASSE LIDER. **Canas terá sede nacional da Renovação Carismática Católica do Brasil.** Notícia de 05 de fevereiro de 2010. Disponível em 12 de janeiro de 2015: <http://www.classelider.com/noticia/?new_id=2795>

G1. Portal de Notícias da Rede Globo. **Em 3º dia, Papa celebra missa em Aparecida e visita hospital no Rio.** Notícia de 24 de julho de 2013. Disponível em 10 de novembro de 2014: < <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/em-3-dia-papa-celebra-missa-em-aparecida-e-visita-hospital-no-rio.html>> 2013

G1. Portal de Notícias da Rede Globo. **Veja íntegra da homilia do Papa Francisco feita na missa de Aparecida.** Notícia de 24 de julho de 2013. Disponível em 10 de novembro de 2014: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2013/07/veja-integra-da-homilia-do-papa-francisco-feita-na-missa-de-aparecida.html>>

G1. Portal de Notícias da Rede Globo – Vale do Paraíba e região. **Comunidade católica Canção Nova é reconhecida pelo Vaticano.** Notícia de 14 de junho de 2014. Disponível em 14 de janeiro de 2015. Disponível na internet em 14 de janeiro de 2015: < <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/07/comunidade-catolica-cancao-nova-e-reconhecida-pelo-vaticano.html>>

JORNAL O LINCE. **Súmula da História de Lorena.** Edição Online, Ano 2, nº 23, novembro de 2008. Disponível na internet em 10 de janeiro de 2015: <<http://www.jornalolince.com.br/2008/nov/capa/sumulalorena.php>>

JUSBRASIL. **Guaratinguetá é a primeira estância religiosa paulista.** Notícia de 04 de julho de 2009. Disponível na internet em 14 de dezembro de 2014, no endereço eletrônico: < <http://al-sp.jusbrasil.com.br/noticias/1531024/guaratinguet%C3%A1-e-a-primeira-estancia-religiosa-paulista>>

PAPA FRANCISCO. **Discurso na Vigília com os jovens na Praia de Copacabana.** Em 27 de julho de 2013. Disponível em 10 de novembro de 2014: < <http://papa.cancaonova.com/discurso-do-papa-francisco-na-vigilia-de-oracao-em-copacabana-270713/>>

REVISTA VEJA. **Jornada Mundial da Juventude será o evento mais complexo do Rio.** Reportagem de 20 de maio de 2013. Disponível na internet em 10 de novembro de 2011: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/jornada-mundial-da-juventude-sera-o-evento-mais-complexo-do-rio>>

RCCBRASIL. **Nossa Casa, Nossa Bênção: Vitória de Jesus!** Notícia de 20 de julho de 2014. Disponível na internet em 12 de janeiro de 2015: <<http://www.rccbrasil.org.br/sedenacional/index.php?page=5&paginas=5&seta=1¬icia=7701>>

SANTUÁRIO NACIONAL APARECIDA. **Festa da Padroeira 2014: Terço via satélite une Santuários de Fátima e Aparecida.** Em 06 de outubro de 2014. Disponível na internet em 24 de novembro de 2014: <<http://www.a12.com/santuari-nacional/noticias/detalhes/festa-da-padroeira-2014-terco-via-satelite-une-santuarios-de-fatima-e-aparecida>>

SILVASTON, W. **Cresce turismo Religioso em Guaratinguetá.** Rádio Aparecida em 17 de janeiro de 2014. Disponível na internet em 10 de novembro de 2014. <<http://www.a12.com/radio-aparecida/noticias/detalhes/cresce-turismo-religioso-em-guaratingueta-sp>>

TESTEMUNHOS

ALEXANDRE. **Recebimento e explicação na Comunidade Bethânia.** Relato colhido através de entrevista informal durante o trabalho de campo, no dia 17 de maio de 2014, em Lorena.

GALHARDO, S. A. **Dor, lugar onde me encontro com Aquele que me ama.** Postado em 23 de setembro de 2014, no sítio eletrônico da comunidade Católica Shalom: <comshalom.org>. Disponível na internet em 23 de novembro de 2014.

FIGURAS, TABELAS, GRÁFICOS E INFOGRÁFICOS

A MOCIDADE DE LORENA. **Imagens variadas.** Disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico <http://amocidade.blogspot.com.br/2011_07_01_archive.html>

A12 – portal de notícias católico de Aparecida. **Hallel Aparecida** – 16/05/2014 – disponível no site: <<http://www.a12.com/jovens-de-maria/multimedia/detalhes/prime>>

iro-dia-do-hallel-aparecida-2014-1>

AGCTUR. **Abrangência da agência de turismo.** Disponível em 24/11/2014, no endereço: <<http://www.agctur.com.br/roteiros.php>>

BRAGA, J. **Imagens da reportagem: Canas – a pedra angular.** Publicada em 7 de março de 2012 no sítio eletrônico Papo Registrado, disponível na internet em 12/01/2015, no endereço eletrônico <<http://paporegistrado.blogspot.com.br/2012/03/canas-pedra-angular.html>>

CANÇÃO NOVA. **Portal.** Sítio eletrônico disponível na internet em 15 de janeiro de 2015. <<http://www.cancaonova.com/>>

CANÇÃO NOVA. **Facebook.** Sítio eletrônico disponível na internet em 15 de janeiro de 2015. <<https://www.facebook.com/cancaonova>>

CANÇÃO NOVA. **TV.** Sítio eletrônico disponível na internet em 15 de janeiro de 2015. <<http://tv.cancaonova.com/>>

CANÇÃO NOVA. **Notícias.** Sítio eletrônico disponível na internet em 15 de janeiro de 2015. <<http://noticias.cancaonova.com/>>

CANÇÃO NOVA. **Social.** Sítio eletrônico disponível na internet em 15 de janeiro de 2015. <<http://social.cancaonova.com/a-rede/>>

CANÇÃO NOVA. **Wiki enciclopédia.** Sítio eletrônico disponível na internet em 15 de janeiro de 2015. <http://wiki.cancaonova.com/index.php/P%C3%A1gina_principal>

CCR NOVA DUTRA. **Trechos de controle.** Disponível em 03/11/2014 no endereço eletrônico <http://www.novadutra.com.br/resources/files/maps/mapa_novadutra_2014.pdf>

COLOMBINI, F. IN: PASTRO, C. **Aparecida: guia da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida.** Editora Santuário: Aparecida, SP. 2013

CORNETI, O. **Fotos de 12 de outubro de 2014,** disponível na internet em 23 de novembro de 2014 no endereço eletrônico: <<http://fotospublicas.com/romeiros-comecam-deixar-o-santuario-de-n-s-aparecida/>>

DIOCESE DE OURUNHOS. **Províncias Eclesiásticas**. Disponível em 24/11/2014 no endereço eletrônico: <<https://dioceseourinhos.wordpress.com/2013/11/08/brasil-mapas-provincias-eclésiasticas-e-sub-regioes-pas-torais-sul-1/>>

EDITORA EXPEDIÇÕES. **Sítio eletrônico**. < <http://editoraexpedicoes.com.br/index.php>>

FÓRUM SKYCRAPERCITY. **Post de agosto de 2009 referente a viagem de um internauta à Aparecida**. Fórum Skycrapercity.com < <http://www.skycrapercity.com/showthread.php?t=962924> >

JOVENS CONECTADOS. **Mapa de trajetória dos símbolos da JMJ**. Disponível em 24/11/2014 no endereço eletrônico: < <http://www.jovensconectados.org.br/simbolos-da-jmj-voltam-a-sao-paulo-e-peregrinam-no-vale-do-paraiba.html>>

G1 – portal de notícias O Globo. **JMJ**, julho de 2013 <g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude-2013/>

IBGE. **Cidades – base de dados: Guaratinguetá**. Disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=351840&search=sao-paulo|guaratinguetá|infograficos:-despesas-e-receitas-or%27ament%27arias-e-pib>>

IBGE. **Cidades – base de dados: Canas**. Disponível em 11/01/2015, no endereço eletrônico: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350995&search=sao-paulo|canas|infograficos:-informacoes-completas>>

IBGE. **SIG IBGE – base de dados**. Disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico <<http://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge/#idmap=RegiaoInfuenciaCidades>>.

IBGE. **WEBCART – base de dados**. Disponível em 07/12/14, no endereço eletrônico: <<http://www.ibge.gov.br/webcart/>>.

IGC. **Mapas de São Paulo**. Disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico <www.igc.sp.gov.br>.

MAIA, T. R. de C. e MAIA, T. **Frei Galvão, sua terra e sua vida**. 2º ed. Ed. Santuário: Aparecida/SP. 2007.

PASTORAL FAMILIAR – **Núcleo de Formação e espiritualidade**, disponível em 22 de novembro de 2014 no endereço < <http://slideplayer.com.br/slide/1705137/#>>

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA DO BRASIL. **Fotos das obras em andamento**. Sítio oficial da Sede Nacional da RCCBrasil. Disponível em 11/01/15 no sítio eletrônico: < <http://www.rccbrasil.org.br/sedenacional/index.php?page=5%20&paginas=5>>

SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO DE SANTO ANTÔNIO SANT'ANNA GALVÃO. **Álbum de fotos**. Disponíveis em 15/12/2014, no endereço eletrônico: <<http://www.santuariofreigalvao.com/album-de-fotos>>

SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA. **Estimativa de movimentação de romeiros para os fins de semana finais de 2014**. Disponível em 24/11/2014 no endereço eletrônico:<http://www.a12.com/santuario-nacional/servicos/estimativa_de_movimento>

SEMINÁRIO FRANCISCO FREI GALVÃO. **Panorâmica da fachada do seminário**. Disponíveis em 15/12/2014, no endereço eletrônico: <http://www.seminariofreigalvao.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=14&Itemid=16>

SERVIDOR PÚBLICO. **Utilidade Pública: Nova Dutra**. Disponível em 03/11/2014, no endereço eletrônico: <<http://www.servidorpublico.net/noticias/2006/11/15/novadutra-utiliza-verso-de-comprovantes-de-pedagio-para-apoiar-busca-de-desaparecidos/>>

THEREZA E TOM – **Sítio eletrônico**. Disponível na internet em 14/12/2014 <<http://therezaetommaia.com.br/galerias/#prettyPhoto>>

VALE PORTAL. **Mapa e Guia da cidade de Cachoeira Paulista**. Lorena: Editora Vale Portal. Edição 2012.

ANEXOS



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria Geral Parlamentar
Sistema de Processo Legislativo

Projeto de lei Nº 333 / 2011

Documento

Projeto de lei

Número Legislativo

333 / 2011

Ementa

Institui o "Circuito Religioso do Vale do Paraíba".

Data de Publicação Regime

16/04/2011 Tramitação Ordinária

Indexação

VALE DO PARAÍBA (REGIÃO)

Autor(es)

Apoiador(es)

Luis Carlos Gondim

Situação Atual

Último andamento 05/06/2013 Publicado despacho:Junte-se o projeto de lei nº 285/2013 ao projeto de lei nº 646/2008, ao qual encontra-se anexado o projeto de lei nº 333/2011, nos termos do artigo 179 da XIV CRI. Em 3/6/2013.(DA. pág. 30)

Pareceres

(sem pareceres)

Documentos Acessórios

(sem registros)

[Retornar](#)

[Retornar às opções de pesquisa](#)

[Exibir Correlatas](#)

PROJETO DE LEI Nº 333, DE 2011

Institui no Estado de São Paulo o Circuito Religioso do Vale do Paraíba.

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO DECRETA:

Artigo 1º – Fica instituído no Estado de São Paulo o Circuito Religioso do Vale do Paraíba, composto o Circuito Turístico Religioso da RMBS os municípios de Aparecida, Cachoeira Paulista, Guaratinguetá, Canas e Lorena.

Artigo 2º – O Circuito Religioso do Vale do Paraíba tem como objetivo principal divulgar os atrativos turísticos religiosos dos municípios, estimulando o turismo e o desenvolvimento sócio-econômico da região.

Artigo 3º – Para a consecução dos objetivos do Circuito Religioso do Vale do Paraíba, serão desenvolvidas e incentivadas as seguintes ações:

- I- elaboração de roteiros do turismo religioso;
- II- formatação de produtos turísticos religiosos;
- III- confecção de material de divulgação;
- IV- fortalecimento da infra-estrutura para a recepção ao turista;

Artigo 4º – As Secretarias de Turismo e de Cultura do Estado de São Paulo farão articulações com lideranças políticas, empresariais, comunitárias e religiosas para a identificação das necessidades, definição de estratégias e execução de ações que visem o fortalecimento do turismo religioso na Região do Vale do Paraíba.

Artigo 5º – Fica autorizada a concessão de incentivos e benefícios fiscais estaduais a empresas e prestadores de serviço que expandirem sua área de atuação ou que venham a se instalar nos municípios que compõem o Circuito Religioso do Vale do Paraíba, nas seguintes atividades:

- I- hotelaria e hospedagem;
- II- turismo;
- III- artesanato.

Artigo 6º – Os incentivos e benefícios fiscais também poderão ser concedidos para investimentos privados na recuperação ou conservação de imóveis, de interesse cultural e/ou turístico, bem como na instalação ou manutenção de atividades econômicas voltadas à cultura, ao lazer e ao fluxo de visitantes decorrente do turismo religioso.

Artigo 7º – Os acessos aos roteiros de peregrinação de fiéis serão sinalizados com placas que identifiquem o circuito do turismo religioso.

Artigo 8º – Será criada uma logomarca para identificação dos roteiros e imóveis integrantes do circuito do turismo religioso.

Artigo 9º – Poderão ser celebrados convênios entre o Governo do Estado de São Paulo, as prefeituras dos municípios mencionados no parágrafo único do art. 1º e instituições públicas e privadas, para a implementação dos objetivos previstos nesta lei.

Artigo 10 – O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 90 (noventa) dias, contados da data de sua publicação.

Artigo 11– Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

Aparecida se destaca pelo Santuário Nacional de Nossa Senhora, que reúne, todos os anos, 8 milhões de pessoas. Visitas ao Morro do Cruzeiro e ao Porto Itaguaçu, também relacionados à padroeira do Brasil, coram o roteiro no município.

Em Guaratinguetá, a atenção está voltada a Santo Antônio de Sant’anna Galvão, o Frei Galvão, que nasceu e cresceu na cidade.

Quatro atrativos a ele relacionados, além de outros quatro pontos de visitação de peregrinos estão sendo trabalhados para receber os visitantes.

Em Cachoeira Paulista, a atração é a Canção Nova, Comunidade da Renovação Carismática Católica, que recebe milhares de fiéis para atividades de oração, missas, palestras e shows.

Guaratinguetá localiza-se no Vale do Paraíba, região cuja história está intimamente ligada aos ciclos econômicos importantes do Estado de São Paulo, como o do café, que imprimiu à região um período de riqueza e prestígio político. No início do século 20, um grupo de religiosos se instalou na região, trazendo a cultura do arroz nas várzeas do rio Paraíba. A produção de leite foi introduzida com a decadência do ciclo do café, ocorrida a partir da crise econômica mundial de 1929.

A partir da década de 1950, a região industrializou-se rapidamente, quando foi inaugurada a rodovia Presidente Dutra. Nessa época surgiram o Centro Técnico Aeroespacial (CTA), o Instituto Tecnológico e Aeronáutica (ITA), a Embraer, a Avibrás e a Engesa, responsáveis pelo expressivo crescimento da região.

Por oferecer acesso fácil a aeroportos e à malha rodoviária brasileira, Guaratinguetá foi considerada uma das 100 melhores cidades brasileiras para se fazer negócios, de acordo com pesquisa publicada na Revista Exame, no final de 2002. O principal acesso ao município é pela rodovia Dutra, que une os dois maiores centros de consumo do país, São Paulo e Rio de Janeiro.

Porém não é apenas pelos aspectos econômicos que o Vale do Paraíba se destaca. Além de ser um local de belo panorama natural de serras, florestas, cachoeiras, rios e trilhas, a região abriga um circuito religioso, que inclui Aparecida, onde está o santuário de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, e Guaratinguetá, local de nascimento do primeiro santo brasileiro, São Antônio de Sant"anna Galvão, o Frei Galvão. Conhecido como "o homem da paz e da caridade", Antônio de Sant"Anna Galvão - Frei Galvão, nasceu em 10 de maio de 1739, em Guaratinguetá. Filho de Antônio Galvão, português, e de Isabel Leite de Barros, de Pindamonhangaba. Frei Galvão cresceu num ambiente familiar profundamente religioso. O pai quis lhe dar uma formação humana e cultural, e o mandou, aos 13 anos de idade, à Bahia para estudar no seminário de padres jesuítas. Em 1760, Galvão ingressou no noviciado da Província Franciscana da Imaculada Conceição, no Convento de São Boaventura do Macacu, na Capitania do Rio de Janeiro. Foi ordenado sacerdote em 11 de julho de 1762, sendo transferido para o Convento de São Francisco em São Paulo. Em 1774, fundou o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Divina.

Providência, hoje Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz, das Irmãs Concepcionistas da Imaculada Conceição. Frei Galvão não media sacrifícios para aliviar os sofrimentos alheios e sua caridade destacou-se na formação de religiosos no Mosteiro da Luz, fundado por ele.

Certo dia, Frei Galvão encaminhou uma parturiente em risco de vida a um local onde era distribuído um papelzinho enrolado com dizeres em Latim: "Pos Partum Virgo Inviolata permanastisti; Dei Genitrix intercede pro nobis", que significa "depois do parto, ó virgem, permaneceste intacta. Mãe de Deus rogai por nós".

Com a salvação da enferma, bem como de outro doente atendido por intermédio desta mesma forma de oração, cresceu a fama do religioso, bem como a fé nas pílulas que começaram a ser distribuídas pelo Frei Galvão. Em 25 de outubro de 1998, Frei Antônio de Sant"Anna Galvão tornou-se o primeiro brasileiro nato beatificado pelo Vaticano, tendo sido canonizado em 11 de maio de 2007, pelo Papa Bento 16.

O santuário dedicado a Frei Galvão é composto pela Novena Perpétua e a Santa Missa, realizadas na Igreja de Frei Galvão, a casa onde nasceu, e pela Igreja de Santo Antonio, onde ele foi batizado e celebrou sua primeira missa. Guaratinguetá, fundada em 13 de junho de 1630, dia de Santo Antonio - padroeiro da cidade, ainda conta com a Irmandade de São Benedito, fundada junto à uma outra capela, a de São Gonçalo; a Igreja do Convento Franciscano de Nossa Senhora das Graças; a Igreja de Santa Rita; a Capela do Colégio de Nossa Senhora do Carmo; o Mosteiro da Imaculada Conceição; e a Igreja Matriz de Santo Expedito. Também se localiza em Guaratinguetá a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, cuja água é considerada abençoada.

Esses templos religiosos oferecem especial atrativo aos visitantes por reunir bela arquitetura e arte e expressar a tradição religiosa do município, que recebe aproximadamente oito milhões de devotos anualmente.

Lorena, abriga atrativos turísticos religiosos como a Basílica de São Benedito, Matriz de Nossa Senhora da Piedade, Igreja Nossa Senhora do Rosário e a Casa Bethânia. Entre os patrimônios turísticos mais importantes da cidade destaca-se a única Basílica de São Benedito do hemisfério sul. Situada em Lorena desde 1873, quando ainda era uma capela, o Santuário foi agregado à Basílica de São Pedro em Roma, fazendo com que os fiéis que o visitam recebam, de acordo com as leis canônicas, as mesmas indulgências daqueles que visitam o Santuário italiano.

Segundo critérios do Programa de Regionalização, proposto pelo Ministério do Turismo, cada região turística deve ser composta por municípios com características similares e aspectos que os identifiquem enquanto região, ou seja, que tenham uma identidade histórica, cultural ou geográfica em comum para fazer parte de uma região turística. Esse foi exatamente um dos fatores que contribuíram para a votação favorável a **Lorena**, que está localizada entre as três cidades que fazem parte do Circuito Turístico Religioso e possui as mesmas características.

Somente no ano passado passaram pelas cidades de Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira, 10 milhões de turistas. A ideia é que **Lorena** apareça como uma grande novidade para os visitantes do circuito religioso.

Além dos atrativos religiosos, Lorena também oferece outros pontos turísticos aos visitantes.

1 - Solar Conde Moreira Lima - Casa da Cultura

Acredita-se que o Solar Moreira Lima começou a ser construído entre 1852 e 1856. Ele foi o mais importante casario de **Lorena** no século 19, não só pelo luxo, riqueza e beleza, mas por ter hospedado a Família Real, conselheiros, ministros e titulares do Império. O solar tem o estilo neoclássico de construção. A casa da Cultura foi criada por um projeto de lei de 1962 e passou a funcionar no Solar Conde Moreira Lima, na mesma época do seu tombamento. Hoje em dia, o prédio também é a sede da Secretaria Municipal de Cultura e tem como patrono o poeta lorenense Péricles Eugênio da Silva Ramos. No local são realizados diversos eventos culturais, educativos e cursos.

2 - Palacete Veneziano

Construído em 1919, o Palacete Veneziano foi comprado em 1952 pelos padres Salesianos da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, atual Unisal. No terreno ficava a antiga residência do Barão de Castro Lima.

3 - Estação Ferroviária

Construída pela estrada de Ferro de São Paulo e Rio de Janeiro. O primeiro trem de passageiros chegou em 1877. Atualmente a Praça da Estação abriga a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turístico, além do Espaço Cultural Carlos E. Marcondes, onde acontecem eventos culturais de toda a região.

4 - Biblioteca Municipal

Localizada na Praça Conde Moreira Lima, a Biblioteca Municipal de **Lorena** foi fundada em 1876. O acervo atual conta com 40 mil livros, sendo seis mil deles da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. Lá encontra-se, ainda, o Arquivo Histórico

Municipal. A biblioteca funciona de segunda a sexta-feira, das 8 às 16h30.

5 - Praça Arnolfo de Azevedo

Antigo Largo Imperial, a atual Praça Dr. Arnolfo de Azevedo foi urbanizada na década de 1880. Nessa época, documentos oficiais dizem que foram plantadas 50 mudas de Palmeiras Imperiais. As Palmeiras Imperiais indicam proximidade com a corte e é símbolo de riqueza. A última reforma foi no final dos anos noventa e atualmente ela é preservada pelo Conselho Municipal de Preservação de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Lorena. (COMPHAC).

Pelos fatos expostos e pela importância do turismo religioso para a geração de empregos e o desenvolvimento da economia, que propomos, nesta Casa de Leis, a instituição do Circuito Religioso do Vale do Paraíba.

Sala das Sessões, em 14/4/2011

a) Luis Carlos Gondim - PPS